

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PPgEL

**“Sinto uma infinita nostalgia do Oculto”:  
Vida e Poesia, Solidão e Morte de Walflan de Queiroz**

João Antônio Bezerra Neto

Natal / RN  
2012

**João Antônio Bezerra Neto**

**“Sinto uma infinita nostalgia do Oculto”:  
Vida e Poesia, Solidão e Morte de Walflan de Queiroz**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada. Linha de pesquisa: Poética da Modernidade e da Pós-Modernidade.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Eduardo de Oliveira

Natal / RN

2012

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Bezerra Neto, João Antônio.

“Sinto uma infinita nostalgia do Oculto”: Vida e Poesia, Solidão e Morte de Walfan de Queiroz / João Antônio Bezerra Neto. – 2012.  
469 f. -

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Eduardo de Oliveira.

1. Poesia brasileira – Rio Grande do Norte. 2. Queiroz, Walfan de, 1930-1995. I. Oliveira, Antonio Eduardo de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 821.134.3(81)-1

**João Antônio Bezerra Neto**

**“Sinto uma infinita nostalgia do Oculto”:  
Vida e Poesia, Solidão e Morte de Walflan de Queiroz**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção do título de Doutor em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Antonio Eduardo de Oliveira**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Constância Lima Duarte**  
**Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cássia de Fátima Matos dos Santos**  
**Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN**

---

**Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN**

---

**Prof. Dr. Tarcísio Gurgel dos Santos**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN**

## RESUMO

Esta Tese tem como objeto de investigação literária a vida e a obra do poeta potiguar Walflan de Queiroz (1930-1995). Passados mais de 17 anos da sua morte, a sua poesia clama por uma fortuna crítica capaz de identificar suas características formais e estéticas. Nesse sentido, realiza-se o resgate da produção poética de Walflan de Queiroz com o objetivo de fornecer os elementos que motivam o seu discurso, o seu lirismo. Pretende-se demonstrar os seus principais temas, como por exemplo, o teor metafísico, a angústia existencial, as paixões platônicas, a morte, a solidão, o silêncio, a influência dos poetas estrangeiros, especialmente da tradição romântica e simbolista, assim como a manifestação da religiosidade, do sagrado desde sempre atrelada a diversas tradições religiosas do mundo. Sendo assim, a Tese tem como base teórica os fundamentos sobre a tradição poética e sobre o imaginário religioso diluídos ao longo do estudo.

**Palavras-chave:** Walflan de Queiroz. Poesia do Rio Grande do Norte. Tradição. Imaginário. Religiosidade.

## RESUMEN

El objetivo de esta Tesis es la investigación literaria de la vida y la obra del poeta potiguar Walflan de Queiroz (1930-1995). Después de más de 17 años de su muerte, su poesía clama por una suerte crítica capaz de identificar sus características formales y estéticas. En ese sentido, se realiza el rescate de la producción poética de Walflan de Queiroz, con el fin de ofrecer los elementos que motivaron su discurso, su lirismo. Se pretende demostrar sus principales temas, como por ejemplo, el tenor metafísico, la angustia existencial, las pasiones platónicas, la muerte, la soledad, el silencio y la influencia de los poetas extranjeros, especialmente de la tradición romántica y simbolista, así como la manifestación de la religiosidad, de lo sagrado desde siempre encadenada a diversas tradiciones religiosas del mundo. Siendo así, la Tesis tiene como base teórica los fundamentos de la tradición poética y del imaginario religioso diluidos a lo largo de todo el estudio.

**Palabras-clave:** Walflan de Queiroz. Poesía do Rio Grande do Norte. Tradición. Imaginario. Religiosidad.

## ABSTRACT

This thesis explores – as literary object – the life and the poetic work of Walflan de Queiroz (1930-1995). After 17 years from his death, his poetry claims for a critical fortune that should identify his aesthetic and formal features. With the goal to rescue his poetic production, we also provide the reader with the leading elements of his speech expression and his lyrism. The main intention is to put in evidence the more important themes in his poetry as the metaphysical content, the existential anguish, the platonic love, the death, the solitude, the silence and the foreign poetry's authors influence, especially those of romantic and of symbolic tradition. The thesis studies, also, the religiosity and the sacred manifestations – as a worldly phenomenon – in Walflan de Queiroz poetry. Following these guidelines, the thesis has as theoretical grounds the fundamentals of the poetic tradition and of the religious imaginary, discussed along the writing.

**Keywords:** Walflan de Queiroz. Rio Grande do Norte's poetry. Tradition. Imaginary. Religiosity.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos professores Antonio Eduardo, Humberto Hermenegildo e Tarcísio Gurgel, por mais uma vez compartilharem comigo da leitura da poesia de Walflan de Queiroz. Seus estímulos e conselhos para mim são inestimáveis.

Sou grato às professoras Constância Lima Duarte e Cássia dos Santos, cuja ética e o compromisso com a pesquisa científica são estimulantes.

Agradeço ao amigo Elí Celso, poeta que sempre tem me inspirado com a sua solidão, com a sua inteligência, com a sua grandeza de espírito, desde quando o conheci, na adolescência, por intermédio de meu irmão Roncalli. A maioria dos poemas em francês de Walflan de Queiroz passou pelo seu crivo, pelo seu olhar de tradutor, nesta Tese.

Gostaria de agradecer ao amigo Márcio Simões Xavier, um poeta abissal com quem dialogo sobre literatura. Companheiro assíduo de leituras walflanianas. Confio totalmente em seu julgamento crítico, com a sua visão melancólica da vida e repleta de desapego do mundo material, fruto como se sabe de sua erudição que tanto admiro.

Sou grato a Ector Pablo, por toda a eternidade. Em minha estante de livros, guardo a *História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux. Presente deste tão querido e amado amigo.

Meus agradecimentos também a Beth e a Gabriel, do **PPgEL**, pela paciência em lidar com este escriba quase sempre cheio de angústias. Eles me ajudaram mais do que poderiam imaginar. Eles formam uma dupla impecável naquela sala apertada do Programa, atendendo aos alunos, aos professores, e assim, vão tocando o “barco” independente se o mar estiver manso ou revoltado.

Sou grato a Capes, pela bolsa de estudos, durante determinado período, que me permitiu realizar e concluir a minha pesquisa dentro dos prazos do **PPgEL**.



## Sumário

### 1. Introdução

|  |    |
|--|----|
| 1.2 A expressão poética de Walflan de Queiroz..... | 12 |
|--|----|

### 2. Primeira Parte:

|                            |    |
|----------------------------|----|
| 2.1 O poeta e o Mundo..... | 23 |
|----------------------------|----|

|   |    |
|---|----|
| 2.2 Serenata no Cemitério do Alecrim..... | 60 |
|---|----|

|                          |    |
|--------------------------|----|
| 2.3 Tempo e Solidão..... | 72 |
|--------------------------|----|

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| 2.4 Cantares a Tânia..... | 108 |
|---------------------------|-----|

|   |     |
|---|-----|
| 2.5 Croquis de uma experiência monástica..... | 149 |
|---|-----|

### 3. Segunda Parte:

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| 3.1 A Colina de Deus..... | 160 |
|---------------------------|-----|

3.2 Nas Fontes da Salvação.....195

3.3 Aos Teus Pés, Senhor.....226

3.4 A Fonte de Zeus.....246

3.5 A Noite de Allah.....260

#### **4. Considerações Finais**

4.1 “Enquanto abismo e silêncio me chamam”.....273

**5. Referências.....281**

#### **Anexos:**

Teatro Amador de Natal.....302

Entrevista com o Poeta.....303

Poesia e Prosa Dispersas.....306

*Dedico  
ao amigo querido e professor  
Antonio Eduardo de Oliveira,  
pela intelectualidade, pela compreensão,  
pelo amor à vida.*

Thou wast not born for death, immortal Bird!

**John Keats**

## **Introdução**

## A expressão poética de Walflan de Queiroz



“Nasci romântico. Não sei o que houve, mas, quando despertei para o estudo da literatura, fiquei atraído imediatamente pelos escritores românticos”. O poeta Walflan escreveu numa crônica<sup>1</sup> reveladora.

Com a sua alma romântica, Walflan de Queiroz, procurou viver ou pelo menos ser fiel à existência que evocou em seus versos. Sua vida, sua poesia. E a poesia, a sua conquista.

Em seu estudo sobre o poeta português Fernando Pessoa, escreve o ensaísta e crítico literário mexicano Octavio Paz (1976, p. 201): “Os poetas não têm biografia. Sua obra é sua biografia”.

Do poeta Walflan, o que restou foram os seus escritos, os seus poemas. A poesia implacavelmente fala por ele. Então, quem teria sido esse poeta? Quem teria sido esse ilustre desconhecido da poesia brasileira?

Disse o teólogo Leonardo Boff (2008, p. 35): “Cada pessoa é um mistério”. Parafraçando-o, diríamos também que cada poeta é um mistério. Que mistério tem o poeta Walflan de Queiroz?

---

<sup>1</sup> “Confissões de um Werther”. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 fev. 1963.

Sua figura detém uma aura nebulosa. Sim, algumas centelhas. Clarões no vago escuro. Walflan, poeta de serenatas fúnebres, como a que fez com amigos, num cemitério de Natal. O marinheiro mercante cujos olhos mergulharam no verde esmeralda do mar do Caribe, do mar das Antilhas, seus peixes e pássaros matinais, pássaros noturnos. A borrasca lhe trouxe presságios. A sua relação poética com o mar foi inevitável.

Um poeta viajante. Vagou pelo Brasil do Nordeste ao Sul. O enamorado de musas inspiradoras haveria de amargar decepções pela vida afora. Paixões platônicas que lhe renderam a dor existencial. Irene, Tereza, Tânia, Lêda, Herna, Dinara. Nenhuma delas esbarrou com o seu signo a ponto de lhe tirar da solidão. Somente encontrou a tristeza, a amargura, a saudade. Com bravura, amou a solidão que lhe deu em troca o sentido da existência.

A figura feminina em sua poesia representa em grande parte a força motriz do seu lirismo, uma vez que o poeta Walflan de Queiroz deslumbrou-se com a ideia do amor ideal, buscando aproximações com outras fontes literárias para traçar comparações pertinentes aos seus sentimentos.

Numa fase de sua vida, que se confunde com a sua própria poesia, vivenciou a religiosidade nos claustros frios e silenciosos. A sua passagem pelos mosteiros não foi o bastante para preencher o seu anseio desesperado de buscar respostas para as suas angústias. O seu caminho espiritual, que é o caminho da sua poesia, é sinuoso, engendra desencontros, um caos místico aflora de seus poemas, como se os céus se abrissem em seu peito dilacerado.

No livro *Literatura do Rio Grande do Norte*, as escritoras Constância Duarte e Diva Macêdo apresentam alguns dados sobre a vida e a obra do poeta:

Excêntrico, Walflan teve uma fase mística, residindo um período num convento no sul do país. Mais tarde, alistou-se na Marinha Mercante, o que lhe permitiu realizar muitas viagens pelo Caribe, principalmente. Essa opção de vida, com certeza, tem reflexos na sua poesia. Trata-se de uma obra em que coexistem elementos que indicam, ao mesmo tempo, uma angústia existencial e uma aceitação conformada do sofrimento, a partir de uma ótica cristã. (DUARTE; MACÊDO, 2001, p. 449)

Poeta da pobreza franciscana, sua inquietação espiritual é uma das marcas do seu lirismo poético. “Sou um peregrino do Absoluto”,<sup>2</sup> escreveu. Eis, o andarilho, o mendigo. O Absoluto o chama e o atrai para o mistério da nostalgia do sagrado. O Absoluto alimenta uma dimensão mística em sua poesia.

As ressonâncias do Absoluto ecoam, portanto, na sua poesia religiosa e metafísica. O Transcendente inscreve-se na sua linguagem. Em seu diálogo com o Absoluto e com o Eterno, num clima de profunda espiritualidade, o poeta Walflan de Queiroz está impregnado de misticismo e religiosidade.

A sua cosmovisão poética está diretamente vinculada a uma concepção totalista da vida, envolvendo o mundo material, que ele despreza, e o mundo interior, que ele celebra. Seu mundo interior é feito de experiências e de emoções vividas, em que o silêncio tem voz, reverbera em sua poesia.

Sendo assim, a poesia de Walflan de Queiroz é feita de perplexidade diante do mundo. A sua poesia ditou o ritmo de sua respiração. A sua poesia ditou o ritmo de suas emoções, de suas experiências, de seus sentimentos. A sua poesia trouxe as verdades, as contradições. A sua poesia, nos instantes finais, ditou o ritmo de sua loucura que vai desembocar no “misticismo fanatizado”, na expressão do escritor Tarcísio Gurgel em seu livro *Informação da Literatura Potiguar*.

---

<sup>2</sup> “Ama-me que sou um pássaro”. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 jan. 1963.





A produção poética de Walflan de Queiroz situa-se, estritamente, entre 1960 e 1977, portanto, são dezessete anos, período no qual publicou todos os seus livros de poesia em Natal: *O Tempo da Solidão* (1960), *O Livro de Tânia* (1963), *O Testamento de Jó* (1965), *A Colina de Deus* (1967), *Nas Fontes da Salvação* (1970), *Aos Teus Pés, Senhor* (1972), *A Fonte de Zeus* (1974) e *A Noite de Allah* (1977).

O poeta também escreveu crônicas e artigos na imprensa potiguar, como *A República*, *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*, para as revistas *Bando* e *Cactus*, ou seja, nos mesmos espaços onde também figuravam textos de Zila Mamede, Berilo Wanderley, Newton Navarro, Dorian Gray, Sanderson Negreiros, Deífilo Gurgel, Luis Carlos Guimarães, Celso da Silveira, só para citarmos alguns nomes, que foram mais ou menos da sua geração.

Em relação ao panorama da literatura brasileira, nota-se que a poesia walflaniana está inserida em momentos significativos da modernidade literária. Sua poesia é contemporânea do Poema/Processo, a vanguarda que surgiu em 1967, em Natal e no Rio de Janeiro.

Segundo o poeta potiguar Moacy Cirne, um dos fundadores do Poema/Processo, o poema seria uma intervenção semiológica. “Ao trabalhar os signos concretos (gráficos, visuais, sons, ambientais etc.) da linguagem, o poema/processo o faz explorando as

potencialidades físicas do material escolhido, assim como a grafia de suas possibilidades semióticas”, sintetizou Cirne (1979, p. 38).

Se por um lado, a poesia processual elaborada pela figura do poeta-artista, como Anchieta Fernandes, Falves Silva, Dailor Varela, Nei Leandro de Castro, ganhava repercussão na cena literária de Natal, já por outro lado, no sentido diametralmente oposto, Walflan de Queiroz, pregava em versos livres e brancos a sua poesia ora de pendor romântico-simbolista, ora de pendor místico, bíblico. Compõe, portanto, uma poesia que diverge da temática que os poetas do Poema/Processo tentavam consolidar naquele momento.

Em 1968, no Rio de Janeiro, os integrantes do Poema/Processo realizaram uma passeata, rasgando alguns livros de poetas bissextos na escadaria do Teatro Municipal. Em Natal, inspirados no rasga-rasga ocorrido no Rio, os poetas fizeram um manifesto, contendo uma lista de autores potiguares que deveriam ter seus livros queimados em praça pública. Dentre os nomes citados estava o de Walflan de Queiroz, que não gostou dessa ideia.

O escritor, jornalista e poeta-processo, Anchieta Fernandes, autor do celebrado poema “Olho”, numa entrevista, discorre sobre o episódio pitoresco, que repercutiu na época, envolvendo os poetas Walflan de Queiroz e Dailor Varela por causa desse manifesto:

Nossa intenção não era propriamente queimar, porque seria até relembrar o nazismo que queimou livros, mas o propósito era apenas mexer com a estrutura da literatura tradicional que não aceitava publicar poema/processo nos suplementos. Os poetas tradicionais de Natal diziam que aquilo não era poesia, diziam que o poema/processo era publicidade e não poesia. Queríamos apenas chocar! Não iríamos realmente fazer isso! Walflan quando leu esse manifesto, um dia, cruzou com o poeta Dailor Varela numa rua do Grande Ponto. Então, ele disse a frase: “Senhor Dailor

Varela, eu tenho um revólver para quem for queimar minha poesia em praça pública!”

Por sua vez, o poeta Dailor Varela, de passagem por Natal, já muito tempo depois, lançando o livro de poesias, *Delírico*, explica a repercussão causada pela proposta do manifesto, retomando particularmente o episódio ocorrido com Walflan de Queiroz:

[...] Lembro que nós que militávamos no Poema Processo – eu, Moacy Cirne, Anchieta Fernandes, Nei Leandro, Falves Silva, Bosco Lopes, J. Medeiros e outros, ganhávamos manchetes diárias nos jornais, concorrendo com o futebol e a política. Acho até que a cultura nunca ganhou tanta manchete como nessa época. Lembro que cheguei a sofrer até ameaça de morte por parte do poeta Walflan de Queiroz, um poeta bíblico, místico, distante anos luz das nossas ideias. Ele me ameaçou em pleno Grande Ponto, como na época designávamos o coração da cidade. Foi um espanto, realmente. Em resumo, a ideia provocou o efeito desejado. (O GALO Jornal Cultural. Fundação José Augusto. Natal / RN: Ano XIII, nº 11, dezembro de 2001, p. 10.

A poesia walflaniana atravessa esse período do Poema/Processo de uma forma indiferente. É uma poesia voltada para os conflitos existenciais, tendo a tradição poética e a religiosa como vetores de força a conduzir o seu lirismo.



Pode-se afirmar que Walflan de Queiroz tinha uma formação intelectual, uma bagagem literária. As suas leituras buscam a literatura universal, a filosofia, a metafísica e a religião. Da filosofia grega à teologia cristã, da Bíblia à poesia, era um poeta de conteúdo, que deixou uma obra com certa irregularidade no estilo, brilhante de fato em alguns momentos, porém bastante discutíveis em outros.

Parte da sua poesia, sobretudo a inicial, *O Tempo da Solidão*, *O Livro de Tânia* e o espécie de divisor de águas, dessa primeira fase, *O Testamento de Jó*, seus três primeiros livros, apresenta-se predominantemente sob o signo do imaginário romântico e simbolista, com a presença da religiosidade.

O poeta Walflan de Queiroz recupera imagens e metáforas da tradição lírica, como o mar, o rio, a noite, o pássaro, o anjo, a flor, para tratar de questões inerentes à condição humana, como a solidão, a tristeza, o amor, a angústia existencial, o fluir do tempo e a morte.

Com a publicação do livro *A Colina de Deus*, o poeta Walflan dá início a sua escrita religiosa, de forma mais incisiva, caracterizada pelo discurso místico envolvendo várias tradições religiosas ao mesmo tempo, mas sem perder o seu timbre romântico.

O poeta Walflan padece das coisas divinas. Invoca o Deus da antiga tradição judaico-cristã-islâmica. Quer sentir as Alturas. Tocar nas asas dos Anjos. Arder na chama dos crepúsculos. Atento às solicitações dos deuses que tanto exorta.

Em 1970, *Nas Fontes da Salvação* vai selar de vez o discurso religioso voltado para diversas religiões. Neste livro, o poeta diz ser um teísta que ama a Deus de uma forma pessoal. Essa condição filosófica estende-se para os livros *Aos Teus Pés, Senhor*, e *A Fonte de Zeus*, em que o poeta desenvolve uma retórica voltada para diferentes divindades.

O Altíssimo. O Sagrado. O Divino. A tríade o faz se lançar ao Insondável, desesperadamente. “Sinto uma infinita nostalgia do Oculto”, diz o poeta em seu livro, *A Noite de Allah*, o seu canto de cisne, porque a Noite mais escura de sua alma, a noite do Islã.



A tese estrutura-se em duas partes. A primeira constitui-se num esforço em rever a sua trajetória inicial como poeta, sob a perspectiva biografemática (Barthes), onde a imagem fragmentária é reconstruída, mesclando poesia e vida literária, ouvindo através de várias entrevistas, recordações e impressões de jornalistas, escritores, artistas, ou seja, pessoas que o conheceram. Invoca-se a sua morte, a sua repercussão. A análise crítica dos livros *O Tempo da Solidão* e *O Livro de Tânia* é realizada assim como a referência a obra *O*

*Testamento de Jó*,<sup>3</sup> anunciando as motivações religiosas do poeta advindas de sua experiência monástica. Para efeito de fundamentação teórica, especialmente nessa parte, utilizamos a leitura da tradição lírica e do imaginário poético realizada por autores do porte de Hugo Friedrich, T. S. Eliot, Bachelard, Octavio Paz, entre outros mencionados de forma direta ou indireta.

A segunda parte concentra-se em desvendar os principais temas e símbolos relacionados à religiosidade do poeta Walflan de Queiroz. Do livro *A Colina de Deus* até a sua obra derradeira, *A Noite de Allah*, fez-se o recorte literário, objetivando reconhecer as características estilísticas do seu discurso poético, tendo como referência teórica principalmente os estudos que explicam o simbolismo religioso sob o ponto de vista antropológico, lírico e teológico. Nesse sentido, servimo-nos dos estudos de Mircea Eliade, Northrop Frye, Thomas Merton, Karl-Josef Kuschel, Frithjof Schuon, Leonardo Boff, entre outros que surgem no decorrer de nossa incursão pela poesia walflaniana. Nessa segunda parte, tivemos também como fonte de consulta constante a Bíblia de Jerusalém devidamente inserida na bibliografia e sempre quando necessário citada através de passagens para nos auxiliar na condução da leitura dos poemas.

Por fim, a presença dos anexos, uma nota de jornal anunciando a participação do poeta Walflan de Queiroz no Teatro de Amadores de Natal, assim como a entrevista sobre cinema concedida ao jornalista Berilo Wanderley. Grande parte dos anexos concentra-se na compilação de seus poemas e de suas crônicas que estavam espalhados nos jornais da imprensa potiguar. Acrescenta-se para efeito estético uma iconografia.

---

<sup>3</sup> *O Testamento de Jó* foi objeto de estudo de nossa dissertação de mestrado (ver bibliografia). Esta tese, portanto, retoma a dissertação e dá continuidade a nossa pesquisa, aprofundando-se sobre a vida e a obra do poeta Walflan de Queiroz.

**Primeira Parte**

I have not loved the world, nor the world me;  
I have not flattered its rank breath, nor bowed  
To its idolatries a patient knee.

*Lord* **Byron**



## O Poeta e o Mundo



O discurso de um poeta, seja de que época for, revela a sua forma de ver o mundo e de compreendê-lo. É através da sua poesia que atribui sentido e significado a este mundo, criando novas realidades.

Não nos causa espanto a afirmação de Shelley (2002, p. 199): “Os Poetas são os legisladores não reconhecidos do Mundo”. À luz da cólera dos deuses, os poetas têm o gênio rebelde de Prometeu. São os intérpretes do mundo, das coisas visíveis e invisíveis. As Parcas tecem seus destinos, porque os poetas possuem o sexto sentido da poesia.

A respeito da figura do poeta, o crítico literário Alceu Amoroso a sua maneira uma faz uma reflexão:

[...] não se discute um poeta. Aceita-se ou repudia-se a sua forma de compreender e de sentir, mas nunca é possível contestar-lhe a legitimidade. E o que há de admirável nos poetas, o que há neles de verdadeiramente consolador para si e providencial para os outros, é justamente essa transfiguração das coisas, essa recriação de um novo mundo que desafia a realidade. (LIMA, 1966, p. 338)

O poeta é uma espécie de Mago, de Vidente, como compreendeu Rimbaud, este viajante, alquimista, o “oráculo fulgurante”, na expressão do escritor Albert Camus, em *O Homem Revoltado*. Na “Carta do Vidente” (“Lettre du Voyant”), Rimbaud transmite a rebeldia consciente da sua criação poética, que citamos livremente: “Le Poète se fait voyant par un long, immense et raisonné dérèglement de tous les sens. Toutes les formes d’amour, de souffrance, de folie”. Sim, o “desregramento de todos os sentidos”, a busca do autoconhecimento, a inclinação para o Desconhecido, um virtuoso ideal estético.

A partir dessas reflexões iniciais podemos pensar sobre a poesia de Walflan de Queiroz, poeta que amou ardentemente a vida como as chamas que se consomem numa pira no alto de uma montanha. Platônico no amor, platônico na poesia, platônico diante da realidade.

“O que é admirável em Walflan de Queiroz é seu ato de fé permanente diante da poesia”. Disse o escritor Sanderson Negreiros numa crônica dedicada ao poeta em seu livro, *A Hora da Lua da Tarde*. Na mesma crônica afirma: “Ele ama com a pureza dos que nunca intencionaram senão ganhar o reino da terra – o humilde reino dos poetas e dos místicos”. O poeta Walflan viveu para a sua poesia, para o mundo de suas leituras, para o mundo das abstrações, para o mundo das invisibilidades, para o mundo das transcendências.

As declarações de Sanderson Negreiros vão ao encontro da sua intrigante e complexa personalidade. A imagem do poeta Walflan nunca lhe saiu da memória, desde quando o conheceu, numa das calçadas do Grande Ponto:

A primeira vez que eu vi Walflan de Queiroz, isso deve ter sido há quase 50 anos atrás, - eu saí do seminário com 13 anos e meu primeiro amigo foi Dorian Gray, que me levou para conhecer Newton Navarro. Eu cheguei num fim de tarde no Grande Ponto. Todo fim de tarde, as pessoas iam para o Grande Ponto, antes de irem para casa, tomar a sopa provinciana ou provincial. Eu estava na esquina da Rua João Pessoa com a Princesa Isabel, e chegou uma pessoa altamente estranha em todos os sentidos. O cabelo cortado rente, todo de preto, de coturno, de botas pretas, paletó preto! Eu fiquei impactado com aquela figura. Eu me aproximei dele. Era uma figura totalmente diferente. Ele conversando muito, e eu começava a perguntar as coisas, e ele a me falar de suas leituras. Eu me lembro muito da fisionomia dele através de um retrato de Baudelaire, aquela fisionomia trágica. [...] Eu o levei duas vezes para Santa Cruz do Inharé, onde eu tinha um irmão que era vigário, Emerson Negreiros. Emerson foi o primeiro padre, antes de Dom Eugênio, que lançou a doutrina social do campo e brigou com todos os coronéis do interior. [...] Foram os instantes de eu ter visto com certeza Walflan feliz, lá no Inharé. Meu irmão tinha uma moto, uma lambreta, e ele botava Walflan na garupa e saíam passeando os dois, - eu me lembro, parece até que estou vendo hoje, - eles descendo a rua grande em busca do açude de Inharé. Então, os dois momentos que vi Walflan rindo; este, ele, passeando na garupa da moto, e no açude, tomando banho. Walflan ficava impressionado por que eu atravessava o açude a nado e ele ficava encantado com o contato com a natureza.

Em seu depoimento, Sanderson Negreiros, já septuagenário, na varanda do seu apartamento, lembra-se do seu espanto diante da aparência do poeta, quando o avistou pela primeira vez, “uma figura totalmente diferente”, trajado “todo de preto, de coturno, de botas pretas, paletó preto” parece ser um marco na sua memória.

Sanderson reconhece as qualidades do seu intelecto e vê nele uma certa fisionomia trágica, uma premonição, que o faz evocar o retrato de Charles Baudelaire reproduzido em *As Flores do Mal*.

Noutro momento dos seus comentários, revela uma imagem rara, furtiva, de seu amigo feliz, o oposto daquele primeiro encontro: os passeios na garupa da motocicleta com o padre, - Emerson Negreiros -, os banhos no açude, em Santa Cruz do Inharé e a visão da natureza.

A figura poética, humana, de Walflan de Queiroz, deixou tão viva impressão no imaginário de Sanderson Negreiros que ele publicou, no dia 4 de setembro de 1959, no jornal *Tribuna do Norte*, um poema em que esboça o seu retrato existencial, lírico e espiritual.

#### POEMA PARA WALFLAN DE QUEIROZ

Lembro-me de ti, amigo, na visitação da aurora.  
 Tudo em torno é desperdício desta hora  
 Tragicamente bela quando o vento se faz de jovem pastor  
 A semear o grão de trigo da delicadeza humana,  
 A pastorear o som palustre quase rumor  
 Da angústia que gravemente nos irmana.  
 Tu foste marinheiro a descobrir nas Antilhas amargas  
 O risco dos naufrágios, o voo triste de aves magras;  
 Dormiste à porta de Notre Dame de Paris, sem sono,  
 Como São Bento José Labre, teu íntimo protetor,  
 Ah, ouve o canto fraterno que se instaura no silêncio  
 Das luzes frias da madrugada, na voz do Senhor.  
 Monge, mendigo do Absoluto, como teu padrinho Léon Bloy,  
 Poeta trágico da surpresa, cansado de tanto desesperar,  
 É quase manhã, Keats manda-te lembranças puras  
 E Rimbaud está ali, de boina e preto, a chorar.

O eu lírico descreve o poeta Walflan. Um homem noturno, andarilho, marítimo, místico. Identifica-se com a sua angústia. Um poeta insone, às portas da catedral de Notre Dame, lembrando São Bento José Labre, o “Santo dos Vagabundos”, seu “íntimo protetor”. Um monge, um “mendigo do Absoluto”, como o escritor Léon Bloy.

Sanderson Negreiros cria um cenário simbolista no seu ritmo vocabular: “visitação da aurora” e “luzes frias da madrugada”, prenúncios da chegada de um novo dia, com a devida construção semântica por meio da sinestesia “luzes frias”. Põe em relevo a presença

de Keats e Rimbaud como se conversasse com eles numa linha imaginária que só a poesia pode preencher com a sua linguagem transcendente.

O Grande Ponto, onde Sanderson Negreiros trocou ideias com o poeta, no final dos anos 50, era como escreveu o jornalista Ticiano Duarte na crônica, “Território Sentimental”, em seu livro *Anotações do meu Caderno*, - “mais borbulhento do que o Ponto Cem Réis, de João Pessoa, ou do que a tradicional Sertã, do Recife. A Rua João Pessoa abrigava no carnaval o desfile e o curso de automóveis, de blocos, de sujeitos, de foliões irreverentes”.

Como lembra Ticiano Duarte, no Grande Ponto, Walflan de Queiroz passou também a declamar a sua poesia rebelde, pessimista, inteligente e culta. O poeta Walflan, *habitué* dessas redondezas, era presença marcante no Café São Luiz, que ficava na esquina da Rua João Pessoa com a Princesa Isabel.

Na calçada do Café São Luiz, na década de 70, podemos vê-lo numa crônica do jornalista Eugênio Neto: “Walflan de Queiroz exhibe seu mais novo trabalho, em prosa ou verso, em louvor a Javé, Brama, Alah, Maomé, ou seja lá quem for. E ai de quem não concordar com ele”.

O Café São Luiz, um dos berços da boemia natalense, guarda muitas histórias e lembranças. Por lá, aparecia um certo Milton Siqueira, que era uma lenda, declamando os seus sonetos escritos no calor da hora. Uma legião de personagens compõe o anedotário popular, político e cultural de uma época nesse Café, que, atualmente, ainda existe, porém muito diferente dos tempos áureos.

Outra imagem do poeta Walflan, desta vez creditada ao jornalista José Luiz Silva - “No Café São Luiz, permanentemente, há gritos e olhos arregalados: são os poemas de Walflan de Queiroz, feitos metafisicamente para Alá”.

Era um dos seus roteiros: o Café e a Livraria Universitária, na Avenida Rio Branco, de Walter Duarte Pereira, seu cunhado. “Às vezes ele ficava na calçada da Livraria Universitária sozinho, sem falar com ninguém”, recorda o jornalista Woden Madruga. Lá também bebia o seu cafezinho, fumando compulsivamente.

Walflan de Queiroz deixou também uma impressão muito forte no poeta Nei Leandro de Castro:

### CANÇÃO

A Walflan de Queiroz

Há uma ilha  
suspensa entre praias vegetais  
– sede de âncoras palas tardes líquidas –  
à minha espera.  
Há uma ilha,  
escuto o seu mistério:  
lamento sobre o mar que morre,  
canção partindo crepúsculos de sal.

Há uma ilha à minha espera:  
o cais – de pedra – que ergui na infância  
romperá arquiteturas graves  
e partirá cheio de velas.

*(Voz Geral, p. 59)*

Seus versos evocam a imagem poética de uma ilha que reflete o anseio existencial do eu lírico. A ilha tem mistério como um sonho de infância situada entre o real e o imaginário. A paisagem crepuscular desce sobre a ilha, que simboliza o desejo de partir, de buscar novos horizontes.

O sebista Severino Ramos, que trabalhou na Livraria Universitária, fornece um depoimento sobre a figura de Walflan de Queiroz. Ramos, como é tratado pelos clientes

que frequentam o seu sebo num beco paralelo a Rua Ulisses Caldas, conheceu o poeta no ano de 1978, numa fase em que já havia publicado todos os seus livros e a sua doença mental havia se agravado. Em meio a livros e revistas, raros vinis da música popular brasileira e alguns quadros, comenta:

Desde o final dos anos 70, eu trabalhei nas principais livrarias de Natal: a Universitária, a Opção. Na Universitária, especialmente, porque era de Walter Pereira, - eu trabalhei de 78 a 83 -, depois eu voltei, mais um ano, o último ano da vida dele. Foi lá que eu convivi com Walflan durante esse período. Até que eu saí da livraria para trabalhar no Banco Econômico que era vizinho ao Café São Luiz, aonde Walflan ia diariamente. Os mesmos cumprimentos, a mesma conversa que eu tinha com ele na livraria passou a ter na saída do Banco, porque ele estava no Café São Luiz. O mesmo cumprimento sempre, que até hoje eu não sei na verdade a origem daquele cumprimento, mas é uma coisa do Oriente: “Allah Akbar!” Ele dizia: “Allah Akbar!”. Eu dizia: “Allah é o maior.” Ele ficava contente por isso! Ele gostava. Eu acho que a expressão seria isso mesmo. “Allah Akbar” é Allah é o Grande, Allah é o Rei. Pouca gente queria conversa com Walflan, porque as pessoas, de uma certa forma, não entendiam ele e só o viam como louco. Não conseguiam captar alguma coisa de especial que ele tinha, a formação cultural, a formação poética dele. Pouca gente percebia isso, só quem tinha uma certa sensibilidade e gostava de conviver com ele. Eu tive esse convívio com ele, durante esse tempo da livraria e o tempo do Banco Econômico.

A lembrança da saudação islâmica que Walflan de Queiroz lhe fazia na livraria ou na calçada do Café São Luiz, dependendo das circunstâncias, ficou gravada na sua memória. “Um dia eu perguntei a ele, - ‘Walflan, o que é Allah Akbar?’ Ele dizia: ‘Deus é o maior!’, ‘Allah é o maior!’. Dizia umas definições. Eu memorizei: ‘Allah é o maior!’”.

Severino Ramos quando trabalhou com Walter Pereira assistiu aos sábados, pela manhã, a presença de poetas, jornalistas, advogados e políticos na livraria reunidos, no andar superior.

Tinha “uma sabatina” que chamavam. No primeiro andar da livraria, uma mesa redonda de vidro, no qual freqüentava todos os intelectuais de Natal, os mais jovens da época. Juizes, promotores, médicos... Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães, Inácio de Magalhães Sena, que é o “Bispo de Taipu”, o apelido dele, Nássaro Nasser... Eu montava essa mesa dos intelectuais, montava a mesa com os livros, para vender, eles sentavam, - a mesa era composta de livros -, os lançamentos, as novidades da semana. Eu montava essa mesa e ao lado tinha uma banquinha com café, chá, uísque e caipirinha. Eu servia eles também. Eles ficavam até duas horas da tarde, até fechar a livraria. Walflan aparecia, mas não sentava na mesa. Dava uns gritos, assim, umas aberrações, dizia algumas falas em alemão ou francês, os “caras” ficavam assim admirado, - todos conheciam ele -, mas ele não fazia parte da roda, ele não conseguia ficar parado. Ele se isolava. Entrava lá para uma seção. Os balconistas jovens da livraria não gostavam de conversar com ele; chamavam o “doido”, “chegou o doido”. Mas ele já me procurava. Então, ele dizia: “Ramos, cadê Gilsinho?” Gilsinho era o sobrinho dele e Gilsinho era quem dava o dinheiro do cigarro dele. Ele dizia: “Gilsinho, dê o dinheiro do meu cigarro a Ramos pra ele comprar cigarro!” Ele me procurava de imediato quando chegava na Livraria pela atenção que eu dava a ele.

Em se tratando do anedotário que cerca a vida do poeta Walflan de Queiroz, o escritor Eli Celso descreve como o conheceu. Por volta de 1976, o então adolescente Eli, que ainda viria a ser um poeta metafísico, intimista, foi abordado de maneira inusitada pelo bardo em seu traje de pijamas, evocando aos berros o seu panteão de deuses e personagens da Bíblia. A essência dessa recordação está registrada assim:

Ele me viu e eu o vi. O velho trajava um pijama descolorado. A barba estava por fazer. Veio ao meu encontro. “Cristo era um pederasta!”, revelou-me, só para mim. Eu trajava o uniforme do [Colégio] Salesiano. Vinha da aula. Devia ser perto do pingo do meio dia. Em alguma esquina, o velho Milton Siqueira devia estar. Foi na Princesa Isabel. Cheguei em casa e, ignorante, perguntei aos meus pais, na hora do almoço o que era “pederasta”. Celso e Myriam responderam, não sem dificuldade, - é que sobre aquele vocábulo precisava saber primeiro de onde eu o escutara -, “de um sujeito de pijama, no Grande Ponto”. Tratava-se então do Walflan de Queiroz!



Nesse período, uma imagem pitoresca do poeta Walflan de Queiroz é creditada numa crônica de Sanderson Negreiros. Trata-se de uma imagem dele sentado num banco de uma igreja protestante, numa tarde perdida de domingo, no Grande Ponto, onde há uma faixa escrita: “Jesus vai falar hoje”. Lá está o bardo, dentro de um templo, pensativo, em silêncio, solitário, à espera do Filho do Homem.

Ao seu modo, o poeta Walflan forjou a sua existência de Profeta, de Vate, com a sua voz densa, grave, puro anseio da febre divina. A voz sofredora dos Aflitos, dos que buscam as verdades nos Abismos, dos que sondam os mistérios do Ser. O poeta atravessou ao longo de sua existência duradouros períodos de loucura que de alguma forma obscureceram a sua poesia e denegriram a sua imagem.

Desde a mocidade, diagnosticado como portador de esquizofrenia, esteve à mercê do preconceito e do estigma de louco que esta doença crônica acarretaria até sua morte. O termo “esquizofrenia”, como se sabe, é de origem grega e, quer dizer, “mente dividida”. O poeta viveu, portanto, atormentado pelas crises nervosas. Poderíamos afirmar que viveu mesmo “dividido” entre o real e a imaginação.

O seu rosto ficou guardado em duas fotografias que resistiram ao tempo. A primeira reproduz o jovem Bacharel em Direito, de paletó e gravata, o olhar penetrante, o olhar ferino de quem estava exilado no mundo. Ele adquiriu uma aura de poeta romântico, com rasgos de genialidade. “Walflan era um lorde como poeta, era um romântico”, conforme lembrou o pintor Dorian Gray Caldas, que o conheceu em um distante carnaval, em meados de 1946, - depois da Segunda Guerra, que encheu a cidade de norte-americanos - num bloco de mascarados, entre amigos, sob confetes e serpentinas. “Ele era um místico em potencial. Ele tinha uma angústia do misticismo”. Dorian Gray tentou assim defini-lo

através de um dos aspectos pertinentes em sua poesia, que é o lado religioso, místico, espiritual.

O outro retrato sobrevive numa moldura de vidro sobre uma das prateleiras de aço da biblioteca, que tem o seu nome, na Clínica Santa Maria. Atualmente, a biblioteca é apenas uma sala bem conservada, onde ao centro se vê uma mesa grande e as prateleiras com livros. Lá está o retrato do poeta Walflan de Queiroz na velhice, com o aspecto de resignação, os cabelos grisalhos, o rosto marcado pelo Sofrimento, pelo estigma dos mártires e, novamente, os olhos, os mesmos olhos inabordáveis de outrora, mas sombreados pelo horizonte nefasto do Vale da Morte; este olhar que um dia contemplou o mar, as estrelas noturnas, as nuvens de Deus, o céu de Deus, como costumava repetir em verso; contemplou as pálpebras e os cílios das amadas efêmeras, das amadas irredutíveis ao seu aceno.

Este último registro fotográfico foi feito por Laélio Ferreira de Melo que, com o apoio da direção do hospital, fez uma justa homenagem ao bardo à época vivendo, como interno da Clínica, desde os anos 80. E, assim, Laélio conseguiu reunir seus livros e obras que faziam parte de suas leituras diárias.

Muitos anos depois, Laélio Ferreira de Melo vai resgatar da sua infância lembranças de Walflan de Queiroz na companhia do seu pai, o poeta Othoniel Menezes. Segue a sua descrição, intitulada por ele próprio de “O Muezim de Capim Macio”, publicada em 27 de março de 2005 pelo jornalista Woden Madruga na sua coluna do *Tribuna do Norte*:

Conhecia Walflan há mais de quarenta anos – tinha eu uns seis ou sete – desde a casa do meu Pai, na Avenida Rio Branco, cercanias do velho mercado. Sempre de terno de linho branco impecável, na gravata

encarnada, um alfinete de pérola, sapato Fox, brilhantina nos cabelos, com fala grave e sonora, ao cair da noite, papeava com meu Pai, velho amigo seu. Uma algaravia, um charabiá repleto de erres que eu e meu irmão, um pouco mais velho, curiosos, não entendíamos. Era, descobrimos perguntando, tão somente dois poetas falando francês, o belo idioma de Hugo, Verlaine e Rimbaud! Bom mesmo, para nós, era a moeda de mil réis que o rapaz risonho nos dava “para comprar confeito”, terminada a conversa. [...] Nos ocasos de alguns dias, quando o reencontrei na clínica de Capim Macio - abatido, o rosto cavado pela magreza, os dedos finos manchados pela nicotina -, nas raras ocasiões para o diálogo, instado, provocado, reconhecia-me, pedindo cigarros ao “filho de Othoniel”! Recitava salmos e suratas, indagava pelo “Grande Ponto”. No pico das doses mais fortes de aldol, no prelúdio do sossego, ainda agitado, subia a um dos bancos do jardim e, numa mescla de cantochão gregoriano e pregão de muezim, desandava o querido vate a declamar, com sofrível dicção, palavras e nomes de seu gigantesco vocabulário, algumas e alguns gravados por mim à época: Alá, Adonai, arrabil, Aluízio Alves, Apollinaire, Aramis, acadiano, Baudelaire, Gotardo, apocalipse, Myriam Coeli, Baal, Bel, Li Po, Vale de Josafá, Iavé, Jeová, Eloím [...]

Nas reminiscências de Laélio Ferreira, o “querido vate”, é rigorosamente descrito à moda dos anos 50: “terno de linho branco”, “gravata encarnada”, um alfinete de pérola, “sapato Fox”, “brilhantina nos cabelos”. A sua descrição contrasta com a de Sanderson Negreiros, que o conheceu já noutra época, trajando o famoso terno preto, as botas negras de coturno. Nas duas aparições, observa-se alguma coisa de barroco na imagem sorumbática do poeta.

O (re)encontro de que nos fala Laélio é caracterizado pela decadência, - “abatido, o rosto cavado pela magreza, os dedos finos manchados pela nicotina” -, correspondente a etapa dolorosa da sua vida, os últimos anos de seu exílio na Clínica de onde sairia, muito tempo depois, só para morrer.

Ao chegar à Clínica Santa Maria, encontramos uma antiga funcionária, Teresa Cristina, a Teca, como é carinhosamente tratada pelos colegas. Ela diz ter conversado muito com Walflan de Queiroz quando estava sob o efeito da medicação. Ela acredita que isso foi

possível por causa do seu nome, pois o poeta havia amado, em outros tempos, uma mulher também chamada Tereza.

Sim, ela lhe dava atenção. Gostava de ouvir as estórias daquele homem que havia se lançado ao mar, como marinheiro de um navio e que também fora um poeta. Sempre havia o mar, os amores perdidos e Deus nas suas palavras. Um poeta preso ao passado afetivo, atado às dores amorosas que suas musas inspiradoras lhe infligiram.

O artista plástico Marcelo Fernandes, outra figura que esteve internada na Clínica Santa Maria, em algum momento da década de 80, conheceu o poeta. “Ele já estava lá quando cheguei”, afirma. Na verdade, já o tinha visto algumas vezes perambulando pela Avenida Rio Branco, já tinha ouvido falar dele.

Na clínica, cada interno tinha o seu próprio quarto. “Walflan não conversava muito”, diz Marcelo Fernandes, lembrando-se do seu comportamento, para logo em seguida acrescentar: “a não ser quando pedia cigarro, mas quando tinha o cigarro, ele se isolava, se afastava dos outros. Louco não conversa muito, fuma muito”.

Marcelo Fernandes durante a entrevista fala um pouco também da sua arte, da sua pintura, da sua técnica. O pintor se orgulha de ter inventado um giz de cera multicolorido. O seu giz parece reproduzir as cores do arco-íris. Perguntado sobre quais eram as suas influências, comenta ter lido nas enciclopédias que teve acesso a história dos grandes mestres da pintura, tendo se interessado principalmente por Toulouse Lautrec e Salvador Dali.

Quando esteve internado, ele dizia que era o “Vigia do Universo” para impressionar os outros internos. Passava horas, no pátio à noite, olhando as estrelas, identificando-as de acordo com a sua imaginação. Sua ideia era saber quais eram artificiais e naturais, quais deveriam ter surgido do Universo e da voz de Deus.

Conta-nos um pouco de sua vida. A vida de um artista andarilho. Esteve na França. Visitou o Louvre, em Paris. Diante da Mona Lisa, encantou-se. Caminhou às margens do Rio Senna. Pintou aos pés da Torre Eiffel. Esteve em Amsterdã. Conheceu a Inglaterra. Suas fotografias coladas na parede de seu ateliê registram sua passagem pela Europa. Sua cadeira onde está sentado e fumando é toda revestida de material reciclado que ele mesmo pintou. Fala rápido e gesticula muito. Sempre com um cigarro na mão. É um ser que acredita no poder da Arte. Vive da Arte e sob seus sortilégios.

O seu ateliê fica no final da Rua Cussy de Almeida, uma rua antiga, estreitíssima, preenchida de casas coloridas, simples e decoradas com seus jarros de flores dependurados nas janelas. Ele é boêmio. Ele vive sozinho, livre para pintar as telas e criar suas cores.

De repente, ao tornar a falar do poeta Walflan de Queiroz, faz uma revelação:

Era muito difícil a figura. Ele era muito explosivo. Até na hora da refeição. A gente estava almoçando e do nada ele batia na mesa. A comida voava pra tudo que é canto! E gritava muito. Xingava muito: “Allah, filho da puta!” As enfermeiras vinham acalmá-lo. Ninguém gostava até de comer perto dele por que era muita sujeira que ele fazia.

Um dos médicos que trataram de Walflan de Queiroz foi o Dr. Francisco de Assis, atualmente psiquiatra do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Ele havia conhecido o poeta muito antes de sua doença se agravar para um quadro mais problemático que exigisse uma internação definitiva.

Numa entrevista concedida em seu consultório, no próprio hospital onde trabalha, o psiquiatra comenta:

Eu lembro bem que desde 1967, quando eu comecei a cursar o Curso Médico, encontrava o poeta habitualmente na porta da Livraria Universitária. Este período não denotava nele, até por desconhecimento, qualquer manifestação clínica, psicológica ou sociológica de qualquer entidade. Admirava-o pela circunspeção, pela introspecção, pela distância afetiva que ele mantinha das pessoas. Creio ser esse o período que eu comecei a conviver com o poeta.

Nesse primeiro contato visual, Dr. Francisco de Assis observa Walflan de Queiroz como um homem introspectivo nas dependências da Livraria Universitária, ponto de encontro dos intelectuais da cidade.

Suas reminiscências vão dar ensejo a outro período da vida do poeta que ele faz questão de registrar:

Em 1974, eu comecei a trabalhar como clínico da então Casa de Saúde de Natal, por convite do professor Severino Lopes da Silva. Nesse convite, eu assumi o lugar de um dos meus colegas, chamado Dr. Soares, e a minhas funções, nesse período, passaram a ser do acompanhamento clínico de qualquer decorrência clínica que acontecesse na Casa de Saúde de Natal, - ficava na Rua Múcio Galvão, acredito que 2264, o número. Hoje é o Hospital Psiquiátrico Professor Severino Lopes da Silva. Lembro-me bem que fui chamado pelo psiquiatra dele que o acompanhava, que era o Professor Severino Lopes, na época, para dar uma opinião clínica sobre o poeta. Então, no quarto dele, quando lá cheguei, estava em apartamento, - eu nunca o acompanhei em enfermaria, apenas em apartamento, - o quarto dele era mais uma biblioteca do que um quarto hospitalar, pois havia autorização da administração do hospital para que ele colocasse seus livros e ficasse lendo, enquanto estava sendo tratado. Nesse primeiro contato, vislumbrei um paciente profundamente inquieto, ansioso e perquiridor ao ponto de levar-me, no sentido comum do termo, a “colocar-me na parede” com os seus questionamentos literários. Isso deixou-me profundamente impressionado, porque ele conhecia um assunto que particularmente eu sou apreciador, que é a filosofia grega. E ele conhecia profundamente, chegando a perguntar: “O que conhece você da filosofia grega?” Eu cheguei a dizer: “Mestre, absolutamente, nada! Apenas o desejo de um aprendiz”. E ele passou a me mostrar livros da filosofia, da literatura, da poesia grega, onde eu cheguei a tomar contato principalmente com alguns poetas. Este quadro, desse primeiro acompanhamento, era um quadro absolutamente leve, onde ele permanecia com a sua lucidez frente à patologia.

Nessa época, Dr. Francisco já estava seguro de que se tratava de um poeta taciturno. O seu apartamento no hospital era na verdade uma biblioteca, onde ele se concentra em si mesmo, em suas essenciais leituras. Passa meses ali, sendo tratado por enfermeiros e médicos.

Nos anos 90, o Dr. Francisco ainda avaliou o seu quadro clínico, ao que parece, já na clínica Santa Maria. Walflan de Queiroz já apresentava sinais clínicos bem nítidos da evolução de um quadro hebefrênico, com grave perda de peso e os sintomas da doença pulmonar obstrutiva crônica devido o consumo excessivo do cigarro.

“O cigarro é uma válvula de escape para o ansioso”, complementa o Dr. Francisco. Nessa fase final da vida do poeta já não havia a prática de um discurso coerente, lógico, centrado, racional, como num pensamento saudável. E, assim, com extremo discernimento e ética, o Dr. Francisco de Assis explica a esquizofrenia do tipo hebefrênica:

O que chama muito a atenção na hebefrenia é o período de idade que se inicia e isso foi um dado clínico constante no prontuário que havia na informação primeira que eu tive contato com ele; já havia no prontuário essa informação que eu concordei com essa informação. Os dados do esquizofrênico são comuns a todas as esquizofrenias. A perda do eu, da integridade do eu, a perda principalmente dos aspectos afetivos. Na doença mental dele, as áreas da afetividade, da motricidade e do pensamento estão alteradas. Mas não só essas áreas. A área da senso-percepção também está alterada. A senso-percepção é o que nos dá o sentido da percepção ambiental e a sintomatologia da doença mental no caso dele, - a senso-percepção -, tem uma alteração na sua representação e isso é o que produz a alucinação. Ele tinha distorção da percepção da realidade como também tinha distorção da interpretação da realidade.

Segundo o Dr. Francisco de Assis, o quadro clínico do poeta Walflan de Queiroz baseado em suas manifestações psicomotoras tem profundos reflexos na sua obra poética.

“O delírio entra como elemento da produção literária”, explica. Isso se estende a Walflan e a todos os grandes artistas que foram portadores da esquizofrenia.

Essa visão da doença na obra chama-se “patografia”. Cada artista então fará a sua “patografia” de acordo com a sua formação intelectual, com a sua origem ou com a sua cultura. No caso do poeta Walflan, a sua “patografia” final seria o delírio religioso, que aos poucos vai comprometendo esteticamente a sua poesia.

Em meados da década de 1980, fortes sinais de uma piora irreversível da esquizofrenia levou Walflan de Queiroz a uma internação que duraria mais de dez anos na Clínica Santa Maria. O psiquiatra Valdetário Ferreira Rocha, que trabalhou na clínica, recorda-se do poeta em um dos poucos momentos em que puderam trocar algumas palavras. O seu encontro com Walflan, ele resume da seguinte forma:

Conheci Walflan, conversei com ele apenas uma ou duas vezes. A conversa não evoluiu muito devido à psicose avançada de que ele era vítima, além do fato de que ele era – devido à psicose ou à sua própria personalidade – muito ensimesmado, calado, arisco. No entanto, mesmo consciente da minha mediocridade em vários sentidos, eu tinha consciência de que estava diante de um mito da poesia do RN, se bem que, falando acerca de poetas, ele não era dos meus favoritos, mesmo enquanto brilhava em sua fase mística. Mas, mesmo pouco informado acerca das preferências poéticas do “mito”, arrisquei: “Está lendo algo na nossa biblioteca, Walflan?”. Ao que ele respondeu: “Não, já li tudo que me interessa”. Voltei à carga: “Mesmo Hart Crane?” Ele levou um susto e passou a olhar para mim com um pouco mais de atenção. Antes, não olhava. “O poeta americano? Tem algum livro dele por aqui?”. “É claro. Um livro que você próprio deixou...”. Foi assim que conheci o poeta. Ele não pareceu alegre por encontrar um outro admirador do “mito poético americano”; pareceu, no entanto, um pouco surpreso, se muito. E eu não aproveitei a chance para devassar um pouco a sensibilidade e a cultura literária daquele mito que respirava à minha frente.



Para o Dr. Valdetário, Walflan de Queiroz foi uma espécie de mito da poesia potiguar. Devastado pela psicose, um sintoma característico a quase todos os tipos de esquizofrenia, esse mito deixou um rastro, deixou um mistério feito de poesia.

Durante o tratamento, Walflan de Queiroz tinha momentos de recuperação o que lhe permitia passar um tempo ao lado dos pais, mas as suas crises eram recorrentes e a medicação que ele tomava para controlar a sua doença era muito forte, exigindo a todo instante cuidados médicos. Às vezes era preciso levá-lo de volta a clínica.

Nesse sentido, as recordações de seu irmão mais velho, Wanildo Queiroz, são de inestimável valor. Aos 82 anos, viúvo, sentado em sua cadeira de balanço, na sala de sua casa, diz:

Papai [Dr. Letício Fernandes] não tinha coragem de ir. Era tão sofrido! Mamãe [Dona Raimunda Furtado] também não tinha coragem. Quem ia com ele era eu. Era um sofrimento pra mim também. Pra ele ir, precisava eu chamar a Polícia. Cansei de ir ao Quartel da Polícia falar com o Comandante da Guarda e dizer que o caso era sobre meu irmão, que quando chegasse lá, não ligasse a sirene nem nada. Aí, eles chegavam caladinhos e diziam: “Doutor Walflan, vamos acompanhá-lo até o hospital!”. Na Casa Santa Maria, o médico dele foi Doutor Agamenon, primo legítimo de papai e primo segundo meu. Na Clínica, ele tinha tudo, tanto que nós não gastamos nunca nenhum tostão. Sempre que ele ia pra lá, ficava em apartamento. Quando ele melhorava, ficava praticamente bom, aí, Agamenon, me mandava me chamar: “Wanildo, Walflan já dá pra passar uma temporada em casa”. Passava seis meses, uns sete meses e quando menos esperava vinha a recaída. Tomava a medicação escondida que mamãe botava no suco, porque se dissesse que era um comprimido, ele não tomava! Ele tomava remédios fortes! Remédios para esquizofrenia são muito fortes! Ele passou dez anos internado. Todo fim de semana, na hora da visita, eu ia vê-lo. Eu conversava com ele fumando e lendo.

Em seu exílio, isto é, devidamente internado, Walflan de Queiroz recebeu a visita de João Paiva. O poeta Sanderson Negreiros comenta o seguinte sobre esse encontro: “Me

disse João Paiva que ele perguntou por duas pessoas, - Dinarte e Sanderson ainda estão vivos?” A visita de João Paiva inspiraria o pintor e poeta Dorian Gray a escrever um poema, uma das mais belas páginas do seu livro *Cantar de Amigos* (1995). Posteriormente reproduzido em *Os Dias Lentos* (1999). Leia-se:

#### POEMA PARA WALFLAN DE QUEIROZ NO SANATÓRIO DOS LOUCOS

Não tive coragem de ver-te.  
 Soube por amigos. Rezas a um deus  
 do vídeo-tape, falas com ele em ondas  
 de energias. Trocaste os velhos livros  
 dos profetas pela cor das luz dos movimentos;  
 Deus movendo-se no espaço eterno da energia  
 apreendida. Mataste Cristo, negas Maria,  
 na qual vias as noivas e tuas amantes  
 na poesia. Lembro-me de ti em dias tão antigos  
 na infância. Um carnaval: o rosto coberto  
 por uma máscara e de repente o rosto  
 verdadeiro, único, primeiro o antecipa.  
 Volto a te ver anos depois; debaixo do braço  
 o livro preferido. Rimbaud te acompanha é teu  
 amigo. Conheces as estrelas de Verlaine  
 conversas com elas recitando.  
 São coisas de poetas e de pássaros.  
 São Francisco era teu irmão de pobreza,  
 Jó fazia-te companhia. Nunca ouvi de tua  
 boca um lamento. Os dedos nodosos,  
 a nicotina dos cigarros; os olhos penetrantes; cavo o rosto,  
 o cabelo em desalinho. Página a página  
 passavas recitando Jacques Prévert:  
 “Lembras-te Bárbara, chovia em Brest naquele tarde”.  
 Chovia em Natal também, poeta,  
 No dia em que te levaram ao sanatório.  
 Só por uns dias, disseram. Voltaste  
 Muitas vezes. Ficaste para sempre.  
 Onde poderemos encontrar teus livros agora?  
 As traduções, os poemas  
 manuscritos; onde poderemos  
 reler tuas conferências; Rimbaud, Hölderlin,  
 Baudelaire? Um estranho Deus, mais estranho  
 que Jeová que tu amaste, te espera,  
 para juntos subirem as esferas altas  
 onde só habitam os anjos e poetas.

(*Os Dias Lentos*, p. 103-104)

Os últimos dias do poeta Walflan de Queiroz revelaram uma dolorosa agonia. Ele sofreu. Havia sido internado no Hospital da Polícia Militar, onde veio a falecer devido a complicações cardiorrespiratórias. O seu corpo foi velado na capela do hospital.

O sol já estava se pondo no domingo, - 13 de agosto de 1995 -, quando o carro funerário parou em frente ao portão do Cemitério de Nova Descoberta, à Rua da Saudade, em Natal, trazendo o caixão com o corpo do poeta, morto aos 65 anos.

A família e alguns amigos acompanharam o cortejo até o local do sepultamento na quadra 14, a Rua Santo Antônio, placa de número 92, conforme consta originalmente no livro de registro. À beira do seu túmulo não houve discursos inflamados. Foi um enterro simples e discreto.

No dia 15 de agosto, uma terça-feira, dois dias depois de sua morte, o jornalista Woden Madruga, em sua coluna diária da *Tribuna do Norte*, registra uma nota breve:

Morreu o poeta Walflan de Queiroz. Foi uma das figuras mais marcantes da inteligência natalense. Poeta de formação filosófica profunda. Homem culto, poliglota, irrequieto e místico. Foi marinheiro e monge. Tinha paixão pelos filósofos alemães e os poetas franceses. Rimbaud foi a sua grande leitura poética. Morreu lendo Rimbaud, em francês, em cujo idioma escreveu vários poemas em cinco ou seis livros que deixou.

A sua descrição oferece-nos o retrato de uma das “figuras mais marcantes da inteligência natalense”. Destaca a sua importância na cena literária da cidade, reconhecendo o seu talento, as suas qualidades. Um poeta de “formação filosófica profunda”, sendo um intelectual “culto, poliglota, irrequieto e místico”. Lembra ainda que ele foi marinheiro e monge. Sem dúvida, dois aspectos bastante díspares da sua vida. De um lado, o mar e as

viagens, mas do outro, a reclusão, o silêncio contemplativo, a atmosfera espiritual, que iria muito repercutir na sua obra poética.

O poeta Walflan despertou muitas admirações por causa da sua poesia. O jornalista Ticiano Duarte, um desses admiradores, arrisca a dizer que ele foi um dos maiores talentos da sua geração e teria sido um intelectual consagrado se não fosse a doença que estragou totalmente a sua vida. “Certa vez, eu me encontrei com ele numa crise horrível, dizendo impropérios contra Jesus”. Lamenta Ticiano.

A notícia da morte do poeta aos poucos se espalhou pela cidade e tributos começaram a aparecer nos jornais. Na edição dominical, dia 03 de setembro, o professor e ensaísta Protásio Melo, em um longo e comovente artigo, intitulado “Morreu Walflan de Queiroz”, publicado na *Tribuna do Norte*, relembra suas andanças por Natal e Recife com o poeta:

Conheci-o ainda bem moço, na casa da minha sogra, de quem era sobrinho, nos almoços que seu tio, Omar Furtado, homem de posses, na época, oferecia à família aos domingos. Muito jovem ainda, falávamos sobre coisas triviais. Eu, nem de longe, suspeitando que, ali, defronte de meus olhos, dava seus primeiros passos um quase gênio do Rio Grande do Norte.

Depois então, em três oportunidades, houve a chance de nos conhecermos melhor, avaliar suas preferências literárias e filosóficas e relembrar os poetas universais.

Lembro-me bem. Na despedida do professor Wayne Taylor, 1º Diretor Cultural da antiga SCBEU de Natal, fiz uma saudação ao mesmo e falei num poeta americano, Hart Crane, que Walflan não conhecia ainda. Recitei uma estrofe do autor da “Ponte”. Walflan ficou entusiasmadíssimo com o novo conhecimento que lhe proporcionei e depois, várias vezes, eu era solicitado pelo mesmo a repetir a estrofe que terminava falando nos “Candelabros de São Salvador”.

Depois foi no Recife. Ele estudante de Direito, naquele ambiente ainda propício aos vãos literários e as discussões sobre filosofia. Eu, estagiário em Seminário de Língua Inglesa na Sociedade Cultural Brasil Estados Unidos na Rua Sete de Setembro. Encontrava o poeta no Hotel Central e dali, íamos ao velho Recife, dentro da noite Pernambucana, tomar chopp e sentir o burburinho do ambiente, com seus “bonecos

horrendos”, como dizia Pitigrilli, nos anos 20. Ali falávamos sobre nossos temas preferidos, Rimbaud e seu “Bateau Ivre” que sabia quase todo de cór, o genial poeta inglês Percy Shelley e seu amigo John Keats, por quem tinha também profunda admiração e o alemão Rainer Maria Rilke, que recitava em português.

Tivemos também encontro memorável em Natal, quando inventei de dar aulas de alemão, por iniciativa do judeu Moises Starek, no Centro Israelita. Preparava as aulas cuidadosamente e, todo dia, de tarde, lá ia eu para a minha missão que desempenhava com dificuldade e, em pouco tempo – o judeu era quase gênio também – os dois alunos sabiam mais do que o professor. [...]

Dos nossos encontros mais agradáveis, antes da doença que o atacou, foram as nossas noites e manhãs na Redinha, ao tempo de nossas férias do fim do ano. Durante todas as semanas do veraneio, vinha até meu alpendre, de manhã e de noite, para conversar e discutir poesia. Estudava o tema e ficava escutando os borbotões de conhecimento que jorravam à minha frente, em duas ou três línguas. Fumava muito mas não bebia. Fato curioso: Não gostava muito dos poetas dos Estados Unidos, com exceção de Hart Crane, preferindo sempre os poetas britânicos.

Walflan, nos últimos anos de vida, era um poeta angustiado, e retratava isso na sua poesia. Veja-se o que diz dele o professor José Melquíades: “É um poeta do mar, das noites orvalhadas, dos ventos suestes que prenunciam a aurora. Sua lira é terna, sensível mas pungente, às vezes”. [...]

O poeta Sanderson Negreiros, que revisitou em vários artigos aspectos da obra e da personalidade literária de Walflan de Queiroz, despediu-se com as seguintes palavras:

Fui vê-lo pela última vez deitado num caixão mortuário sob a luz matinal da pequena Capela da Polícia Militar. Morrera depois de longa temporada, de mais de dez anos, numa casa de saúde. Seu sobrinho e anjo da guarda, Gilson Pereira, colocou-o entre suas mãos inertes o último livro que lia no instante da morte súbita, ao sofrer um ataque cardíaco. O livro era o esperado: “As Obras Completas” de Rimbaud. O destino os unia na vida e na morte, para o encontro definitivo da eternidade. E Walflan se foi, segurando seu livro preferido entre as mãos calcinadas.

Às 17 horas do dia 19 de agosto de 1995, um sábado em Natal, Padre Lucas Batista, da Paróquia Nossa Senhora das Graças, celebrou a missa de 7º dia, na aconchegante Capela

do Colégio Imaculada Conceição, que contou com a presença de familiares, autoridades, jornalistas e intelectuais.



Nascido em São Miguel, cidade que leva o nome do Arcanjo bíblico, encravada na Serra do Camará, no Rio Grande do Norte, a 31 de maio de 1930, Francisco Walflan Furtado de Queiroz é o terceiro filho do casal Raimunda Furtado de Queiroz e Letício Fernandes de Queiroz. Seu nome de batismo, escolhido por sua mãe, é uma promessa a São Francisco de Assis, o santo dos humildes.

Numa viagem de trem, quando veio passar em São Miguel, Letício Queiroz conheceu na estação da cidadezinha de Taipu, aquela que viria se tornar a sua esposa, Raimunda Furtado. Naquela época, conta-nos Wanildo Queiroz, “as moças que moravam na cidade sabiam o horário que o trem chegava e corriam para estação para ver os rapazes em sua grande maioria universitários”. E assim eles se conheceram. Trocaram cartas. O namoro resultaria em casamento em meados da década de 20.

Letício Fernandes de Queiroz, natural de Luís Gomes, vizinho a São Miguel, numa região também serrana, formou-se em farmácia, no Recife, seguindo as aspirações do pai, Manoel Cavalcante de Queiroz, um prático de farmácia. O avô paterno de Walflan não chegou a cursar uma faculdade, mas manipulava remédios.

A São Miguel, onde Walflan de Queiroz e seus irmãos nasceram, aparece eternizada no livro de memórias, *A Vida em Clave de Dó*, da escritora Zenaide Almeida Costa. Nas primeiras décadas do século XX, ela se reporta a sua própria infância, descrevendo a cidade:

A vila de São Miguel, no cimo da serra do Camará, numa altitude de mais de 700 metros acima do nível do mar, onde o sol nasce mais cedo e desaparece mais tarde, fica na Zona Oeste do Rio Grande do Norte e tem um clima frio e seco, mantendo sempre a temperatura agradável que varia dos 13° aos 23° C. A vegetação, numa variedade de aroeiras, paus-d'arcos, canafístulas, marmeleiros e mandacarus, dá a região uma beleza singular, pela mistura com a cor e característica da terra, toda cheia de morrinhos vermelhos – “murundus”, como são chamados – simétricos no tamanho e na distância entre si, servindo para a mediação entre as propriedades. Esses morros, com aproximadamente dois metros de altura e quatro de diâmetro, são férteis na camada superior e completamente estéreis na inferior, que é composto de uma cinza (vulcânica) de química e origem desconhecidas. Os dias bonitos, as tardes lindas, as noites, enluaradas ou escuras e muito frias. O céu, muito azul e claro, está sempre salpicado de nuvens brancas e transparentes, que passeiam lentamente de um lado para outro, carregadas pelo vento. (COSTA, 2005, p. 16)

Trata-se de fato de uma descrição detalhada em que vem à tona a paisagem arquetípica, a sugestão de profunda antiguidade. A vila centralizada numa serra, bem acima do nível do mar. Vista de morros, rochas. O clima frio e seco. A vegetação diversificada.

Nessa cidadezinha descrita com verdadeira intensidade pela escritora Zenaide Almeida Costa nasce o primeiro filho de Letício Queiroz e Raimunda Furtado, Wanildo Furtado de Queiroz, - a 10 de outubro de 1926 -, e trará muito orgulho a essa família, pois como seu pai, veio a se tornar farmacêutico, tendo cursado, em Natal, a Faculdade de Farmácia. Em 1928, nasce Josefa Arimah Queiroz, única filha do casal.

As primeiras lições se realizaram sob a orientação de uma professora particular, em São Miguel. Logo depois, Letício Queiroz se mudou com a família para o município de “Baixa Verde”, atual cidade de João Câmara. Os Queiroz moraram ainda em Taipu, cidade onde nasceu e se criou Dona Raimunda, antes de se mudarem definitivamente para Natal, no final dos anos 30, passando a residir na Avenida Deodoro, n. 429.

Walflan de Queiroz irá recordar, muito tempo depois, num depoimento concedido ao jornalista Gumercindo Saraiva,<sup>4</sup> a infância bucólica, na fazenda de seus avós maternos, Teófilo Furtado e Dona Maria Furtado. E, assim, faz ele próprio o registro dessa fase de encantamentos: “Passei minha infância em Taipu, tomando banho no pequeno rio e andando a cavalo. Recordo-me ainda do cordeiro que possuía. Era marrom e tinha uma lista branca na testa”. A paisagem rústica da propriedade dos seus avós caracterizada pela imagem do rio, do cavalo e do cordeiro tinha muito a oferecer a uma criança sensível. A ternura dessa paisagem lhe deitou raízes indeléveis.

Os primeiros sinais dos transtornos psíquicos em Walflan de Queiroz começaram a surgir aos 12 anos de idade, segundo o próprio depoimento de seu irmão, Wanildo Queiroz. O primeiro médico que lhe atendeu, em Natal, foi o psiquiatra João Machado. Walflan viajou com o seu pai, Dr. Letício Queiroz, até São Paulo, onde também se submeteu a uma série de consultas e exames realizados por uma equipe especializada em distúrbios nervosos.

---

<sup>4</sup> Sua reportagem, “Walflan de Queiroz – o poeta sob o olhar de Deus”, foi publicada no jornal *Tribuna do Norte* a 3 de maio de 1977. Nela, o poeta faz uma retrospectiva de sua vida e de sua obra. Em outros momentos, retomamos essa mesma reportagem.



O farmacêutico aposentado, Wanildo Queiroz, deixa estas impressões sobre o seu irmão:

Ele era muito estudioso. Gostava de latim, francês. A língua dele predileta mais era o francês, falava fluentemente; inglês também ele falava muito bem. Ele lia muito. Walflan era muito estudioso! Ele só se preocupava com os estudos. Ele praticava esporte também. Ele praticou esporte comigo no Centro Náutico Potengi: natação e remo. Mas eu me lembro que ele ficava mais em casa. Era num quarto separado, só pra ele. Ele não gostava de zoadas. Era dia e noite estudando, lendo, só lendo. Eu me lembro que tinha a cama dele, tinha a rede, tinha o birô, uma máquina de escrever que papai comprou pra ele fazer os versos e escrever para jornais também.

A descrição refere-se a um jovem recluso, reservado e compenetrado nos estudos. Um jovem que tomou gosto pelo estudo de idiomas: latim, inglês, francês. Praticá-los e traduzi-los foi o seu refúgio durante muitos anos. Um jovem atleta a praticar natação e remo, esportes aquáticos. O contato com a água. O rio e o mar, matizes temáticas do destino poético que lhe aguarda. Duas forças imaginantes que se configurarão em sua poesia. Walflan, em sua juventude, nadando no Rio Potengi, participando das regatas, disputando medalhas, nos fins de semana, em dias de sol, patrocinadas pelo clube. Mais tarde, o marinheiro mercante que se perdeu entre ilhas e países da América Latina.

Outro depoimento é o do escritor e historiador Lenine Pinto, que, numa manhã de setembro, interrompeu os seus trabalhos para nos conceder uma entrevista. Em seu escritório, no Condomínio Residence, Lenine, como prefere ser chamado, falou sobre Walflan de Queiroz:

Eu tive a sorte de morar na vizinhança de Walflan, na [Avenida] Deodoro da Fonseca. Eu morava quase em frente da casa dele. E ali, de repente, começamos a conviver, a sairmos juntos, principalmente nas manhãs de domingo. Saíamos caminhando pela praça Pedro Velho, pela Avenida Floriano Peixoto. Andávamos por essas redondezas, e eu tinha muita inveja de Walflan por que ele era muito arrumadinho, muito bonitinho, e aquelas moças que moravam por ali, aquelas meninas, davam muita atenção a ele, e nenhuma a mim. Ele era disputado, as moças gostavam de conversar com ele. Ele era uma pessoa agradabilíssima. Daí a nossa amizade aumentou, ele passou a freqüentar festas do Aero Clube, íamos juntos. Nós nos encontrávamos todas as noites, ficávamos conversando sentados no meio fio da calçada da minha casa. Ficávamos conversando até altas horas. Algumas vezes saíamos para a zona, íamos para a [Rua] Quinze de Novembro [Ribeira]. E Walflan nessa época tinha uma paixão, já tinha começado uma coisa meio estranha com ele, é que ele apaixonou-se por uma cantora de rádio, Marly Rayol. Ele era apaixonado por ela, tanto que ele ia para a zona e transava com aquelas prostitutas, chamando elas de Marly. Depois ele mesmo me contava isso, que tinha a sensação de que estava com a Marly nos braços. Marly era irmã de Aguinaldo Rayol, ela cantava na REN, a Rádio Educadora de Natal.

Lenine comenta também um fato bastante inusitado que teria acontecido com Walflan de Queiroz, em Natal, durante a Segunda Guerra Mundial:

Era um cassino dos oficiais, tinha alojamentos para altas autoridades. Numa noite ele foi avisado de que teria de acordar um hóspede. Só não entraram em maiores detalhes. Ele realmente não estava sabendo que aquela pessoa era o general Eisenhower. Às quatro horas da madrugada ele dormiu. Ele foi demitido por causa disso. Walflan dormiu!! Chamava-se Cassino, mas não era um cassino de jogos. Tinha salões onde havia grandes festas e esses alojamentos.

A paixão platônica pela cantora Marly Rayol e o fatídico episódio no cassino de uma base militar fariam de Walflan de Queiroz personagem de livros do historiador Lenine Pinto. No livro *Natal, USA*, Lenine escreve:

Era Walflan o “bell boy” dos apartamentos existentes no prédio do Comando, destinados a altas patentes militares e autoridades civis em trânsito, porém com a queda do movimento habituara-se a puxar longos cochilos enrolado numa bandeira americana, que assim o protegia do frio noturno. Às 4 da madrugada primaveril do dia seguinte, ele deveria ter batido na porta de Eisenhower, e pronunciado a frase de praxe: “Wake up, Sir!”. No entanto, tal qual me contou, estava embalado num sonho romântico com Marly Rayol, e simplesmente perdeu a hora (e o emprego). (PINTO, 1995, p. 193)

Em Natal, Walflan de Queiroz estudou o primário no Colégio Pedro II e, posteriormente, fez o Ginásio e o Clássico no Atheneu Norte-Rio-Grandense, situado à época, na Rua Junqueira Aires. Por várias décadas, essa escola foi uma referência na qualidade do ensino pela sua própria tradição, pois tinha o melhor corpo docente, e também por certo espírito liberal no tocante aos ideais políticos que existia entre seus professores e estudantes.

No Atheneu, um dos colegas de turma de Walflan de Queiroz, foi Dalton Melo de Andrade. Dalton, como prefere ser chamado, engenheiro já aposentado, guarda muitas lembranças do amigo, que faz questão de relatar. Ele nos recebeu em seu apartamento numa manhã de verão, no bairro do Tirol. Perguntado sobre o que lhe vinha à mente quando se falava no nome de Walflan, nos tempos de escola, ele respondeu:

Me vem a mente a forma como ele convivia conosco, praticamente isolado. Ele não era de fazer muitas amizades. Ele era muito introspectivo. Ele não era egoísta, talvez fosse tímido no relacionamento com os colegas. Sempre com um livro debaixo do braço, sempre lendo. E tinha um livro que ele passou um tempo enorme, levando para a escola, o Atheneu, onde estudávamos. De vez em quando, ele nos mostrava o livro, que era *Imitação de Cristo*. Eu me lembro como se fosse hoje, porque era o livro que estava constantemente na mão dele. Ele desenvolveu talvez em função disso uma religiosidade. Walflan nesse aspecto tinha uma filosofia diferente da nossa, porque éramos jovens e estávamos preocupados em se divertir, mas ele não, ele era calado, lendo o seu livro. Tinha fases em que

ele se concentrava em certas coisas. Esse [livro] *Imitação de Cristo* eu me lembro que foi uma fase longa. Ele o levava quase todos os dias para a escola. A gente ficava no intervalo de aula, e ele lendo o livro o tempo todo. Ele era de fácil relacionamento se fosse procurado. Ele atendia sem nenhum problema, conversava e tal, mas não tomava a iniciativa, era mesmo isolado. Ele era muito preocupado com as coisas de que gostava, que fazia, como as poesias. Às vezes ele levava as suas poesias e lia para a gente.

Dalton comenta também sobre a presença dos americanos na cidade e como essa presença repercutiu no comportamento dos natalenses, inclusive na escola. No Atheneu, diz ele, “todos torciam pelos Aliados” e acrescenta:

A guerra trouxe para nós um choque muito grande pela modificação que Natal sofreu em razão da presença dos americanos. Mudou a moda de viver, o modo de ver as coisas. Todo mundo passou a estudar inglês. Em 1942, quando nós entramos no Atheneu usávamos uma farda militar: calça cáqui, sapato preto, meia preta, uma túnica com aqueles botões bordados e quepe. Só podia ir para a aula com aquela farda, de camisa branca e gravata preta. Mas já, no último ano, do Atheneu, a gente ia para a aula de calça jeans, camisa por fora da caça e alpercatas.

Nos recônditos da sua saudável memória, Dalton vai buscar um a um os nomes de seus professores:

Tínhamos bons professores no sentido de comunicação com os alunos. E a gente se recorda deles com muito carinho: Alvamar Furtado, Clementino Câmara, Celestino Pimental, Esmeraldo Siqueira, Edgar Barbosa, Luis da Câmara Cascudo, Dr. Floriano Cavalcante, Álvaro Navarro, Pedro Soares, Dr. Gentil Ferreira, professor de matemática, Antônio Pinto de Medeiros, Dr. Otílio Dantas, professor de desenho.

As suas lembranças não se restringem à época do Atheneu, pois elas vão muito além disso. Dalton se recorda de uma viagem que fez na adolescência com Walflan:

Outro fato interessante que eu tenho para mencionar sobre Walflan é uma viagem que nós fizemos para o Rio de Janeiro no começo de 1949. Eu ia fazer vestibular de engenharia e ele ia fazer vestibular para Direito, mas que depois ele fez em Recife. De Natal, saímos de navio, - naquele tempo as comunicações eram mais difíceis, ou avião, que não era tão comum ou então de navio, porque era mais acessível -, eu me lembro do nome do navio, porque foi a primeira viagem que eu fiz, era o “Itanajé”, era um navio da companhia costeira. Saímos programados para chegar a tempo para realizar a matrícula para fazer o vestibular, mas o navio atrasou durante a viagem e quando chegamos já tinham fechado as matrículas. Então, resolvemos ficar no Rio, mas nós nos apartamos porque eu arranjei um emprego e fui morar num lugar e ele noutra. Convivemos só durante a viagem. Walflan foi muito ajudado por Dinarte Mariz, que lhe deu um grande apoio lá no Rio nessa ocasião. Mas ele teve uns problemas, desapareceu, sumiu, a sua família em Natal ficou preocupada até que depois foi encontrado numa rua, dormindo na praça em cima de um banco. Houve também um fato cômico, que eu me lembro agora, porque nós poderíamos nos considerar nesse caso como “depositários infieis”. Deram-nos um bolo para ser entregue a alguém no Rio, mas no meio do caminho resolvemos comê-lo. Não seria possível aguentar esse bolo diante de nós durante dez dias. Era uma viagem longa. Outra coisa: o navio parava em todo canto. Parou em Cabedelo, parou em Recife, parou em Maceió, parou em Salvador. Era um navio de passageiros e cada um tinha o seu camarote. Eu fiquei com Walflan num camarote. Era confortável, agradável, a viagem foi boa!

Em seu livro, *Anotações do meu Caderno*, o jornalista Ticiano Duarte, na crônica, “A turma de 47”, evoca os tempos de colégio no Atheneu, e lembra-se de Walflan entre os estudantes, participando de uma eleição que iria eleger o novo presidente do Centro Estudantal, uma espécie de grêmio literário, onde os estudantes discutiam política, literatura, poesia:

Nessa época houve a célebre eleição para o Centro Estudantil, disputada por Valtércio Bandeira de Melo, Darí Dantas e José Geraldo de Vasconcelos, este último da minha turma. Foi uma batalha eleitoral estudantil muito bonita, revelando vocações políticas que começavam a aparecer. Do lado de Valtércio, que ganhou a eleição, estavam Joaniilo de Paula Rego, Nabor Maia, Ney e Ivan Marinho, José Guerreiro, Walflan Queiroz, Luiz Bezerra, José Fagundes. Do lado de Darí Dantas, a turma da casa do estudante, à época na rua Seridó: Wellington Xavier, Djalma Nunes, Pedro Américo do Nascimento, Geraldo Lago. Do lado de José Geraldo Vasconcelos estavam Cleudo Pignataro, Aluizio Menezes de Melo, José Pinto Freire. (DUARTE, 2000, p. 162)

O interesse pela política estudantil assim como pelas ideias sociais, pela utopia marxista domina Walflan e muitos de seus colegas. Mais tarde, nos anos 60, ele escreveria um artigo na *Tribuna do Norte*, a respeito de alguns aspectos da sociologia marxista do pensador russo Plekhanov.

Nesse sentido, não menos interessante é a recordação de que guarda o jornalista Woden Madruga, numa entrevista concedida na sua casa, no Barro Vermelho, em Natal. Woden, aos 74 anos, de barbas brancas, camisa social, calça de linho branco, parece um oráculo que sabe de tudo sobre a cidade onde vive e seus personagens. Em suas mãos, alguns livros do poeta, autografados para ele, que nos mostra com orgulho e zelo. Eis o que nos conta:

No final de 45 [1945], eu tive o primeiro contato visual de Walflan. Eu devia ter em torno de nove anos de idade. O meu pai [José Coutinho Madruga] era cafeeiro extremado, quer dizer, seguia a orientação ideológica e política de Café Filho, que estava de volta ao Rio Grande do Norte, candidato a Deputado Federal, pelo Partido Social Progressista [PSP]. Ele [Café Filho] criou o Jornal de Natal, que funcionava na [Avenida] Rio Branco, em um prédio que não existe mais. Eu fui visitar Café Filho, que havia reunido o seu grupo, porque papai queria que eu o conhecesse. Uma coisa interessante: quando eu nasci, Café Filho estava exilado na Argentina. Foi a primeira vez que eu entrei num jornal, que era dirigido por Sandoval Wanderley. Era um casarão austero. Tinha várias

salas, secretarias, tinha o diretório do partido e em uma dessas salas havia um grupo de políticos, de senhores, e um jovem estudante, discutindo com esses homens adultos. Mais tarde, eu vim saber que aquele estudante, que aquele jovem, prendendo a atenção daqueles senhores era Walflan de Queiroz. Ele participava das reuniões políticas nas convenções que se realizavam naquele tempo no Teatro Carlos Gomes. Ele discursava no camarote à moda Castro Alves. Então, esse é o primeiro sinal, o primeiro desenho da memória que eu tenho de Walflan.

Em um clima político bastante conturbado, Woden Madruga, na sua infância, avistou pela primeira vez Walflan de Queiroz, um estudante do Atheneu. Em 1945, a deposição de Getulio Vargas representou o fim de um período de autoritarismo, ou seja, em termos simbólicos, o fim da ditadura getuliana. Teve início no país a luta pela anistia e, ao mesmo tempo, um processo de redemocratização através da reabertura dos partidos. No Rio Grande do Norte, destacavam-se o Partido Social Democrático (PSD), chefiado por Georgelino Avelino; a União Democrática Nacional (UDN), que fazia oposição ao primeiro, representada por José Augusto Bezerra de Medeiros e Dinarte Mariz; havia ainda o Partido Social Progressista (PSP), cuja liderança estava a cargo de João Café Filho. Esse era o quadro político, as forças partidárias que, naquele momento, emergiam tanto no cenário nacional como nos diretórios regionais.

Walflan de Queiroz à maneira do poeta romântico Castro Alves, em meio a discursos e explanações, com os correligionários de João Café Filho, mostra-se um líder, de espírito inquieto, engajado nas lutas político-ideológicas. O ano seguinte, - 1946 -, foi de preparação para a eleição ao governo do Estado, que ocorreu em janeiro de 1947, disputada acirradamente por José Augusto Varela (PSD) e Floriano Cavalcante de Albuquerque (UDN). Os ecos das campanhas e das passeatas chegavam aos corredores do velho

Atheneu, mobilizando os jovens, que se dividiam em opiniões, formando comitês para discutir posições e acompanhar de perto as disputas eleitorais.

Na década de 1950, Walflan de Queiroz filiou-se ao partido da União Democrática Nacional. Nas eleições de 1955, para o cargo de governador do estado, participou fervorosamente da campanha vitoriosa do então senador Dinarte Mariz. Seu irmão Wanildo Queiroz comenta: “Dinarte elogiava muito a inteligência dele. Viajou o Rio Grande do Norte inteiro ao lado de Dinarte.”.

Dinarte Mariz tinha realmente admiração pela inteligência e pela palavra fluente de Walflan de Queiroz, que revelou-se numa convenção da antiga UDN, em meados dos anos 40, no Teatro Carlos Gomes, atual Teatro Alberto Maranhão, onde o jornalista Woden Madruga, conforme depoimento, ainda garoto, tinha-o visto pela primeira vez.



Walflan de Queiroz cursou a tradicional Faculdade de Direito do Recife. Seu pai, Dr. Letício, conseguiu mantê-lo numa pensão pagando as suas despesas. De 1950 a 1955, Walflan morou na cidade, passando os finais de semana em Natal com a família. Nesse período, há relatos vagos de que ele teria tido crises nervosas algumas vezes, tendo sido até internado. De todo modo, diplomou-se em Direito, obtendo o título de Bacharel, no dia 23



de dezembro de 1956. Tinha vinte e seis anos. Reza a lenda que ele nunca exerceu a profissão.

Em Recife, fez amizades e, ao que parece, deixou uma imagem muito forte para uma jovem aspirante à poesia. No dia 28 de dezembro de 1958, o jornalista Berilo Wanderley publicou em sua coluna “Revista da Cidade”, no jornal *Tribuna do Norte*, um poema enviado por um amigo seu de Recife.

O poema escrito por Leonice Ferreira dos Santos é endereçado a um “poeta de Natal”, conforme Berilo diz, sem ainda saber de quem se tratava. É, a rigor, um poema sem grandes qualidades estéticas, mas interessa-nos especialmente por que tem como tema a figura de Walflan.

#### **POEMA PARA WALFLAN DE QUEIROZ, O AMIGO TRISTE**

Amo a todos aqueles que se sentem  
perdidos e sós no meio da vida.  
A todos os que não podem dizer  
da sua angústia e da sua solidão.  
Amo a todos aqueles que desesperados partiram cedo  
porque jamais encontraram um amigo.  
Amo a todos os que sonharam em vão.  
Amo a todos aqueles que buscaram,  
numa tentativa de realização,  
a resposta ao eterno anseio do espírito.  
Amo a todos aqueles que nunca foram amados  
e tiveram as suas palavras desprezadas.  
Amo a todos aqueles que são tristes  
na constante procura de si mesmos.

O primeiro aspecto do poema é o seu título endereçado a Walflan de Queiroz, o “amigo triste”. Quanto à autora, ela é uma incógnita. Seu poema revela a pureza da emoção. Sua linguagem simples expressa sentimentos.

O verbo “amar” traduz o que o eu lírico sente em relação aqueles que estão em busca de respostas para o sentido de suas angústias. Sendo assim, é um sentimento de compaixão com aqueles que estão marginalizados e sozinhos, perdidos e desprezados, que nunca foram amados.

O poema de Leonice serviu para que Walflan de Queiroz fosse até a redação do jornal *Tribuna do Norte* conhecer o jornalista Berilo Wanderley, uma figura boêmia, romântica e carismática, o poeta do *Telhado do Sonho*, único livro que publicou em vida.

Não tardou para sair poemas de Walflan de Queiroz na “Revista da Cidade”, coluna assinada por Berilo Wanderley no *Tribuna do Norte*, como sabemos. Assim, no dia 5 de fevereiro de 1959, Berilo publica um poema de Walflan:

#### **CANTO DO MAR E DA SOLIDÃO**

Oh! Meu mar sempre desejado e nunca encontrado!  
 Há uma fonte que me espera para nela eu cantar um hino à solidão.  
 Há uma mulher que me espera para juntos provarmos a inocência de Deus.  
 Meu mar é feito de angústias, de esperanças sem lembranças.  
 Oh! Meu silêncio!

O poema depura os temas em formação de sua poética, como, por exemplo, o mar, a solidão, a mulher. Pelo ano da publicação deste poema, sabemos que o poeta estava preparando o seu primeiro livro, *O Tempo da Solidão*.

A metáfora do mar é subjetiva. O “meu mar”, como diz o eu lírico, representa a busca, a procura, condensando a sua angústia, o seu pessimismo. O mar, a fonte e a mulher são os elementos que o poeta aspira. Pelo teor sugestivo das imagens e dos símbolos, evidencia-se principalmente, o aspecto simbolista do poema.

Por outro lado, a textura de seus versos é prosaica e assim parece que atende melhor ao fluxo de seu pensamento. Esse é o seu estilo. Seus versos sem rima, sem métrica alguma, característica de toda a sua poesia.

A “Coluna de B.W.”, como depois passaria a se intitular, no dia 23 de março de 1962, traz uma nota resumida no singelo título “Walflan, o poeta”. Leiamos o que o cronista escreveu:

Walflan de Queiroz é um poeta, no modo de viver e nos versos que escreve. Enquanto o mundo se preocupa com a conferência de Genebra e o Brasil anda acuado com a esfinge Jânio e as incertezas do parlamentarismo, o poeta Walflan vai olhar o mar e depois volta até o centro da cidade, entra no “Cisne”, pede uma cerveja e vai conversando com quem chega sobre poetas norte americanos, de preferência Allan Poe e Hart Crane. [...]

As palavras de Berilo mostram a existência de um poeta integrado ao seu próprio mundo. Walflan de Queiroz é um contemplativo. Seus olhos miram o mar. Seus olhos miram o silêncio, o vazio. Do mar para a confeitaria “Cisne”, antigo bar de boêmios, que não existe mais, ao fim da rua João Pessoa. Uma nova imagem surge dele, bebendo uma cerveja. Na “Cisne”, escreveu Protásio Melo, em tom de galhofa, “se tramavam coisas e até golpes políticos”. Era onde se reunia a “nata da boemia natalense”, escreveu Odilon de Amorim Garcia. Nesse tempo, havia também a sorveteria “Cruzeiro”, o “Acácia Bar” e o “Botijinha”, um bar frequentado por toda sorte de gente.

Não é difícil imaginar que Walflan andava por esses ambientes. Seja lá como for, está bem resumido na frase: “É um poeta, no modo de viver e nos versos que escreve”. Um dado histórico da trama política internacional, como a conferência de Genebra, ou mesmo

até a situação interna no Brasil, presidido por Jânio Quadros, as “incertezas do parlamentarismo”, como forma de governo, enfim nada disso lhe interessa. Temos, portanto, a impressão de alguém que vive em estado permanente de evasão, indiferente ao noticiário da sua época.

No dia 5 de abril de 1962, a “Coluna de B.W.” pede ao poeta Walflan para escrever a respeito do tema “As coisas boas da vida”. Eis, então, a sua carta enviada ao jornal:

Viagem bem feita à Europa ou Estados Unidos; amar a inteligência criadora, as obras de nomes como Shakespeare, Blake, Shelley, Keats, Hart Crane e Rimbaud, e fazer dessa afeição o nosso próprio modo de ver o mundo e compreender a vida; amor e verdade, beleza e sentimentos elevados, para o que necessitamos de encontrar uma Eurídice, a mulher desejada, mesmo que para encontrá-la tenhamos que descer ao inferno, como Orfeu; enfim penso como meu grande amigo Shelley: “Life, like a dome of many – coloured glass, Stains the white radiance of Eternity”.

A coluna “Fatos sem fotos”, do jornal *Tribuna do Norte*, há algum tempo, vinha fazendo um “inquérito literário”, onde o escritor potiguar tinha que responder a seguinte pergunta: “Quais os dez livros, nacionais e estrangeiros, que você indicaria para um rapaz de 18 anos formar a sua biblioteca?” No dia 21 de setembro daquele ano de 1962, foi a vez do poeta Walflan de Queiroz responder a enquete, indicando as seguintes obras:

*Estudos Alemães* (Tobias Barreto); *A Base Física do Espírito* (Farias de Brito); *Pascal e a Inquietação Moderna* (Jackson de Figueiredo); *Poesia Completa* (Murilo Mendes); *A Psicologia da Fé* (Padre Leonel Franca); *Confiteor* (Paulo Setúbal); *História da Literatura Brasileira* (Sílvio Romero); *A Vida de Jesus* (Plínio Salgado); *Os Sertões* (Euclides da Cunha); *Poemas* (Deolindo Tavares). Estrangeiros: *O Coração* (De Amicis); *Por onde Passam os Anjos* (Daniel-Rops); *O Fio da Navalha*

(Somerset Maugham); *Anna Karenina* (Tolstói); *Os Irmãos Karamazov* (Dostoiévsk); *O que Jesus Via do Alto da Cruz* (Sertillanges); *A fonte* (Charles Morgan); *Judas, o Obscuro* (Thomas Hardy); *A Morte em Veneza* (Thomas Mann); *Uma Estação no Inferno* (Rimbaud).

A lista que Walflan de Queiroz fornece à coluna recai sobre as suas próprias influências, refletindo as suas próprias leituras. Mostra-se um leitor profícuo, eclético. De Tobias Barreto ao poeta pernambucano Deolindo Tavares, de espírito angustiado, morto prematuramente aos 24 anos, passando por referências que denotam preocupações de toda ordem, místicas e estéticas, como Farias de Brito, o poeta Murilo Mendes, o Padre Leonel Franca, Plínio Salgado, etc. Nas obras estrangeiras mencionadas destaca-se também a heterogeneidade de suas leituras. O gosto pelos romancistas: Tolstói, Dostoiévski, Thomas Hardy, Thomas Mann.

## Serenata no Cemitério do Alecrim



Um dos episódios mais obscuros protagonizados pelo poeta Walflan de Queiroz ocorreu por volta de 1948 ou 1949, uma vez que a escassez de documentos dificulta fixar a data com segurança.

Walflan, o estudante boêmio, dionisíaco, egresso do Atheneu, entediado com o marasmo da cidade, acompanhado de alguns amigos, entre 18 e 19 anos, (re)viveu numa certa noite, uma “jornada byroniana” no Cemitério Público do Alecrim, o mais antigo de Natal.

Numa crônica, o então repórter do *Diário de Natal*, Djalma Maranhão, evoca esse episódio de um modo muito peculiar, escrevendo sobre os intelectuais e os boêmios que afluíam a “esquina famosa”, a Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata. No dia 17 de abril de 1949, em seu estilo irônico e envolvente, informa:

[...] Antonio Pinto não é, mas muita gente o considera existencialista. Graças à sua influência, dois jovens de menos de 20 anos, o poeta Joanilo de Paula Rego e o sociólogo (a classificação vai por conta do deputado José Augusto) Walflan Queiroz, fizeram uma serenata no cemitério, declamando versos “a la Castro Alves” aos austeros mausoléus e diante das tumbas rasas, sendo por isso ameaçados de processo como profanadores de lugares sagrados... O sociólogo Walflan é dado a meditações e fica horas seguidas, sombrio e isolado, pensando ou fazendo

que pensa, nas proezas de Zaratrusta, ou assimilando o pessimismo mórbido de Schopenhauer. Pinto e os seus pupilos andaram inventando modas. Não botam açúcar no café com a colher, derramando desleixadamente o açucareiro na xícara. O laço da gravata deles é diferente e mais um mundo de outras coisas semelhantes.

O poeta e crítico literário Antônio Pinto de Medeiros, mencionado na crônica de Djalma Maranhão, foi uma dessas figuras de destaque na imprensa do Estado. Publicou, em vida, dois livros influenciados pela poética de 45, *Um Poeta à Toa* (1949) e *Rio do Vento* (1951). Tinha horror a literatos de mentalidade tacanha e provinciana, assinando a coluna “O Santo Ofício”, com o pseudônimo sugestivo de Torquemada, no suplemento literário *O Poti*. O escritor Tarcísio Gurgel, em seu livro *Informação da Literatura Potiguar*, o chamou de “inquisidor da mediocridade”, reconhecendo a exigência da sua crítica.

Antônio Pinto, sem dúvida, deve ter influenciado os seus “pupilos” através da literatura. A sua influência se deve inicialmente por sua passagem, como professor do Atheneu, onde estudaram Walflan de Queiroz e Joani de Paula Rego.

Djalma Maranhão, em sua crônica, diz que Walflan de Queiroz é um “sociólogo”, sendo o termo creditado ao deputado José Augusto. Na verdade, nunca foi sociólogo. Apesar disso, diz que ele e Joani andaram declamando versos “a la Castro Alves” diante dos “austeros mausoléus” e “tumbas rasas” do Cemitério do Alecrim.

Visível também a referência um tanto sarcástica do jornalista ao afirmar que Walflan “é dado a meditações”, permanecendo horas “sombrio e isolado”, e ainda “pensando ou fazendo que pensa, nas proezas de Zaratrusta, ou assimilando o pessimismo mórbido de Schopenhauer”. O seu olhar descritivo aponta ainda para o modo como se

comportavam nos cafés e se vestiam os jovens poetas sob a tutela de Antônio Pinto de Medeiros.

A serenata, com algumas variações de natureza polêmica, é amplamente confirmada também por outras fontes. O jornalista Woden Madruga, por exemplo, relatou o fato ou a versão que ouviu falar, que chegou até ele pelos jornais e, ao seu estilo, resume boa parte dessa faceta pessoal de Walflan de Queiroz com seus colegas, especialmente, com Joanilo de Paula Rego. Ouçamos:

Três ou quatro jovens daqui de Natal pularam o muro do Cemitério do Alecrim e fizeram uma serenata no túmulo da filha de Januário Cicco: Walflan de Queiroz, Joanilo de Paula Rego, Nabor Pires de Azevedo Maia, e tinha outro que eu não sei. Ninguém sabe de quem foi a ideia. Eles foram presos. Essa história é um fato real e gerou um processo que está na Justiça. A Tribuna do Norte, eu não sei de que época, publicou trechos desse processo.

À primeira vista não se trata de um relato definitivo. O jornalista Woden Madruga menciona o nome de Nabor Pires de Azevedo Maia ao lado dos poetas Walflan de Queiroz e Joanilo de Paula Rego. Informa ainda que a serenata foi dedicada para a filha<sup>5</sup> de Januário Cicco.

---

<sup>5</sup> Yvette Simões Cicco (13. 11. 1911 – 03. 02. 1937). Era a única filha do casal Januário Cicco e Izabel Simões Cicco. A sua morte trágica e precoce, aos 25 anos de idade, provocou uma grande comoção na cidade. Os jornais da época lhe prestaram vários tributos. A escritora e poetisa Palmira Wanderley publicou o seu necrológio no jornal *A República*. Descreve uma menina pura, virgem de “olhos claros”, com sua “alma de noiva”, cuja fisionomia “delicada e franzina como uma flor de Sombra”, sonhou “com a capela branca do noivado”.



O jornalista Ticiano Duarte diz que foi “uma farra que eles fizeram no cemitério”, uma “noite de boemia”, para “o túmulo da filha de doutor Januário Cicco”, resultando em um grande mal-entendido, pois foram acusados de profanadores de sepultura e por conta disso “abriu-se um processo”, e “eles foram processados”. Ticiano Duarte complementa: “Joanilo era muito amigo de Walflan!”

Veremos através da entrevista esclarecedora de Joanilo de Paula Rego os motivos que levaram à sua prisão e à de seus companheiros. Veremos também de quem partiu a ideia para fazer essa serenata.

“Walflan sempre caladão, esquisito, muito reflexivo e pensador”, recorda-se de imediato Joanilo, já octogenário, com os olhos reluzentes, os longos cabelos brancos, cuidadosamente penteados de lado, recostado ao travesseiro, sem camisa, bem à vontade, balançando-se numa rede, em seu quarto, que é o seu santuário, pois confessa ser ali o seu lugar preferido do apartamento onde mora com a esposa, a fotógrafa Lolita Rego, que fez história no ramo da fotografia social em Natal. Walflan representa para ele a recordação de uma grande amizade desde tempos do Atheneu.

Ele era como um personagem desgarrado de um céu, de um paraíso e que estava curtindo uma pena aqui na Terra. Ele transmitia logo essa impressão. Ele era místico, solitário, introvertido e amava o mistério, a transcendência, o que é eterno, o que é permanente, o que é transitório. Ele ia como um equilibrista no fio da navalha. E isso intrigava a maioria dos amigos que não sentiam o problema dele. E poucos o entendiam. Ele, então, se aproximou de mim por que pensou que eu iria entendê-lo. E realmente nós nos entendemos muito bem durante muito tempo. Conversávamos todos os assuntos, discutíamos as matérias do curso e trocávamos idéias sobre o Existencialismo. Conversávamos muito sobre isso. Éramos, neste ponto, sartreanos.

Joanilo de Paula Rego cursou Direito em Alagoas. E lá conheceu o poeta Lêdo Ivo.

Com a voz grave e pausada, prossegue:

Walflan tinha um ídolo literário que era Jean Arthur Rimbaud. Então, eu descobri por acaso um verso, um soneto de um amigo meu, Lêdo Ivo, da Faculdade de Direito de Alagoas, - nós fomos contemporâneos da mesma turma, - que era outro louco por Rimbaud! Ele tem um soneto que a gente gostava muito de declamar, eu e Walflan. Começava, assim, o primeiro quarteto: “Por um campo fantástico me vou / brutalmente pisando sobre flores / e nos meus ombros vai perdendo as cores / o paletó de Jean Arthur Rimbaud”<sup>6</sup>. O Lêdo Ivo também tem um poema que Walflan gostava muito e eu também. Fui eu que encaminhei. É a “Valsa fúnebre de Hermengarda”. Muito bonita e a gente gostava muito de declamar.

A poesia carregada de *pathos* e de existencialismo interessa a Walflan, o “anjo desgarrado da turma de Rimbaud”, como Joanilo costumava chamá-lo:

Eu dizia muito isso pra aperrear ele, eu dizia: “Você é um anjo que baixou do céu na Terra e perdeu o transporte pra voltar e está aqui alucinado, procurando caminhos como voltar à sua origem. Você é uma figura que veio de outro planeta, de outro hemisfério!” Ele sempre me convidava para a gente ter conversas delirantes, trazia um tema para a gente desenvolver no Grande Ponto, conversando ali naqueles bancos, até tarde da noite. Ele ia mais cedo para casa, porque ia para o refúgio, para a meditação. Ele sempre foi muito cristão, muito espiritualista. Ele vivia mais para o pensamento.

Da noite em que foram ao cemitério, Joanilo lembra-se com detalhes de como tudo aconteceu. Estava ele, José Geraldo Bezerra, Nabor Pires de Azevedo Maia e Walflan de Queiroz, recém saídos da adolescência, sofrendo do tédio que deixa os corações vazios. A

---

<sup>6</sup> Referência aos primeiros versos do “Soneto da rebelião”.

melancolia, pura expressão do desencanto com o mundo, invade o espírito desses rapazes.

Surgiu, então, a ideia de Walflan:

Estou cansado da mediocridade da vida, das futilidades, vamos hoje para uma noite diferente. Vamos ao cemitério prestar uma homenagem a todas as mulheres lindas que morreram virgens, puras, não se contaminaram com as maldades do mundo.

Joanilo conta-nos que estas foram as palavras de Walflan para os seus companheiros, que a princípio não hesitaram em participar da aventura byroniana. Tomaram o bonde e desceram no bairro do Alecrim. Ficaram por lá zanzando, até perto da meia-noite, quando decidiram caminhar em direção ao cemitério. Diante do muro, que era até razoavelmente baixo, Nabor Pires, receoso, a tempo desistiu. Não pulou o muro. E voltou para casa. Joanilo, então, anota a ausência de outro colega de sessões literárias, que era João Batista Pinto, e faz um comentário interessante: “João Batista não foi porque naquela noite ele não se encontrou com a gente, senão teria ido no lugar de Nabor!”

O cemitério está quieto, sereno. Os poetas olham para os túmulos e tumbas, ficam imaginando coisas, querem sentir a emoção mais antiga, talvez a mais forte do ser humano, que é o medo da morte. Querem vencer esse medo estimulados pelos ares noturnos, pela inspiração sepulcral.

Entramos no cemitério à meia-noite! Eu, Walflan e José Geraldo Bezerra. Quando entramos no cemitério, aquele silêncio, aquela coisa de meia-noite, aquela meia luz e a gente perto da escuridão. Aí, Walflan chegou e disse gritando: “Estou vendo demônios, estou vendo demônios, aqui só

têm demônios!” Eu disse: “Que é isso Walflan!” Ele me apontou para uns aguadores, uns funcionários do cemitério que ficam aguardando os túmulos todas as noites. Aguardando para as rosas nascerem, crescerem perfumadas. Ele disse: “Vamos embora que eu estou vendo demônios!” Eu disse: “É não, Walflan! Deixe eu ver melhor!” Aí, me aproximei. Eram os aguadores das plantas. Eram negros, todos pretos, vestidos só com o calção preto, sem camisa, sem nada! Pareciam nus à meia noite! Walflan disse: “São os cães, são os cães, cada um é o cão!” Até que eles se aproximaram da gente e interpelaram: “O que é que vocês estão fazendo aqui? É proibido!” Eu disse: “Nós sabemos, nós estamos apenas olhando e sentindo a inspiração do silêncio, da morte, da transubstanciação”. E os homens ficaram todos olhando pra gente sem entender! E disseram: “Esperem aí, vocês agora não podem sair mais não! Temos de passar ali”.

A presença daqueles jovens no cemitério à meia noite despertou o interesse dos funcionários e a vigilância foi então avisada de que havia um grupo de “saqueadores”, de “vagabundos”, perambulando entre os túmulos. Como o jazigo da família Cicco era à época um dos mais suntuosos, guardava relíquias da filha e da mulher de Januário Cicco, o chefe dos trabalhadores, após abordá-los, decidiu telefonar para o Dr. Januário Cicco, médico respeitado na cidade, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, dizendo-lhe que tinha ladrões no cemitério, tentando violar o túmulo de sua saudosa filha.

A alusão de que eles teriam profanado o túmulo de Yvette Cicco não passa na verdade de aleivosia, porque nada disso aconteceu. Porém, o Dr. Januário, “para mostrar zelo”, deu queixa na polícia e um inquérito veio a ser instaurado.

Walflan, Joaniilo e José Geraldo foram presos naquela conturbada madrugada, mas logo liberados, já pela manhã bem cedo, na delegacia do Alecrim, após prestarem seus depoimentos e o advogado José Nicodemos ter impetrado um *habeas corpus*.

Joaniilo de Paula Rego, como um tímido anjo, tão cheio de vida, retoma sua narrativa:

Quando foi para abrir o inquérito verificaram que eu era adjunto de promotor, portanto, um auxiliar da justiça, um membro da justiça, que não podia ser processado pela justiça comum. Tinha que ser uma justiça especial. O processo foi para o Tribunal de Justiça e isso arrastou os outros. Os jornais anunciaram tudo. E eu publiquei na época uma balada, chamada “Balada da Rua dos Mortos”. Eu poderei, que a memória já está muito fraca, tentar lembrar, assim, mais ou menos o que era. Dizia: “Em noite deserta banhada de lua, querendo fugir da vida comum fomos ao cemitério fazer uma visita à rua dos mortos. Pisei lajes brancas molhadas de frio. Ouvi o gemido do vento nas cruzes. A noite que era mais negra na rua dos mortos. Beije nos meus braços o corpo sem vida de todas as virgens que puras qual lírios morreram de amor e foram plantadas vestidas de flores na rua dos mortos”.

De fato, muitas informações controvertidas e desconstruídas foram anunciadas nos jornais de Natal, como o mito de que eles teriam violado o túmulo de Yvette Cicco, conforme já foi dito. Joanilo de Paula Rego recorda sem nenhum rancor: “Eles nos chamaram pela imprensa de *baba defuntos*”.

A serenata proposta pelo poeta Walflan de Queiroz não era exclusivamente para Yvette, mas “para todas as mulheres lindas que morreram virgens, puras, não se contaminaram com as maldades do mundo”. No auge da polêmica nos jornais, Joanilo escreveu e publicou, em resposta às acusações levianas de que ele e seus amigos teriam profanado o mausoléu da família Cicco, o poema “Balada da Rua dos Mortos”. Os versos desse poema de inspiração sepulcral foram declamados por ele durante a nossa entrevista. “Pisei lajes brancas molhadas de frio” ou este trecho “Ouvi o gemido do vento nas cruzes” e mais ainda “Beije nos meus braços o corpo sem vida de todas as virgens...”, são imagens que tem a força da poesia concebida através da beleza que reside nas coisas fúnebres.



Atualmente, o Cemitério do Alecrim está muito diferente do final da década de 40, quando Walflan de Queiroz, Joanilo de Paula Rego e José Geraldo Bezerra, perdidos na nostalgia e na solidão dos sepulcros, caminharam por suas ruas, espreitando as cruzes, declamando poemas à beira dos jazigos.

Embora seus muros sejam altos, a impressão que se tem é de um velho cemitério mal conservado. Túmulos sujos, sepulturas obscurecidas pelo tempo, capelas e velas que arderam na noite anterior. Anjos chorando, anjos partidos. Santos de cabeças decepadas: Santo Antônio, Santo Expedito, São Jorge, São Miguel Arcanjo. A solidão dos Anjos e dos Santos. Lousas de mármore, nomes e esplêndidos jazigos em quadras muito próximas. Gavetas encaixadas, lado a lado, nas paredes. Ali, logo perto do portão principal, um grupo de mulheres contemplam um Cristo de metal numa grande tumba.

Nesse cemitério, repousam figuras importantes do Rio Grande do Norte. Foi um dia privilégio da alta burguesia e de famílias tradicionais. O mausoléu de Pedro Velho Albuquerque Maranhão. Seu mausoléu é um templo romano. Os restos mortais do padre João Maria. O túmulo do poeta José Gottardo Neto. O ex-presidente do Brasil, Café Filho. O poeta Henrique Castriciano. O poeta Segundo Wanderley. Luís da Câmara Cascudo.

As lajes em sepulturas. Um oceano de cruzes. Capelas que são Templos estarrecedores. Santuários. Tudo ao nosso redor.

Fotografias... Fotografias guardam segredos, enigmas.

Os mortos são impassíveis. O que dizem, o que procuram transmitir através de seus retratos, é que também, como eles, que se foram, não pertencemos a este mundo concreto, a este chão que pisamos. Seus rostos estão gravados na eternidade das pedras de mármore. São pesadas suas pálpebras. Cintilam seus olhos na morte.

“O crepúsculo cai, manso como uma benção”, escreveu Manuel Bandeira. Em Natal, o céu se cobre de vermelho e de roxo. E o Cemitério do Alecrim é o mais triste, é o mais taciturno, é o mais carregado de almas da cidade. A luz púrpura do crepúsculo incide sobre os túmulos, incide sobre as lápides, incide sobre as ruas, incide sobre as árvores.

Do cemitério, o rio Potengi, ao longe. Sim, ao longe, o rio e o mar. Le cimetièri marin. O curso da vida e da morte na correnteza das águas. O vento traz o cheiro dos manguezais, o cheiro da maresia.

Caminhamos sob a treva que agora se aproxima. A treva alta, espiritual. A treva treme. No horizonte, surgem as primeiras estrelas. “A morte é doce. A morte é pacificadora”. Escreveu Antônio Carlos Villaça.

Caminhamos entre sepulturas judaicas como nos mostram a caligrafia em hebraico e o desenho da Estrela de Davi, a estrela de seis pontas, o selo de Salomão, símbolo da fé no judaísmo, o emblema da bandeira de Israel.

Os túmulos de Maria Volfzon, Leon Volfzon, Dr. Jacob Volfzon... O túmulo de Rosinha Palatnik, seu retrato de louça, que inspirou o poema “Canção de amor para uma moça judia”, de Iracema Macedo. “Que queres na tua janela de vidro / com o teu corpo de cinzas?”

Perto dali, um monumento erigido onde se destacam duas esculturas grandes e brancas, duas imagens femininas: a primeira está de pé, com os braços cruzados sobre o seio, enquanto que a outra está inclinada, sentada. Elas demonstram intimidade. Elas

dialogam no silêncio da eternidade. A inscrição JAZIGO DA FAMÍLIA CICCO, em letras escuras. Um portão de ferro trancado, com corrente e cadeado, através do qual se avista os primeiros degraus da escada que dá acesso à catacumba, onde, segundo a lenda, havia o vestido de noiva e o piano de Yvette.

Em seu livro, *O Repouso Póstumo do Natalense no Cemitério do Alecrim*, o historiador Iericê Duarte Cabral, conta-nos:

Januário Cicco tornou-se um homem amargurado, e como forma de homenagear seus entes queridos mandou confeccionar, na Itália, duas estátuas, representando mãe e filha arrebatadas pelo Anjo da Morte [...] O Mausoléu é todo construído em mármore, vindo de São Paulo da marmoraria Tavolaro [...] Pelas linhas arquitetônicas arrojadas é considerado um dos mais belos jazigos instalados no Cemitério do Alecrim. (CABRAL, 2006, p. 86-87)

O mausoléu permanece praticamente idêntico à época da lastimosa serenata. Nada mudou na sua estrutura. Quer dizer: as estátuas, o mármore, a câmara mortuária, tudo inspirando os poetas que por lá passaram numa noite enluarada, contemplando a morte.

Nessa ambiência espiritualizada, ébrios de poesia, Walflan, Joanilo e José Geraldo, em seus questionamentos sobre a fugacidade da vida, foram atraídos pela majestosa tristeza dos túmulos, dos mármorees frios.

O julgamento no tribunal demorou, porque Joanilo era adjunto de promotor, “um membro da justiça”, e mesmo assim muitos advogados importantes de Natal se manifestaram a seu favor e a de seus amigos, conforme o seu relato:



Nesse íterim, as pessoas amigas foram se oferecendo para serem meu advogado! Então, amigos como Djalma Marinho, José Nicodemos da Silveira Martins, grande advogado, grande orador, político, deputado, e José Gonçalves de Medeiros, e muitos se ofereceram, doutor Claudionor de Andrade, que era presidente da Ordem dos Advogados, se ofereceu para fazer a minha defesa. Eu não tinha dinheiro como estudante pobre! Walflan também não tinha! Eu só sei que marcaram o julgamento. No dia do julgamento no Tribunal – eu tinha que estar presente – era obrigado e os outros foram comigo também. Não sei quantos advogados falaram me defendendo até o próprio promotor não acusou nada e pediu a absolvição. Só sei que terminou com uma peixada na Praça Pio X, que tinha um restaurante de Gabriel! Não houve violação de coisa nenhuma.

O processo, ao que parece, se concentrou na figura de Joanilo de Paula Rego por causa de suas atividades no Tribunal. Mas seus amigos, independente de serem estudantes também, foram processados, e no dia do julgamento estiveram presentes. Para o bem da literatura todos foram inocentados.

A serenata no cemitério é um episódio por si só fascinante e dele o que se pode extrair é o intrincado nexos entre vida e literatura. São dois elementos inseparáveis. Assim sucede com a poesia de Walflan de Queiroz em que a morte, por exemplo, aparece como um tema recorrente.

## Tempo e Solidão



O poeta Walflan de Queiroz, de angústia dilacerante, de timbre profético, abissal, voz sôfrega, de apelos místicos, expressa uma indiscutível vocação literária cristalizada desde o aparecimento de *O Tempo da Solidão*, quando já se aproximava dos trinta anos de idade.

No dia 2 de fevereiro de 1960, o jornalista Berilo Wanderley em sua coluna “Revista da Cidade”, no jornal *Tribuna do Norte*, anuncia:

Para quinta-feira, finalmente, virá a estreia do poeta Walflan de Queiroz, que nos dará no seu *Tempo da Solidão*, muitos dos seus melhores poemas, alguns já conhecidos através de publicações na imprensa diária. O livro tem um bonito tratamento gráfico, com boas ilustrações de Dorian Gray. Edições Cactus. Lançamento na “Universitária”.

A badalada Livraria Universitária de Walter Pereira recebeu os admiradores do poeta, no dia 4 de fevereiro daquele ano, às 17 horas, para uma festa literária, uma consagração. Em sua coluna, Berilo Wanderley escreve sobre a obra e sobre o poeta:

Sou quase um suspeito para falar de Walflan de Queiroz e seu livro *O Tempo da Solidão*, que ele hoje à tarde entrega aos que se interessam pela boa poesia, nesta cidade. Walflan, o amigo, o homem só, aquele que nos encontros das tardes sempre tem para nos ofertar um verso de Hart Crane, de Rimbaud, de Baudelaire, de Poe, os poetas sós e tristes, a quem ele mais ama. Fala-nos deles e dos amores deles, como se falasse de um irmão que fizesse versos, amasse e sofresse.

Seu livro, que “é produto da tentativa do autor para escapar ao profundo sentimento de solidão em que se sentiu durante um período da vida”, está impregnado da angústia que acompanhou a vida e a poesia daqueles homens separados do mundo, uns, vagabundos, outros, ébrios, outros mais, suicidas, e todos infalíveis solitários cujo reino eles sentiam não ser deste mundo, mas que também ignoravam de qual seriam.

Nem por ser um solitário e um angustiado, Walflan deixa de amar a vida. Ama-a sob um signo de um amor distante e antigo. Aquela, a inatingível, inspira o nosso poeta. Ele sabe “que as plantas de Deus são belas, que os rios de Deus são belos... mas nada tão belo como as mãos de Irene os seios de Irene”.

E tenha certeza a cidade, que ela ganha hoje um livro de boa poesia. E de um poeta sincero, que faz poemas porque sente necessidade de fazê-los, como de respirar, como de se alimentar. [...]

No dia 5 de fevereiro de 1960, na *Tribuna do Norte*, uma nota editorial comentava a repercussão desse lançamento:

Ontem à tarde, na Livraria Universitária, o mundo intelectual norte-riograndense, teve oportunidade de assistir o lançamento do primeiro livro do poeta Walflan de Queiroz, pertencente ao novo grupo de literatos natalenses. Os homens de letras do Rio Grande do Norte compareceram à Livraria de Walter Duarte Pereira, prestigiando, portanto, a iniciativa da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura, responsável pela publicação dos poemas de Walflan de Queiroz, em edição Cactus. Na oportunidade do lançamento, falaram o Secretário de Educação e Cultura, o livreiro Walter Pereira, o Poeta José Sanderson Negreiros (falando em nome da Revista Cactus), o jornalista Newton Navarro (que falou em nome da nova geração de poetas) e, finalmente, o autor de *O Tempo da Solidão*, Walflan de Queiroz. Em seguida, o poeta Walflan autografou o seu trabalho literário e distribuiu-o entre os intelectuais, amigos e admiradores.

Em *O Tempo da Solidão*, as epígrafes dão o tom da linguagem poética de Walflan de Queiroz. A primeira epígrafe, de Rimbaud: “Ce ne peut être que la fin du monde, en avançant”<sup>7</sup>. A segunda epígrafe, os versos do poema “To One in Paradise”, de Edgar Allan Poe, oferecidos pelo poeta Walflan para Irene Porcel, uma mulher por quem havia se apaixonado: “Thou wast that all to me, love, / For which my soul did pine - / A green isle in the sea, love, / A fountain and a shrine, / All wreathed with fruits and flowers, / And all the flowers were mine”<sup>8</sup>.

*O Tempo da Solidão* é dedicado “ao mestre Luís da Câmara Cascudo”. Além dele, o poeta Walflan registra quase em forma de versos: A minha Mãe / O que houver de puro nestes poemas. / A meu Pai. / E mais / Ao Grupo da Revista “Cactus”.

Em uma nota introdutória, o poeta expressa as motivações que lhe fizeram escrever o seu livro:

#### AO LEITOR

Este pequeno livro de poemas é produto de uma tentativa do autor para escapar ao profundo sentimento de solidão em que se sentiu durante um período da vida. Distante do seu ser querido, de sua Musa, não tem mais esperanças de revê-la.

Espero que estes poemas, escritos com amargura e saudade, possam um dia chegar ao coração deste ser inocente, que foi a razão do seu canto e da sua solidão.

Um prefácio a um livro de versos, deve antes de tudo, vir com aquele “leite de ternura humana”, de que falou Keats...

O autor viveu experiências dramáticas em sua existência, sentiu o fel da vida em toda a sua intensidade. Mas, acredita na mensagem do Cristo e na Beleza permanente que há nas coisas.

---

<sup>7</sup> Na tradução de Ivo Barroso: “Só pode ser o fim do mundo, se avançarmos”. (Ver na bibliografia Geral referente a Arthur Rimbaud).

<sup>8</sup> Em nossa tradução: “Tu foste tudo para mim, amor, / Por quem minha alma transformou-se em um pinheiro / Uma ilha verde no mar, amor, / Uma fonte e um santuário, / Tudo coberto com frutas e flores, / E todas as flores foram minhas”.

A poesia, como expressão da imaginação, como linguagem pura, silêncio e aventura espiritual, não morre. Verlaine, Rimbaud, Keats – são eternos.

Indaguei o meu tempo interior, segui uma estrela. Outrora, conta o Evangelho, os magos do Oriente seguiram uma estrela, e encontraram o Rei envolvido em pobres palhas de uma manjedoura. Espero que comigo, aconteça o mesmo...

O AUTOR

O poeta Walflan de Queiroz escreve à luz do seu “sentimento de solidão”, imerso na saudade e na desesperança de algum dia rever a sua Musa, o *leitmotiv* de seus poemas. Fala-nos de sua “experiência dramática”. Temos, então, a imagem de um poeta que saboreou o “fel da vida”, e que continua a sentir intensamente tudo ao seu redor, crendo em Cristo, na sua mensagem e na Beleza das coisas.

Faz também uma reflexão acerca da sua compreensão da poesia, vista por ele, “como expressão da imaginação, como linguagem pura, silêncio e aventura espiritual, não morre”. Essas características revelam o quanto sublime e sacrificante é o seu ofício de poeta consciente. “Verlaine, Rimbaud, Keats – são eternos”, evoca como valores poéticos que deixara um legado para a poesia.

“Indaguei o meu tempo interior, segui uma estrela. Outrora, conta o Evangelho, os magos do Oriente seguiram uma estrela, e encontraram o Rei envolvido em pobres palhas de uma manjedoura. Espero que comigo aconteça o mesmo”. Por essas palavras, dá pra se compreender o quanto a Poesia é afinal a sua vida, o seu critério existencial. O seu tempo interior feito de vivências e emoções transfiguradas. Seu destino, sua vocação profética na direção de uma estrela. Evoca Jesus, o rei dos judeus, para a tradição bíblica, como sinal dos novos tempos, do novo mundo. Para o poeta, esse mundo é anunciado pelo encontro com a Poesia, encontro que se consome na imaginação latente.

O escritor Luís da Câmara Cascudo apresenta *O Tempo da Solidão*, recordando-se de Walflan de Queiroz, um jovem marinheiro e poeta:

#### Depoimento, antiprefácio

Life is real! Life is earnest!  
And the grave is not it's goal;  
Dust thou art, to dust returnest,  
Was no spoken of the soul.

LONGFELLOW

Conheci Walflan antes e depois de sua aventura no mar, um mar amargo e sonoro que o impregnou de sal e de melodias distantes e nostálgicas.

Voltando, conta sua história, história da viagem atormentada, em poemas como, Ulisses viveu a busca de Ítaca ou Jasão o regresso com os argonautas. O sentido que encontra nas coisas vistas e sofridas é uma divisa de John Keats: “A thing of beauty is a joy for ever”!... A voz íntima da criação ressoa em verso claro:

“Verei para sempre, em todas as coisas, o princípio da Beleza”. Este “O TEMPO DA SOLIDÃO”, solidão cantante do Oceano, o relatório dolorido das saudades e das penas, atravessadas como muro de flamas e de lanças, não o imobilizou no desespero e na amargura indefinida, infinita e vária, como num céu sem estrelas e sem anjos. Aqui como no poeta negro as flechas que o ferem ficam vibrando como cordas de harpa.

Quem florestas e mares foi rasgando  
E entre raios, pedradas e metralhas,  
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!

Vi o Poeta seteando os demônios lentos, vivendo o Amor sem pecado, pondo o coração em cima da cabeça esmagada da serpente, sob a meia lua de prata, aos pés da Virgem Imortal.

Se a cinza volta ao seio da terra, nada há referente ao poder luminoso do Espírito, “was not spoken to the soul”!... O marinheiro, egresso do abismo, sentiu na imensidade vencida o sabor da vitória humana. Continua amando os eternos motivos sentimentais, poema para menina espanhola, lembrança da Tehura de Paul Gauguin, vivência da música, da sedução, do enleio de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé.

O enamorado de Annabel Lee, competindo com Poe, visita-lhe o túmulo irreal que as ondas guardam, “bem perto do mar da minha imaginação”.

É uma missiva, letra, estória sensível que a Poesia recolhe e propaga mas Poesia diversa, forte, serena, transparente como porcelanas marítimas, guardando cantigas de vagas e de tufões antilhanos, doce caristo emocional, “sei que há um lugar para os que sofrem”, no “porto magnífico de velas brancas e tardes azuis”, ternura que não se despediu da esperança, porque “o que é romântico não pode desaparecer na vida nem na morte!”

Finalmente, Poesia, Poeta, criação, encantamento.  
Nada mais digo, nem me foi perguntado.

Cidade do Natal, sexta-feira dos Martírios, 13 de fevereiro de 1959.

“Solidão cantante do Oceano”, como diz Luís da Câmara Cascudo, o livro do poeta Walflan de Queiroz celebra a vida, as paixões, a poesia. O poeta conheceu a solidão oceânica. Amou o mar que lhe trouxe uma grande paz, uma serena melancolia. A brisa marinha crestou-lhe os pulmões. As espumas do mar lhe segredaram mitos. O mar é sonoro. O mar é amargo. O mar traz canções nostálgicas. O mar é um dos motivos poéticos do seu livro.

Walflan de Queiroz, “egresso do abismo”, na expressão de Cascudo, que considera a sua poesia transparente como “porcelanas marítimas, guardando cantigas de vagas e de tufões antilhanos, doce caristo emocional”.

Façamos, então, a leitura do primeiro poema do livro:

#### POEMA

Um navio inútil vem da minha infância e me chama para uma viagem cujo  
[rumo ignoro.  
Uma árvore estéril me oferece os seus ramos para neles eu repousar da  
[minha solidão.  
Seios misteriosos convidam-me para um acalanto que não aceito porque  
[talvez os profanasse.  
Mãos cruéis procuram as minhas já esmagadas e destituídas de qualquer  
[cólera contra meus irmãos.

Fujo a todos os convites.

Ficarei apenas me alimentado da imensa tristeza do mundo.  
Ficarei apenas me nutrindo das pedras gastas dos caminhos, dos risos dos  
[palhaços e das canções dos marinheiros.

(*O Tempo da Solidão*, p. 19)

O poema estrutura-se em longos versos agrupados num alinhamento narrativo. São sete versos, sete períodos. O tema da viagem atrelado à memória da infância. “Um navio inútil vem da minha infância e me chama para uma viagem cujo rumo ignoro”. O navio personificado, que chama pelo eu lírico.

Em *A Poética do Devaneio*, Gaston Bachelard aborda a infância como um tema específico do devaneio ligado à imaginação poética, pois segundo o próprio filósofo, “a memória sonha, o devaneio lembra”. Diz Bachelard (1988, p. 95): “Um excesso de infância é um germe de poema”.

No poema, o eu lírico ignora o rumo de sua viagem, repousa sua triste e amargurada solidão numa “árvore estéril” e recusa os “seios misteriosos”, recusa o objeto do desejo. “Ficarei apenas me alimentando da tristeza do mundo. / Ficarei apenas me nutrindo das pedras dos caminhos, dos risos dos palhaços e das canções dos marinheiros”. Noutro poema, Walflan de Queiroz retoma o tema da viagem revestido de novos significados:

#### **CHAMADO DO MAR**

Barco, barco que me chamas,  
 Por que não atendo ao teu apelo?  
 Barco, barco que vens de longe,  
 Por que não vou até onde estás?  
 Barco, barco cruel e maldito  
 Manchado de lama e de lodo,  
 Que equipagem é esta que conduzes?  
 Que carga é esta,  
 Que bandeira é esta,  
 Que nome tens?  
 Desces de um rio cautelosamente,  
 Lutas contra os peles vermelhas enfurecidos.  
 O arco-íris te abriga à sua sombra.  
 Não posso ir ao teu encontro,  
 Não posso atender ao teu chamado,  
 Sem levar comigo os olhos de Irene.

(*O Tempo da Solidão*, p. 40)



O eu lírico escuta o chamado do mar na figura do barco personificado. “Barco, barco, que me chamas / Por que não atendo ao teu apelo?” Ele procura, invocando o barco, compreender a aura de mistério que envolve a sua angústia existencial. O barco lhe provoca a sensação do inexprimível, a sensação de sentir o transcendente.

O barco tem a condição de ressonante, pois nele nota-se a ressonância do poema “Le bateu ivre” de Rimbaud. O barco tem vida, tem voz. “Barco, barco cruel e maldito, / Manchado de lama e de lodo”. Surgem os questionamentos quanto à origem dessa embarcação: “Que equipagem é esta que conduzes? / Que carga é esta, / Que bandeira é esta, / Que nome tens? / Desces de um rio cautelosamente, / Lutas contra os peles vermelhas enfurecidos”. O seu barco enfrenta também desafios, palpita de ação: “E lutas contra os peles vermelhas enfurecidos”. A expressão “os peles vermelhas” é a mesma que se encontra no verso de Rimbaud: “Des peaux-rouges criards les avaient pris pour cibles”.

No fim do poema, o lamento sentimental: “Não posso atender ao teu chamado, / Sem levar comigo, os olhos de Irene”. A lembrança da Amada deve acompanhar o eu lírico a onde quer que ele vá. Seus olhos, sua ternura. A perspectiva da Amada em seu imaginário romântico. O tema da viagem adquire outra simbologia como neste poema:

#### VIAGEM

O navio que viu auroras frias em seus ninhos,  
 O navio da morte que conduziu tripulações selvagens em oceanos distantes,  
 Este navio que não tem velas brancas, mas bandeiras multicores.  
 Eu o espero para uma viagem suicida.

(*O Tempo da Solidão*, p. 41)

Seus versos sugerem um clima de mistério à semelhança do poema anterior. A viagem, le voyage, gera ansiedade, expectativa. As imagens angustiantes determinam de certo modo a visão de mundo do eu lírico que nos fala de um navio que “viu auroras frias”, um “navio da morte”, de “bandeiras multicores”. O navio é a personificação da morte.

O poeta Walflan joga com os elementos: navio, viagem, aventura, mar. Os escritores Edgar Barbosa e Veríssimo de Melo, que saudaram *O Tempo da Solidão*, observam essa relação na sua poesia. Para Edgar Barbosa, o livro do poeta Walflan de Queiroz representa “um canto do homem vivido em rudes experiências e que, entretanto, não desesperou”. E acrescenta dizendo que “não se dirá que é um livro de pieguismo e de lágrimas”, mas sim um “documento forte da juventude que sofre no espírito a dramaticidade da guerra e nem por isso renunciou à aventura e ao desejo de completar-se”.

Por sua vez, Veríssimo de Melo procura imaginar Walflan de Queiroz em sua “primeira noite de aventura no mar” e nos fala da presença desse “quase adolescente” em um velho navio que fazia o percurso entre a América do Sul e o Mar do Caribe. E faz uma comparação engenhosa ao imaginá-lo como um personagem dos contos de Jack London, tendo realizado “o sonho mais acariciado de sua juventude, o maior sonho de todos os jovens do mundo: viajar!”.

Segundo Veríssimo de Melo, Walflan viajou muito. Visitou cidades estranhas, viu mulheres exóticas e, em meio a uma farra, a uma bebedeira, envolveu-se numa briga em algum bordel de Martinica.

As circunstâncias do lugar mencionado por Veríssimo, - Martinica -, um departamento ultramarino francês, que integra o conjunto das Pequenas Antilhas, no mar do Caribe, situado entre as ilhas Dominica, ao norte, e Santa Lúcia, ao sul, permitem ainda que, de forma obscura, a visualização do roteiro dessa viagem do poeta.

É possível que Walflan de Queiroz tenha tirado oficialmente através de um curso de formação a carteira ou um certificado emitido pela Marinha Mercante, no começo dos anos 50, que lhe permitia ingressar nas embarcações de médio e grande porte de acordo com a sua especificidade. Ele pode, por exemplo, ter embarcado em determinados tipos de navio mercante, como pesqueiros, contentores, rebocadores, independente da nacionalidade.

No entanto, não temos dados suficientes e concretos sobre sua viagem, nenhum diário nem mesmo um documento com foto que o identifique como marinheiro mercante. O que se sabe então é o seguinte: uma viagem às Antilhas realmente aconteceu a bordo do cargueiro brasileiro “Goiânia”, em agosto de 1956, como ele mesmo escreveu em depoimento autobiográfico para o poeta Deífilo Gurgel.

No depoimento concedido ao jornalista Gumercindo Saraiva, na matéria de jornal, “Walflan de Queiroz – o poeta sob o olhar de Deus”, Walflan afirmou: “Fui marinheiro e estive nas Antilhas. Ancorei em Buenos Aires, onde errei pela Avenida Corrientes”. Seu relato sobre a sua vida de marinheiro é profundamente lacônico, brusco, informativo, sem muitos detalhes. O momento mais vibrante de sua declaração é quando diz que errou pela Avenida Corrientes, em Buenos Aires. Eis a imagem do errante, do jovem boêmio perdido, caminhando durante o dia ou sob as estrelas da Noite, passando por cafés, teatros, entrando nos bordéis e salões onde se ouve o tango argentino.

No artigo “Morreu Walflan de Queiroz”, assinado por Protásio Melo, por ocasião da sua morte, há um trecho em que temos informações sobre uma viagem:

[...] alistou-se na Marinha Mercante, como moço de bordo (taifeiro), sendo que esse emprego durou pouco. Vindo da Argentina o navio foi diretamente para o Caribe. Lá, num dia de borrasca, o comandante, um

negro das Bahamas, pede um café a Walflan, aos gritos. O nosso poeta se enfurece e respondeu: “Seu moleque, eu sou um intelectual e não vou servir café a um negro torpe como você”. Resultado: Walflan foi demitido na hora e voltou para o Brasil, dormindo toda a noite com um punhal sob o travesseiro com medo de uma vingança do negro.

Protásio Melo nos fala então de um jovem poeta que se alistou na marinha mercante, conseguindo um emprego temporário num navio, trabalhando como taifeiro, “moço de bordo”, serviço que desempenha junto com outros tripulantes, subordinado aos oficiais. Protásio menciona a Argentina, o Caribe, um “negro das Bahamas”, comandante do navio com quem o poeta teria se desentendido no trajeto da viagem. Isso poderia ter-lhe custado à própria vida.

O certo é que as supostas viagens de Walflan de Queiroz pelo Mar do Caribe (*Caribbean Sea*) renderam-lhe muitas estórias. A aura lendária em torno disso é cultivada por seus contemporâneos. Há rumores de que ele não gostava muito de falar de suas viagens como marinheiro. Mas há os poemas, há a sua imaginação fazendo fronteira com a realidade.

O traço arquetípico e lendário da viagem que se irradia dos poemas em *O Tempo da Solidão* revela a capacidade do poeta Walflan de sondar o real numa jornada épica através dos limites da imaginação. Veja-se este poema:

**TEREZA, O DESERTO, E O MAR**

Toute lune est atroce e tout soleil amer.

A. Rimbaud. Bateau Ivre

Quando eu partir, para o mar alto e profundo,  
no meu barco interdito e cruel,  
não mais ouvirás falar de mim e do meu desespero.

Mesmo se alguém te disser baixinho ao ouvido,  
coisas as mais detestáveis de mim, e te contar crimes que não cometi,  
não acredites,  
o que há, é uma grande angústia,  
o que há, é uma grande dor.

Olha, o céu é um acalanto,  
e o mar é como um imenso ventre aberto.

Minha vida, Tereza, é trágica.  
Viajei com Ulisses,  
estive no inferno com Dante  
e conheci  
o célebre doutor Fausto.

Sei que os desertos são humanos,  
quando me falam de ti.

Perdoa-me se vou para tão longe,  
talvez para terras de fadas e de sombras, quem sabe?  
Longe de ti, Tereza, e da fatalidade!

*(O Tempo da Solidão, p. 23)*

O poema apresenta todos os caracteres de uma natureza mais sentida e desejada do que vivida, a começar pela epígrafe extraída de Rimbaud. Sim, a lua é atroz, o sol é de amargar. O poeta Walflan absorve o conteúdo profético do “bateu ivre”. Ao que tudo indica, o poema rimbaudiano jorra sobre a imaginação do poeta.

Nota-se a postura simbólica, a fantasia na voz do eu lírico: “Quando eu partir, para o mar alto e profundo, / no meu barco interdito e cruel”. Há sempre a relação da viagem com o sofrimento existencial: “o que há, é uma grande angústia, / o que há, é uma grande dor”.

O eu lírico se projeta na contemplação celeste, - “o céu é um acalanto” -, para consolo de sua alma. A velha metáfora do mar, “como um imenso ventre aberto”, é evocada também para representar suas inquietações.

Sua aventura marítima concentra-se na ideia de uma viagem mitologizada, conforme se lê nos versos: “Minha vida, Tereza, é trágica. / Viajei com Ulisses, / estive no inferno com Dante / e conheci / o célebre doutor Fausto”. O poeta evoca os clássicos, a *Odisséia*, de Homero, a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri e o *Fausto* de Goethe. O verbo “viajar” contém o sentido existencial e mítico.

O sujeito poético torna o sofrimento mais visível quando evoca a amada: “Sei que os desertos são humanos, / quando me falam de ti”. A imagem dos desertos mostra a angústia devido à saudade da amada. Ele pede perdão porque deve partir: “Perdoa-me se vou para tão longe, / talvez para terras de fadas e de sombras, quem sabe? / Longe de ti, Tereza, e da fatalidade”. A ideia de destino e de fatalidade confundem-se. Tereza é fatal.

O poeta Walflan de Queiroz evoca então paraísos distantes e imaginados:

### **BATEAU IVRE**

para Dorian Gray

Tenho que ancorar numa ilha do arquipélago das Marquesas.  
 Pode ser Typee ou outra ilha qualquer, não me interessa.  
 Estou cansado de istmos e golfos amargos.  
 Em Typee terei tempo e oportunidade de esconder  
 As pérolas negras que trafiquei no ponto de Timbuktu.  
 Talvez faça um poema para a filha do cacique  
 E durma com ela ao som dos riachos e das fontes.  
 Passarei uns quatro meses distante do mundo selvagem  
 E me distrairei com as danças e rituais mágicos dos nativos.  
 Ela será para mim, como a Tehura de Paul Gauguin.

(*O Tempo da Solidão*, p. 33)

O primeiro aspecto a se observar é o título, mais uma vez a singela referência ao poema homônimo de Rimbaud, - “Le bateau ivre”. O poema de Walflan de Queiroz, por sua vez, tem algo de pictórico por apresentar imagens e elementos de uma geografia paradisíaca, formando um quadro impressionista. O ideal de fuga, que se nota em seus versos, corresponde à válvula de escape, filtrado pela imaginação do eu lírico.

O anseio por lugares exóticos torna-se o tema da evasão deflagrado nos versos iniciais: “Tenho que ancorar numa ilha do arquipélago das Marquesas. / Pode ser Typee ou outra ilha qualquer, não me interessa. / Estou cansado de istmos e golfos amargos”. Os versos sugerem uma vivência do eu lírico que demonstra certa rispidez. O tédio viaja junto dele.

A referência a Typee, nome do primeiro romance publicado por Herman Melville, é um elemento puramente poético. Sendo assim, não há uma distinção objetiva entre o real e a imaginação do poeta, que, neste duplo vínculo, construiu seus versos, extraindo seus temas a partir de suas leituras, Rimbaud, Herman Melville e Paul Gauguin.

O poeta menciona a cidade de Timbuktu (Tombuctu), em francês, *Tombouctou*, no passado longínquo conhecida pelo pomposo epíteto, “Rainha das areias”, pela proximidade com o deserto do Saara. Timbuktu é uma antiga cidade de Mali, país africano paupérrimo, cuja capital chama-se Bamako.

Os Vestígios típicos da invenção literária se infiltram de forma primorosa no poema walflaniano e não custa nada lembrar que, - “o poeta é um fingidor”, como diz o verso de Fernando Pessoa. A imaginação poética, segundo Bachelard (1984), cria o seu próprio mundo e o poeta se torna o ser que vive sob os fachos luminosos de sua criação.

Nos versos finais do poema “Bateau Ivre”, o eu lírico idealiza o sonho de viver o seu idílio amoroso: “Talvez faça um poema para filha do cacique / E durma com ela ao som

dos riachos e das fontes. / Passarei uns quatro meses distante do mundo selvagem / E me de distrairei com a dança e rituais mágicos dos nativos. / Ela será para mim, como a Tehura de Paul Gauguin”.



A força literária d’*O Tempo da Solidão* reside principalmente na ressonância da tradição poética do ocidente presente nos seus poemas. Seus poemas dialogam com a tradição, com o passado. É, portanto, uma poesia que presta tributos a vultos da dimensão universal de um Poe, de um John Keats, de um Hölderlin, de um Rimbaud e Hart Crane.

O modo como um escritor relaciona-se com a tradição é motivo de estudos que abordam a tensão gerada entre as influências. O crítico Antonio Candido (2009), por exemplo, tem uma visão sociológica sobre essa questão, partindo de um processo dialético.

Em um plano contrário a Candido, o crítico inglês Harold Bloom (1991), vê esse processo dialético como uma “angústia da influência”. Percebemos que as duas linhas teóricas são preciosas para uma abordagem entre tradição ocidental e as condições locais.

O poeta norte-rio-grandense Walflan de Queiroz tem justamente o olhar dirigido para uma literatura externa, distante, um olhar para o estrangeiro, que lhe serve de parâmetro. É um poeta que não esconde as suas influências, pois, ao contrário, estabelece um processo dialógico pertinente. Vejamos:



### ANNABEL LEE

Annabel Lee morreu e foi enterrada,  
 Bem perto do mar da minha imaginação.  
 Ela foi levada para muito longe, muito longe.  
 Para bem perto dos anjos de Deus, dos anjos de Deus.  
 Annabel Lee docemente me faz lembrar tais palavras:  
 Beleza, Paraíso, Eternidade.  
 Também na hora do crepúsculo vou até ao seu túmulo.  
 E sinto sua terna presença me falar do nosso amor.  
 E da saudade imensa que me enche a vida.  
 Mas o corvo de Edgar Poe me diz: “Never more!”

*(O Tempo da Solidão, p. 25)*

A intertextualidade explícita com o poema de Edgar Allan Poe comprova as relações estabelecidas com a lírica do século XIX. O sujeito poético retoma a voz do amante (eu lírico) de Poe, que lamenta a morte de sua amada. A conexão metafórica aspira a uma forma sintática simples, objetiva, prosaica. O inverso, em termos estruturais, do poema de Poe, que prima pela construção mais elaborada do verso, cuja primeira estrofe começa assim: “It was many and many a year ago, / In a kingdom by the sea, / That a maiden there lived whom you may know / By the name of Annabel Lee; And this maiden she lived with no other thought / Than to love and be loved by me”.

Em Walflan de Queiroz, o nome Annabel Lee é mais do que um poema, pois lhe inspira a tríade platônica: “Annabel Lee docemente me faz lembrar tais palavras: / Beleza, Paraíso, Eternidade”. O eu lírico confessa compartilhar do mesmo sofrimento do eu lírico do poema de Poe: “Também na hora do crepúsculo vou até ao seu túmulo. / E sinto sua terna presença me falar do nosso amor”.

Podemos também observar o processo de tradição e modernidade na poesia walflaniana neste poema:

**HÖLDERLIN**

Antes de ti, o mar e o céu,  
 Não tinham nome.  
 Nem o rio falava a linguagem,  
 Do coração.  
 Entre luares, bosques sagrados,  
 Tu viveste, ser eleito,  
 E contigo aprendi a dor.  
 Imploro às Parcas mais uma estação,  
 Para o meu canto, e espero que, um dia,  
 Maduro então, possa ofertá-lo a ti.  
 Diotima, onde estás?

(*O Tempo da Solidão*, p. 26)

O eu lírico se espelha em Hölderlin ao falar de sua dor amorosa como o fez no poema “Annabel Lee”. Uma leveza sentimental paira sobre o tema da paixão. O eu lírico, de alma elevada, reporta-se a uma carga emocional romântica e panteísta. A sua angústia estabelece um contato poético floreado de significações místicas. “Entre luares, bosques sagrados, / Tu viveste ser eleito, / E contigo aprendi a dor”.

Diotima, segundo Platão, n’*O Banquete*, doutrinou Sócrates sobre as questões do Amor. Diotima inspirou Hölderlin. Diotima simboliza Susette Gontard, a grande paixão em vida do poeta alemão, motivo de sua loucura talvez. O poeta Walflan reincorpora em seu discurso elementos líricos que simbolizam também as suas próprias paixões. O sofrimento é o traço comum que une a dor dos amantes. Diotima é uma referência para o canto, para a celebração: “Imploro às Parcas mais uma estação, / Para o meu canto, e espero que, um dia, / Maduro então, possa ofertá-lo a ti”.

O poema endereçado a Keats dá continuidade ao lirismo dialético com os expoentes da literatura universal:

**PARA KEATS**

Permit me Voyage, love, into your hands.  
Hart Crane

Eu também tenho que morar com a solidão.  
Mesmo se eu amo a montanha, o mar e o penhasco,  
Ela é minha amante e não me abandona jamais.  
Somos como duas crianças sempre fiéis uma a outra.  
Somos sinceros e sempre estamos brincando.  
Tudo para mim, é distante e impossível.  
Distante o meu amor, distante a vida que desejo.  
As horas me passam vagas e sem sentido,  
E vou pelo mundo como um proscrito, um vagabundo,  
Amando alguém que não me conhece,  
Sofrendo a desdita de um infortúnio.  
Não me choro.  
Sei que outros andaram pela mesma estrada,  
Não me lamento.  
Sei que outros vieram antes de mim.  
E não choraram e não se lamentaram também,  
Porque eram fortes e valorosos.  
Entretanto, quero que todos saibam que, como Keats, a quem amo,  
Verei para sempre, em todas as cousas, o princípio da Beleza.

*(O Tempo da Solidão, p. 29)*

O eu lírico divide a sua solidão com a solidão de Keats. A sua solidão, personificada, é sua amante inseparável, sua companheira. A solidão decorre, como todo romântico, da incapacidade de adaptar-se ao mundo real. “Tudo para mim, é distante e impossível. / Distante o meu amor, distante a vida que desejo”.

Mergulhado no seu mundo interior, exprime o dilaceramento do seu ser: “E vou pelo mundo como um proscrito, um vagabundo, / Amando alguém que não me conhece, / Sofrendo a desdita de um infortúnio”. Seus versos transmitem a ideia de errância, de marginalidade, destino incerto. A expressão “desdita de um infortúnio” é uma metáfora da aura sombria que se abateu sobre si mesmo.

O poeta reconhece que no passado outros sofreram tanto quanto ele, “andaram pela mesma estrada”. Tem plena consciência da sua solidão, mas também da linhagem de uma

tradição poética na qual encontra algum bálsamo. Por isso, no fim do poema, louva Keats e bebe do seu ideal romântico inspirado num consagrado verso: “A thing of beauty is a joy for ever”.

Nesse sentido, *O Tempo da Solidão* acolhe uma pluralidade de vozes advindas da lírica moderna, trazendo referências diversas. Em meio a essa lírica, Walflan de Queiroz busca constituir-se como um grande poeta.

#### AUTOBIOGRAFIA

Nasci sob o signo de São Bento José Labre.  
 Pedi esmola na porta de Notre Dame,  
 E fui encontrado morto numa rua de Madri.  
 O primeiro hino foi meu, o primeiro canto,  
 Que comoveu a alma de Francesca de Rímini.  
 Fui monge, amei a Virgem.  
 Fui marinheiro, estive no Oriente.  
 Mais tarde, pertenci ao grupo dos poetas malditos,  
 E escrevi o meu último poema para uma menina espanhola.

(*O Tempo da Solidão*, p. 35)

O poema de timbre narrativo sinaliza os temas da poesia sentida e imaginada. Destacam-se referências religiosas e literárias, sintetizando experiências vitais do eu lírico, que se identifica com a pobreza dos santos.

“Nasci sob o signo de São Bento José Labre”, como proclama no primeiro verso, numa alusão à solidão do santo dos vagabundos, dos errantes. São os dois santos de pobreza da vida do poeta Walflan: São Francisco de Assis e São Bento José Labre.

Ao longo do poema, o eu lírico se desdobra em sucessivas revelações (mendigo, monge, marinheiro, poeta maldito). Referência a Francesca de Rímini, personagem do

Inferno de Dante Alighieri, na *Divina Comédia*. A sua vida na marinha assim como a angústia místico-religiosa, têm reflexos neste verso sintomático. “Fui monge, amei a virgem. / Fui marinheiro, estive no Oriente”.

Noutro poema, o poeta Walflan de Queiroz elege um eu lírico que se desdobra em definições:

#### AUTORETRATO

Não tenho a beleza de Rimbaud, nem o rosto torturado de Baudelaire.  
 Tenho sim, olhos negros, negros como os de Poe.  
 Meus cabelos são soltos, em desalinho  
 Como os de algum anjo ou demônio.  
 Minha pele, queimada eternamente pelo sol, tem o sal do mar  
 E a cor morena dos que são náufragos.  
 Minhas mãos são pequenas, tristes embora,  
 Como as mãos de alguém que só as estendeu para o adeus.

(*O Tempo da Solidão*, p. 38)

Tomando às categorias negativas do crítico literário Hugo Friedrich (1991), percebe-se que o poeta Walflan aborda o lado noturno, o lado obscuro do ser humano através de comparações, paradoxos, associações, oposições.

O eu lírico se apresenta como alguém sem a “beleza de Rimbaud”, sem o “rosto torturado de Baudelaire”. Seus olhos são negros, “negros como os de Poe”, portanto, expressam a escuridão. Seus cabelos em “desalinho”, um misto de anjo e demônio, sugerindo uma indefinição. Os contrastes ganham forma nas suas declarações. Em sua pele, o mar insinua-se através do sal e do sol. Ele se diz náufrago.

O peso da tradição concentra-se também neste poema:

**HART CRANE**

Construamos uma ponte definitiva  
Que sirva de ligação eterna entre o Ocidente e o Oriente.  
Uma ponte universal, maior do que a de Brooklyn  
Irmanando pretos e brancos, ricos e proletários,  
No grande dia inesquecível  
Da paz e do amor entre os povos.  
Então o mar devolverá teu corpo ao mundo em alegria.

(*O Tempo da Solidão*, p. 45)

Hart Crane publicou em vida, como se sabe, dois livros de poesias, que se chamam *White Buildings (Edifícios Brancos)* e *The Bridge (A Ponte)*. Uma vida de apenas 43 anos a desse poeta norte-americano, que se suicidou no Golfo do México, ao pular de um navio.

Nos versos do poeta Walflan de Queiroz, a ponte é metáfora de caminho, de passagem. A ponte une eternidades. “Construamos uma ponte definitiva / Que sirva de ligação eterna entre o Ocidente e o Oriente”.

A ponte simboliza a fraternidade entre as nações. A ponte é pacificadora, devendo unir os trabalhadores do mundo independente da sua cor, da sua classe social. “Uma ponte universal, maior do que a do Brooklyn / Irmanando pretos e brancos, ricos e proletários”.

O simbolismo da ponte, como consta no *Dicionário de Símbolos* de Chevalier (2009), representa a passagem de uma margem à outra, da terra ao céu, da contingência à imortalidade. A ponte apresenta também o simbolismo do maravilhoso, como no último verso do poema: “Então o mar devolverá teu corpo ao mundo com alegria”. O corpo do poeta Hart Crane que fora tragado pelas profundezas do mar.

O diálogo com a tradição literária para incorporá-la em seu discurso poético confere certo valor estético à obra de Walflan de Queiroz. Ao expressar a sua familiaridade com o cânone, que ele mesmo elege para dialogar, imprime em seus poemas a marca da

universalidade. No ensaio “Tradição e Talento Individual”, o crítico e poeta inglês T. S.

Eliot diz:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos. Entendo isso como um princípio de estética, não apenas histórica, mas no sentido crítico. É necessário que ele seja harmônico, coeso, e não unilateral; o que ocorre quando uma nova obra de arte aparece é, às vezes, o que ocorre simultaneamente com relação a todas as obras de arte que a precedem. (ELIOT, 1989, p. 39)

Nesse sentido, *O Tempo da Solidão* apresenta uma quantidade expressiva de referências poéticas, como já dissemos. Walflan de Queiroz, poeta de murmúrios tristes, de alma devastada, dispersa em tormentos existenciais, escreve um dos mais fortes poemas do seu livro:

#### **POEMA DO MUTILADO**

Não me amem. Mutilaram-me quando vim ao mundo.  
 Não me olhem. Minhas mãos sangram ainda.  
 Não tenho presente nem passado, não pertença a nenhum grupo, partido, seita, ou religião.  
 Amigos me faltam sempre, nunca inimigos.  
 As mulheres com as quais eu dormi, assassinaram-me.  
 Tenho estreita afinidade com os bandidos, os contrabandistas e os gangsters.  
 Tenho vivido já em várias épocas, não fui aceito por nenhuma.  
 Meu povo é o de Hamlet, o de Macbeth, e o de Ricardo III.  
 Detesto a chuva, o mar e o crepúsculo.  
 Amo somente a noite.  
 Amo somente a minha solidão.  
 Não me amem. Sou um homem mutilado pelo sofrimento.  
 Não me olhem. Tenho no rosto o estigma da crueldade.  
 Não tenho presente nem passado, não pertença a nenhuma vida e nem a nenhum coração.  
 Faço poemas apenas porque sou um homem mutilado.

(*O Tempo da Solidão*, p. 49)

Como se percebe, pela leitura desses versos, predominantemente longos, de natureza narrativa, o eu lírico carrega um sentimento ultra romântico, não se sente pertencendo a lugar nenhum. Não tem religião e não faz parte de nenhum grupo ou de nenhuma seita.

É um ser fragmentado, atemporal, anacrônico, mal nascido, inamável, propenso à marginalidade, “mutilado pelo sofrimento”. Confessa-se solidário e atrelado de maneira íntima aos tipos mais díspares da sociedade: bandidos, contrabandistas e gangsters.

Do choque do eu lírico com a realidade ocorre a evasão à base de sua imaginação criadora. E, assim, faz referências a obras de Shakespeare: “Tenho vivido já em várias épocas, não fui aceito por nenhuma. / Meu povo é o de Hamlet, o de Macbeth, e o de Ricardo III”. O eu lírico mostra-se amargurado. “Detesto a chuva, o mar e o crepúsculo”. Ama a noite e a sua própria solidão. Noite e solidão abrigam o seu mundo interior.

A angústia existencial do poeta Walflan de Queiroz abre-se também para os questionamentos sobre a fugacidade da vida e a fatalidade da morte. O poeta tem plena consciência do quanto o tempo é um elemento corrosivo. Tudo é breve, efêmero. O poeta busca uma saída desse conflito no misticismo da alquimia.

#### POEMA

Procuro um alquimista que transforme meu tempo em eternidade e meu silêncio em  
[diálogo.

Sou como Hamlet, príncipe antigo,  
Que tanto amou Ofélia.

Entre os meus livros, Tomaz de Kempis.  
Nele aprendo que, como os navios, as sombras, as nuvens,  
Passamos pela vida.

(*O Tempo da Solidão*, p. 39)



O eu lírico nos fala do tempo e do silêncio que seriam transfigurados pela mão do alquimista, respectivamente, em eternidade e diálogo. O simbolismo da alquimia o levaria a um estado pleno de compreensão das coisas. Nesse sentido, suas inquietações são equiparáveis as de Hamlet, “príncipe antigo”, com quem se identifica.

Na última estrofe, o eu lírico confessa a influência do monge alemão Tomaz de Kempis, autor do livro *Imitação de Cristo*, de onde retira lições para compreender a perenidade da vida, que é transitória como os navios, as sombras, as nuvens.

O poeta Walflan escreve com a consciência da solidão e da melancolia como neste poema dedicado a Berilo Wanderley:

### ANGÚSTIA

A Berilo

O que é romântico não pode desaparecer da vida nem da morte.  
 Infelizmente da minha janela, não vejo senão um céu opaco e indiferente.  
 Não adianta desejar.

Violetas não resolvem meu problema.  
 Tudo passa e o vento de Abril leva meus melhores pensamentos.  
 Que náusea a vida!

Fico desgraçadamente só.  
 Nenhuma solução me leva ao tempo de menino.

(*O Tempo da Solidão*, p. 42)

O eu lírico se autodefine. O seu tédio aflora: “Infelizmente da minha janela, não vejo senão um céu opaco e indiferente”. A incapacidade de agir produz um efeito de frustração, de desencanto. Sente-se impotente: “Não adianta desejar”.

O seu pessimismo atrela-se a uma visão niilista típica dos românticos: “Que náusea a vida!”. A solidão é o que lhe resta assim como o desejo de “escapar”, de voltar ao passado: “Nenhuma solução me leva ao tempo de menino”. A angústia do poeta Walflan também pode ser notada neste poema:

**POEMA DEDICADO AO POETA OTHONIEL MENEZES**

O mundo não será jamais extinto pela água.  
 Não haverá mais dilúvios.  
 Um grande hotel foi construído no cimo do monte em que parou a Arca de Noé.  
 O mundo agora pode ser extinto pela falta de amor entre os homens.  
 Acredito que desta vez ele não se salvará.  
 A não ser que os seus poetas o salvem.  
 Só uma coisa causa medo: o desaparecimento da poesia.  
 Meu Deus! Para onde irão os poetas depois da morte?  
 Todo poema é comunicação.  
 O poeta quando fala oferece aos outros, como dádivas, os seus sentimentos mais puros.  
 Nenhum poema pode ser reflexo de um coração de pedra.  
 Meu Deus! Livrai-nos dos homens vazios!  
 E dai-nos esta pureza que nos torna semelhantes aos vossos anjos,  
 E causa raiva ao imperador dos antros infernais!

(*O Tempo da Solidão*, p. 34)

O poeta Othoniel Menezes (1895-1969), a quem o poema é dedicado, foi uma expressão da lírica potiguar que possivelmente deve ter de alguma forma influenciado no tocante às leituras de Walflan de Queiroz, que, bem mais moço, tinha por ele uma grande admiração.

Nos primeiros versos, o eu lírico refaz o percurso de um tema bíblico, o Dilúvio, relatado no Gênesis, estabelecendo um nexo, ao mesmo tempo, com a obra *Sertão de Espinho e de Flor*, de Othoniel Menezes, que faz referências ao universo do sertão. O

elemento água é evocado como símbolo da purificação e salvação da humanidade. “O mundo não será jamais extinto pela água”.

O eu lírico faz reflexões de natureza metalingüística sobre a função do poema, sobre o destino dos poetas. “Só uma coisa causa medo: o desaparecimento da poesia. / Meu Deus! Para onde irão os poetas depois da morte? / Todo poema é comunicação”. O eu lírico ainda faz um apelo: “Meu Deus! Livrai-nos dos homens vazios!”

Walflan de Queiroz constrói a maioria dos seus poemas n’*O Tempo da Solidão* através de referências extraídas de um cânone estrangeiro. Expõe a sua angústia existencial ao mesmo tempo em que dialoga com seus poetas que lhe servem de bússola, de orientação. Leiamos, então, o poema dedicado a Rimbaud:

#### RIMBAUD

Não desci dos teus rios impassíveis,  
Mas vi os teus peixes de ouro, cantadores.  
Não teci imensidades azuis,  
Mas não gosto dos Menelicks.  
Permiti-me chorar sobre o teu túmulo, Rimbaud.

(*O Tempo da Solidão*, p. 50)

O processo de construção dos seus versos é a incorporação de metáforas e de expressões do poema “Le bateau ivre” de Rimbaud, como “Fleuves impassibles”, “poissons d’or, ces poissons chantants”. Sendo assim, o eu lírico do poema walflaniano fala-nos em “rios impassíveis”, “peixes de ouro, cantadores” e “imensidades azuis”, mesclando palavras em que a intertextualidade representa uma forma de transformar o discurso.

No fim do poema, em sinal de luto e reverência proclama: “Permiti-me chorar sobre o teu túmulo, Rimbaud”.



A desilusão amorosa é outro tema constante em *O Tempo da Solidão*. O amor sofrido e martirizado toma conta do espírito do poeta Walflan, amargurado e incompreendido por suas amadas.

Sua poesia amorosa é feita de solidão, de tristeza, à maneira sentimental de sofrer dos românticos, como nestes versos: “Ah! Minha alma triste te implora perdão. / Nunca desejei de ti senão preces, ternura. / Teus olhos que se encontravam com os meus, / Eram como um farol me guiando no mar cheio de tormentas de minha vida”.

Nas “Elegia para Irene” e “Elegia para Tereza”, o poeta Walflan de Queiroz, dado a paixões platônicas, se expressa:

#### **ELEGIA PARA IRENE**

Deus fez primeiro a ti, depois o mar azul.  
 Vi Israfel quando me olha da Estrela d’Alva.  
 Vi também teu rosto de medalha quando andava só na praia.  
 Em lágrimas atendi o apelo daquele iate que deixava o porto em direção ao poente.  
 Deus fez primeiro a ti, depois a borboleta.  
 Criei em meu espírito um jardim suave de flores e frutos amenos.  
 E escrevi o teu nome nas ondas do mar implacável e nostálgico.

(*O Tempo da Solidão*, p. 28)

Segundo o filósofo Chardin (2005), o Amor é a mais universal, a mais formidável e misteriosa das energias cósmicas. O Amor é uma energia. O poeta Walflan, como um visionário, parece sentir essa energia, transmitindo-a através dos seus versos.

O seu discurso é pulverizado na descrição contemplativa: o “mar azul”, símbolo do infinito; o anjo Israfel e a estrela d’Alva são imagens celestes; a metáfora do “rosto de medalha”, simbolizando que esse amor é muito antigo; o iate, para simbolizar a viagem sob atmosfera crepuscular; a imagem da borboleta, que representa a leveza do amor efêmero.

A figura feminina aparece sempre inscrita num contexto de sublimação. Ela está rodeada de imagens que se coadunam com os sentimentos do eu lírico: “E escrevi o teu nome nas ondas do mar implacável e nostálgico”.

Nesse sentido, temos o sentimento amoroso preso à visão mística:

### IRENE

A Afonso

Irene, verdadeiro amor  
 Único  
 E eterno como as montanhas de Deus.  
 Irene, nascida para impor ordem ao meu angustiante caos,  
 Nascida para me mostrar onde havia poesia.  
 E me reintegrar na minha antiga solidão.  
 Sei que as plantas de Deus são belas, que os rios de Deus são belos,  
 Mas nada tão belo quanto as mãos de Irene, os seios de Irene.  
 Irene, palmeira real  
 A estender seus ramos sobre minha imaginação.  
 Nada tão imaginário quanto Irene.

*(O Tempo da Solidão, p. 43)*

A palmeira e as montanhas são para o poeta eixos de sua imaginação dinâmica quando se compraz com a imagem inspiradora da amada. O seu culto à natureza se expande

em direção ao sagrado, ao divino. “Irene, verdadeiro amor”, diz o eu lírico que compara esse amor as montanhas de Deus.

O amor produz no lirismo do poeta uma característica importante: a tendência para louvar. “Sei que as plantas de Deus são belas, que os rios de Deus são belos, / Mas nada tão belo quanto as mãos de Irene, os seios de Irene”. As mãos e os seios de sua musa apreciados sob o descortinar da sensualidade romântica. A beleza da sua musa é posta num plano superior, elevado. “Irene, palmeira real / A estender seus ramos sobre minha imaginação”.

Noutra elegia, o poeta Walflan eleva o tom do seu discurso amoroso e místico:

#### **ELEGIA PARA TEREZA**

More happy Love! More happy, happy Love!  
Ode on a Grecian Urn. John Keats

Tereza. Para mim, o terno manuscrito da caça espiritual.  
Presentimento de morte e de angústia,  
Que acompanha sempre pela vida afora,  
Todos os que sentem próximo o intangível.

Tereza. Meu coração a chorar indefinidamente.  
Lembrança de palavras que foram esquecidas.  
Mas, doce Tereza, não é nada.  
Em volta de nós circula o suave perfume  
Daquelas violetas que, por serem ternas e melancólicas,  
Pertenceram, outrora, ao meu irmão John Keats.

*(O Tempo da Solidão, p. 30)*

A epígrafe de Keats guia o sentimento do poeta em relação à figura feminina. Tereza é a metáfora da “caça espiritual”, refletindo a experiência intangível, onde a morte e a angústia andam juntas.

A 2ª estrofe do poema começa com a mesma estrutura sintática do 1º verso da 1ª estrofe: “Tereza. Meu coração a chorar indefinidamente”. O subjetivismo valorizado até as últimas consequências. É um coração romântico que chora e soluça ao pé da Amada.

A imagem poética das violetas de Keats simboliza o sofrimento amoroso como também a morte. O eu lírico nos fala do “suave perfume” dessas violetas “ternas e melancólicas”.

O poeta Walflan de Queiroz atormentado com os seus problemas sentimentais derrama-se cada vez mais em poemas repassados de melancolia e de solidão.

#### POEMA

Tereza  
Tristeza

Mais do que antes  
Penso em ti agora  
Aqui, bem perto do mar,  
Do mar de inquietas ondas  
E de estranhos ruídos.

Mesmo o outono,  
Doce estação do amor,  
Achou de voltar também.

Tereza  
Pureza

Tão meiga, tão só  
Por que não me dizes onde estás?

*(O Tempo da Solidão, p. 31)*

O eu lírico expressa as saudades de sua musa, a mesma do poema anterior, que está ausente, distante dele. O seu nome Tereza possibilita a formação de um campo semântico

com palavras foneticamente semelhantes: “Tristeza” e “Pureza”. Assim, Tereza é sinônimo de grande melancolia na sua alma.

As ondas inquietas do mar e seus ruídos trazem a lembrança daquela que ficou em terra firme. O poeta é o marinheiro perdido no oceano: “Mais do que antes / Penso em ti agora / Aqui, bem perto do mar, / Do mar de inquietas ondas / E de estranhos ruídos”.

O poeta Walflan vive a tortura do Amor platônico, vive a impossibilidade de comunhão amorosa:

#### POEMA

Os pássaros não mais cantam,  
Tereza minha,  
E mesmo agora,  
Ainda estás dentro de mim.

As estrelas, ofuscantes como são,  
Não mais brilham no céu,  
E apesar disso, Tereza minha,  
Estás sempre comigo.

Somente o ruidoso mar,  
Permaneceu entre nós dois,  
Chorando velhas mágoas,  
Narrando tristezas profundas,  
Como um bom confidente, um bom companheiro.

*(O Tempo da Solidão, p. 32)*

O eu lírico mais uma vez se dirige a Tereza, sua musa, num tom de profundo desencanto. Pássaros não cantam. Estrelas não brilham. O mar é ruidoso. O mar divide, separa. O mar chora. O mar lamenta. O mar é testemunha do seu sofrimento. “Narrando tristezas profundas, / Como um bom confidente, um bom companheiro”.



*O Tempo da Solidão* possui também a intensidade dos apelos de timbre religioso do poeta, como neste poema:

**PRECE**

Senhor! Quero esta estrela que me olha com olhos fitos e constantes.  
 Meu coração esta tarde está vazio, triste.  
 Senhor! Aos teus olhos nós somos mais do que aos olhos dos homens!  
 Será esta estrela como a morte para mim?

(*O Tempo da Solidão*, p. 22)

O eu lírico proclama: “Senhor! Quero esta estrela que me olha com olhos fitos e constantes”. Ele invoca o Senhor, marca do divino. Deseja a estrela. A estrela intocável. Impregnado, portanto, de um vazio existencial, almeja a paisagem etérea.

A estrela tem “olhos fitos e constantes”. O uso da personificação imprime vida e sentimentos. A estrela no céu representa o Infinito, o Inacessível, que brilha na escuridão. “Será esta estrela como a morte para mim?” Pergunta o eu lírico cheio de angústias, de estranhos pressentimentos.

Sempre a presença da morte a rondar o espírito do poeta Walflan de Queiroz, seja em relação à mulher, como vimos no poema “Elegia para Tereza”, seja em relação ao Transcendente.

No poema intitulado “Maria”, por exemplo, vislumbramos a sua religiosidade cristã, feita de pureza confessional:

## MARIA

Contigo chegou para Israel, a plenitude dos tempos.  
 Jacó teria desejado contemplar o momento da Anunciação.  
 Salomão gostaria de, ao teu lado, pisar a cabeça da serpente que enganou Eva.  
 És a nova Eva, e nos deste não o fruto da morte, mas o da vida.  
 Maria  
 Serva do Senhor,  
 Humildade, pureza,  
 Esposa do carpinteiro,  
 Não compreendendo nada,  
 Mas, conservando tudo no seu coração.  
 Ah! O coração de Maria!  
 Consoladora dos aflitos,  
 Fonte de cristal,  
 Tranqüilo trono de Davi.  
 Maria  
 Simplesmente uma menina de Nazaré.  
 De Nazaré sempre nos vem o que é bom.  
 Poço de silêncio, tem piedade de minha tristeza!

*(O Tempo da Solidão, p. 27)*

Ela representa a “nova Eva”, obediente aos desígnios do Espírito Santo por que deu a luz o Salvador da humanidade, Jesus, o fruto bendito de seu ventre. Maria foi preservada do pecado original de que se contaminaram Adão e Eva. No Gênesis, a humanidade é descendente de Eva, sofrendo o drama do pecado. A partir de Maria, Imaculada, Divina, que assim concebeu Jesus, os homens têm a oportunidade de se redimir dos pecados aceitando o Filho de Deus.

Ela é muito mais do que a esposa de José, um simples carpinteiro. “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). A “Serva do Senhor”, segundo a Bíblia, conduzirá os homens ao encontro de Deus e ao conhecimento de Jesus.

O poeta Walfan, em pleno estado de devoção, contempla em Maria o drama do viver, do mistério da redenção. Por isso, faz uso de epítetos e símbolos para se dirigir a

Virgem Santa: “Consoladora dos aflitos”, “Fonte de cristal”, “Tranquilo trono de Davi”, “Poço de silêncio”.

O simbolismo de Maria, “uma menina de Nazaré”, tem grande valor para os cristãos. Nazaré é a pátria de Maria e José, o cenário da Anunciação. Por esta razão, Jesus é chamado em algumas passagens bíblicas de “O Nazareno”. Diz o eu lírico no poema: “De Nazaré sempre nos vem o que é bom. / Poço de silêncio, tem piedade de minha tristeza!”

Em sua poesia de natureza litúrgica, evocando a figura de Maria, o poeta medita sobre a sua própria angústia existencial, sobre o seu lugar no mundo, sobre o mistério da redenção e da morte.

#### PRECE

A Denise

Maria, nome tão doce,  
Que até parece,  
Uma tarde azul de verão.

Peço à Nossa Senhora da Consolação,  
Que me olha com seus olhos meigos e santos,  
Que me dê uma boa morte.

Quero somente no meu túmulo,  
Um violeta de Keats,  
Um rosa e uma cruz.

Confiarei então aos crepúsculos minhas dores,  
E rogarei à Virgem Mãe de Deus,  
Que me mostre seu filho, Jesus!

*(O Tempo da Solidão, p. 44)*

Seu nome é “doce”, pois expressa a ternura, a paz. Lembra “uma tarde azul de verão”. O azul exibe o simbolismo espiritual, indicando a ascensão, o sagrado e o mundo

superior. O azul tradicionalmente é a cor da imaterialidade, da pureza. Onde houver a cor azul haverá essas simbologias que remetem ao Absoluto.

Na segunda estrofe, o eu lírico evoca Nossa Senhora da Consolação a fim de que ela lhe conceda a morte desejada. Seus versos nos levam a recordar o poema de Manuel Bandeira “Oração a Nossa Senhora da Boa Morte”, por causa do teor sarcástico.

Na terceira estrofe, deseja o seu túmulo ornado por “violetas de Keats”, rosas e uma cruz. Na Idade Média, explica Becker (1999), a violeta simbolizava a paixão de Cristo. O eu lírico invoca a Virgem Mãe de Deus para que mostre o seu Filho, como forma de piedade, de espelho, de luz sobre a sua devastada tristeza.

Com uma poesia crivada de alusões à tradição literária, *O Tempo da Solidão* encerra-se com o poema “Mapa”, uma síntese da realidade sentimental, mística e lírica do poeta Walflan:

### MAPA

A Newton

Ao norte: o vento noturno, o país dos gnomos, Poe atormentando meu  
[sono

E o condado de amor de Annabel Lee.

E mais ainda este furacão, esta ponte, esta ilha do mar das Caraíbas e o  
[suicídio do Hart Crane.

Ao sul: A estrela candente, a rua onde moravas, Keats perdurando em  
[nossos pensamentos, tuas mãos afagando as minhas.

A leste: O anjo do apocalipse com as chaves dos poços do abismo, o  
[deserto amargo, uma solidão marítima.

A oeste: Um poeta cartuxo pedindo esmola e morrendo penitente em  
[Roma, São Bento José Labre.

(*O Tempo da Solidão*, p. 51)

No plano estrutural, o poema apresenta uma linha narrativa contínua. Os quatro pontos cardeais (norte-sul-leste-oeste) simbolizam a direção, os rumos representativos de cada destino sugerido pelo eu lírico.

Cada sentido representa o eco das leituras e das influências literárias do poeta, portanto, não necessariamente de suas reais andanças. Edgar Poe, Annabel Lee, o mar das Caraíbas, o suicídio de Hart Crane, John Keats, São Bento José Labre.

O poema “Mapa” representa, como dissemos, a síntese de uma realidade imaginada. À guisa de uma jornada vivida, de uma existência. Os destinos do poeta entre as linhas traçadas que vão desembocar em caminhos que são imagens poéticas capazes de traduzir a intensidade de lembranças inesquecíveis como num sonho.

## Cantares a Tânia



A presença da mulher na poesia de Walflan de Queiroz é um dos temas fundamentais na sua trajetória lírica. Ela simboliza a fonte de desilusões afetivas que engendram poemas de textura romântica onde predominam a tristeza, a saudade, a solidão e o tormento.

As primeiras musas, Irene e Tereza, em *O Tempo da Solidão*, representam o princípio de exaltações amorosas que se seguirão pela vida do poeta, não se sabendo ao certo quando ou em que circunstâncias nasceu nele a paixão por Tânia, a figura feminina mais importante de sua obra poética.

Entre o final do ano de 1962 e o início de 1963, foram publicadas no jornal *Tribuna do Norte* uma série de crônicas escritas por Walflan de Queiroz que remetiam a essa Tânia. “Um pobre sonho”, “A uma abelha do Paraíso”, “Tânia e o rio”, “Tânia e o clown” e “Onde termina o arco-íris” são alguns títulos de sua prosa poética.

Em seu devaneio, o poeta encontra os mecanismos líricos para expressar as suas emoções, para reinventar mundos. Um exemplo pode ser visto logo a seguir, na crônica intitulada “Tânia”, publicada na *Tribuna do Norte*, no dia 27 de outubro de 1962:

O esquecimento é como uma canção. Ou uma árvore derrubada. De Tânia, eu nunca pude me esquecer. Guardo dela uma lembrança eterna em meu coração. Como a conheci, vindo de um mundo de poesia e de verdade, viajando no barco encantado de Shelley, como a vi em sua condição quase angelical, como senti a ternura de suas mãos delicadas e como sofri quando imaginei que algum mal poderia lhe acontecer neste mundo de aparências vãs e de contingências tão efêmeras.

Por sua causa, tive uma noite profunda, infinita. Tornei-me só como uma estrela. Desci ao abismo da mais negra desgraça. Fiquei entregue ao meu destino de pária e de poeta que mendigou sempre a Deus, um pouco de sua luz divina e do seu afeto.

Mas, não posso encontrá-la no abismo. Tânia não pertence ao mundo. Pertence ao céu. E é no céu de Cristo que quero encontrá-la.

Pudessem as lanternas brilhar. Então, contemplaríamos juntos aquele Cristo. Um Cristo sofredor, cujas barbas foram sopradas brandamente pelo vento do Egito.

O esquecimento é como uma criança. De Tânia, eu me lembro sempre. Ela vive em mim como a solidão que sobe ao céu. Jamais poderia admitir que Tânia pudesse morrer. Eu morreria com ela. Ressuscitaríamos juntos, com a força do nosso amor. Naquela confiança imortal que faz com que saibamos que o amor somente permite entrar no céu, os que se amam. E agora, que sei que ela vive, que tudo apenas foi uma ilusão e uma quimera, que nem a morte, nem a angústia tem sentido, posso me lembrar de Tânia, como quem recorda o arco-íris erguido sobre as planícies do mar. [...]

A figura de Tânia representa uma “lembrança eterna” no coração do eu lírico. Uma lembrança inesquecível. Uma canção ou uma “árvore derrubada” configuram-se através da memória afetiva como imagens comparadas ao esquecimento. Lembrar e esquecer são tratados como forças inseparáveis. O eu lírico afirma que ela veio de um mundo de poesia. Esse mundo enriquecido pelo “barco encantado” de Shelley.

Tânia possui traços angelicais. Ela possui mãos delicadas, mãos ternas, recordadas pelo poeta desde sempre receoso de que algum mal possa acontecer a sua amada neste “mundo de aparências vãs e de contingências tão efêmeras”. Nesse sentido, o mundo de poesia de onde ela surgiu se contrapõe com a descrição deste mundo mais próximo da realidade.

Tânia fez crescer no eu lírico o sentimento de solidão e de abandono. Condenado à desgraça, ele ficou entregue à condição de pária, mendigando pela “luz divina”. Um homem dividido entre o amor a Deus e à mulher. Em sua visão, Tânia não faz parte do plano terreno. Ela é sublime. Ela é um ser celestial. Tudo ela transcende. “E é no céu de Cristo que quero encontrá-la”.

O eu lírico é capaz de morrer junto de sua amada, porque acredita na força do Amor, na natureza eterna do Amor, na força do destino, na imortalidade das almas, na ressurreição.

No dia 7 de novembro de 1962, na crônica “Tânia e o rio”, publicada na *Tribuna do Norte*, o poeta Walflan sempre bastante inspirado, torna a falar dessa misteriosa mulher que lhe enche os olhos de um Amor puro, um Amor mediado pela poesia.

Tenho conhecido rios. Porém, como diz o poeta negro: “My soul has grown deep like the rivers”.

Tenho compaixão e profundo amor pela tristeza que vejo pousada naquele rosto. Mona Lisa, com o seu sorriso enigmático, com sua beleza indecifrável, com o seu semblante triste, não se compara a ela. Ela comove o meu coração, ao ponto de não poder sequer andar pela rua.

Gostaria que o meu olhar transformasse a sua face, enchendo-a de brancura e placidez. Gostaria que ela soubesse que eu tenho outro rio para ela. Um rio como o Eufrates. Como o Nilo. Não aquele pequeno rio que nascia onde havia ternura e morria onde começava o mar. Um rio diferente. Porque “My soul has grown deep like the rivers”.

Um rio de cristal onde ouviríamos a cotovia de Shelley. Ela, a correnteza deste rio, não mais sentiria tristeza.

Tânia sempre foi como o mar para mim. Eu, poeta do mar, embora nunca tenha tecido lendas sobre o mar, sei entretanto que o seu fundamento é cruel. Difícil separar a concepção que tenho da poesia, da idéia do mar. A intuição que tenho do outro mundo, que é o único que possui uma verdadeira realidade, não se separa em mim, da idéia do mar.

E os rios correm para o mar. Tenho sede em minha garganta. Meu peito transformou-se numa tempestade de areia.

Penso no meu rio que correu, certa vez para o mar. Tânia, o lírio imóvel, não quero vê-la triste. Quero sentir o frio vento da primavera que ela contém em si.

Ela com sua inocência de pássaro e de anjo, tem muito de aurora e de canto que anuncia o morrer da noite.



Não, não quero vê-la triste. Quero que ela ouça o meu rio, não como ouvimos o mar, mas como quem olha uma estrela. Em humildade e amor. Meu maior desejo seria repartir o pão do Natal com Tânia. O pão bendito que alimenta e que entenece.

Oh! Perdoa e esquece! No meu paraíso, morro de solidão. Falta-me a criatura do meu sonho, a rainha do meu coração.

Um farol guia, livra da tempestade, conduz o viajante para o abrigo seguro. És este farol, orvalho, camélia, crisântemo. Eu sou o viajante.

Meu rio não tem mel. Tem pedras, tem peixe e um pouco de lama como todo rio. Rio pra sonhar, para viver, como ninho de caníços, como um beijo de mulher.

O mel te pertence. A doçura vem de ti. E lembre-se. Nele, neste rio que cresceu em meu espírito como o rio de que fala o poeta negro, canta a cotovia de Shelley.

O poema “The negro speaks of rivers” do poeta americano Langston Hughes inspirou decisivamente a crônica de Walflan de Queiroz, servindo de base temática para traduzir o seu sentimento amoroso. Diz o início do poema de Hughes, o “poeta negro”, epíteto pelo qual se tornou admirado: “I’ve known rivers: / I’ve known rivers ancient as the world and older than the / flow of human blood in human veins. / My soul has grown deep like the rivers. / I bathed in the Euphrates when dawns were young. / I built my hut near the Congo and it lulled me to sleep. / I looked upon the Nile and raised the pyramids above it”.<sup>9</sup>

“My soul has grown deep like the rivers” é citado duas vezes por Walflan de Queiroz para dar vazão a sua alma sonhadora, sofredora, absorvida pela fascinante metáfora do rio, uma metáfora que se confunde com o fluir da vida, com o caráter efêmero da existência humana.

A metáfora do Ser advinda do conceito filosófico de Heráclito de que não se entra duas vezes no mesmo rio, ou como diz o fragmento: “Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos”.

---

<sup>9</sup> Versos extraídos do site: [www.poets.org/viewmedia.php/prm](http://www.poets.org/viewmedia.php/prm). Neste site, lemos o poema de James Langston Hughes.

Os rios trazem sabedoria. “I’ve known rivers” diz o poema. E o poeta Walflan deseja transmitir essa sabedoria existencial para Tânia, porque sua alma tornou-se profunda como os rios. Ele nos fala em compaixão, cita Mona Lisa, o “sorriso enigmático”, a “beleza indecifrável”, mas nada disso alcança a beleza de Tânia.

O olhar do poeta sobre a amada poderia preencher sua face de brancura e placidez numa maneira de sublimá-la. Ele evoca os rios do poema de Hughes, o Eufrates e o Nilo, como modelos de grandeza de como seria a sua paixão por Tânia. A expressão metafórica “rio de cristal” alude a essa paixão pura, límpida, brilhante, transparente como os cristais.

A imagem poética do rio está associada à ideia de movimento, de continuidade. Existem rios, mas existe o rio do poeta. O seu rio se encontra também com o mar. “Tânia sempre foi como o mar para mim”, diz o poeta do mar, celebrando a sua amada. O rio e o mar se misturam. O poeta aproveita para fazer uma reflexão sobre a importância do mar para a sua poesia, para a sua escrita. O rio e o mar são metáforas do inconsciente. O rio e o mar se constituem como elementos emotivos da paixão. A correnteza do rio ou as ondas do mar trazem de volta o sonho, a inquietude, as lembranças, uma outra realidade. “A intuição que tenho do outro mundo, que é o único que possui uma verdadeira realidade, não se separa em mim, da ideia do mar”. A sua poesia busca refúgio na metáfora do mar.

Ao longo do texto, a imagem de Tânia é trabalhada pelo viés da sublimação. As metáforas se multiplicam buscando acompanhar essa evocação romântica da figura feminina. Ela é o “lírio imóvel”. Ela tem a “inocência de pássaro e de anjo”. Pássaro e anjo, seres intermediários entre a terra e o céu. Pássaro e anjo, elos entre Deus e os homens. Ela lembra a aurora, o canto, o “morrer da noite”. Ela é a criatura que vive nos sonhos do poeta. Ela é a rainha do seu coração. Ela é o farol, o orvalho, a camélia, o crisântemo. Ela é a flor cultivada. A flor amada.

A caracterização do rio como expressão viva do sentimento do poeta vai ao encontro sempre da amada. Um rio que não tem mel, mas tem pedras, tem peixes e lama, onde se é possível sonhar. Um rio carinhosamente comparado a um “ninho de caniços”, a “um beijo de mulher”. Este rio que tem afluentes no poema de Langston Hughes. Um rio onde canta a cotovia de Shelley.



A época em que as crônicas apareceram no jornal já havia se espalhado em Natal, na freguesia do Grande Ponto, nas rodas literárias, no burburinho do Café São Luiz, nas manhãs de “sabatina” na Livraria Universitária, o rumor dessa obsessiva paixão platônica do poeta Walflan de Queiroz pela filha do advogado e, então, deputado federal, Djalma Marinho. Ela se chamava Arilda Tânia<sup>10</sup>, que tão logo lhe inspiraria o volume de poesias *O Livro de Tânia*, lançado em 1963.

Em *O Livro de Tânia*, os poemas trazem a imagem poética de uma mulher multifacetada, destacando-se a impossibilidade de amar atrelada a um misticismo cristão que provoca no eu lírico o sentimento de profunda angústia existencial, o sentimento de busca pela transcendência e pelo Absoluto.

---

<sup>10</sup> Arilda Tânia Cavalcanti Marinho de Medeiros foi casada com o ex-Ministro do Superior do Trabalho, Francisco Fausto de Medeiros. Formou-se em Direito, em Natal. Filha do casal Djalma Aranha Marinho e Celina Cavalcanti Marinho.

A linguagem metafórica que o poeta Walflan utiliza em seus versos para se dirigir a Tânia denota a sua entrega afetiva, no sentido de louvar os encantos da amada. Nesse sentido, a figura de Tânia se inscreve dentro de um contexto tradicional da poética do louvor, onde é possível perceber o diálogo com a tradição literária da lírica amorosa.

Tânia como a mulher inspiradora, representa o que se pode chamar de musa, evocada em versos de acentuada melancolia, a começar pela força misteriosa da dedicatória, que se acha nas primeiras páginas: “Eis o teu livro, Tânia. O mar já não existe. E as rosas que te dei naquela noite de dezembro, estão tristes. Esperam pela tua ternura. Tocadas, como são, pelo orvalho e os ventos das manhãs”. O poeta nos fala sob o signo da desilusão amorosa, como um homem apaixonado, descrente. “O mar já não existe”. As rosas murcharam de tristeza, sem ternura.

À dedicatória a Tânia, segue-se uma intrigante epígrafe extraída do Gênesis que relata o episódio da luta de Jacó com um anjo:

Jacó ficou só: e veio alguém que lutou com ele até o romper do dia. Vendo que não podia vencê-lo, tocou-lhe aquele homem na articulação da coxa e esta deslocou-se, enquanto Jacó lutava com ele. E disse-lhe: “Deixa-me partir, porque a aurora se levanta”. – “Eu não te deixarei partir, respondeu Jacó, antes que me tenha abençoado”. Ele perguntou: “Qual é o teu nome?” – “Jacó” – “Teu nome não será mais Jacó, tornou ele, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e venceste”.

Jacó teve a revelação de Deus após o encontro com o anjo, pois passou a se chamar Israel. Mas, o poeta Walflan de Queiroz, em luta consigo mesmo, que revelação terá? Os seus sentimentos lhe darão as respostas através da poesia. Com a epígrafe inspirada na

história de Jacó, busca o conhecimento, busca alguma verdade que está por trás da realidade.

*O Livro de Tânia* pode ser avaliado a partir do que Walflan de Queiroz escreveu como prefácio, no qual expõe a sua compreensão da poesia e do mundo, demonstrando o quanto tinha domínio da arte poética.

A sua consciência crítica, algo pouco visto entre os seus contemporâneos em Natal, é fruto da sua sobriedade na apreciação do fenômeno literário. Leiamos então esse texto que consideramos um ponto alto da lírica walflaniana:

#### POESIA E TENTATIVA

Muita gente ignora que a poesia seja uma arte temporal. E que, como a música e o canto popular, tem raízes na imaginação, nas festas do povo, nas baladas e no ditrambo grego.

O primeiro poeta foi Homero. O primeiro sacerdote, Orfeu. Descendemos de Homero, como descendemos de Orfeu. O objeto da poesia nem sempre é o mesmo, mas a pureza da intenção, o prazer superior do espírito, permanece.

Se considero Shakespeare o mais completo poeta que existiu, foi porque ele traçou com Hamlet, o retrato do artista. Hamlet foi e será sempre um limite entre o conhecido e o desconhecido, entre a luz e as trevas. Quem não entender o tipo Hamlet, nada percebe, nada intui de belo e de trágico que mora no homem.

E Hamlet não gostava de Polonius. Amava apenas uma mulher de olhos doces e meigos.

Foi com Poe que aprendi uma definição de poesia. “Criação rítmica da beleza”, assim fala o poeta que conheceu do anjo e do demônio. E que, por fim, venceu o demônio.

Confesso que reconheço a modificação que vem passando a poesia atualmente. A linguagem tornou-se mais precisa, a escolha da palavra mais cuidadosamente feita pelo poeta, o ritmo e o sentido imprimiu significação moderna ao símbolo, ao senso da metáfora. Quero dizer, a poesia passa a ter um sentido mais universal, valorizando a tradição, porém não esquecendo a experiência do momento, a emoção que vem do contato permanente e constante com a vida.

Sendo assim, não somos românticos nem simbolistas. Somos os que procuram a autoexpressão para dar significação à personalidade mergulhada muitas vezes na prisão do espírito, ressentindo todas as influências que decorrem do ambiente e da sociedade. O poeta nem sempre aceita o mundo circundante. Tem revolta. E sua revolta não se dirige contra o destino, como Sófocles. Sua revolta se dirige contra

convenções, normas ultrapassadas, preconceitos apodrecidos de uma sociedade que não preenche mais as necessidades de apoio moral e intelectual de que precisa o homem.

Uso na minha poesia uma técnica puramente verbal de dar sentido a emoção, expressão culta, não oral, mas escrita, de transmissão de impressões e de procura de uma possibilidade. O conhecimento científico difere do conhecimento poético. Na ciência buscamos a certeza. A psicologia, a sociologia, a antropologia, são ciências que também se contemporanizam, quebrando antigos tabus sobre o universo.

O poeta moderno exprime mais livremente a sua mensagem. No entanto, a sua responsabilidade é maior. Um Robert Frost cujo compromisso com a beleza e a harmonia são altamente grandes não deixou de ser o melhor poeta americano contemporâneo.

Sua aceitação da noite, sua participação com a natureza, tornaram-no o mais autêntico, porque o mais ligado àquelas fontes espontâneas que fazem do poeta o bardo, o vidente.

Minha intenção neste livro de poemas foi única e exclusivamente poética. Qualquer outra interpretação trai a malícia de quem o imaginou. Uma mulher pode ser um abismo como também uma flor da montanha. No meu caso, encontrei um abismo. Mas, somente no abismo encontra-se a verdade. Os deuses amam a profundidade, não o tumulto, dentro da gente.

Tirei deste abismo rosas azuis. Com elas, faço um ramo dourado e o deponho perto de minha janela. Pássaros vindos, não sei de que nascentes ou de que montanhas, cantam novas canções para mim.

Mas, fiquemos com a opinião crítica de Eliot. Não sejamos mais românticos. Aceitemos antes, a mensagem de Donne e de Vaughan, mais do que a de Wordsworth ou de Shelley.

Estejamos com a doçura de Emily Dickinson contra a brutalidade de Aquiles ou de Agamenon.

Prefiramos Baudelaire. E nem desprezemos Musset. Visitemos o cemitério marinho de Valéry, e sejamos como ele, universais. Tão universais quanto Da Vinci ou Goethe.

E não desprezemos a nuvem branca que borda o firmamento com faíscas de ouro e de basalto.

E então. Recordemos Hart Crane. Tenhamos a humildade de um cisne. E a tranqüilidade de um jarro chinês. Saberemos agora porque o silêncio não se transmite por herança. E que muitas vezes somos importunos por necessidade, insistentes por desconfiança.

Sou como Heráclito. Todo fim representa um começo. Tudo flui num ritmo eterno.

Milton foi adversário do mal. Miguel e Satã. Tristão e Isolda.

*(O Livro de Tânia, [s/p.])*

Walflan de Queiroz, primeiramente, se volta para os primórdios da Poesia e lembra que, assim como a música e o canto, é também uma arte temporal; observa, com razão, que a poesia, em sua essência, se realiza a partir de Homero. O poeta grego nada faz sem a invocação das Musas, sem o desígnio dos deuses.

O crítico literário Otto Maria Carpeaux (1943) chamou Homero de a “Bíblia dos gregos”. Carpeaux percebeu a influência dos seus cantos, *Iliada* e *Odisséia*, no processo construtivo da cultura grega. Segundo Carpeaux, há uma pedagogia em torno das obras de Homero, porque ele é uma espécie de modelo, de manual para os antigos, tendo deixado um legado para a humanidade.

Numa perspectiva semelhante, o escritor Octavio Paz, em seu livro, *A Outra Voz*, enfatiza que Homero é a origem da Grécia. E para esclarecer melhor o sentido dessa origem, escreve:

Seus grandes poemas, seus heróis e sua moral foram os arquétipos estéticos e éticos de gregos e romanos. De certa forma a *Iliada* e a *Odisséia* foram a Bíblia e os Vedas dos helênicos. As crianças e adolescentes recitavam os velhos hexâmetros enquanto aprendiam a somar ou a praticar exercícios físicos. Na grandiosa tentativa de helenização de Roma, não podia faltar uma escritura poética de fundação que fosse o equivalente aos poemas homéricos. (PAZ, 1993, p. 96)

De Homero para Orfeu, o “primeiro sacerdote”, entre os gregos, é traçado o laço filial, o legado histórico, a descendência que expressa o poeta Walflan de Queiroz, para em seguida reconhecer-se em Shakespeare, ou melhor, reconhecer-se no mais intrigante de seus personagens, Hamlet, o príncipe revoltado, ensandecido, que vê o fantasma do pai a lhe pedir vingança. Em Hamlet, coexistem a poesia e a loucura, o amor por Ofélia e a morte. “E Hamlet não gostava de Polonius. Amava apenas uma mulher de olhos doces e meigos”. Não é a primeira vez que o poeta se vê na figura perturbadora de Hamlet. Em *O Tempo da Solidão*, num poema que já foi analisado nesta Tese, havia dito: “Sou como Hamlet, príncipe antigo, / Que tanto amou Ofélia”. Na sua visão, Shakespeare através de

Hamlet traçou o “retrato do artista” como sendo o gênio incompreendido que expressa o humano em suas contradições e tensões.

Walflan de Queiroz toma para si, fazendo propriamente sua, a sentença de Edgar Allan Poe de que a poesia seria uma “criação rítmica da beleza”. A noção do princípio da beleza como elemento filosófico está ligado à estética da Arte. É muito provável que tivesse conhecimento do ensaio “A Filosofia da Composição”, onde Poe descreve com detalhes como escreveu “O Corvo”, ao comentar criteriosamente os aspectos formais do seu poema, teorizando sobre a criação literária e sobre o fazer poético.

Walflan admite as mudanças pelas quais a poesia vem passando dentro da modernidade. Ele próprio se considera um poeta moderno, que exprime mais livremente o seu pensamento. Comenta que a linguagem “tornou-se mais precisa”, exigindo um maior critério na escolha e na seleção das palavras, dos símbolos e da própria metáfora.

Mesmo valorizando a tradição, Walflan de Queiroz, não abre mão da inspiração e das sensações, ou seja, não abre mão de viver cada instante proporcionado pela experiência, pela interação com o mundo. Conforme ele diz: “a emoção que vem do contato permanente e constante com a vida”. A poesia no seu entendimento é vida. A poesia pela natureza universal de sua linguagem transcende as fronteiras geográficas e não se restringe às escolas literárias.

O poeta, portanto, não deseja de forma alguma ser taxado de romântico nem de simbolista. E se define como aquele que busca a “auto-expressão para dar significação à personalidade mergulhada muitas vezes na prisão do espírito, ressentindo todas as influencias que decorrem do ambiente e da sociedade”. Estas declarações do poeta se prestam para que sejam esclarecidas e delimitadas as questões sobre a relação da sua poesia com a tradição literária, que em nenhum momento do seu texto ele despreza.



Ora, como se vê, essas influências do ambiente social de que nos fala, geram conflitos, ou seja, alimentam uma incompatibilidade do indivíduo diante da sociedade. A incompatibilidade implica revolta contra valores sociais que o poeta considera ultrapassado. Dessa forma, ele coloca os seus sentimentos acima dos interesses materiais no seio de uma sociedade voltada ao materialismo, imersa como ele próprio afirma em “preconceitos apodrecidos”, que não oferece nenhuma dignidade ao homem.

O poeta Walflan expressa então a sua revolta, cômico da sua realidade e do desejo de transcendê-la. A técnica de sua poesia, diz ele, é “puramente verbal de dar sentido a emoção”. Não existe emoção sem vivências. Assim como *O Tempo da Solidão*, *O Livro de Tânia* celebra uma poética do vivido em que o lirismo liga-se ao realismo das paixões desde sempre transfigurado por meio da linguagem.

Não resta dúvida de que o motivo principal do seu livro é uma mulher, uma vez que o título e os poemas apontam para essa perspectiva. No entanto, o poeta dá uma dimensão poética para a sua paixão por Tânia como forma de autodefesa, evitando em seu discurso lírico-amoroso o dado estritamente biográfico. Tânia representa um mundo ficcional, imaginário, psicológico, afetivo. O mundo real e o poético fundem-se no processo imaginativo: “Minha intenção neste livro de poemas foi única e exclusivamente poética. Qualquer outra interpretação trai a malícia de quem imaginou”. Ao fazer essa advertência, o poeta conclui dizendo que uma mulher pode metaforicamente significar “um abismo como também uma flor da montanha”. No seu caso, ele achou um abismo. Ele imergiu nas profundezas do abismo, que é símbolo das insondáveis forças do inconsciente. A poesia pode resgatá-lo do abismo no qual se atirou. Desse abismo, tirou “rosas azuis”, a expressão da sua sensibilidade emotiva. Construiu com elas um “ramo dourado”, guardando-o perto

da sua janela. Pássaros desconhecidos são atraídos por essa imagem e cantam canções que o poeta recolhe e transforma em poemas.

Walflan de Queiroz menciona poetas que verdadeiramente lhe tocam, poetas com os quais se identifica, com os quais se espelha para escrever a sua poesia. Desde *O Tempo da Solidão* ele vem citando os seus poetas através de um procedimento dialógico.

Admite a importância crítica de T. S. Eliot no tocante a modernidade, para logo em seguida eleger os poetas metafísicos, John Donne e Henry Vaughan, sem esquecer-se dos românticos, William Wordsworth e Shelley.

Evoca “doçura” da poesia de Emily Dickinson. Evoca Baudelaire o “poeta da modernidade”. Evoca o bardo romântico francês Alfred Musset, espécie de ícone dos poetas do “mal-do-século”. Recorda Hart Crane. Evoca a imagem do cisne e a do jarro chinês, símbolos que fornecem a leveza e a transparência da realidade interior do espírito, pois no cisne reside, segundo o poeta, a humildade, enquanto que no jarro, a tranquilidade, ou seja, a paz. E, então, fala-nos do silêncio, sugerindo a introspecção.

Ao dizer que o silêncio não se transmite por herança, Walflan de Queiroz começa a ensaiar os primeiros passos do silêncio contemplativo que será determinante na concepção da sua poesia religiosa.

Por fim, o poeta afirma ser como Heráclito numa profunda reflexão metafísica diante da perspectiva do Ser em eterno movimento. Heráclito diz: “Tudo se faz por contrastes; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia”. Dessa fonte, o poeta Walflan bebe, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no ser humano. A vitória do Arcanjo São Miguel sobre Satã. O trágico amor vivido por Tristão e a princesa Isolda.

Os poemas n’*O Livro de Tânia* estão distribuídos em quatro partes: “Três momentos para Tânia”, “Poemas da ausência”, “De profundis” e, por último, “O sustentáculo da nuvem”.



Começamos a nossa leitura da poesia d’*O Livro de Tânia* pelo primeiro poema dedicado a Nossa Senhora do Carmo, um título consagrado à Virgem Maria, mãe de Jesus, segundo a tradição judaico-cristã.

### SENHORA DO SILÊNCIO

A Nossa Senhora do Carmo

Em meu silêncio, mãe,  
Não tenho mar, nem tenho barcos,  
Não tenho pássaros, nem canções.

Tenho apenas, mãe,  
Sombrias flores, ruínas  
E relíquias de Tebas e de Mênfis.

Em meu silêncio, senhora,  
Não tenho mais do que Torres esmaltadas,  
Com as cores azuis do teu vestido.

Tenho apenas, senhora,  
Águas-marinhas, e uma estrela solitária,  
Que me leva ti, Templo de Karnack.

(*O Livro de Tânia*, [s/p.])

O eu lírico fala-nos a partir do seu silêncio, da sua angústia. Em seu silêncio, moram os sentimentos mais profundos e mais obscuros. A dor da sua paixão por Tânia parece ser sublimada através da postura devocional a uma santa reverenciada por vocábulos, “mãe” e “senhora”, que são vocativos. Ele encontra-se devastado por essa paixão que lhe aflige até a alma. Fala-nos em “sombrias flores”, “ruínas” e “reliquias de Tebas e de Mênfis”, cidades do Egito Antigo. Refere-se também a “cores esmaltadas”, uma alusão ao manto da Virgem, a águas-marinhas, a “estela solitária”, expressão metafórica de sua solidão, e por fim, retoma a imagem do mundo egípcio, com o templo de Karnack, santuário dedicado a várias divindades.

N’*O Livro de Tânia*, o poeta emprega o discurso do amor cultivado na idealização da Amada, como se nota nos versos a seguir:

Tânia. Teus olhos são doces e brilhantes, cinzentos como a noite.  
Tânia. Teus olhos são grandes e lindos como duas estrelas que se amam.

Eu sou um rio. Tânia, como o mar, não tem fim. Corro para o mar.  
Eu sou como uma folha que treme. Tânia, como uma planta, tem suas raízes na praia.

Eu sou um grito. Tânia, como uma canção.

Tânia. Em teus olhos abertos, contemplo um céu sem astros, vejo a noite fechar as tuas  
[pálpebras, sinto o orvalho molhar o teu rosto de  
[sombras e de luz.

O vento toca brandamente os teus cabelos, Tânia. O vento traz do mar um recado para  
[Tânia.

E Tânia chora. Tânia lembra-se então de sua infância, de sua roupa de colegial e de sua  
[primeira viagem. Tânia, como eu, não teve infância.  
[Viveu esperando pela inocência de uma nuvem.

Tenho sede. O mar também tem sede. Por isso ele nos separou.  
Sabes que o mar, separa mais do que a morte, Tânia?

(*O Livro de Tânia*, [s.p.])

O eu lírico elogia as qualidades da sua musa, estabelecendo a partir de sua beleza comparações metafóricas através dos recursos da linguagem poética. São descritos primeiramente os olhos de sua musa, - “doces e brilhantes” -, efeito provocado pela utilização de uma sinestesia; esses mesmos olhos são perturbadores, “cinzentos como a noite”; são grandes, belos e associados a luminosidades no céu, que são as estrelas. Seus olhos são como “duas estrelas que se amam”. As estrelas personificadas como se fossem amantes.

O eu lírico afirma ser um rio. “Eu sou um rio. Tânia, como o mar, não tem fim. Corro para o mar”. O rio remete a metáfora heraclitiana, o movimento existencial do homem diante do tempo. O simbolismo do rio e da fluidez das águas de acordo com o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier (2009) indica fertilidade, morte e renovação.

“Eu sou como uma folha que treme. Tânia, como uma planta, tem suas raízes na praia” diz o eu lírico. Noutro verso, ele é um grito, “como uma canção”. O tom sublime dos versos incide sobre uma figura venerável, louvada, idealizada, cortejada. “Em teus olhos abertos, contemplo um céu sem astros, vejo a noite fechar as tuas pálpebras, sinto o orvalho molhar o teu rosto de sombras e de luz”.

O eu lírico sonda os mistérios da infância de sua musa. A infância representa uma metáfora para um mundo feito de descobertas e de inocência. No entanto, esse mundo não aparece. “Tânia, como eu, não teve infância. Viveu esperando pela inocência de uma nuvem”. O seu sentimento é dado à infinitude e grandeza do mar que alarga as distâncias e separa muito mais do que a morte. “Tenho sede. O mar também tem sede. Por isso ele nos separou. / Sabes que o mar, separa mais do que a morte, Tânia?” Se a morte representa a anulação da vida, o mar, pelo contrário, é permanente, insaciável.

O mar simboliza o espaço existencial de sua paixão por Tânia. O mar é símbolo do inconsciente, do tempo imensurável. O eu lírico e o mar têm sede. Essa sede se consome em poemas.

A idealização do amor e da figura feminina atende a uma característica da linguagem poética de Walflan de Queiroz, um lírico consciente da sua solidão. O poema a seguir é bem representativo dessa postura:

#### **A TÂNIA, NUMA TARDE DE CREPÚSCULO MÍSTICO**

Esta tarde meus olhos estão cansados de te esperar  
E de te desejar na tranqüila paisagem do porto,  
Onde os barcos balançam mansamente sob o crepúsculo.  
Esta tarde eu te ouço no murmúrio das águas, no vôo  
Da gaivota, quando desfalece em mim a visão da retirada ilha.  
Esta tarde meu coração adormece docemente em tuas mãos  
E penso no silêncio das estrelas e dos teus olhos.

*(O Livro de Tânia, p. 17)*

A expressão “crepúsculo místico” sugere o momento de imprecisão, de contornos indefinidos e vagos, assim como o lamento do eu lírico atrelado à sua espiritualidade, ao seu desejo de transcendência. Ele vive à espera da Amada. Sente sua presença de forma fragmentada na natureza.

A linguagem metafórica explicita a realidade sentimental, contribuindo para o desenvolvimento de uma sintaxe carregada de signos que remetem ao universo marinho. O porto, a presença dos barcos, a tarde, o crepúsculo, as águas, a gaivota em pleno voo e a ilha compõem o cenário do poema.

Nesse sentido, a transfiguração da realidade pelo poeta para captar os seus próprios sentimentos ocorre por meio da utilização de recursos estilísticos que geram efeitos estéticos. O seu lirismo personifica o mundo. Veja-se, por exemplo, os “barcos balançam mansamente sob o crepúsculo”, o “murmúrio das águas”, o “silêncio das estrelas”. São imagens poética construídas a partir da figura de linguagem, a personificação.

As recordações do eu lírico são profundamente emotivas. O final do poema é marcado por uma metáfora romântica definidora do seu estado de espírito. O “coração adormece docemente”, sobre as mãos da sua Amada. O coração dilacerado a pensar no “silêncio das estrelas”, no silêncio dos olhos de sua Musa.

O seu amor é feito de Inocência e de Pureza, quase atemporal, como neste belo poema:

#### **CANÇÃO DA INOCÊNCIA**

Sou para me banhar nas águas do Jordão.  
E para viver contemplando as estrelas  
Na grande noite patriarcal.  
Sou como a nuvem que passa, a chuva que cai,  
E nasci para me salvar sobre as tábuas da lei.  
Sou para te amar sempre, como um simples e meigo anjo.  
Sou para não sentir o deserto em que vivo  
E para ver o horizonte, a planície onde o lírio  
Imóvel de minha solidão cresce, e o orvalho quebra  
A primeira pétala que cai ao primeiro raio de sol  
Na manhã de minha infância.

*(O Livro de Tânia, p. 19)*

O eu lírico apresenta-se como um profeta de Deus, um ser iniciado nos mistérios do Inefável: “Sou para me banhar nas águas do Jordão”. O rio Jordão é um rio sagrado, onde João Batista batizou Jesus, conforme a Bíblia.

A angústia do eu lírico diante do tempo pode ser percebida pela subjetividade metafísica que acompanha as suas declarações. “Sou como a nuvem que passa, a chuva que cai”. A fugacidade das nuvens, da chuva, do tempo, da vida.

Com o anjo ele se identifica e expressa o seu amor a Tânia: “Sou para te amar sempre, como um simples e meigo anjo”. A figura do anjo, simples, meigo. Clama pelo passado, na imagem da infância, como momento de eternidade perdida. “Sou para não sentir o deserto em que vivo / E para ver o horizonte, a planície onde o lírio / Imóvel de minha solidão cresce, e o orvalho quebra / A primeira pétala que cai ao primeiro raio de sol / Na manhã de minha infância”. A infância é o tempo da inocência. O tempo das primeiras paixões.

O poeta Walflan de Queiroz mergulha em sentimentos profundos feitos de sublimação:

#### **TERNURA**

Vem para mim, assim como mãos que se encontram,  
Perdidos os caminhos que conduziam ao mar,  
Ou como barcos que regressam ao porto pela manhã,  
Trazendo conchas, amuletos encontrados entre as ilhas  
Verdes, onde mora a minha angústia.  
Vem para mim, assim como o ambicionado amanhecer,  
Ou como a luz de uma lanterna que me mostra onde devo olhar.

*(O Livro de Tânia, p. 21)*



O eu lírico clama pela presença da sua Musa. Ele anseia por essa chegada, por essa vinda. Um anseio angustiante. “Vem para mim”. É um chamamento, uma convocação para o Amor.

Para realçar o impacto visual que a Musa provoca em sua alma, o poeta estabelece um conjunto de comparações vislumbradas na paisagem predominantemente simbolista. Nesse sentido, os versos denotam a sua capacidade de sentir a natureza íntima do *locus* vivencial, onde as imagens poéticas se projetam sentimentalmente, como, por exemplo, “mãos que se encontram”, e ainda “barcos que regressam ao porto pela manhã / Trazendo conchas, amuletos encontrados entre as ilhas / Verdes, onde mora a minha solidão”. Nos versos finais, as expressões “o ambicionado amanhecer” e “a luz de uma lanterna” incorporam-se a idealização da figura feminina.



Após a análise dos quatro poemas, passamos então para a primeira parte d’*O Livro de Tânia*, intitulada “Três momentos para Tânia”. A epígrafe de Emily Dickinson expressa o sentimento do poeta Walflan em relação à mulher que ele canta: “Because my brook is silent / It is the sea”.

De um modo geral, a temática nuclear se organiza em torno de uma intensa pulsação confessional na qual a mulher é o fator determinante para o sofrimento decorrente da incorrespondência amorosa. Leiamos este poema:

### CANÇÃO PARA TÂNIA

Tânia, eu não sou o vento  
 E nem o silêncio da estrela.  
 Eu sou o silêncio, a sombra do anjo.  
 Eu não sou o anjo.  
 Tânia, eu não sou a casa branca da floresta.  
 Eu sou apenas um pássaro boiando sobre as espumas  
 Do mar. Não sou a vaga. Não sou o ar.  
 Eu sou um rio, Tânia. Um rio impassível.  
 Mas, posso ser também, Tânia, uma rosa branca.  
 Uma rosa branca, para morrer contigo.

*(O Livro de Tânia, p. 25)*

O eu lírico se dirige a Tânia através de expressões para caracterizar a sua própria condição decaída. Conforme se vê nos versos, ele mostra as suas facetas inicialmente projetadas na personificação, o “silêncio da estrela” e na metáfora a “sombra do anjo”.

A imagem poética da sombra traz o mistério, mas também um apelo à visão interior, um apelo ao invisível. O anjo projeta a sua sombra, a sua escuridão por meio de suas asas, pois o eu lírico diz ser o silêncio, a sombra do anjo. “Eu não sou o anjo”, profere.

O eu lírico transfigura-se no pássaro do mar. Retoma a imagem do rio, como noutros poemas, que já vimos. “Eu sou um rio”. O rio é uma metáfora que povoa o imaginário do poeta Walflan de Queiroz. O rio representa o devir, o fluxo permanente das coisas.

“Um rio impassível”, diz o eu lírico, personificando o rio. A sua paixão é inesgotável, repleta de transformações representadas pelo silêncio, pela sombra do anjo, pelo pássaro, pelo rio e, por fim, pela rosa branca.

A rosa é a flor que carrega o simbolismo da pureza e, no caso, do poema, a significação da morte. “Uma rosa branca, para morrer contigo”. A rosa é branca, a cor que absorve a luz. Se a mulher é impossível, resta-lhe a possibilidade da morte.

A paixão e a morte representam uma relação intensa e complicada que o poeta Walflan cultivou esteticamente das mais variadas formas. Além desse par paixão e morte, a noite é outro elemento temático na poesia walflaniana, como neste poema:

#### NOTURNO PARA TÂNIA

Se, durante a noite, não sentires,  
Cair sobre a tua face, uma lágrima,  
Não, não sou eu.  
Se, durante a noite, não ouvires,  
O grito do pássaro pousando em tuas mãos,  
Não, não sou eu.  
Mas, se caminhares, pelo invisível,  
E vires então o anjo inclinar-se sobre ti,  
Sou eu, Tânia, sou eu.

*(O Livro de Tânia, p. 27)*

A noite é refúgio. É mediadora. O eu lírico, pela força transfiguradora da noite, manifesta a amada a sua presença nebulosa, sombria e quase sobrenatural, valorizando a sua paixão por meio de metáforas que expressam a sua alma insone.

O eu lírico com doçura sussurra a Tânia o seu mistério. A sua existência se compraz entre as coisas do mundo sensível e do mundo invisível. No invisível ele se apresenta leve e

sutil como um anjo que ao inclinar-se projeta com suas asas a sua sombra, o seu lado noturno.

Tânia preenche o seu coração de melancolia. Ela habita a sua poesia. Ela está na sua mente. Não sai de suas palavras, dos seus versos.

O poeta Walflan de Queiroz desde sempre valoriza o seu sentimento como algo profundamente verdadeiro e puro:

#### **AMA-ME QUE SOU UM PÁSSARO**

Ama-me como um pássaro, como o crepúsculo,  
 Ou como um inquieto rio, como uma tocha,  
 E assim então morrerei.  
 Ama-me como um pássaro, como um estranho mar,  
 Ou como um intranquilo silêncio, como uma torre.  
 E assim então esquecerei.  
 Ama-me como um pássaro, como a aurora,  
 Ou como uma profunda noite, como uma onda,  
 E assim então para sempre.

*(O Livro de Tânia, p. 31)*

O poema, o último dessa parte do livro, intitulada “Três momentos para Tânia”, constrói-se por meio de comparações de forma que temos a metáfora do amor inserido num conjunto de expressões representadas na imagem do pássaro (símbolo da alma sonhadora), do crepúsculo, do rio (por causa do seu fluir, remete a ideia da transitoriedade) e a imagem da tocha (o fogo da paixão). A influência dessas imagens conduz à evocação da morte.

Outros símbolos também aparecem nessas comparações. Por exemplo, a personificação de realidade externa, “um estranho mar”, e do outro lado, a personificação de sensação abstrata relacionada ao sentimento do eu lírico, “um intranquilo silêncio”.



“Poemas da ausência”, segunda parte d’*O Livro de Tânia*, traz uma epígrafe de Rainer Maria Rilke: “Tu es en exil, tu n’as pas de patrie, aucune place ici-bas, n’est la tienne” (*Le Livre de la Pauvreté et de la Mort*). São versos extraídos da terceira parte de *O Livro de Horas (Le Livre d’Heures)*<sup>11</sup>.

A poesia de Rilke serve de amparo para o poeta Walflan, imerso no sentimento de solidão provocado pelo flagelo da paixão. A sua paixão por Tânia provoca o exílio. A poesia é o seu exílio. O poeta Walflan se volta para o anjo:

#### **ANJO, NÃO ME DEIXE TÃO SÓ**

Somente tenho olhos para ti  
 E com eles construo um mundo refletindo a tua Beleza  
 De uma estrela fixa.  
 Não quebrarei o silêncio das idades, nem verei a lua  
 Enraivecida dizer numa canção que não mais te amo.  
 Embora o mar não corra pela praia  
 E o sol não se misture ao oceano  
 Te amarei e te louvarei sempre.  
 Annabel Lee dos meus sonhos, lírio de minha solidão,  
 Dá-me o alento para os meus dias, bálsamos para o meu  
 Sofrimento.  
 Sou como a noite, não sei onde moro.  
 Vem para mim como esquecimento sobre o meu corpo.  
 Fonte do meu silêncio e ternura de minha morte.

(*O Livro de Tânia*, p. 35)

---

<sup>11</sup> Apresentamos a tradução livre: “Tu estás no exílio, tu não tens pátria, não é teu nenhum lugar na Terra”.

O anjo metaforiza as forças afetivas que prendem o eu lírico a um sentimento de intensa angústia. Com o anjo, ele dialoga. Ele não se sente totalmente sozinho. O anjo está no plano da impossibilidade assim como a mulher.

O poeta Walflan vive obcecado pela imagem de uma mulher idealizada. Evoca a musa do poema de Poe, Annabel Lee. É como se a sua musa, Tânia, estivesse no mesmo plano simbólico de Annabel Lee. Talvez seja este um dos versos mais bonitos de todo *O Livro de Tânia*: “Annabel Lee dos meus sonhos, lírio de minha solidão”. Annabel Lee representa o sonho, a ilusão e o vazio que moram na alma do eu lírico confessadamente um ser noturno: “Sou como a noite não sei onde moro”. No fim do poema, a mulher representa a fonte do silêncio e a ternura da morte como libertação.

A angústia do poeta inscreve-se num plano de constante frustração por causa da Amada ausente:

### **ROSA DO CREPÚSCULO**

Nenhuma manhã para mim. Estive passeando  
 Ao crepúsculo pela praia, e não te vi.  
 Esperei pela noite, e ela não veio,  
 Senão como uma quebrada escuridão,  
 De estelas mortas caindo no mar.  
 Tua ausência fez sofrer o sol,  
 E fez morrer o pássaro sobre o quebra-mar.  
 Teus olhos cinzentos. Ofélia  
 Tinha os teus olhos. Eram como pétalas, gotas  
 De chuva que preenchiam o meu sonho.  
 Tenha-me no mar, na montanha sem sol,  
 Como tenho-te na rosa, na espuma branca  
 E na árvore do rio.

(*O Livro de Tânia*, p. 41)

O cenário descrito no poema revela momentos de transição entre o crepúsculo e a noite. Não há manhãs. O que há é a escuridão, “estrelas mortas caindo no mar”.

O eu lírico evoca Ofélia para (re)ver o perfil dos olhos da amada: “Teus olhos cinzentos, Ofélia / Tinha os teus olhos. Eram como pétalas, gotas / De chuva que preenchiam o meu sonho”. Os olhos da Amada é uma constante no discurso amoroso do poeta. Predominância metafórica dos “olhos cinzentos” associados à noite.

O anjo reaparece no poema a seguir:

#### ANJO EM EXÍLIO

Como angustiado anjo em exílio, percorro os caminhos do mar,  
 Para te esperar nas manhas de orvalho, quando transformo  
 Meu lânguido desejo em tormento.  
 Afastado de ti, sofro por não ver no céu ser nuvens, a ambicionada estrela  
 Que me levaria a ti. Cansado de meu demorado exílio, sonho  
 Com a terra da promessa,  
 Que nada seria sem ti e contemplo mais uma vez este céu negro  
 De formas de farol.  
 E te reconheço caminhando entre as algas do mar e no feliz astro  
 Brilhante que me mostra a suave e tranquila luz eterna de Deus.  
 Mas, os ventos das manhãs nem sempre soprarão  
 A longa ausência em meus olhos, quando te espero no mar de onde vim,  
 E te vejo com os cabelos soltos e molhados, jogados como âncoras  
 E me salvando de um naufrágio preenchido de inocência e de amor.

*(O Livro de Tânia, p. 43)*

A figura metafórica do anjo possibilita ao poeta expressar os seus sentimentos, as suas emoções. “Como angustiado anjo em exílio”. Exilado da musa. O sentimento de exílio associa-se a uma evocação sublime e religiosa. “E te reconheço caminhando entre as algas do mar e no feliz astro / Brilhante que me mostra a suave e tranquila luz eterna de Deus”.



A terceira parte d'*O Livro de Tânia*, “De Profundis”, é a mais espiritualizada. O seu título remete ao salmo homônimo de Davi. Seus primeiros versículos dizem: “Das profundezas clamo a ti, Yahweh: / Senhor, ouve o meu grito” (Sl 129, 1-2). Quanto à epígrafe, Walflan de Queiroz recorre aos versículos do mesmo salmo, mas em francês, a sua língua predileta: “Si tu retiens les fautes, Yahvé, / Seigneur, qui donc subsistera?”<sup>12</sup>

O poeta sente a necessidade de conhecer as profundezas do seu próprio espírito. Ele sofre com resignação, com lucidez e desventura. Dialoga com Deus, volta-se para o refúgio divino, visto que a sua paixão por Tânia só lhe traz angústias infindáveis. Vejamos o poema:

#### LEGENDA

Perdão para o que contemplou, de longe, o azul do céu  
 E que nunca teve Tempo nem Amor, esquecidos como foram o cipreste e o  
 [salgueiro.

Perdão para o que, imerso em sonhos,  
 Conversou, em vida, alguns momentos com uma estrela.  
 E para o que, vivendo em solidão,  
 Teve o Mar como herança e o Vento como amigo.  
 Perdão, Senhor, para o que, não tecendo legendas,  
 Foi com uma mariposa em torno de uma chama,  
 Ou mesmo um Clown triste que não conheceu o Amor.

(*O Livro de Tânia*, p. 47)

---

<sup>12</sup> Na Bíblia, lemos os versículos: “Se fazes conta das culpas, Iahweh, / Senhor, quem poderá se manter?”



O eu lírico pede perdão não por seus pecados, mas por sua incessante busca pelo Inacessível, por tudo aquilo que represente uma realidade fora do convencional e do cotidiano. Não é do pecado que nos fala, mas sim de um intenso simbolismo do Absoluto e do Sagrado.

Ele contemplou o azul do céu, o infinito, o horizonte. Ele imergiu em abstrações. Imerso em sonhos. Vive na solidão. Falou tristemente à estrela. O mar é sua herança. O vento é seu amigo.

O poeta Walflan utiliza uma linguagem simbólica para expressar as suas sensações, as emoções. O cipreste e o salgueiro são árvores que possuem uma conotação sacra. Conforme o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier (2009), o cipreste é símbolo da imortalidade, enquanto que o salgueiro está relacionado com a morte, pois a sua morfologia evoca sentimentos de tristeza.

Em seu *Dicionário de Símbolos*, Becker (1999) afirma também que devido a sua forma inclinada para o chão, lembrando lágrimas derramadas, o salgueiro é símbolo da lamentação fúnebre.

A mariposa mencionada pelo eu lírico no poema é símbolo do amor místico. Ela é atraída pelas chamas do fogo onde morre queimada. “Perdão, Senhor, para o que, não tecendo legendas, / Foi com uma mariposa em torno de uma chama / Ou mesmo um Clown triste que não conheceu o Amor”. A figura do clown remete-nos à antiga comédia grega e romana, a “*commedia dell’arte*”. O Clown representa a simplicidade, oscilando entre o trágico e o cômico.

O poeta Walflan de Queiroz vê-se devorado e dilacerado interiormente, como neste poema:

## PEDIDO

A Leda, a divina

Senhor, Deus, quero como recompensa apenas isto:  
 O mar do poeta Hart Crane,  
 A ternura da chuva numa noite de solidão,  
 E o sorriso daquela pobre criança.  
 Senhor, quero também, se tanto merecer para Vós,  
 A beleza daqueles barcos, que, brancos como os cisnes de Rilke,  
 Não se de onde vem e nem para onde vão.

*(O Livro de Tânia, p. 49)*

O poema à semelhança de uma prece possui um discurso de natureza religiosa. O eu lírico faz uso do recurso da apóstrofe “Senhor, Deus”, desejando o “mar do poeta Hart Crane”, a “ternura da chuva numa noite de solidão”, o “sorriso daquela pobre criança”, a beleza de barcos que são “brancos como os cisnes de Rilke”. No poema seguinte, o poeta entrega-se à revelação do mistério:

## A VOZ

Uma voz eu ouvi, vinda não sei de onde,  
 Dizendo-me que, algum dia,  
 Eu faria uma viagem para muito longe.

Uma voz eu ouvi, vinda das pequenas ondas do mar,  
 Dizendo-me que, eu deixaria este mundo por outro,  
 Esta vida, por outra vida melhor.  
 Esta estranha voz, agora eu sei, veio da noite,  
 Veio do rio, ou então, daquele sombrio cipreste, que,  
 Como a minha solidão ofereço a Deus.

*(O Livro de Tânia, p. 51)*

O eu lírico ouve uma estranha voz, um chamado, um convite para uma viagem. A mesma voz d’*O Tempo da Solidão*, um chamado do mar, de um “navio inútil”, a voz do “bateau ivre”.

A voz do infinito, do mistério. A voz que liberta o seu mundo interior e tem íntima ligação com o seu destino. O poeta sabe ouvi-la com profunda serenidade. Sabe ouvi-la por toda parte. A voz, viagem. Essa voz vem das ondas do mar, da noite, do rio e do cipreste. A voz da solidão. Solidão cantante a Deus.

O poeta decaído se compraz na imagem divina do Cristo, uma imagem que lhe serve de exemplo de força, de amor e de compaixão:

#### **AO FILHO DO HOMEM**

Como invocá-lo agora que o encontrei e me sinto  
Triste ao meio da solidão das grandes avenidas?  
Pudesse eu pelo caminho, vê-lo como a um anjo,  
Nesse silêncio onde nenhuma estrela ou lanterna,  
Jamais clareou a sua sagrada face como a sol.  
Tivesse eu, olhos violeta, o contemplaria sereno  
Como um anjo de cabelos rebeldes, prenúncio  
De Vida, Morte, Ressurreição.

*(O Livro de Tânia, p. 53)*

No poema, o eu lírico encontra-se completamente só, em silêncio, mergulhado no desejo de salvação através de Cristo, tendo em vista os obstáculos para se chegar até o Filho do Homem. O eu lírico não se sente merecedor da misericórdia de Cristo e lamenta. “Como invocá-lo agora que o encontrei e me sinto / Triste ao meio da solidão das grandes avenidas?” Para ele, Cristo seria um anjo de cabelos rebeldes, que desejaria contemplar e receber sua mensagem de Verdade e Paz.

Em busca da contemplação do Eterno, o poeta Walflan aprofunda o seu lirismo transcendente neste poema:

### ABISMO

Senhor, convertei meu abismo em redenção,  
E mandai vosso anjo erguer a minha alma,  
Da profunda tristeza em que se encontra.  
Fazei, Senhor, que, nenhum demônio possa  
Jamais encontrar em meu corpo alvívio para o seu tormento.  
E derramai, vosso óleo e vosso vinho  
Por sobre a minha miséria e a minha desolação.

*(O Livro de Tânia, p. 55)*

O poema é uma prece em que o eu lírico, de alma devastada, expressa a sua profunda tristeza. “Senhor, convertei meu abismo em redenção”. O abismo da angústia existencial, o abismo do Amor.

O eu lírico evoca o óleo e o vinho para salvar a sua alma. Sua alma ferida. O óleo, dentro da tradição bíblica, como símbolo do Espírito Santo, enquanto que o vinho, o sangue de Cristo, purifica.

No texto “Poesia e Tentativa”, o poeta Walflan havia afirmado que uma mulher pode ser um abismo ou uma flor da montanha. No seu caso, ele encontrou um abismo. Podemos pensar numa relação entrelaçada entre a mulher, o abismo, e o sentimento de redenção que isso tudo provoca nele.



A última parte d'*O Livro de Tânia*, “O sustentáculo da nuvem”, é iluminada pela epígrafe de Rimbaud extraída do poema “Enfance” do livro *Illuminations*: “Les nuées s’amassaient sur la haute mer faite d’une éternité de chaudes larmes”<sup>13</sup>.

A mulher na poesia de Walflan de Queiroz é um elemento que muitas vezes provoca a experiência platônica da paixão sublime. A mulher representa o caos que gera conflitos:

#### TÂNIA

Embora o mar derrame as águas do seu pranto por sobre os nossos corações,  
 E o tédio de suas ondas faça saltar as pedras contra a aurora,  
 Que, irrompendo como um leão dentre as colinas distantes  
 Onde óleo, sal e espuma,  
 Entregam a Deus, o alento de nossas preces,  
 Não partirei, minha doce amiga, não partirei,  
 Para nenhuma terra desconhecida.  
 Deixemos que as estrelas, com suas vestes tão amigas,  
 Nos digam o que a enfurecida lua, não pode dizer em sua frieza.

(*O Livro de Tânia*, p. 61)

---

<sup>13</sup> Na tradução de Ivo Barroso: “As nuvens se adensavam sobre o mar alto feito de uma eternidade de lágrimas quentes”.

O poema constitui-se como uma narrativa, uma sucessão de imagens encadeadas e conectadas umas com as outras. A linguagem personificada (“o mar derrama as águas do seu pranto”, “tédio de suas ondas”, “a enfurecida lua”) permite perceber a rede metafórica tecida pelo poeta em torno do seu objeto temático.

O amor sofrido é capaz de inspirar a devoção até a morte como consequência da frustração amorosa:

### DESEJO

Uma pequena tumba, com um nome numa pedra.  
 Algumas rosas, um olhar.  
 Eis o que quero.  
 Um abrigo, por fim alcançado,  
 Perto do simples rio, de um salgueiro.

*(O Livro de Tânia, p. 63)*

No poema, o eu lírico exprime de maneira mórbida o seu sentimento. O desejo de morte traduz a sua nostalgia. Ele descreve um cenário onde há “tumba”, “pedra”, “rosas”, “abrigo”, “rio”, “salgueiro”. Sua sepultura à beira do rio e do salgueiro.

O rio é uma metáfora constante na poesia de Walflan de Queiroz, como manifestação dos seus sentimentos e de suas inquietações. Percebe-se mais uma vez a sua influência como um produto do devaneio poético. O rio tem vida, tem morte. O rio tem o ritmo da angústia interior do poeta que tanto se identifica com essa metáfora.

Podemos perceber a importância da imagem poética do rio principalmente neste poema:

**O RIO**

Em amor e saudade

Um rio não precisa de asfalto para correr,  
 Nem de dísticos para viver.  
 Um rio nasce onde há ternura,  
 E morre onde começa o mar.  
 Oh, dá-me um rio para a minha solidão.  
 Um rio de pedras, de lamas, de peixe.  
 Um rio para viver, para sonhar, como um ninho de caniços,  
 Como um beijo de mulher.

*(O Livro de Tânia, p. 65)*

O eu lírico canta ao rio, que suscita uma linguagem subjetiva atrelada a dor de existir. O rio expressa a imagem da angústia existencial. “Oh, dá-me um rio para a minha solidão”. O rio como metáfora da manifestação de desejos e fortes sentimentos: “Um rio para viver, para sonhar, como um ninho de caniços, / Como um beijo de mulher”.

O poeta Walflan sente-se arrasado por não ter ao seu lado a musa inspiradora de suas poesias:

**FAROL**

Não encontro o meu caminho. Por mais que procure,  
 Não ouço nenhum som, nenhum chamado.  
 Não vejo nenhuma luz que indique o meu rumo.  
 Nem nenhuma estrela mostra o meu caminho  
 Por este mar profundo, onde  
 Nenhuma praia, nenhuma ilha  
 Me aparecem.  
 Entanto, no meio deste turbilhão, deste caos  
 Vejo a tua face, límpida e pura, coroada de estrelas.

*(O Livro de Tânia, p. 69)*

A imagem do farol, que resplandece uma luz para guiar os navios no mar em direção ao porto, compreende também a metáfora da qual o poeta se serve para expressar a sua angústia, o seu desespero.

O farol é elemento metafórico que remete a Amada na crônica “Tânia e o rio”, caracterizando a natureza obsessiva do seu amor: “Um farol guia, livra da tempestade, conduz o viajante para o abrigo seguro. És este farol, orvalho, camélia, crisântemo. Eu sou o viajante”.

No poema, o eu lírico expressa-se como alguém desiludido, que não encontra o seu caminho, não ouve “nenhum som”, “nenhum chamado”, não enxerga “nenhuma luz”, “nenhuma estrela”, “nenhuma praia”, “nenhuma ilha”. As anáforas consubstanciadas nos pronomes indefinidos traduzem a ambiência nefasta. É como se o eu lírico vivesse numa Treva.

O fim do poema marca o contraste entre o pessimismo e a deslumbrante imagem da figura feminina com a “face, límpida e pura, coroada de estrelas”. Suas palavras resumem a tendência do poeta em divinizar sua musa. Ela surge como a Luz em meio a toda essa escuridão, essa penumbra. Nesse sentido, o seu rosto imaculado, eternizado e brilhante pode também remeter-nos à iconografia cristã da Virgem Maria, a Santa coroada com doze estrelas.

A mulher pode ser divinizada e santificada da mesma forma dos poetas que Walflan de Queiroz evoca em sua obra. A figura de Rimbaud, por exemplo, parece encarnar uma das suas obsessões literárias:



**RIMBAUD**

A Sanderson Negreiros

Não, não sofres mais no deserto do Harar, a secura  
 Dos climas quentes e escaldantes.  
 Agora, qual suave rio, repousas numa planície.  
 Sei que em Marselha, tomaste um navio  
 Para uma viagem, cujo capitão tinha roupas negras da morte.  
 E eu te amo, cada vez mais, como ao próprio Cristo em agonia,  
 Meu irmão Rimbaud, poeta, iluminado e santo.

*(O Livro de Tânia, p. 75)*

O poema, dedicado a Sanderson Negreiros, tematiza as chagas de Rimbaud, o seu sofrimento e a sua morte. O eu lírico condoído evoca o seu destino: Harar, na Etiópia, o deserto de areias e de pedras na África. A eterna errância é proferida. O abandono da poesia em prol de uma vida obscura, estranha.

O martírio de Rimbaud lembrado pelo poeta Walflan, que tanto o admira: “Agora, qual suave rio, repousas numa planície”. Um lugar plano onde se possa ao menos vislumbrar o seu túmulo.

O poeta Walflan enxerga uma intrincada comunhão entre os seus últimos dias e o sofrimento de Cristo na cruz. Rimbaud louvado, santificado e amado como o Cristo em sofreguidão. “E eu te amo, cada vez mais, como ao próprio Cristo em agonia, / Meu irmão Rimbaud, poeta, iluminado e santo”.

Rimbaud é como se fosse um tema da poesia walflaniana, um tema que sempre se renova pelo poder transfigura(dor) da linguagem poética. Em *O Tempo da Solidão*, Walflan de Queiroz havia evocado o poeta francês sob o descortinar imaginário do seu “bateau ivre”.

Walflan de Queiroz mescla a tradição literária com a sua poesia amorosa. Se por um lado louva Rimbaud, por outro lado não se esquece de sua musa Tânia:

**BALADA A TÂNIA**

Tânia, Tânia,  
 Minha é a rosa,  
 Teu é o poente,  
 De sangue e de coral.

Tânia, Tânia,  
 Minha é a concha,  
 Teu é o pássaro,  
 Azul do meu sonho.

Tânia, Tânia,  
 Minha é a solidão,  
 Teu é o peixe,  
 De ouro e de cristal.

Tânia, Tânia,  
 Teu é o mar,  
 Meu é o rio,  
 De jade e de turquesa.

Tânia, Tânia,  
 Meu é o vento,  
 Teu é o pomar,  
 Que me traz tristeza e solidão.

*(O Livro de Tânia, p. 81-83)*

As cinco estrofes formadas por quartetos sem uniformidade métrica começam sempre com essa postura invocativa: “Tânia, Tânia”. As expressões metafóricas são organizadas através dos pronomes possessivos. O eu lírico elege para si os signos, como a rosa, a solidão, o rio, o vento; para Tânia, o poente, o pássaro, o peixe, o mar, o pomar.

Muitos elementos simbólicos despontam ao longo das estrofes. O jade, símbolo da alma, do coração, da pureza. A turquesa alinha-se a simbologia do sol e do fogo, o rio de jade e de turquesa. O rio é um tópico recorrente na poesia walflaniana.

O mundo romântico e de angústia preenche o vazio do poeta Walflan, que, incansavelmente, evoca a sua musa:

**PARA VOCÊ**

Eu venho de uma montanha, Tânia.  
De uma montanha de fogo e de sombras,  
De fogo como o sol e de sombras como a noite.

Venho de um vale, Tânia.  
Um vale com mil flores brilhantes,  
E todas estas flores eram tuas.

Venho de uma floresta, Tânia.  
Uma floresta com apenas um pássaro,  
Um pássaro azul como as águas do rio.

Venho de um lago também azul, Tânia.  
Um lago tranqüilo e sem rumores,  
Com cisnes brancos, cisnes selvagens,  
Selvagens como meu amor.

Eu venho do mar, Tânia.  
Um mar sem praias e sem gaivotas,  
Com uma ilha de carne,  
E com o sangue de uma estrela.

Venho do deserto quente, Tânia.  
Um deserto com ventos de areia,  
E com monumentos que são sepulcros,  
Onde enterro a minha solidão.

*(O Livro de Tânia, p. 93-95)*

Do ponto de vista sintático, o poema é formado por doze períodos e seis estrofes distribuídas entre tercetos e quartetos, destacando-se versos livres e brancos. A utilização do pronome de tratamento “você”, de forma coloquial, no lugar do “tu”, não traz prejuízo para a dicção poética, ao contrário, mostra certa aproximação com a interlocutora, uma mulher que ele já a viu ou pelo menos a conhece.

Na primeira estrofe, o eu lírico anuncia que vem da montanha, a imagem da verticalização, do Absoluto, do Eterno. Ele é o profeta escolhido para disseminar a palavra que queimará, a palavra revelada da montanha de fogo e de sombras. O fogo como o sol queima, as sombras como a noite, escurecem. Este profeta tem vontades e demonstra tais

vontades através de um ciclo de metáforas que remetem a natureza como fonte de comparações para representar a expressão do sentimento.

Sabemos que na poesia romântica, a natureza ocupa um lugar de destaque, pois intensifica a expressão sentimental do poeta. Sendo assim, cada estrofe do poema se estrutura com base nos elementos que ligam o eu-lírico à natureza. A natureza tem virtudes. Essas virtudes são apresentadas por meio de uma linguagem personificada (“Um lago tranquilo e sem rumores”; “o sangue de uma estrela”), hiperbólica (“mil flores brilhantes”).

Um mundo simbólico é invocado na imagem da floresta, do pássaro azul, do lago, dos cisnes. Todas as imagens formam o mundo oferecido a sua amada para cativá-la. Temos o cenário constituído através do qual o eu lírico clama pelo amor da amada.

Tânia, a Grande Musa. A sua Beatriz, a sua Ofélia, a sua Marília, a sua Annabel Lee, a Eurídice de seus versos. Tudo que possa representar o drama do Amor, da Paixão traduzido pela literatura e pelos mitos, Walflan de Queiroz, incorporou em discurso poético.

No último poema d’*O Livro de Tânia*, Walflan de Queiroz explora vários elementos da mitologia grega e da Bíblia para retratar a figura feminina:

### EURÍDICE

Foste certa vez Annabel Lee. Tiveste em teus braços uma onda azul. Presa do meteoro, foste um pássaro boiando pelas espumas do mar.

Teu vulto, qual uma sombra distende-se pela distância ao barulho das vagas e dos ventos que zumbem como uma inquieta lira jogada ao encontro dos rochedos e dos pântanos. Teus cabelos, como doces fios de ouro, envolvem-se em tênue névoa ao caminhares pelo vale de minha solidão.

Foste certa vez como Sara. Guiado pelo anjo Rafael, fui teu esposo durante toda a minha vida e expulsei do teu corpo o demônio que te atormentava. Fomos ligados pelo peixe e pelo consentimento de Deus.

Nunca te encontrei realmente. Caminhei por vales e montanhas, descí ao inferno como Orfeu para te buscar e guardei em minha lembrança o mistério que te cerca, qual esfinge batida pela areia do deserto.

Foste por fim uma criança. Eu, antigo sacerdote de Zeus, converti-me ao cristianismo e repudiei os deuses e os mitos que destruíam o meu povo.

Sou filho de Apolo e das Musas, mas morri assassinado pelo ódio de Aglaonice quando explicava o sentido do Deus Único e Eterno. Minha alma seguiu a tua e minha voz foi ouvida pela tempestade quando pronunciei o teu nome.

Como uma criança vives em mim. Guardada pela inocência, qual uma abelha do paraíso, caminhas em silêncio pela noite que tem uma raiz de profunda eternidade.

Sou uma tocha e como uma tocha morrerei. Doce criança de olhos meigos e tristes porque eu te amo mais do que os barcos, mais do que as flores e mais do que o mar?

*(O Livro de Tânia, p. 99)*

Os mitos sempre foram uma fonte para os poetas de todos os tempos. A relação entre mitologia e poesia opera-se de forma intrínseca. Sabemos pela narrativa do mito que Orfeu, filho de Apolo, desceu ao Hades, o Inferno, onde as chamas são incessantes, para resgatar a sua eterna amada, a mais bela de todas as ninfas, Eurídice.

Orfeu desejou trazê-la para o mundo dos vivos, mas seus planos fracassaram por que ele infringiu uma condição imposta pelos deuses de que durante a travessia não poderia olhar para trás. Orfeu ignorou essa ordem e perdeu Eurídice pela segunda vez.

O poeta Walflan se reconhece nesta imagem triste de Orfeu, como aquele que perde também a sua amada. “Foste certa vez Annabel Lee. Tiveste em teus braços uma onda azul. Presa do meteoro, foste um pássaro boiando pelas espumas do mar”. O poeta ama com a pureza órfica, com a solidão órfica. É um Orfeu trajado de apocalipses e de luas mortas. “Nunca te encontrei realmente. Caminhei por vales e montanhas, desci ao inferno como Orfeu para te buscar e guardei em minha lembrança o mistério que te cerca, qual esfinge batida pela areia do deserto”.

Além de Eurídice, o poeta evoca a figura bíblica de Sara, uma das mulheres do patriarca Abraão, no Antigo Testamento. Ele deseja unir tradições: Eurídice e Sara. Duas mulheres importantes, com seus dramas.

No fim do poema, caracteriza a sua paixão pelo viés da Eternidade, do Silêncio e da Inocência. A paixão como uma tocha que se consome lentamente. “Sou uma tocha e como uma tocha morrerei”.

### Croquis de uma experiência monástica



Na década de 60, o poeta Walflan de Queiroz buscou a solidão dos claustros. Quis ser monge. Entra então para um mosteiro. Renúncia. Crepúsculos. Noite fria. Céu estrelado. Orações. As regras. Manhãs de nevoeiro. Itinerário de preces e de cantos. O contato com Deus. O esquecimento de si próprio. Vida espiritual. Devoções. A sabedoria divina. Contemplação.

O monge trapista norte-americano Thomas Merton (2007), uma das leituras de Walflan de Queiroz no mosteiro, afirma que a experiência contemplativa se dá no mais profundo ser espiritual de quem a tem, e é uma experiência da presença pessoal e transcendente de Deus.

A experiência monástica de Walflan é breve e frustrada. “Entrei no Convento Cisterciense de Itaporanga. Fiz votos de noviço e nele tive a experiência cristã suprema de minha vida. Li São Bernardo e decorei a regra de São Paulo”. Ele nos diz que fez “votos de noviço”. O noviço é um iniciante ao isolamento contemplativo, está na fase de experiência em um mosteiro. Isso era a vida que de fato lhe interessava? Por que a busca e depois o abandono? O problema da sua vocação monástica está no cerne de sua vida e de sua obra poética.

Os cistercienses são membros de uma ordem religiosa muito antiga, fundada em Cister, na França, por volta de 1098. Os religiosos desta Ordem seguem as regras de São Bento, seguida também pelos beneditinos, como o próprio nome já sugere. No *Dicionário Histórico de Religiões*, escreve Amaral Azevedo (2002, p. 64): “Na concepção beneditina, o mosteiro é uma família, seus integrantes prestam total obediência ao abade, e o tempo do monge é dividido entre o trabalho (seis horas diárias no verão) e as orações”. No começo dos anos 50, um grupo de monges cistercienses veio para o Brasil, fundando os primeiros conventos em São Paulo e Minas Gerais.

Algumas pistas em relação ao ano em que o poeta Walflan ingressou no mosteiro cisterciense, no interior do Estado de São Paulo, são fornecidas a partir de uma reportagem de jornal. No dia 27 de março de 1965, a *Tribuna do Norte*, numa seção especial dedicada à literatura, editada pelo jornalista e escritor Nei Leandro de Castro, traz uma grande matéria com o título: “Walflan e Claude, dois poetas da aventura”.

A comparação entre eles se dá pelo espírito de aventura que carregam. São viajantes. Ingressaram na marinha mercante. Viajaram por lugares longínquos. O poeta francês Claude Martin, acadêmico do curso de Medicina, em Paris, aos 26 anos de idade, em busca de aventuras, embarcou em um navio que o deixou na África e, meses depois, sem saber o porquê, veio parar no Porto de Natal.

Em Natal, Claude permaneceu 48 horas, o bastante para descobrir e amar a cidade como o seu mais antigo amante. Nos bares, pela madrugada adentro, revelou um conhecimento espantoso acima de tudo. “Causeur”, discorreu a noite inteira sobre pintura, poesia, filosofia, política, música, etc. Revelou, acima de tudo, a sua grande alma de poeta.



No caso de Walflan de Queiroz, o contexto de sua viagem é outro, suas motivações são diferentes:

Recentemente, guiado de novo pela aventura, Walflan de Queiroz deixou a província. Passou quase um ano viajando pelo Brasil: foi capataz em São Paulo, clochard em Brasília e monge no interior paulista. Após seis meses no mosteiro, como irmão leigo, eis que volta ao porto de origem. Retorna místico, com um misticismo que procura enriquecer com a leitura constante dos românticos alemães: Novalis, Goethe, Heine e Hölderlin, os seus poetas atualmente preferidos.

O que reverbera nessa reportagem é o poeta errante, o andarilho, vagando pelo Brasil, num ritmo irregular, “quase um ano”, que pode ter sido no decorrer de 1964, o ano do Golpe Militar. De capataz a clochard, e “monge no interior paulista”, presumivelmente, em Itaporanga; depois ele decide voltar a Natal, após várias andanças. Passou seis meses em um mosteiro na condição de “irmão leigo”, ou seja, “irmão converso”, que ainda não é um monge, propriamente dito.

Qualquer que seja o mosteiro, a Ordem religiosa, os monges sempre assumem trabalhos no campo ou no interior da Abadia, pois são obrigações comuns às normas monásticas. Orações, silêncio e trabalho. Mas o poeta Walflan não conseguiu, ao que parece, saciar a sua sede divina enclausurado numa rígida ordem. Aborreceu-se um dia e foi embora. Sentiu-se desapontado por não encontrar entre os padres e os monges a paz de espírito. Porém, a sua relação mística com o divino, com o sagrado, estreitou-se. Quer dizer, não provocou um distanciamento, ao contrário, consolidou uma aproximação, que terá desdobramentos na sua poesia.

No dia 29 de novembro de 1965, lança o seu terceiro livro de poemas, *O Testamento de Jó*, na Livraria Universitária. Seu livro ocupa um lugar importante no conjunto da sua obra que até o momento resumia-se em dois títulos: *O Tempo da Solidão* (1960) e *O Livro de Tânia* (1963). A sua importância se deve basicamente à inclinação para os temas bíblicos.

A repercussão do lançamento de *O Testamento de Jó* pode ser constatada numa nota editorial publicada em 30 de novembro de 1965 na *Tribuna do Norte*:

**POETA OFERECEU A DEUS  
LIVRO QUE LANÇOU ONTEM**

A Livraria Universitária teve grande movimentação, na tarde de ontem, com o lançamento do livro de poesia de Walflan de Queiroz – *O testamento de Jó* – em reunião que foi aberta pelo Diretor de Imprensa João Ururahí, seguindo a apresentação do poeta, feita por Newton Navarro.

O poeta Walflan de Queiroz, com *O Testamento de Jó* apresenta um aspecto novo na sua poética: o misticismo, que é uma presença marcante em todos os poemas de seu livro. Tanto assim que dedica seu livro a Jeová, nome hebraico que significa Deus.

Após Newton Navarro ter feito a apresentação do livro, usou da palavra Walflan, que definiu seus caminhos poéticos e a necessidade da poesia na sua vida, como compreensão da vida e de Deus. Encerrou a solenidade o professor Oto Guerra, iniciando-se, logo depois, uma concorrida tarde de autógrafos.

Com três livros publicados – *O Tempo da solidão*, *O Livro de Tânia* e agora *O Testamento de Jó*, Walflan de Queiroz tem recebido elogios da crítica de todo o país, que o consideram um poeta que inovou o sentimento romântico e simbolista de sua poética dando-lhe uma dimensão de poesia de vanguarda dentro do atual panorama literário brasileiro.

“Dedico a Yahvé”, diz o poeta Walflan, n’*O Testamento de Jó*, cheio de poemas de inspiração religiosa, como “Cântico de Jó”, “Estrela de Davi”, “Litanias para o Senhor”, “Lamentação às Portas de Jerusalém”, “Jó”, “Ismael”, “Jacó e o Anjo”, “Solidão de Jó”. Há

também poemas amorosos para Herna, sua nova musa. O seu livro impulsionará a fase de sua poesia compreendida entre o misticismo de várias religiões e a tradição literária.

Os pintores Newton Navarro e Dorian Gray se encarregaram das ilustrações de *O Testamento de Jó*. Navarro fez questão de apresentar a obra diante do público presente na livraria. Em seguida, o poeta Walflan discursou<sup>14</sup> sobre essa nova fase que representa uma reflexão do seu último retiro espiritual, a sua identificação com o personagem bíblico Jó, além do estudo de outros textos do Antigo Testamento, em especial, os livros sapienciais. Ouçamos suas palavras:

Não pretendo, com este livro, atingir a imortalidade. Nem muito menos, ultrapassar os umbrais da crítica. A razão pela qual o escrevi, tem sido a mesma que me tem guiado até agora. E a fonte do meu pensamento, tem sido a mesma: a Natureza, o Homem, Deus. O tema que escolhi, desta vez, como motivo fundamental, encontra-se entre os grandes livros de sabedoria: Jó.

Como compreender o grande patriarca, senão ligando-o aos maiores épicos da literatura universal?

Incontestavelmente, vemos em Jó, uma lição da Providência. Vemos uma concepção do Homem, da Natureza e de Deus. Temos outrossim, uma grande admoestação contra o egoísmo dos ricos e o sofrimento dos humildes.

Para o seu tempo, tinha Jó, uma visão já bastante adiantada da Criação e de Deus. Sabe muito bem que, o Senhor Onipotente, domina a força da sociedade e da Natureza.

Provavelmente, não encontramos paralelo em nenhuma outra literatura do mundo. Mesmo os gregos, que foram tão trágicos, não se aproximaram da grandeza de Jó.

Ésquilo, Sófocles e Eurípedes estão longe de representarem o trágico, na altura em que Jó o viveu e o compreendeu.

A literatura não tem fronteira, bem sabemos. Não se limita a territórios. Ela é universal e pertence ao patrimônio comum da humanidade. Sua missão é de dignificação e de aproximação. [...]

Como figura, podemos dizer que Jó, representa Israel. Israel sofrendo, orando pela redenção do mundo.

Não preciso, para exaltar o valor deste meu livro de poemas, de fazer referência ao Talmude ou ao Corão. Muitos pensarão que, sendo como eu sou, um metafísico, posso depender do Livro de Jó, para a minha compreensão do Ser. Não. Parto de Yahvé. Dele depende a minha destinação humana e sobrenatural. [...]

<sup>14</sup> O seu discurso foi reproduzido no *Tribuna do Norte* no dia 5 de dezembro de 1965.

Sem preocupações com o reconhecimento literário, sem desejar a “imortalidade”, nem ultrapassar os “umbrais da crítica”, o poeta Walflan, longe do esnobismo e da pedanteria, demonstra lucidez e comprometimento com a sua poesia.

Seus dias passam sem sentido como os dias amaldiçoados de Jó. Parece que o poeta foi também amaldiçoado. As noites são intermináveis. Que cansaço existencial. Que grande chaga. Então, fez-se sofredor como Jó. Seus olhos se consomem de paisagens bíblicas. A vida de Jó é um exemplo de provação, de renúncia.

Para mostrar a grandeza de Jó, os gregos são evocados em seu discurso: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. A trindade, com suas peças, segundo o próprio poeta, não alcança a perplexidade da tragédia e da perturbação pelas quais Jó é submetido.

A experiência literária para Walflan de Queiroz diz respeito a uma motivação espiritual, de fidelidade ao seu espírito, permeada pela necessidade absoluta de re-ligação que norteia a sua obra e o seu pensamento. O impulso de re-ligação como elemento mediador da consciência do poeta e do Universo representado pela Natureza, pelo Homem, por Deus.

O teólogo Leonardo Boff (2008) afirma que Jó é o exemplo da conquista espiritual e mística do ser humano de todos os tempos, porque o patriarca bíblico questiona o Criador, refuta a doutrina milenar de total obediência aos desígnios de Deus e não tolera a maldade no mundo.

Nesse sentido, Jó rebela-se contra a Fé, contra a Injustiça, para somente no final, após vários debates com seus amigos, compreender a Força Divina através da Redenção.

O poeta Walflan, em seu discurso, compreende que o sofrimento de Jó tem haver com o exílio do povo de Israel. “Como figura, podemos dizer que Jó, representa Israel.

Israel sofrendo, orando pela redenção do mundo”. No *Livro de Jó*, lemos que Deus fez uma aposta com Satã. Jó foi o escolhido por Deus e Satã para sofrer assim como Israel.



Há outra tentativa do poeta Walflan de Queiroz de ingressar nos claustros, ao que parece, anterior a sua passagem pelo mosteiro cisterciense de Itaporanga, em São Paulo. No final dos anos 50, depois de sua viagem às Antilhas, ele deve ter viajado para Curitiba, no Paraná.

De todas as fontes, a mais pertinente é a crônica “Il Poverello”, publicada pelo poeta, na *Tribuna do Norte*, no dia 17 de novembro de 1962. Conta-nos a sua aventura mística num convento:

Encontrei-me com São Francisco de Assis em Curitiba. Eu atravessava um período de crise religiosa profunda. Tinha que escolher entre Deus e Mamon. Entre um amor de uma menina espanhola, para qual escrevi um livro de versos muito depois, aqui mesmo em Natal, e a solicitação para o paraíso do meu Senhor, o Cristo. Conheci, então, uma das figuras mais extraordinárias de minha vida, um frade franciscano chamado Irmão Fidelis. Alemão de origem, grande orador sacro, pobre como o seu pai São Francisco. Frei Fidelis tinha lido num jornal de Curitiba, o “Diário do Paraná”, um artigo meu sobre Paul Verlaine. Gostou e falou comigo na hora da confissão. Quis entrar no convento. Nada tinha, senão minha fé. Vivia num sótão, cuja única vantagem, era poder contemplar madrugadas frias e nevoentas, como são as de Curitiba.

Deu-me a vida de São Francisco para eu ler, a de Chesterton. Eu estava lendo uma obra de François Coppée, *La Bonne Souffrance*. Parei imediatamente e comecei a ler Chesterton.

A imagem que eu guardava de São Francisco de Assis em meu espírito, era a de uma fotografia que tinha visto num livro de história da civilização, quando era aluno do Ateneu. São Francisco falando aos pássaros. Chesterton me mostrou o trovador de Deus. O poeta medieval. Capaz de todo sacrifício pelo amor de Cristo.

E eu fiquei contemplando naquele convento de Curitiba, onde Frei Fidelis era Guardiã, a cruz de Cristo com São Francisco ao lado, junto com Madalena e Maria, sua Mãe.

Frei Fidelis me conseguiu uma cela. Dela, eu olhava uma estátua da Virgem de Lourdes no jardim do convento.

Foi uma semana de balanço espiritual com Deus. Era no Natal. Compreendi pela primeira vez a beleza de um presépio. Mergulhei em Deus como num rio. Transmudei minha alma. Atendi ao apelo da graça. Olhei para a estrela do mar. Pelas tardes, ouvia música de Bach. E orava a Deus, pela salvação de minha alma perdida entre os arrecifes e os pântanos da vida. Pensava na prisão de Verlaine, na sua conversão e na fuga de Rimbaud. Sim. Porque Rimbaud, sempre fugiu. Menos, do Cristo.

Humanos, aqueles franciscanos. [...]

Em sua crônica, o poeta nos fala de como aconteceu o seu encontro com São Francisco de Assis, na cinzenta e fria capital paranaense. Fala-nos de uma “crise religiosa profunda”, que pode ter sido a primeira de suas crises místicas. Menciona Deus e estranhamente uma divindade babilônica, Mamon. Evoca um grande amor infeliz, simbolizado na figura de “uma menina espanhola” para a qual, como já sabemos, escreveu um “livro de versos muito tempo depois”, chamado *O Tempo da Solidão*, lançado em 1960, dedicado a Irene Porcel, embora também uma outra mulher, nesse mesmo livro, destaca-se em seus versos, Tereza.

Entre especulações e controvérsias, mais uma vez predomina a obscuridade sobre o ambiente monástico que Walflan de Queiroz frequentou em alguns momentos de sua vida. No artigo, “Ao lembrar Walflan”, publicado na Tribuna do Norte, Sanderson Negreiros escreve o seguinte:

Depois do fracasso de sua aventura no mar, foi ser monge trapista, em um convento que cheguei a visitar, erguido em campinas onde o silêncio e o trabalho no campo eram a regra estrita, com orações que começavam às 3 horas da manhã, e formavam um painel de total desligamento da vida aqui fora. [...] O convento é da mesma ordem de frades onde esteve enclausurado o extraordinário contemplativo do século XX, autor que causou também a maior revolução espiritual nos Estados Unidos: Thomas Merton. Walflan também não se reteve na disciplina extrema e partiu. Tentou fixar-se ainda no Paraná, ensinando em uma escola de estudantes normalistas, onde conheceu a aluna que foi sua grande paixão errática: Irene Porcel. Sua perdição de amor. De olhos verdes – descrevia ele – cabelos louros ao derramar-se sobre os ombros como cascata, esses olhos compunham-se de primavera.

Sanderson Negreiros menciona vagamente um convento trapista no Paraná, onde Walflan teria vivido e conhecido a aluna que teria sido a “sua grande paixão errática: Irene Porcel”. A figura de Irene Porcel é um enigma. Uma aluna, uma normalista por quem o poeta se encantou? Existe uma Irene Porcel em *O Tempo da Solidão*. Sim, há poemas para uma Irene.

A figura feminina de um modo geral está presente na obra de Walflan de Queiroz conforme já observamos. Em sua fase religiosa paulatinamente o lirismo amoroso vai se exaurindo, perdendo a força motriz, pois o poeta concentra-se mais no sagrado, como estudaremos na segunda parte desta Tese.

**Segunda Parte**



Falo do homem pronto para o seu diálogo com Deus.

**Lúcio Cardoso**

**A Colina de Deus**



*A Colina de Deus*, seu quarto livro de poesias, aponta para o Transcendente, em densa atmosfera religiosa, revelando a “imensa planura do mistério bíblico”, como escreveu o escritor Edgar Barbosa na sua apresentação.

Um livro de resignação cuja epígrafe é o salmo “Canto do Exilado” (Sl 136, 1-9), que o poeta Walflan de Queiroz extraiu de uma Bíblia em francês e, assim, lemos:

Au bord des fleuves de Babylone  
 Nous étions assis et pleurions,  
 nous souvenant de Sion;  
 aux peupliers d’alentour  
 nous avions pendu nos harpes

**Ballade de l’exilé.**

*A Colina de Deus* constitui-se numa obra profundamente inspirada na tradição judaico-cristã, nas profecias sobre Israel, no Êxodo, na promessa da Terra Prometida, uma vez que o salmo escolhido por Walflan de Queiroz evoca o exílio dos judeus na Babilônia, chorando por Sião, com saudades de Jerusalém.

O pintor Newton Navarro ilustrou a capa do livro, uma singela representação da antiga Jerusalém. A Jerusalém dos tempos bíblicos. Analisaremos como esse tema desdobra-se em seus poemas, tomando inicialmente a epígrafe como fio condutor.

O primeiro poema, - há de se dizer, uma prosa poética, - explícita, portanto, a imagem de um poeta devoto em que se sobressai um sentimento de veneração para expressar a “realidade absoluta” de Deus. Cada parágrafo ostenta uma quantidade expressiva de referências que remontam a leituras da Bíblia, da literatura e da filosofia.

Leiamos:

#### YAHVÉ

O templo do Senhor é o universo. Sua habitação, os espaços infinitos, o firmamento onde brilham e circulam as esferas e as formas nascidas de sua vontade.

Yahvé é o Ser. Anterior e transcendente a toda a criação, não existe Nele nenhuma composição, ou seja, imperfeição. Sendo Ato puro, não há Nele nenhuma potenciação. Sendo Uno, não podemos correlacioná-lo com nenhum outro Ente.

A tradição judia narra que Ele apareceu a Abraão, sob a forma trinitária, e a Moisés, como Anjo de Fogo, no Sinai.

A Abraão, por ter sido fiel ao seu apelo, Ele multiplicou e abençoou a sua descendência. A Moisés, Ele revelou a Torá, legislação e profecia.

Ainda a mesma tradição, que remonta a Filon de Alexandria e a Maimônides, afirma que Yahvé é incompreensível ao entendimento humano, por ser Infinito, Causa Primeira, acima de toda Natureza.

Sendo a Fonte da Vida, podemos vê-lo na poesia de Milton, na pintura de Da Vinci e nos cantos imortais de Jehud Ben Halevi.

Sendo a origem, o fundamento do ser, Nele a sabedoria conduz o seu povo para Sião, coração do aquilão, símbolo e poesia de Israel.

*(A Colina de Deus, p. 7)*

O poema traz uma concepção de Yahvé, Deus, como criador da ordem do mundo. Essa concepção aponta para um conjunto de características em relação à divindade onde se destaca a metáfora do universo como morada de Deus.

O Universo traz uma mensagem cósmica, como está dito no *Gênesis*, as origens do céu e da terra, uma cosmogonia. Segundo esse ensinamento teológico, Deus é anterior à criação e todos os seres dele receberam o dom da existência. Deus é o Criador e o Provedor, porque tudo vem de Sua vontade, vem de Sua ordem. “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas” (Gn 1, 1-2).

Numa linguagem poética e bíblica, o poema diz: “O templo do Senhor é o universo. Sua habitação, os espaços infinitos, o firmamento onde brilham e circulam as esferas e as formas nascidas de sua vontade”. Como está escrito, o firmamento, as esferas, as formas, tudo está no centro da criação. Assim, do ponto de vista místico, tais palavras do poeta nos remetem a escola cabalista, - a Cabala -, sinônimo de tradição, conhecida também como filosofia esotérica dos rabis.

“Cabala” ou “Kabala”, em hebraico, *Qabbalah*, “tradição recebida” do misticismo judaico, segundo o *Dicionário Básico de Filosofia*, elaborado por Japiassú & Marcondes (2006), é uma doutrina religiosa esotérica, tendo como alguns objetivos interpretar os textos bíblicos, elaborar uma concepção de Deus mediante emanações sucessivas, sustentando uma teoria da correspondência entre os elementos e o universo, entre cada parte do corpo humano e cada parte do universo, entre o microcosmo e o macrocosmo.

A cabala remonta às idéias desenvolvidas por Moisés de Leon, autor do compêndio *Zohar*, fonte de doutrinas. Outro místico da Cabala, chama-se Isaac Luria, judeu, que viveu em Jerusalém e no Egito, tendo feito especulações acerca de uma teoria cósmica.

Segundo o historiador Antonio Carlos do Amaral Azevedo, em seu *Dicionário Histórico de Religiões*, os cabalistas não renegam a racionalidade e a busca da sabedoria nos conceitos judaicos, mas acrescentam-lhes intuições filosóficas sobre os seus sentidos ocultos, que constituem em sua visão, a base da Divindade e do Universo.

A cabala adaptou ao judaísmo o panteísmo dos neoplatônicos: só Deus é real, mas não habita o mundo físico, que é integrado ao Divino e proveniente de suas emanções. Paradoxalmente infinito e incorpóreo ao mesmo tempo, Deus é mencionado no *Bahir*, um dos livros básicos da cabala, como o *Esin Sof*, o “Sem Fim” ou “Infinito”. Em sua infinitude, Deus ocupava todos os espaços do Ser, e, para que o universo fosse criado, Ele voluntariamente se contraiu um pouco (*tsimsum* ou “contração”), abrindo um espaço para a criação do universo físico. Mesmo a própria criação, ato divino, não veio diretamente de Deus, mas a partir d’Ele, de emanções divinas chamadas *sefirot* (esferas). Segundo Filon, filósofo judeu neoplatonista do século I, a *sefirá* mais elevada era o próprio *Ein Sof*, de onde emanavam outras nove, formando uma árvore de dez *sefirot* que continham todos os atributos do universo. (AMARAL AZEVEDO, 2002, p. 73).

O poema “Yahvé” à luz da teosofia cabalista concentra-se na tensão do eu lírico com a Divindade a partir da sua consciência em relação ao Eterno, ao Universo. A consciência de uma realidade relacional que a todos os seres liga e re-liga. Isto traz em si a necessidade de (re)ligação com o Cosmos, como se a vida humana trouxesse uma marca, algum sinal do Divino.

O poeta Walflan de Queiroz nutre-se de leituras filosóficas e cabalísticas em que se destacam os atributos conhecidos de Deus, um Ser Supremo, a Causa Primeira, o “Summum bonum”, o Infinito, o Onipresente e o Onisciente. Diz o seu poema: “Yahvé é o Ser. Anterior e transcendente a toda a criação, não existe Nele nenhuma composição, ou seja, imperfeição. Sendo Ato puro, não há Nele nenhuma potenciação”. Como se nota em

seu discurso, estão diluídos resíduos da filosofia clássica. O Ser que é Ato atravessa a própria criação, misto de espaço e tempo. Deus enquanto Ser é o fundamento de Tudo, sempre puro, sem imiscuir-se. É o Ser transcendente e perfeito. É indizível, não tem partes.

Aristóteles<sup>15</sup> define Deus como “Ato puro”, “primeiro motor do mundo”, “motor imóvel”, desprovido de matéria e de potencialidade. Temos o problema da incorporeidade divina que prega a tradição judaico-cristã.

Se Deus é incorpóreo, então, Ele não pode ser representado por um nome fisicamente pronunciável. É o Mistério que cerca o seu nome. Nesse sentido, para os judeus, o nome de Deus é escrito por meio de consoantes que não são pronunciadas. O tetragrama sagrado YHWH refere-se à transcrição das quatro consoantes do alfabeto hebraico. Disse o teólogo Leonardo Boff (2009, p. 26): “Deus é mistério. Não podemos banalizar seu nome”.

O frade dominicano Tomás de Aquino<sup>16</sup>, um Santo, considerado um dos pais da Igreja, deixou-se influenciar muito pela metafísica de Aristóteles e retoma os conceitos de que Deus é “ato puro”, sem potencialidade. Mais ainda: estabelece, pela visão aristotélica, através desses conceitos, que a pouco referimos, as famosas cinco “vias” ou “provas” para argumentar a existência de Deus.

No poema “Yahvé”, o poeta Walflan busca consistência para o seu argumento teológico. Volta-se para as cenas bíblicas, aparições de Deus a Abraão sob a forma trinitária e a Moisés, que libertou os hebreus da escravidão no Egito. Moises é visto como o primeiro

---

<sup>15</sup> “Sua teoria capital é a distinção entre *potência* e *ato*. O que leva à segunda distinção básica, entre *matéria* e *forma*: “a substância é a forma”. Daí a sua concepção de Deus como Ato puro, Primeiro Motor do mundo, motor imóvel, Inteligência, Pensamento que ignora o mundo e só pensa a si mesmo”. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 16.

<sup>16</sup> *Compêndio de Teologia*. Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

profeta, uma vez que, no Monte Sinai, Deus entregou-lhe a Torá e as Tábuas da Lei, contendo os dez mandamentos, em “tábuas de pedra escritas pelo dedo de Deus (Ex 31, 18).

Por este motivo, a tradição judaica atribui origem divina à Torá, que é composta de cinco livros: *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*. O poeta faz também referência ao clássico, *Lost Paradise*, de John Milton, a pintura de Leonardo da Vinci e a Jehud Halevi, poeta e filósofo espanhol, um tanto obscuro para a lírica do ocidente, tendo escrito ao que se sabe, poemas de conteúdo religioso em língua hebraica.

A concepção de Deus na qual se reporta em seu discurso mostra a sua crença na essência divina, já que elaborou o seu poema partindo de algumas “verdades bíblicas”. E, assim, prossegue em suas explanações: “Ainda a mesma tradição, que remonta a Fílon de Alexandria e a Maimônides, afirma que Yahvé é incompreensível ao entendimento humano, por ser Infinito, Causa Primeira, acima de toda Natureza”. De fato, Fílon<sup>17</sup> e Maimônides<sup>18</sup>, em épocas distintas, realizaram leituras que foram influentes para essa tradição.

---

<sup>17</sup> Fílon, filósofo judeu da Alexandria (c. 20 a. C. – Depois de 40 a. D.). “Seus trabalhos versaram também sobre ética e metafísica, buscando uma aproximação entre o método filosófico e a inspiração religiosa, através da meditação mística e da profecia. Através da Torá, Fílon via no judaísmo a possibilidade dessa interação entre a fé, a moral e a filosofia. A Torá seria a ponte e o caminho necessário entre o terreno, suas paixões e seus pecados, que ela descreve até com crueza, e o divino, fonte da busca do bem e da perfeição ética e moral. Nessa interação dos fundamentos helenistas da filosofia com a fé judaica, Fílon chega à conclusão de que a Torá representa a própria revelação do Divino como caminho para o homem na Terra. Sua obra teve influência na corrente neoplatônica da filosofia, nas obras dos Pais da Igreja e no misticismo judaico inspirado no neoplatonismo, que viria a ser a base da cabala”. AMARAL AZEVEDO, Antonio Carlos do. *Dicionário Histórico de Religiões*, p. 387.

<sup>18</sup> Maimônides, filósofo judeu espanhol (1135-1204). “As primeiras obras de Maimônides foram escritas em árabe, e uma delas, um prefácio ao décimo capítulo do *Sinédrio*, contém os Treze Princípios da Fé, a síntese de Maimônides para a fé judaica, segundo os quais todo judeu deve crer: 1) em Deus, criador do universo; 2) na unicidade de Deus; 3) que Deus é incorpóreo; 4) que Deus é eterno; 5) no culto exclusivo de Deus; 6) na veracidade das profecias bíblicas; 7) que Moisés foi o maior de todos os profetas; 8) que a Torá foi dada por Deus a Moisés; 9) que a Torá é imutável; 10) que Deus acompanha as ações dos homens; 11) que Deus recompensa os bons e castiga os maus; 12) que o Messias virá um dia; 13) na ressurreição dos mortos”. AMARAL AZEVEDO, Antonio Carlos do. *Dicionário Histórico de Religiões*, p. 402-403.

No último parágrafo do poema, a imagem de Deus parece já ter se desdobrado. Ele não é apenas o Ser, o Ato, mas a Origem, a Sabedoria, o Fundamento para uma fundação humana. O poeta invoca Sião, “coração do aquilão, símbolo e poesia de Israel”. Não resta dúvida de que Sião está no centro da poesia religiosa de Israel, servindo de matéria poética para Walflan de Queiroz.

O monte Sião, em Jerusalém, é mencionado na Bíblia, sobretudo nos Salmos, como símbolo do destino judaico em sua Aliança com Deus, que envolve a disseminação da Torá, ou seja, da palavra de Deus.

A simbologia acerca de Sião remonta ao exílio, o da Babilônia, que ficou consagrado no canto dos exilados. Entre os profetas, em Isaías, especialmente, encontramos as lamentações sobre Jerusalém. O profeta da consolação e da fé, como tornou-se conhecido, bradou:

Desperta, desperta,  
reveste a tua força, ó Sião!  
Põe os teus vestidos de gala,  
Jerusalém, cidade santa,  
pois nunca mais tornarão a entrar em ti  
o incircunciso e o impuro.  
Sacode de ti o pó, levanta-te, Jerusalém cativa!  
Desatadas estão as cadeias do teu pescoço,  
filha de Sião cativa!

(Is 52, 1-2)

Sião confunde-se com Jerusalém, com a Terra Prometida, na visão judaica do retorno. O poeta Walflan de Queiroz aborda esse tema em suas poesias, que se assemelham a cânticos religiosos. Sim, cânticos onde avultam não somente o louvor a Sião, mas



também o louvor a Deus, a sua grandeza e magnificência. Sião, portanto, é muito mais do que uma elevação, um monte, uma colina; Sião é uma metáfora para a cidade de Jerusalém, a terra de Judá e o povo de Israel como um todo.

O poeta exprime uma experiência religiosa judaico-cristã e escreve o seu poema dedicado a montanha sagrada:

**CANTIQUE DE SION**

Je te loue, Sion  
Pour Toi, montent  
Les tribus  
Les tribus de Yahvé.

Je t'aime, Sion  
Pour Toi, vivent  
Les fils  
Les fils d'Abraham.

Je t'acclame, Sion  
Pour Toi, meurent  
Les forts  
Les forts de Jacob.

Je te chante, Sion  
Bleue comme le ciel,  
Tu es lointaine  
Et autour de Toi,  
Il y a  
Un Nuage de Feu.

**CÂNTICO DE SIÃO**

Eu te louvo, Sião  
Por Ti, sobem  
As tribos  
As tribos de Yahvé.

Eu te amo, Sião  
Por Ti, vivem  
Os filhos  
Os filhos de Abraão.

Eu te proclamo, Sião  
Por Ti, morrem  
Os fortes  
Os fortes de Jacó.

Eu te canto, Sião  
Azul como o céu,  
Tu és longínqua  
E em torno de Ti,  
Existe  
Uma Nuvem de Fogo.<sup>19</sup>

(*A Colina de Deus*, p. 11)

O tema do seu cântico é o amor incondicional a Sião, a morada do Altíssimo. Sião, símbolo de Jerusalém, símbolo de Israel, Cidade de Deus, conforme já havíamos dito.

---

<sup>19</sup> Tradução de Eli Celso e João Antônio.

Celebrar Sião significa celebrar a fé judaica e a história de seu povo, que começa a ser narrada a partir do *Gênesis*, o primeiro livro da Torá.

No poema, Sião é descrita com eloquência, fervor. Fervor de Sião. Os verbos que o poeta utiliza estão todos no mesmo patamar semântico. Ele louva, ele ama, ele clama, ele canta, com o entusiasmo ensandecido dos profetas.

A respeito do vocábulo “Sion” (Sião), no *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, lemos:

Termo que significa marca, ou signo, como era usado o Monte Sion, uma das colinas de Jerusalém. Antes de o rei Davi capturar Jerusalém, havia uma torre jebusita no Monte Sion, constituindo um marco visível ao longe. No decorrer do tempo, Sion passou a referir-se não somente à colina mas também ao Templo, a Jerusalém de fato, a toda a Terra de Israel. Sion veio a ser identificada com o centro religioso da religião israelita, como no versículo “Pois de Sion sairá a Torá, e a palavra do Senhor, de Jerusalém” (Is 2:3). (UNTERMAN, 1992, p. 251)

Sião, como no poema de Walflan, está no imaginário das Tribos de Yahvé, nos filhos de Abraão e na descendência de Jacó. Sião é como o céu azul, motivo de profunda espiritualidade, como está escrito: “Je te chante, Sion / Bleue comme le ciel”. Por isso, aparece longínqua no horizonte, na visão mística do poeta: “Tu es lointaine / Et autour de Toi, / Il y a / Un Nuage de Feu”. Deparamo-nos com o simbolismo celeste de Sião, a colina, o monte ou a montanha, enfim, um lugar santo, mítico.

Constituída de sacralidade, Sião, relaciona-se com o simbolismo da altura, da ascensão. No *Tratado de História das Religiões*, o historiador Eliade (1970) firma que a montanha está mais próxima do Céu, inserindo-se no simbolismo da transcendência, sendo

o domínio das hierofanias atmosféricas, a morada dos deuses. Em seu livro, escreve Eliade (1970, p. 133): “Todas as mitologias tem uma montanha sagrada, variante mais ou menos ilustre do Olimpo grego”.

Com efeito, o simbolismo celeste valoriza, como no poema “Cantique de Sion”, uma linguagem metafórica para representação do caminho espiritual até Deus. Sião, o caminho, a subida.

Entre os salmos, na Bíblia, há um hino escatológico que celebra Sião, a montanha sagrada:

#### **SIÃO, A MONTANHA DE DEUS**

Iahweh é grande e muito louvável  
na cidade do nosso Deus,  
montanha sagrada, bela em altura,  
alegria da terra toda;

o monte Sião, no longínquo Norte,  
cidade do grande rei:  
entre seus palácios, Deus  
se revelou fortaleza.

[...]

(Sl 47, 2-4)

Trata-se de uma glorificação da “montanha sagrada” no que ela tem de mais sublime e transcendente. Sião passa a assumir um contexto espiritual, pois ela não representa mais apenas a cidade do rei Davi, Jerusalém. Em Sião, Deus se revelou como fortaleza. Às vezes, para o salmista, ela é vista também como o centro espiritual de todas as nações, como no salmo a seguir:

### **SIÃO, MÃE DOS POVOS**

Fundada sobre as montanhas sagradas,  
Iahweh ama  
as portas de Sião  
mais que todas as moradas de Jacó.

Ele conta glórias de ti,  
ó cidade de Deus:  
“Eu recorde Raab e Babilônia  
entre os que me conhecem;  
eis a Filistéia, Tiro e Etiópia,  
onde tal homem nasceu”.

Mas de Sião será dito:  
“Todo homem ali nasceu”  
e foi o Altíssimo que afirmou.

Iahweh inscreve os povos no registro:  
“Este homem ali nasceu”,  
tanto os príncipes, como os filhos  
todos têm sua morada em ti.

(Sl 86, 2-7)

O poeta Walflan, consciente dessa simbologia que cerca Sião, escreve com grande  
aspiração espiritual:

### **A COLINA DE DEUS**

Quando eu sonho  
Sonho contigo,  
Quando eu vivo  
Vivo em Ti.

Por vales de Morte,  
Por rios de sangue,  
Por desertos de Cades,  
Caminho em Ti.

Escondida no azul,  
Meus olhos angustiados  
De dor e de tristeza,

Te procuram.

Pelo mar de juncos,  
Pela nuvem de fogo,  
Pelas cinzas de Sodoma,  
Te busco.

Por Ti, viverão  
Os filhos de Abraão.

Por ti, morrerão  
Os filhos de Sião.

(*A Colina de Deus*, p. 13)

A linguagem predominantemente bíblica imprime um tom profético, um ritmo cadenciado, inserido numa estrutura composta de quatro quartetos e dois dísticos. Há a um conjunto de expressões metafóricas do universo bíblico, “vales de Morte”, “rios de sangue”, “desertos de Cades”, “mar de juncos”, “nuvem de fogo” e “cinzas de Sodoma”, para sugerir um cenário de travessia, de caminhos, de desafios, de procura.

Sião está nos sonhos do eu lírico. Vive em sua alma como vive na alma dos judeus. Sião está escondida no azul, esse azul é simbologia forte, cor do céu, do horizonte; referência espiritual do eu lírico que tem os olhos lacrimejantes de angústia, de dor e de tristeza à procura por Sião, que representando a impossibilidade. Sião é simbolicamente o caminho, a colina íngreme para se chegar próximo a Deus. “Caminho em Ti”, diz o eu lírico.

Noutro poema, de natureza apocalíptica, Sião é a meta, o alvo, o lugar de consolação no Dia do Juízo Final:

**Ó VEM, CASA DE JACÓ, SIGAMOS À LUZ DE YAHVÉ**

Vem, casa de Jacó, sigamos  
Para Sião, para a sombra,  
No lugar da salvação.

Vem, casa de Jacó, sigamos  
Para a planície, para o rio,  
Na terra da promessa.

Vem, casa de Jacó, sigamos  
O Messias, a estrela,  
Nas fontes transbordantes.

Vem, casa de Jacó, sigamos  
A Nuvem, o trovão,  
No Dia do Julgamento.

Vem, casa de Jacó, sigamos  
O Senhor, que nos espera,  
Junto ao mar, na Colina.

*(A Colina de Deus, p. 15)*

O seu título é inspirado na visão de Isaías sobre Judá e Jerusalém: “Casa de Jacó, vinde, andemos na luz de Iahweh!” (Is 2, 5). O eu lírico, numa postura profética, evoca a “Casa de Jacó”, apóstrofe no poema, como caminho para Sião, que desde sempre simboliza a sombra, o descanso e a salvação. E, assim, prossegue ao longo das estrofes, anunciando revelações, lugares.

O poema a seguir reflete plenamente sobre o sofrimento no exílio por meio de uma linguagem carregada de simbolismo bíblico:

**SE EU DE TI ME ESQUECER**

Jerusalém,  
Em cada estrela,  
Há um porto  
Em cada templo  
Há um pranto.

Jerusalém  
Em cada torre

Há uma canção  
Em cada rua  
Há um silêncio.

Jerusalém  
Quando verei  
O clarão da lua  
Envolver  
Em mistério  
Tuas ruínas?

Jerusalém  
Quando cantarei  
Com cítara, lira  
E saltério  
Mais um canto  
Para ti?

Jerusalém  
Quando voltarei  
Não mais cativo  
Para ti?

(*A Colina de Deus*, p. 25)

O título do poema foi extraído do salmo “Canto do Exilado”, epígrafe de *A Colina de Deus*, que Walflan pôs em francês no seu livro. Seus versos apresentam o tom de lamentação e súplica, típico dos salmistas. Eis, então, o salmo em que à margem dos rios da Babilônia, os judeus choram e lembram-se de sua pátria:

À beira dos canais de Babilônia  
nos sentamos, e choramos  
com saudades de Sião;  
nos salgueiros que ali estavam  
penduramos nossas harpas.

Lá, os que nos exilaram  
pediam canções,  
nossos raptos queriam alegria:  
“Cantai-nos um canto de Sião!”

Como poderíamos cantar  
um canto de Iahweh

numa terra estrangeira?  
 Se eu me esquecer de ti, Jerusalém,  
 Que me seque a mão direita!

Que me cole a língua ao paladar  
 caso eu não me lembre de ti,  
 caso eu não eleve Jerusalém  
 ao topo da minha alegria!

Iahweh, lembra  
 o dia de Jerusalém  
 aos filhos de Edom,  
 quando diziam: “Arrasai-a!  
 Arrasai-a até os alicerces!”

Ó devastadora filha de Babel,  
 feliz quem devolver a ti  
 o mal que nos fizeste!  
 Feliz quem agarrar e esmagar  
 teus nenês contra a rocha!

(Sl 136, 1-9)

O poema de Walflan recupera o tema do salmo: o exílio babilônico, os judeus escravizados, o seu cativo, a opressão, a saudade, a esperança, o desejo de libertação, o desejo de retorno à Jerusalém, à Sião, enfim, elementos constitutivos da história do povo de Israel, descendentes de Abraão.

O verso “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém”, que inspira o poema, refere-se explicitamente a situação dramática em que se encontravam os judeus, prisioneiros na Babilônia. O eu lírico expõe seus questionamentos e tal qual o salmo recorda o sofrimento vivido dos exilados; evoca o porto, os templos, o pranto, a torre, a canção, a rua, o silêncio, as ruínas, a cítara, a lira, o saltério, como forma de apelo sentimental.

As cinco estrofes do poema impulsionam uma releitura consignada na voz desse eu lírico que clama por Jerusalém e tudo aquilo que possa trazê-la de volta através das



lembranças. É contundente o verso: “Jerusalém / Quando verei / O clarão da lua / Envolver / Em mistério / Tuas ruínas?”.

As ruínas de que fala o poema são o que restou do Templo de Jerusalém, depositário da Arca da Aliança, erigido por Salomão, “rei lendário pela sabedoria”, filho de Davi. Segundo a historiografia oficial, o imperador babilônico Nabucodonosor pilhou e destruiu o primeiro Templo de Jerusalém.

No *Dicionário Histórico de Religiões*, de Antonio Carlos do Amaral Azevedo, lemos o seguinte:

Durante mais de mil anos, o Templo de Jerusalém foi o centro da vida religiosa e nacional dos judeus, desde 955-9 a. C, quando o primeiro Templo foi inaugurado por Salomão no monte Moriá, até 70 a. D, quando o segundo Templo foi destruído por Tito. [...] Mesmo com a destruição do primeiro Templo e o exílio da Babilônia, com o aparecimento da sinagoga e de seus ritos mais espirituais e simbólicos, o Templo não perdeu sua importância de instância centralizadora e institucional da religião judaica. Ele foi reconstruído com a autorização de Ciro, da Pérsia, e os judeus que retornaram do exílio trouxeram de volta os objetos rituais que haviam sido pilhados pelos babilônios. Ampliado e remodelado por Herodes, foi totalmente destruído pelos romanos, dele só restando uma das paredes externas, o “Muro Ocidental”, chamado Muro das Lamentações. (AMARAL AZEVEDO, 2002, p. 346)

Quanto à Jerusalém, sabemos que é centro de peregrinação, de entrega devocional, de convergência espiritual de culturas diversas. No imaginário religioso, representa a trindade monoteísta das religiões judaica, cristã, islâmica. Tornou-se a cidade sagrada dos judeus após a construção do Templo de Salomão. Para os cristãos, tem um significado todo especial, pois é vista como sendo a cidade santa da Paixão e da Ressurreição de Jesus

Cristo, enquanto que para os muçulmanos, a Cúpula do Rochedo sobre o Monte do Templo marca o lugar de onde Maomé fez a viagem ao trono de Deus.

Em *O Testamento de Jó*, Walflan de Queiroz havia abordado o tema dos judeus no cativoiro da Babilônia:

### EXÍLIO

Babilônia,  
Onde choro,  
Meu exílio de Sião.

Nenhum rio,  
Flui,  
Nesta terra,  
Sem salgueiros.

Nenhum rio,  
Flui,  
Nesta terra,  
De gentios.

Babilônia,  
Onde choro,  
Meu exílio de Sião.  
E onde vejo ao longe,  
Jerusalém.

(*O Testamento de Jó*, p. 23)

Três espaços geográficos destacam-se no poema: primeiramente, a Babilônia, a “terra de gentios”, na Mesopotâmia, às margens do rio Eufrates, simbolizando a prisão e o exílio. O eu lírico, desconsolado, afirma que nessa terra nada flui nem cresce.

Os outros espaços formam-se nas imagens do monte Sião e da cidade de Jerusalém por quem os judeus aprisionados sentem saudades, choram e sonham. Como nos poemas

anteriores, “Cantique de Sion” e “Se eu de ti me esquecer”, o eu lírico se desdobra para clamar por uma nação, para lembrar todo o sofrimento de Israel.

Sua voz encontra eco na voz do profeta Isaías: “Por amor de Sião não me calarei, / por amor de Jerusalém não descansarei, / até que sua justiça raie como um clarão / e a sua salvação arda como tocha”. (Is 62, 1-3).

Nesse sentido, o poema seguinte se constitui como uma exortação, celebrando devoção e identidade da presença divina na história judaica.

### **FIDELIDADE**

A Javé

Todo teu  
Morte  
Verdade  
Fidelidade.

Todo teu  
Sião  
Infância  
E poesia.

Todo teu  
Sião  
Verdade  
E Santo Graal.

(*A Colina de Deus*, p. 33)

O título é auto-explicativo. Javé, Deus de Israel, a quem o poema é dedicado, mora na alma de seu povo e habita o Templo de Jerusalém, como preza a tradição bíblica.

A estrutura sintática fragmentada pela depuração dos versos, alguns formados por uma única palavra, um substantivo (Morte / Verdade / Fidelidade / Sião / Infância / Poesia),

contribui para ampliar o nível semântico dos signos. Praticamente não há conectivos ligando os versos, a exceção no final da segunda e terceira estrofes.

O poema contém a ideia de observância da fé judaica. Tudo pertence à Javé. Chama-nos a atenção, em seus últimos versos, a referência ao Santo Graal, como se sabe, a lenda do sangue de Jesus Cristo que ficou conservado num cálice usado na última ceia celebrada junto aos apóstolos.

Nesse patamar místico (Sião, Jerusalém, Yahvé) o poeta Walflan projetou a sua poesia para o diálogo com o divino, buscando as formas religiosas para expressar os seus sentimentos, como neste poema:

### **ORAÇÃO**

Vem para mim, Senhor  
Como a neve para os montes,  
Ou como o sol para os trigais.

Vem para mim, Senhor  
Como a cotovia para o dia,  
Ou como a calmaria para o mar.

Vem para mim, Senhor  
Como a sabedoria para os santos,  
Ou como a oração para os desgraçados!

*(A Colina de Deus, p. 17)*

De seus versos partem súplicas: “Vem para mim, Senhor”. É a tônica do poema, de sua oração. Os tercetos se formam através de expressões que se interligam. Temos antíteses (neve x sol) e (santos x desgraçados); relações de vocábulos por aproximação (sol e trigais),

(cotovia e dia), (calmaria e mar), (sabedoria e santos). Uma linguagem mística que faz a ligação do eu lírico com a Natureza, com a Totalidade.

O teólogo Leonardo Boff refletiu numa perspectiva religiosa a estreita relação da humanidade com essa forma de falar ao coração de Deus. Para o teólogo, a oração é “o respiro da alma”. Comenta:

A oração não se encontra apenas consignada nos livros sagrados e nas grandes tradições religiosas e espirituais. Antes de estar lá, estava na vida das pessoas que se abriram para Deus. Por isso, ela irrompe de dentro de nossa condição humana. É esta condição humana que dá forma e conteúdo à oração em suas múltiplas expressões. (BOFF, 2009, p. 17)

A oração do poeta Walflan simboliza a intimidade com Deus. Tem muita força espiritual. Pedidos e intercessões à espera de milagres encontram-se no *corpus* de sua mensagem, demonstrando confiança no Senhor. Pede a Sua presença com o sentimento de resignação.

A sua angústia religiosa reflete-se em quase todos os poemas de *A Colina de Deus*. Da oração para o salmo, evoca a imagem divina, fazendo da sua poesia um rito sagrado.

Exilado em Deus, na unidade e na totalidade divina, o poeta Walflan de Queiroz escreve como um salmista:

#### **SALMO**

Senhor, a Noite  
 Não se abalou  
 Em seus fundamentos  
 Nem muito menos  
 A Luz se distendeu  
 Em suas origens.

Enquanto a solidão  
Existia e olhavas  
Do Alto, o Anjo  
Que se apegava  
Ao Arco do Infinito.

(*A Colina de Deus*, p. 31)

No poema, o eu lírico contempla a Noite, contempla o mundo de forma intimista. A visão noturna se opõe à imagem apocalíptica da Luz, do Anjo preso ao “Arco do Infinito”. Seus versos trazem o tema da Criação, da Origem do mundo, onde só reinava a noite, as trevas.

Os salmos representam, segundo o teólogo Leonardo Boff, a “nossa radiografia espiritual”, visto que devotos de todas as tradições religiosas recitam e cantam na liturgia:

A palavra salmos vem do grego *psalmói*, que significa canções para instrumentos com corda. A coleção dessas canções se chama saltério. Em hebraico, língua original dos salmos, se diz *sefer tehillim*, que quer dizer simplesmente “livro de cânticos”. (BOFF, 2009, p. 22-23)

Em contínuo diálogo e interação com Deus, o poeta sonda os mistérios do espírito. Evoca Allah, o deus do Islamismo. Um poema que a princípio, foge da perspectiva religiosa proposta pelo livro *A Colina de Deus*, que é de celebrar a fé judaica, a história do seu povo, o exílio, Sião, tomando como referência a epígrafe centralizadora, que trata do exílio da Babilônia. Vejamos o poema:

**ALLAH**

Qui expliquera, Seigneur  
Le mystère de l'Esprit?  
Sera ma larme, versée  
Dans l'angoisse de l'espoir?

Ou sera ton Ombre, qui brise  
Les silences éternels?

Les larmes passent, Seigneur  
Mais ton Ombre merveilleuse  
Comme les Nuits de Mecque,  
Reste Mystérieuse.

**ALLAH**

Quem explicará, Senhor  
O mistério do Espírito?  
Será minha lágrima, derramada  
Na angústia da Esperança?

Ou será tua Sombra, que atravessa  
Os silêncios eternos?

As lágrimas passam, Senhor  
Mas tua Sombra maravilhosa  
Como as Noites de Meca,  
Permanece Misteriosa.<sup>20</sup>

(*A Colina de Deus*, p. 23)

O clima místico de seus versos se caracteriza pelas indagações exasperadas, pela angústia de ordem metafísica encravada no temor e na esperança. Angústia esta que se diga: metafísica e religiosa. A reflexão do eu lírico tem legitimidade nesse perene sofrimento do homem em buscar respostas no seio da religiosidade ou na especulação de uma crença em Deus.

O mistério do viver está atrelado à idéia da finalidade da existência. E isto é algo perturbador nas palavras do eu lírico, que pergunta pelo “mystère de l'Esprit”. O desejo de transcender esbarra na própria transitoriedade da condição humana, gerando mais questionamentos. A ligação entre o homem e Deus se perde no abismo da transcendência, na dúvida, na vigília solitária.

Não espera ele, o poeta, respostas definitivas para os problemas da existência. Sente a nostalgia do Mistério, com reverência, com humildade e, ao seu modo, faz o apelo ao Deus longínquo, da tradição islâmica. “Les larmes passent, Seigneur”. Sim, as lágrimas dos homens passam. Os sinais de Deus são indicados, são procurados: “Ou sera ton Ombre, qui

---

<sup>20</sup> Tradução de Eli Celso.

brise / Les silences éternels?” O poeta é seduzido pelo Mistério, pela “Ombre merveilleuse” de Allah, como um devoto que prega o *Corão*.

O mistério do existir e da natureza divina são preocupações constantes que se manifestam no discurso do poeta Walfan, em *A Colina de Deus*. O poema a seguir, que tem o seu título em latim, adentra nas questões teológicas:

#### MYSTERIUM MAGNUM

Senhor, com uma solidão de estrelas  
 Me acordaste.  
 Com o fogo da noite  
 Me queimaste.  
 Senhor, nenhum abismo  
 Me solicita,  
 E nenhuma altura  
 Clama por mim.

(*A Colina de Deus*, p. 29)

O diálogo com Deus, tratado pelo vocábulo “Senhor”, expressa a profunda aflição diante do que é transcendente, fazendo emergir o discurso de conotação mística pelo qual o eu lírico revela uma consciência absoluta da sua condição ontológica. Deus, mistério maior na contemplação do poeta.

Expressões metafóricas como “solidão de estrelas”, “fogo da noite”, “abismo”, “altura” remetem ao laço que se estabelece entre a fragilidade da existência humana e a grandeza divina. É por meio dessas expressões que o eu lírico transmite a sua angústia religiosa.



Assim, a primeira imagem do poema é personificadora, a “solidão de estrelas”, com a qual o eu lírico é despertado; em seguida, o “fogo da noite”, que devora, destrói, transforma.

Em o “Discurso sobre o fogo”, Papini faz uma reflexão acerca do seu simbolismo em várias culturas religiosas:

Todo o paganismo do Oriente e do Ocidente adivinhou o caráter sagrado do fogo. Não há Olimpo que não tenha o seu Deus ignífero; Agni na Índia; Gibil e Nastan em Babilônia; Sethlans na Etrúria; Hefaistos, Vesta, Prometeu e Foroneu na Grécia; Loki entre os Germanos. Na religião de Zaratustra todo o culto consistia no fogo. Alguns destes deuses – para melhor demonstrar o vínculo secreto entre o fogo e a divindade – são representados como criadores do homem. (PAPINI, 1955, p. 28)

O fogo, como se percebe, é um elemento das teofanias. Simboliza tradicionalmente a ira de Deus. O fogo destrói, transforma tudo em cinza, em pó. A Bíblia, assim como outros textos sagrados, traz inúmeras metáforas para descrever o fogo.

O fogo, como metáfora do castigo e da salvação, por exemplo, dois temas comuns no Antigo Testamento, exprime a condição existencial do eu lírico no poeta “Mysterium Magnum”, especialmente no verso: “Com o fogo da noite / Me queimaste”.



Os poemas sentimentais e amorosos constituem uma parte relevante no livro *A Colina de Deus*. O poeta expressa os seus lamentos, as suas queixas, recordando de suas paixões:

**ISRAFEL**

Três amores  
E uma solidão.  
Irene, Tânia  
E Herna  
Vi Abraão  
No Monte Moriá.

Três amores  
E uma solidão.  
Irene azul.  
Tânia amarga  
E Herna triste.

(*A Colina de Deus*, p. 19)

O título nos faz lembrar o poema “Israfel” de Edgar Allan Poe, que apresenta esse Anjo de natureza sedutora, de voz suave, musical. “In Heaven a spirit doth dwell / “Whose heart-strings are a lute”; / None sing so wildly well / As the angel Israfel / And the giddy stars (so legends tell), / Ceasing their hymns, attend the spell / Of his voice, all mute”.

Desde *O Livro de Tânia*, a figura metafórica do anjo se faz presente em sua poesia, como suporte lírico do seu sofrimento amoroso em relação à mulher. O poeta Walflan divide com o anjo o drama da solidão, o drama de quem ama, mas não ganha o reino dos céus.

Na imagem do anjo, o poeta se reconhece. “E vires então o anjo inclinar-se sobre ti, / Sou eu, Tânia, sou eu”. O anjo faz parte de sua linguagem, com o anjo dialoga. “Anjo, não me deixes tão só”. Nestes versos, diz: “Como angustiado anjo em exílio, percorro os caminhos do mar. / Para te esperar nas manhãs de orvalho, quando transformo / Meu lânguido desejo em tormento”.

Em *O Testamento de Jó*, o poeta, pela primeira vez, refletiu de maneira crítica e consciente sobre a presença do anjo em seu discurso poético. Em sua poesia, o anjo é um elemento metafórico de grande inspiração: “Quando digo que, em poesia, assumo uma posição angelista, sou correto comigo mesmo. Sou correto com a minha posição emocional, sentimental e espiritual”. Além disso, confessa a influência do poeta alemão Rainer Maria Rilke: “Amigo de minhas horas graves e a quem devo a minha concepção angelista da poesia, foi o mais puro dos anjos”.

A fascinação pelos Anjos levou a escrever o crítico norte-americano Bloom (1996, p. 35): “Os anjos são tudo, menos imagens efêmeras”. Segundo Bloom, eles constituem um “espelho de aspiração espiritual” e sempre estiveram no imaginário das tradições religiões.

No poema “Israfel”, o eu lírico renegado a Solidão, evoca os seus amores partidos: Irene, Tânia e Herna. Para ele, o Amor é um sacrifício comparável aquele Amor do patriarca Abraão, quando ouviu a voz de Deus, dizendo-lhe para sacrificar o seu próprio filho Isaac, no Monte Moriá.

Na segunda estrofe, cada figura feminina é associada a um sentimento que ronda o seu espírito de romântico fadado ao sofrimento. Irene é azul, o azul é da ordem espiritual, pertence ao simbolismo celeste; Tânia representa a amargura, enquanto que Herna, a tristeza. Amargura e tristeza habitam na sua alma.

As três principais figuras femininas de sua obra poética estão retratadas no poema. Diferentemente do que se poderia imaginar, Walflan de Queiroz, não faz nenhum apelo à sensualidade.

A imagem da mulher idealizada e amada platonicamente representou uma constante na sua poesia como neste poema:

**LES YEUX D'HERNA**

Les yeux d'Herna  
Sont tenders  
Comme les yeux  
De la mort.

Les yeux d'Herna  
Sont brillantes  
Comme les yeux  
De la Fée.

Les yeux d'Herna  
Ressemblent  
Les cieux.

Les yeux d'Herna  
Ressemblent  
Les Temples.

Les yeux d'Herna  
Sont violettes  
Comme la Nuit  
Et tristes  
Comme la Mer.

**OS OLHOS DE HERNA**

Os olhos de Herna  
São ternos  
Como os olhos  
Da morte.

Os olhos de Herna  
São brilhantes  
Como os olhos  
De uma Fada.

Os olhos de Herna  
Lembram  
Os céus.

Os olhos de Herna  
Lembram  
Os Templos.

Os olhos de Herna  
São violetas  
Como a Noite  
E tristes  
Como o Mar.<sup>21</sup>

(*A Colina de Deus*, p. 19)

<sup>21</sup> Tradução de Eli Celso e João Antônio.

Seus versos exploram um conjunto de metáforas e associações para designar os olhos de Herna. Seus olhos dão os temas do poeta. Seus olhos fascinam, iluminam. Seus olhos de ternura, que inspiram a morte. São olhos brilhantes e lendários como os de uma Fada. Estão mergulhados no infinito, lembram os céus, os Templos. Têm a cor violeta e se parecem com a Noite. São tristes como o Mar.

O Amor desde sempre tratado de modo sublime pelo poeta vai passar por uma transformação. Haverá uma mudança radical no discurso amoroso, porque o Amor é um convite à mudança, supõe sacrifícios. O seu poema comporta o dinamismo das metáforas, que trazem comparações, alusões a elementos da tradição romântica.

### **TRANSFIGURAÇÃO**

Eu me transfigurei, amada  
E não serei mais que um mar  
Para ti.

Serei, não como uma Noite  
Onde nenhuma estrela brilha.

Serei, não como uma taberna  
Mas como um Templo.

Serei como um rio  
Onde se reflita  
A Tua Face.

Eu me transfigurei, Amada  
E serei para Ti, como suave brisa  
Ao teu ouvido, ou como terna rosa  
Ao teu olhar.

E estarei presente, no voo da gaiivota  
E no murmúrio das ondas.

Te amarei mais ainda  
Não como uma ruína, mas como um anjo.

(*A Colina de Deus*, p. 43)

O poeta transfigurou-se por motivos de redenção. Ele é o próprio mar e não mais a noite escura onde não havia estrelas, não havia claridade; não mais uma taberna sombria, mas sim um Templo, lugar sagrado. Ser como um rio, uma metáfora de que Walflan de Queiroz parece gostar muito.

A metáfora do rio está muito presente em seus poemas amorosos. “Eu sou um rio. Tânia, como o mar, não tem fim. Corro para o mar”. O rio assim como o mar transmite as sensações do efêmero e do eterno. E são com essas duas metáforas tradicionais que o poeta trabalha o seu sentimento diante da mulher.

No poema “Transfiguração”, percebemos a presença de outros símbolos e de metáforas que contribuem para esse processo de transformação. O eu lírico diz: “Eu me transfigurei, Amada / E serei para Ti, como suave brisa / Ao teu ouvido, ou como terna rosa / Ao teu olhar. / E estarei presente, no voo da gaivota / E no murmúrio das ondas”. Nota-se, claramente, que a “suave brisa”, a “terna rosa”, o “voo do gaivota” e o “murmúrio das ondas” são imagens às quais o eu lírico se compara como forma de demonstrar o seu Amor inatingível.

O seu inquietante desejo de transfiguração alcança a plenitude na imagem do Anjo. “Te amarei mais ainda / Não como uma ruína, mas como um anjo”. Ou seja, o anjo traz a marca do Inefável, bem como do ideal de sublimação.

A figura feminina no imaginário do poeta Walflan de Queiroz provoca sentimentos paradoxais em meio ao caos da paixão:

### OFÉLIA

Quando Ofélia enlouqueceu  
 Pensei em vão no meu bem  
 Tinha perdido o meu céu  
 Fiquei só, louco também.

(*A Colina de Deus*, p. 45)

Este poema resume a sensação de perda na metáfora da loucura revelada na imagem de Ofélia. Loucura e morte estão associadas ao sentimento amoroso. O eu lírico se identifica com esses sentimentos, uma vez que o amor resulta na loucura e depois na morte, em *Hamlet*, de Shakespeare.

A loucura de Ofélia faz o eu lírico refletir “em vão” na sua amada, reconhecendo que perdeu o céu, ou seja, a possibilidade da felicidade, o desejo de viver. Restou-lhe a solidão, a loucura também.

O poeta Walflan conduz a sua voz lírica cada vez mais para temas e símbolos que expressão a natureza subjetiva do seu espírito romântico. A noite, por exemplo, é um tema desde sempre presente em sua poesia. “Sou como a noite, não sei onde moro”, um dos versos que define, em *O Livro de Tânia*, o seu caos existencial. Em *A Colina de Deus*, a significativa recorrência simbólica da noite é notória nesta prosa poética:

### NOITE

Vem. Afaga-me em teu seio. Alimenta-me dos teus encantos. O dia não tem mais beleza para mim. Estou cansado e aflito como um caminhante e procuro um abrigo em tuas sombras. Vem. Destrói em mim todos os pensamentos dolorosos, todas as minhas inquietações e dá-me como conforto o sono, o sonho e o carinho maternal de tuas estrelas e dos teus cantos.

Dormindo sou um anjo, acordado sou capaz de rancor contra os que me cercam. Noite. Tempo feliz. Presença da Luz e Sombra da morte benfeitora, libertação e consolação para os aflitos, para os que não mais sonham acordados nem são como seus irmãos, os outros seres humanos!

Amo-te hölderlinianamente. Sei que és bálsamo, alívio e orvalho. Existes, como reconforto, remédio para os que estão insatisfeitos e descontentes com tudo.

Amo-te mais ainda como Novalis, como Miguel Angelo e tantos outros que compuseram hinos a ti. Noite quieta, calma e murmurante.

Perto de ti, não sinto a solidão dos deserdados e dos desprotegidos. Não me sinto mudo e sim como uma voz, como uma fonte ou como uma saga.

Vem portanto, e dá-me o sono reconfortador, repouso para a minha alma lívida, acalanto para o meu ser, enquanto abismo e silêncio me chamam.

(*A Colina de Deus*, p. 47)

Para iniciarmos a leitura do poema, sentindo desde já a sua atmosfera, lembramos que a noite é um elemento natural e temático muito presente no Romantismo. E acerca dos poetas românticos do século XIX, que invocaram a noite para compor o cenário de seus dilemas, escreveu o crítico literário Bosi (1994, p. 93): “Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação”.

O poeta Walflan, noturno e marítimo, bebe nas fontes dessa tradição romântica, invocando a Noite, com intensa subjetividade, fazendo uso de imagens poéticas dinâmicas, através da personificação. A noite o faz se sentir deslocado no tempo e no espaço. A noite é testemunha sagrada de sua angústia existencial, de seu desejo de transcendência e de integração com o Absoluto.

Na poesia walflaniana, a Noite aponta para um sentido simbólico à semelhança do que configura o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier (2009), pois ela é a imagem do inconsciente, com duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde nascerá a luz da vida.



A Noite em seu discurso simboliza muitas metáforas no poema. Em contraste com o dia, representa o abrigo para a solidão entre suas sombras, sendo via para o sono, para o sonho, que revela o inconsciente. O eu lírico quer sentir o “carinho maternal” de suas estrelas e do seu canto.

A Noite representa também para o eu lírico a “sombra da morte benfeitora, libertação e consolação para os aflitos”. Ele declara o seu Amor à Noite, assim como Hölderlin, Novalis e Michelangelo o fizeram. A noite de que nos fala é “balsamo, alívio e orvalho”. A Noite de que nos fala é “quieta, calma e murmurante”.

O seu diálogo com a Noite, - sublime e acalentadora -, lembra um pouco a voz do poeta romântico do século XIX, Fagundes Varela, outro andarilho enamorado da puríssima escuridão pontilhada de estrelas: “Eu amo a noite quando deixa os montes, / Bela, mas bela de um horror sublime / E sobre a face dos desertos quedos / Seu régio selo de mistério imprime”.

O poeta Walflan clama pela noite ao longo do seu poema. Perto da Noite não se sente solitário. Contempla o Eterno com embriaguez mística. Deseja o “sono reconfortador”, um eufemismo para a própria morte. Como diz: “repouso para a minha alma lívida, acalanto para o meu ser, enquanto abismo e silêncio me chamam”.

A incidência simbólica da Noite n’A *Colina de Deus* retorna neste poema:

#### **INDECISÃO NA NOITE**

Hei de buscar o apoio e o conforto serenos,  
Das imagens perdidas e dos corpos esguios.  
Hei de narrar sem dor e sem tristeza,  
Meus últimos instantes sem aventura e sem sono  
Direi do mistério, falarei das sombras  
Que envolviam teus olhos em meu sonho.

Hei de encontrar talvez lares e abrigos desertos  
 No meu caminho repleto de cruces e de lamentos.  
 Serei pela noite sempre um homem indeciso  
 E sem saber por que, venho de um país de sombras.

(*A Colina de Deus*, p. 49)

A noite se consubstancia no conflito existencial do eu lírico. A Noite envolve o seu mundo abstrato. “Direi do mistério, falarei das sombras / Que envolviam teus olhos em meu sonho”. Os olhos da amada imersos na noite, na escuridão, na sombra. O seu caminho é tortuoso, feito de cruces e de lamentos. A desolação toma conta do seu sentimento, porque ele vem de um “país de sombras”:

No poema dedicado a Irene, o poeta Walflan de Queiroz evoca a guerra civil espanhola, semeando a esperança e a liberdade em um procedimento característico da evasão romântica:

### CANÇÃO DE MADRID

A Irene

Iremos juntos  
 Contentes e livres  
 À Espanha  
 Levando sonhos e desejos.

Faremos poemas  
 À Liberdade  
 Tendo Madrid  
 Conosco.

Plantaremos  
 Ciprestes e salgueiros  
 Esguios e tristes  
 No túmulo de Lorca.

Recitaremos estrofes  
 De Bandeira e Neruda

Em Barcelona.

Marcharemos cantando  
Lutaremos alegres  
Venceremos  
Tendo Madrid  
Conosco.

Iremos juntos  
Contentes e livres  
À Espanha  
Levando sonhos  
E desejos  
De Liberdade.

(*A Colina de Deus*, p. 51)

O eu lírico imagina uma viagem à Espanha, ao lado de sua musa, de sua amada. Uma viagem lírica, feita de cantos e de poemas, feita de pura poesia, de sonhos e desejos. A Espanha é o *locus* de sua evasão romântica. Manuel Bandeira e Pablo Neruda serão lidos em Barcelona. De braços dados com Irene, percorreria as ruas de Madrid, visitaria o poeta imortal Federico Garcia Lorca no silêncio de seu túmulo, onde plantaria ciprestes e salgueiros para homenageá-lo.

Em *A Colina de Deus*, Verlaine é fonte inspiradora em pelo menos dois poemas, o primeiro “Sagesse”, em que ele aparece como epígrafe, e o segundo, “A Paul Verlaine”, ambos escritos na língua francesa. Vejamos:

#### SAGESSE

Mon amour est le feu qui dévore à jamais.  
Verlaine

Donnez-moi, Seigneur  
La Sagesse  
Qui a fait jaillir  
L'eau du rocher!

#### SABEDORIA

Meu amor é o fogo que devora tudo.  
Verlaine

Dá-me Senhor  
A Sabedoria  
Que fez jorrar  
A água do rochedo!

Accordez-moi, Seigneur  
 La Sagesse  
 Qui a embrasé  
 Le buisson!

Envoyez-moi, Seigneur  
 La Sagesse  
 Qui a fait éclore  
 La lumière des abîmes!

Donnez-moi, Seigneur  
 L'esprit de la Sagesse  
 Et conduis-moi  
 Pour la tempête!

Permita-me, Senhor  
 A Sabedoria  
 Que abrasou  
 As sarças!

Envia-me, Senhor  
 A Sabedoria  
 Que acendeu  
 A luz dos abismos!

Dá-me, Senhor  
 O espírito de Sabedoria  
 E conduz-me  
 Dentro da tempestade!<sup>22</sup>

(*A Colina de Deus*, p. 27)

Como numa oração, o eu lírico clama o nome do Senhor em busca da Sabedoria. As imagens metafóricas e bíblicas aludem à sabedoria que jorrou a água do rochedo, abrasou as sarças, acendeu a luz dos abismos. O “espírito da Sabedoria” vem de Deus.

A literatura sapiencial de Israel vem influenciando decididamente o discurso religioso do poeta. Também os profetas inspiram-lhe a confiança e a sabedoria em Deus.

Numa visão cristã, a sabedoria salva o homem dos pecados e o torna mais próximo de Deus. Sabedoria, uma metáfora para o caminho da salvação. Há um provérbio popular inspirado na Bíblia: “O princípio da sabedoria é: adquira a sabedoria” (Pr 4, 7). No *Livro da Sabedoria*, lemos: “Deus ama só quem habita com a Sabedoria (Sb 7, 28).

O diálogo com a poesia de Verlaine encontra outro bom momento no poema a seguir:

---

<sup>22</sup> Tradução de Eli Celso.

## A PAUL VERLAINE

Feuilles d'automne,  
 et un ciel gris,  
 Sur tes pas.  
 Soleils couchants,  
 Et un sourire,  
 De Pierrot.  
 Du fond de la Nuit,  
 Une voix t'appelait,  
 Comme un clair de lune.

## A PAUL VERLAINE

Folhas de outono,  
 E um céu cinzento,  
 Em teus passos.  
 Sóis se pondo,  
 E um sorriso,  
 De Pierrot.  
 Do fundo da Noite,  
 Uma voz te chama,  
 Como um clarão da lua.<sup>23</sup>

(*A Colina de Deus*, p. 57)

Seus versos estabelecem o princípio da intertextualidade, remetendo à melancolia que encontramos na “Chanson d’automne”, um dos poemas mais conhecidos de Paul Verlaine. Os caracteres do Simbolismo são sugeridos no poema pela ambiência noturna: o “céu cinzento” (“ciel gris”), “sóis se pondo” (“Soleils couchants”), o “clarão da lua” (“clair de lune”).

*A Colina de Deus* é um livro que privilegia o discurso religioso atrelado à tradição lírica. O poeta Walflan, como vimos, mantém o seu idealismo romântico e simbolista.

---

<sup>23</sup> Tradução de Eli Celso e João Antônio.

### Nas Fontes da Salvação



*Nas Fontes da Salvação*, publicado em 1970, traz em sua capa uma gravura do pintor Dorian Gray, representando dois peixes verdes em direções opostas. Na iconografia cristã, o peixe é um dos símbolos de Cristo. A palavra grega para peixe, “ichthys”, é vista como um acróstico da expressão “Iesous Christous Theo Hyios Soter”, o equivalente a “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”.

O título do livro é composto de duas palavras importantes para o simbolismo religioso da poesia walflaniana: “fonte” e “salvação”. A “fonte” simboliza a profundidade do Mistério no qual o poeta Walflan imergiu, buscando lograr à custa da poesia, a sua própria salvação, tendo plena consciência de que a vida tem um sentido, apesar do desespero humano e do mundo ávido de necessidades materiais lhe mostrarem justamente o contrário, que não existe sentido algum em viver.

Sendo assim, a epígrafe do seu livro vai ao encontro da revolta nas palavras de Jó: “Ele não olha aquele que se julga sábio”. Jó buscou através da sabedoria compreender o seu próprio sofrimento, compreender o motivo de tanta maldade a que fora submetido.

O poeta, que já havia escrito *O Testamento de Jó*, volta, portanto, a identificar-se com o personagem bíblico e em sua obsessão pela figura do “justo sofredor”, procura exorcizar à sua maneira o seu próprio drama.

*Nas Fontes da Salvação* também sinaliza uma nova etapa do misticismo poético de Walflan de Queiroz. A preocupação de enfeixar os saberes e caminhos que a sua poesia vem tomando, levou-lhe a fazer uma reflexão sobre alguns aspectos relevantes, como a necessidade de espiritualidade. Nesse sentido, lemos nas orelhas do seu livro uma nota merecedora de apreciação:

O autor deste livro, o quinto que publica, não tem propriamente biografia. Não espere o leitor encontrar aqui, senão dados de sua vida espiritual, centelhas da luz natural. Trata-se de um encontro com Deus, com o Deus da Bíblia e do Corão.

O autor dedicou-se muito tempo ao estudo da filosofia e estudou especialmente os escolásticos e o idealismo alemão. Mas não foi na filosofia que encontrou-se a si mesmo, e sim na poesia, na eterna poesia, que revela o sobrenatural melhor que a história ou a ciência eivada de orgulho do homem moderno em luta com as contradições do seu próprio ser.

Não encontrou no estudo de Hegel ou de Kant aquilo que correspondesse às ansiedades do seu espírito aberto a todas as solicitações do pensamento. Foi em Novalis e em Rilke que encontrou-se. Nascido sob o signo de Rimbaud, logo descobriu Verlaine. E a luz irrompeu. Um forte clarão iluminou sua alma. Verlaine ensinou-lhe a delicadeza, a humildade e o amor a Deus.

Identificado com Jó e com Ivanhoe, clama, no ardor da Noite, pela musa distante. Dir-se-ia que suas solicitações espirituais alcançaram o coração do Pai que vive ao meio de uma eterna e inquietante Luz.

Este livro corresponde, portanto, a uma nova fase, do seu pensamento poético, fase angustiante e cheia de esperança. O autor superou as hesitações e ansiedades da fase anterior, e engolfou-se nas fontes da salvação. Porque Deus é uma Fonte.

Cantando e tecendo salmos de louvor ao seu santo nome, procura glorificar e honrar Aquele que é a única realidade e a única verdade, neste mundo cheio de misérias e de dor.

Talvez assim, elegendo a lira como sua arma, e tocando a harpa como instrumento de louvor, possa ser agradável ao Ser que nos criou e nos amou primeiro, antes da criação.

O encontro com Deus exige silêncio e solidão. Deus não ama os palradores. Por esta razão, os cartuchos e os carmelitas amam tanto o silêncio, o silêncio que Deus fala.

A poesia é silêncio puro. Não este silêncio exterior, que nos priva do contato do mundo incômodo e ruidoso.

Mas silêncio interior, paz da alma. E ninguém conheceu mais este silêncio do que o Cristo. Por isso foi grande Sua alma, contemplando muitas vezes o Jordão, bem compreendeu o valor do silêncio.

Espero que o leitor encontre algo nestes poemas. E que eles contribuam para a glória e grandeza do Criador, aumentando o amor dos que verdadeiramente crêem e esperam.

O texto serve de fundamento à vida espiritual do poeta Walflan. A sua religiosidade tem uma dimensão subjetiva e emocional, atrelada a sua empatia fervorosa por Deus.

Declara que não tem biografia. Pouco importa o homem de carne e osso. Seu olhar *interior* parte para um ideal que ele persegue desde *O Tempo da Solidão*, quando falava em Cristo e indagava por um “tempo interior”.

O poeta deseja abafar a sua Angústia, não suporta as mazelas do mundo e se refugia no Divino ou simplesmente no Sagrado para transcender a realidade crua da vida. Não é somente uma vida de sonhos e de fantasias que nos transmite, mas uma vida de poesia, ou melhor, como está dito, “vida espiritual, centelhas da luz natural”.

O seu discurso poético expressa a sensibilidade de um eu lírico que se inflamou do Amor a Deus. Almeja (re)descobri-Lo. Reverenciá-Lo. Contemplá-Lo. Tê-Lo nas palavras das Escrituras. Tê-Lo no coração. O Deus bíblico. O Deus do *Corão*.

Não é o Deus dos filósofos que Walflan de Queiroz quer sentir, procurar. Por sinal, reconhece a importância da filosofia na sua formação intelectual, pois estudou os escolásticos, estudou o idealismo alemão. “Mas não foi através da filosofia que encontrou-se a si mesmo, e sim na poesia, na eterna poesia, que revela o sobrenatural melhor que a história ou a ciência eivada de orgulho do homem moderno em luta com as contradições do seu próprio ser”.



Percebe-se que a poesia para Walflan é o gênero literário que melhor expressa o “sobrenatural”, ou seja, o Invisível, o Intangível, o Inexprimível. Transcendência e espiritualidade afloram de sua palavra poética. Uma palavra que vem do seu coração, carente e solitário, frágil e humilde.

Não foi na filosofia de Hegel e de Kant que encontrou respostas para o “espírito aberto a todas as solicitações do pensamento”. Suas respostas vieram da poesia, dos poetas, encontrando-se consigo mesmo, podendo olhar para dentro de si mesmo e expressar os seus sentimentos. Irmanou-se a Novalis e a Rilke por uma angustiante corrente mística. “Nascido sob o signo de Rimbaud, logo descobriu Verlaine”. Rimbaud e o “Bateau ivre” são pilares da sua poesia. Em *O Tempo da Solidão*, afirmava também ter nascido sob o signo de São Bento José Labre.

Inspirado em Jó, em Ivanhoe, conforme diz, “clama, no ardor da Noite, pela musa distante”. A musa ao longe, mas, o poeta, perto do “coração do Pai que vive ao meio de uma eterna e inquietante luz”. O poeta engolfou-se nas fontes da salvação. “Porque Deus é uma Fonte”, afirma. Canta e tece salmos de louvor ao seu santo nome, glorificando e honrando “Aquele que é a única realidade e a única verdade, neste mundo cheio de misérias e de dor”. *Nas Fontes da Salvação* imprime a mensagem salvacionista e redentora do poeta Walflan de Queiroz.

Poesia orientada para Deus, para a salvação. De sua poesia partem súplicas, lamentos, pedidos, salmos. O poeta Walflan fala-nos do Silêncio e da Solidão, imprescindíveis para o seu contato, a sua aproximação com Deus. “O encontro com Deus exige silêncio e solidão. Deus não ama os palradores. Por esta razão, os cartuchos e os carmelitas amam tanto o silêncio, o silêncio em que Deus fala”, escreve.

Thomas Merton, um dos escritores espirituais de referência do século XX, dizia que a solidão é tão necessária à sociedade como o silêncio à linguagem, o ar aos pulmões e o alimento ao corpo. “A solidão autêntica purifica a alma”, disse Merton (2003, p. 209).

Na plenitude da sua contemplação, Walflan de Queiroz segue em busca de um caminho que inspira silêncio e solidão. O longo caminho da Transcendência, da Totalidade. Concebe a poesia como “silêncio puro”, “paz da alma”, porque brota da essência do ser. “E ninguém conheceu mais este silêncio do que o Cristo. Por isso foi grande Sua alma, contemplando muitas vezes o Jordão, bem compreendeu o valor do silêncio”, afirma.

Nesse silêncio habita e fala Cristo quando através dele se busca a redenção neste mundo. Assim declara Merton (2003, p. 219): “Um homem que ama a Deus, necessariamente ama o silêncio”.

O poeta Walflan escreve, então, um texto para abertura do seu livro de grande importância no tocante à evolução da sua poesia lírico-religiosa. Leiamos:

## DEUS

Minha religião é o Teísmo. O Teísmo, aliás, é o fundamento de todas as religiões reveladas. Condição e pressuposto inicial de toda crença, a fé num único Deus, implica numa aceitação radical da verdade e do bem.

De Deus nunca falamos bem. Sendo a Existência por si, não depende de nenhum outro ser para viver, pois subsiste por si mesmo. Sabemos que sua Essência é ligada a sua existência, e que sua natureza infinita, não pode ser compreendida pelo intelecto infinito do homem. Entretanto, a razão natural, afirma a sua Existência, contra qualquer argumento do ateísmo provocador e injusto. Os filósofos de todos os tempos, afirmam a existência do Ser Supremo, ou melhor, do Super-Ser.

Constitui uma exceção a posição de um Hume ou mesmo de um Kant. Este último não fez mais do que reformular o anterior, negando as provas tradicionais. Eis porque nunca julguei Kant, um bom companheiro da razão.

A afirmação de uma metafísica, como compreensão e posição das relações do homem com o cosmos, constitui o primeiro passo para uma integração espiritual. Foi isto o que viu Aristóteles. E Bergson fez avançar a metafísica.

Confesso que não foi na leitura assídua da metafísica, que encontrei os fundamentos do meu teísmo. Não. Foi na leitura dos místicos judeus e cristãos. Foi em Bahya Ibn Pakuda, em Tauler e em Suso, onde colhi as pérolas do pensamento religioso. Por isso, devo a eles a minha iniciação.

Conhecemos várias provas, para demonstrar a Existência de Deus. Destas, escolhemos principalmente a prova pela Ordem do Mundo, ou seja, o argumento Cosmológico, a prova pela Finalidade e o argumento do Governo das Coisas.

Pelo argumento cosmológico, deduzimos que reina entre os seres, uma harmonia perfeita, do mineral ao homem. Pela Finalidade, concluímos que, todo ser age para um Fim, tendo em vista algo para alcançar, uma meta a seguir. Finalmente do Governo das Coisas, sabemos que o Universo obedece a uma Consciência Diretora, especialmente no plano Moral, e que regula tudo de acordo com uma Lei, criada pelo próprio autor do homem e da Natureza.

Este Ser, sendo o Ser Supremo, possui atributos condizentes com sua Personalidade. A participação, na vida eterna, num só destes atributos, confere ao homem a realização do maior dos seus desejos, a bem aventurança e felicidade supremas.

A filosofia tomista enumera vários destes atributos, entre outros, a Eternidade, a Sabedoria, a Inteligência, a Misericórdia e a Beleza. Estes atributos são intransmissíveis, características do próprio Deus. Correspondem mais ou menos as dez Sefirot da Cabala Judaica.

A Cabala enumera, entre outros a Coria, a Majestade, a Força, a Vitória sobre a Morte, a Glória e o Reino.

Nos poemas que se seguem procurei amar a Deus de uma forma pessoal. Escrevi-os, mergulhando meu ser, nas humildes fontes da salvação.

Os nomes divinos são muitos também.

Escolhi o de Zeus, o de Allah, o de Braman, o de Elohim e o de Ahura Mazda. Possam estes poemas, quais folhas de outono, voarem e atingirem o coração do Deus que amo e venero.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 1-3)*

Ao afirmar categoricamente que a sua religião é o Teísmo, o poeta Walflan de Queiroz começa a definir os alicerces da sua poesia religiosa. Mais do que isso: expõe para o leitor a sua posição filosófico-religiosa em relação ao divino.

O termo “Teísmo”<sup>24</sup> vem da raiz grega *theos*, remetendo a doutrina que afirma a existência de um único Deus, criador do universo, que a tradição judaico-cristã prega e profere as suas características: onipresença, onipotência, onisciência.

Como o próprio nome sugere, o Teísmo difere do Ateísmo de modo que não há como afirmar categoricamente, pelo menos, a princípio, no poeta Walflan, uma posição de natureza ateuista, pois o seu discurso religioso está no cerne da experiência poética e mística.

A sua poesia retoma a religião no sentido original do vocábulo, como *religio*, ou seja, como a (re)ligação do homem ao universo cósmico, ao universo sagrado, por excelência, divino. A noção de Teísmo do poeta vai servir de suporte para esse processo de (re)ligação. O poema “Yahvé”, em *A Colina de Deus*, já fornece substratos teológicos do poeta em relação a sua forma extasiada de se dirigir a Deus.

A respeito do significado da palavra “religião”, escreveu o filósofo e escritor espanhol Trías (2000, p. 117): “A religião é, a meu ver, re-ligação *relativa* ao sagrado (entendendo, evidentemente, a ambivalência radical que essa palavra expressa: *sacer/sanctus*, o sagrado e o santo)”. No caso de Walflan de Queiroz, a sua poesia tem estreita afinidade com o sagrado e com o sentido de re-ligação.

Tristão de Athayde, pseudônimo do crítico literário Alceu Amoroso Lima, comenta a respeito dessa relação bastante complexa entre a poesia e religião:

---

<sup>24</sup> Comenta o filósofo ABBAGNANO (2000, p. 942-943) “Este termo, usado desde o séc. XVII para indicar genericamente a crença em Deus, em oposição a ateísmo (assim também em Voltaire, *Dictionnaire philosophique*, a. Théiste), foi definido por Kant, no seu significado específico, em oposição a *deísmo* (v.). Kant diz: “Quem só admite uma teologia transcendental é chamado de *deísta*; quem admite também uma teologia natural é chamado de *teísta*”. O primeiro admite que com a razão apenas podemos conhecer um Ser originário do qual só temos um conceito transcendental, de Ser que tem realidade mas que não pode ter nenhuma determinação a mais. O segundo afirma que a razão tem condições de dar mais determinações do objeto segundo a analogia com a natureza, ou seja, pode determiná-lo como Ser que, por intelecto e liberdade, contenha em si o princípio originário de todas as outras coisas”.

Poesia e religião, como formas supremas de participação do homem no universo, ou se aproximam intimamente ou se dissociam violentamente. [...] Pois o pólo poesia-religião é tão perene quanto o pólo poesia-anti-religião. Os opostos se atraem como os afins se repelem. De modo que entre poesia e religião haverá, até o fim dos tempos, uma querela insolúvel e uma atração irresistível. Não adianta discutir qual a precedência entre as duas atitudes, a da repulsa e a da atração. É um fato a simultaneidade e a indissociabilidade das duas atitudes, tão perenes como o *sim* e o *não*, da liberdade humana. E tanto poesia como religião representam a consagração máxima da liberdade e portanto da natureza humana em sua plena expressão. (ATHAYDE, 1969, p. 264-265)

No capítulo, “A Revelação Poética”, em *O Arco e a Lira*, o escritor Octavio Paz explica o fundamento das relações entre a arte de fazer versos e a atitude religiosa:

Poesia e religião são revelações. Mas a palavra poética não precisa da autoridade divina. A imagem é sustentada em si mesma, sem que seja necessário recorrer nem à demonstração racional nem à instância de um poder sobrenatural: é a revelação de si mesmo que o homem faz a si mesmo. (PAZ, 1982, p. 166)

O poeta Walflan de Queiroz demonstra que a poesia e a religião fundam linguagens que se aproximam com um único objetivo: transcender. A construção de uma linguagem religiosa referente à interpretação das Escrituras e dos dogmas revelou o caminho de uma “teopoética” na sua poesia.

O termo, amplamente difundido nas reflexões acerca da teologia e da literatura, é usado pelo teórico alemão Karl-Josef Kuschel em seu livro *Os Escritores e as Escrituras*. De acordo com Kuschel, a religião e a literatura oferecem um discurso crítico literário sobre Deus, e assim se expressa:

Eis, pois, o que se esconde por trás da palavra “teopoética”: não a procura por outra teologia, não a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes poetas, mas a questão da *estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado*. (KUSCHEL, 1999, p. 31).

Em seu texto, vale lembrar que Walflan de Queiroz revela novas influências a partir dos místicos judeus e cristãos, citados como guias espirituais. Bahya Ibn Pakuda, Johann Tauler e Henrique Suso, estes dois últimos, místicos influenciados pelo neo-platonismo de Mestre Eckhart. Enfatiza os argumentos teológicos da existência de Deus derivados certamente da leitura de Tomás de Aquino. Evoca também os ensinamentos da Cabala.

A sua preocupação com a religião através da noção de Teísmo traduz a necessidade de se compreender a natureza religiosa do homem. Investigar a religião é um problema que em todos os tempos despertou a curiosidade não somente de poetas, mas também de filósofos.

O poeta Walflan deixa bem claro que a sua poesia é sinteticamente um mergulho em Deus, uma poesia teísta. Sendo assim, procurou amar a Deus de uma forma subjetiva, evocando vários nomes para louvá-lo em seus poemas que estão repletos de sublimação mística, de menções ao universo do sagrado.

“Nos poemas que se seguem procurei amar a Deus de uma forma pessoal. Escrevi-os, mergulhando meu ser, nas humildes fontes da salvação. Os nomes divinos são muitos também”, diz o poeta, que caminha por todas as religiões.

Através do Teísmo a pluralidade religiosa ganha força em sua poesia. Nela convive um verdadeiro panteão de divindades. Zeus, Allah, Brahman, Elohim e Ahura Mazda dão

conta dessa diversidade mística e cultural de Walflan de Queiroz, um peregrino à sombra dos deuses.



Vejamos então o desdobramento do seu discurso através dos poemas religiosos. O primeiro deles deixa-nos entrever o alumbramento de sua alma que se entrega com encanto e submissão ao mundo da Grécia antiga.

### **ZEUS**

Zeus triunfante! Pai do Destino!  
Por Tua causa nos conformamos com a dor,  
E imploramos tuas bênçãos para melhores dias!

Dai-me o Alento para o Infortúnio,  
E muda nosso Destino,  
Como mudas o ar em fogo,  
As trevas em luz,  
E o trigo em pão.

Quando Tu falas, tremem os Céus,  
E emudecem os abismos mais profundos!

Por tua causa cantam os antigos bardos do Olimpo!  
Erguendo a Ti hinos de louvor e exaltação!

Todos os seres Te enaltecem, ó Zeus Triunfante!  
Pai do Destino, Incrariado, Fonte de tudo quanto existe!

*(Nas Fontes da Salvação, p. 5)*

A oração a Zeus é marcada pela presença abundante de epítetos: “Zeus triunfante”, “Pai do Destino”, “Incriado”, “Fonte de tudo quanto existe”. Zeus é a divindade que triunfa no Olimpo, sua morada. Zeus é o supremo deus dos gregos na época arcaica e clássica, o supremo deus do panteão helênico.

O eu lírico no poema se dirige a Zeus com muita veneração, ressaltando as suas forças, o seu poder de transformação. O ar em fogo, as trevas em luz, o trigo em pão. Zeus é venerado em sua relação com o céu e a terra. “Quando Tu falas, tremem os Céus, / E emudecem os abismos mais profundos”.

Sabemos que as narrativas fabulosas inspiram a poesia. O mito inspira especialmente a poesia. No *Dicionário das Religiões*, de Eliade & Couliano (2003), vemos que a literatura geralmente fixa o mito. Diríamos, portanto, que o poema é a forma mais contundente de “fixar” o mito. Nesse sentido, observamos:

A *Teogonia* de Hesíodo apresenta o nascimento das forças naturais e dos deuses a partir do Caos primordial, da Terra, do Tártaro e de Eros, dos antigos Titãs seguidos pela geração de Crono, que castra o pai Uranos (Céu), e pela de Zeus, que vence o pai Crono e o exila em algum lugar da terra, na Sicília ou, segundo outras versões, numa ilha do Atlântico. É ainda Hesíodo que explica a decadência da humanidade, sua passagem da idade de ouro à idade de prata e à idade de bronze dos grandes heróis homéricos, e finalmente à atual idade de ferro. (ELIADE; COULIANO, 2003, p. 163)

A mitologia permanece sempre viva e retomada pelos poetas que se identificam com a sua narrativa, com os seus eventos. O poeta Walflan bebe nas fontes do mito, trazendo as imagens poéticas de Zeus para o seu discurso poético. Em seu *Tratado de História das Religiões*, escreve Eliade (1970, p. 109): “Os títulos de Zeus são



transparentemente significativos e demonstram mais ou menos diretamente as suas relações com a tempestade, a chuva, a fertilidade”.

No diálogo poético com a divindade numa perspectiva teísta, como havia exposto de maneira teológica, o poeta entrega-se ao pluralismo religioso. Vejamos este poema:

#### ALLAH

Deus Supremo! Ó Sublime Altíssimo!  
 Eu Te sinto na menor partícula de pó,  
 E na mais distante Estrela que existe.  
 Vi, como um árabe, nas areias do deserto,  
 Teu nome escrito em letras formosíssimas.  
 Ontem te chamava no resto da infância que ficou,  
 Hoje Te amo, como Jó, destituído de tudo.  
 E penso, na minha tristeza,  
 Nas noites de Meca, na Caaba,  
 E no manto verde de Maomé.

(*Nas Fontes da Salvação*, p. 7)

Inicialmente, temos os epítetos consagradores inspirados no próprio *Corão*: “Deus Supremo! Ó Sublime Altíssimo!” A submissão ao deus Allah por meio do discurso de louvor engendra a consciência da morte, - “Eu Te sinto na menor partícula de pó”.

O eu lírico volta-se para o passado da tradição islâmica: “Vi, como árabe, nas areias do deserto, / Teu nome escrito em letras formosíssimas”. O nome de Allah. O deus dos muçulmanos. O verso expressa a grandeza da redenção.

Tal qual Jó, no Antigo Testamento, Walflan de Queiroz é um poeta da lamentação, das dores da alma. “Hoje Te amo, como Jó, destituído de tudo”. Jó, entre tantos personagens bíblicos, como Jonas, por exemplo, aparece no *Corão*. O livro sagrado do Islã traz também narrativas, parábolas comuns à Bíblia.

O eu lírico pensa em sua tristeza quando olha para a figura de Jó, o “justo sofredor”. Pensa em Meca, suas noites. Pensa em Maomé, que veste o manto verde carregado de simbolismo da iconografia islâmica.

A sua poesia apresenta uma linguagem de timbre teológico, uma forma de comunicação com Deus, que, por sua vez, é evocado sob o prisma de uma tautologia e representado através da simbologia de Seus nomes.

### ELOHIM

Gênio Forte! Supremas Potências Vivas!  
 Tu integras o Universo na Harmonia  
 Primitiva, quando antes da Criação,  
 Tu pairavas, solitário, entre o caos  
 E o Infinito imenso dos céus e dos abismos.  
 Ser verlainiano, que inspiraste Zaratustra  
 E apareceste, entre relâmpagos, a Moisés.  
 Há uma lenda medieval em Ti, quando morreste  
 E foste levado para a terra mais bela das Fadas.  
 Dou-Te o mar da minha infância, mar perdido  
 E sempre reencontrado, de algas e de sargaços.  
 Tu me devolves, então, à minha antiga solidão.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 9)*

Elohim é outra maneira de clamar pelo Impronunciável nome de Deus. Javé, Iahvé, Jeová e Adonai são formas diferentes de se dirigir a Deus de acordo com a tradição bíblica.

O início do poema traz epítetos para designar a grandeza divina: “Gênio Forte! Supremas Potências Vivas!” O eu lírico se lança a este tipo de invocação teológica, meditando sobre a majestade e a glória de Deus, vendo todo o Universo como a Sua obra.

Na visão paradoxal do poeta, Elohim é um símbolo, com muitas perspectivas, dentre elas, um “Ser verlainiano, que inspiraste Zaratustra”. Neste verso, uma referência ao profeta nascido na Pérsia, tendo fundado uma religião, o Zoroastrismo.

A religiosidade de Walflan de Queiroz caracteriza-se por antagonismos. A sua espiritualidade mística é difusa, evocativa, elegíaca e abarca o panteão sagrado de divindades que ele exalta em poemas de pouca qualidade estética.

Assim, em seu livro, o poeta evoca pela primeira vez uma divindade de natureza védica:

#### **BRAHMAN**

Pai dos seres!  
 Triplo e Um,  
 AUM  
 Brahma,  
 Vishnu  
 E Shiva.

Ser,  
 Essência  
 E Realidade.

Deus Santo!  
 Criador,  
 Conservador  
 E Destruidor.

Tu és Vidente  
 O Mestre,  
 Krisna,  
 Agni  
 E Indra.

Deus Forte!  
 Atman,  
 Origem  
 E Fim.

Deus benigno!  
 Silêncio,  
 Pensamento  
 E Felicidade.

(*Nas Fontes da Salvação*, p. 11-13)

Brahma, com Vishnu (Vixnu) e Shiva (Xiva), constitui a trindade divina do hinduísmo (bramanismo). A tradição bramânica está compilada, como se sabe, em um conjunto de textos, chamado *Vedas*, redigido em sânscrito entre os séculos XII e V a. C., nos quais se encontram hinos e cantos a divindades do passado da Índia. Segunda essa tradição, que será retomada pelo Hinduísmo, o deus Brahma, divindade védica, é o criador do mundo e de todos os seres.

O poema de Walflan de Queiroz emerge dentro dessa consciência do Absoluto multifacetada na imagem de Brahma. O verso fixa o nome, as propriedades, as características, os atributos. Seu poema lembra uma ladainha, privilegiando epítetos num discurso conciso.

Nesse sentido, *Brahman*, como está grafado, representa a essência que está em Tudo e que dá forma a Tudo, ou seja, a essência impessoal e inteligível, a alma de todas as coisas, segundo a tradição do hinduísmo. *Brahman* seria, então, o mesmo que o Absoluto. Os versos do poema de Walflan estão impregnados dessa filosofia.

No *Dicionário das Mitologias Européias e Orientais*, o escritor Tassilo Spalding informa:

A mitologia hindu é assaz complexa; direi melhor, é a mais complexa de todas que existem. Daí o fato já evidenciado de que é impossível narrar um fato isoladamente, ou a vida de uma divindade independente de outras, de deuses, semideuses, gênios, sábios e heróis; estão todos de tal modo entrelaçados que não faz sentido expor as façanhas de um só. Os deuses são milhares. (SPALDING, 1973, p. 169)

Walflan de Queiroz evoca Brahman, o “Pai dos seres”, “Triplo” e Um (o mesmo que Uno). Evoca também uma simbologia da tradição bramânica, “AUM”, em letras maiúsculas, ou seja, OM, a sílaba sagrada. No livro *Para Entender as Religiões*, Bowker (1997) comenta que, no Hinduísmo, o Om é o primeiro som da criação e o começo da matéria, já que matéria e som são sinônimos. Seria, portanto, a vibração de onde a criação emergiu.

No hinduísmo, *Brahman* e Brahma não são propriamente as mesmas coisas. *Brahman* compreende as noções proclamadas pelo poeta na segunda estrofe: “Ser”, “Essência” e “Realidade”. Por sua vez, Brahma representa a personificação do poder criador de *Brahman*. Isso quer dizer que Brahma é a personificação do Universo. Para os hindus, Brahma personaliza o que eles chamam de forma neutra da palavra *Brahman*<sup>25</sup>.

Na terceira estrofe, o poeta endossa o discurso da tradição religiosa sem fornecer efeitos estilísticos interessantes. Proclama epítetos: “Deus Santo”, “Criador”, “Conservador”, “Destruidor”. Brahma seria, tradicionalmente, o criador; Vishnu, o conservador e Shiva, o destruidor dos mundos.

O poeta busca uma conciliação, uma harmonia espiritual do Eu com o Universo através dessa simbologia e, assim, evoca divindades do panteão védico: Krisna, Agni e Indra.

Segundo o historiador Amaral Azevedo (2002), Krisna é provavelmente a divindade mais venerada da Índia. Inúmeros templos são dedicados a ele. A divindade Agni (do latim

---

<sup>25</sup> “No hinduísmo se faz distinção entre matéria espiritual (*citta*) e espírito, consciência absoluta (*cit*). Por matéria espiritual entende-se o que um ser vivo provoca a percepção e o pensamento. Já *cit* descreve, pelo contrário, o mero estar consciente, na escola vedanta um aspecto do Absoluto (*Brahman*). O Brahman é pura consciência, ser total (*sat*) e suprema felicidade (*ananda*)”. SCHERER, Burkhard (Org.). *As Grandes Religiões*, p. 64.

ignis) deus do fogo, é o mensageiro dos deuses. Quanto a Indra, deus da guerra, é um dos avatares de Shiva. O poeta também evoca Atman<sup>26</sup>, a manifestação de *Brahman* na alma humana.

O poeta Walflan de Queiroz, em busca de sentido para o seu conceito de divindade, inspirou-se também nas fontes do zoroastrismo:

#### **AHURA MAZDA**

Eu me consagro a Ti,  
Senhor da Sabedoria,  
Deus Onipotente.

Ao longo do rio sagrado,  
Nasceu o profeta Zaratustra.

Eu me dedico a Ti,  
Pai amantíssimo,  
Deus onisciente.

Creio no Zend-Avesta,  
Creio no Bem, creio em Ahura Mazda.

Eu me ofereço a Ti,  
Pai santíssimo,  
Deus Onipresente.

Ao descer da Montanha de Fogo,  
Zaratustra falou ao povo.

Eu me sacrifico por Ti,  
Senhor do Bem,

Deus Uno.

(*Nas Fontes da Salvação*, p. 47)

---

<sup>26</sup> “O conceito hinduísta para alma é o eu (*atman*); originalmente, nos antigos Vedas, ele designava a respiração do corpo, o sopro da vida. Esta força vital existe em todos os seres, sendo por isso a mesma coisa que a alma universal, o Absoluto (*Brahman*). SCHERER, Burkhard. SCHERER, Burkhard (Org.) *As Grandes Religiões*, p. 62.

Segundo o historiador Eliade (1970), Ahura Mazda integra a cosmogonia dos deuses celestes iranianos. No poema, Ahura Mazda é exaltado e idolatrado pelo eu lírico na forma de epítetos: “Senhor da Sabedoria”, “Deus onipotente”, “Pai Amantíssimo”, “Deus Onisciente”, “Pai Santíssimo”, “Deus Onipresente”, “Senhor do Bem”, “Deus Uno”.

O eu lírico menciona, na 2ª estrofe, Zaratustra, o profeta do zoroastrismo, seu fundador e reformador. Zaratustra é figura importante na concepção religiosa da antiga Pérsia.

Sobre a reforma de Zaratustra, colhemos substanciaosas informações no *Dicionário das Religiões*, dos historiadores Eliade & Couliano:

No plano estritamente religioso a inovação mais extraordinária de Zaratustra consiste num sistema que combina monoteísmo e dualismo numa síntese original. [...] O interessante no zoroastrismo é o recurso do livre-arbítrio cuja forma rudimentar não consegue esquivar-se à contradição lógica: de fato, Ahura Mazdã, o Senhor Supremo, é o criador de todos os contrastes, mas seus dois filhos gêmeos, Spenta Mainyu (espírito Banfazejo) e Angra Mainyu (Espírito Negador), devem escolher entre a ordem da verdade (*asha*) e a mentira (*druj*), consistindo ambas em pensamentos, palavras e atos bons ou maus. Isso, evidentemente, faz de Ahura Mazdã o criador do mal em duplo sentido: porque *druj* precede a escolha de Angra Mainyu e porque este é seu filho. Por outro lado, esse dualismo ético também apresenta aspectos teológicos, cosmológicos e antropológicos. (ELIADE; COULIANO, 2003, p. 279)

O deus Ahura Mazda<sup>27</sup> é visto “como o criador do mal” por causa de seu filho, Angra Mainyu. Há um antagonismo entre eles, um conflito cósmico. Na profecia de Zaratustra, Ahura Mazda assume a condição de supremo criador do Universo, da sua

---

<sup>27</sup> Informa Eliade (1970, p. 105): “Ahura Mazda vê e sabe tudo, não só porque é o deus do céu, mas também porque, na sua qualidade de soberano, é o guardião das leis e o punidor dos culpados; devido a essa soberania, tem ele de garantir a boa organização e a prosperidade da natureza e da sociedade, simultaneamente, pois uma só infração poderia comprometer o equilíbrio existente em todos os níveis cósmicos”.

ordem, representando o Bem, a Luz, enquanto que Angra Mainyu representa o Mal, a desordem.

Atrelado aos poemas de natureza mística, com toda a tradição religiosa que eles acarretam, está também a tradição literária que o poeta Walflan de Queiroz não abandona, como neste poema dedicado a Verlaine:

**PAUL VERLAINE**

Pauvre Lélian! Poeta Supremo!  
Londres,  
Paris,  
E Bruxelas.

Te admiramos Verlaine  
Pela mensagem,  
Pelo Amor,  
E pela Graça.

Ressoa em mim,  
O cântico de Sagesse,  
Quando sinto em Ti,  
O medieval,  
O grego  
E o cristão.

Gênio humilde,  
Tens poesia,  
Verdade  
E Beleza.

Alma de Santa Tereza,  
E de Safo.

Tudo em Deus,  
Tudo em Verlaine.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 43)*

O poeta francês chamado, no primeiro verso, pelo nome anagramático “Pauvre Lélian” e, em seguida, o epíteto, “Poeta Supremo!” é aclamado. Os níveis de identificação



são preenchidos a cada leitura dos signos. Lemos Londres, Paris e Bruxelas. Cidades onde Paul Verlaine viveu a sua aventura amorosa e poética com Rimbaud.

Em Paris, Verlaine introduziu Rimbaud ao grupo dos “poets maudits” que se reuniam nos cafés e bares. Em Londres, moraram no Soho, subúrbio, onde também tiveram vida tumultuada, boêmia, brigas, mendigando a sobrevivência. Por fim, Bruxelas, outro caos, outra desordem, culminando com a condenação de Verlaine por tentativa de homicídio, num episódio que se tornou tão célebre quanto a partida de Rimbaud para a África.

Na terceira estrofe, temos referência à obra *Sagesse*, composta de poemas de natureza religiosa, reflexivos, autobiográficos, que refletem o exílio do poeta na prisão. Temos menção às influências heterogêneas de sua poesia, o medieval, o grego e o cristão.

No poema, Verlaine é sublimado por sua genialidade que beira a princípios platônicos, como Verdade e Beleza. São princípios da poesia que Walflan de Queiroz almeja para si próprio. Por outro lado, o poeta reconhece em Verlaine algo mais complexo, situado entre o espiritual e o carnal. “Alma de Santa Tereza, / E de Safo”.



O poeta Walfan de Queiroz, como havia escrito, contempla obsessivamente “no ardor da Noite, pela musa distante”. As musas inspiradoras da sua poesia ainda repercutem na sua alma:

**HERNA**

Verde  
Como uma onda,  
Sobre meus braços.

Esguia  
Como uma rosa,  
Do Sinai.

Pura  
Como uma palavra,  
Saída da boca de Jeová.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 19)*

Os tercetos centralizam palavras-chave, criando nexos inesperados, que simbolizam a natureza feminina de Herna, a mulher idealizada. Em sua caracterização, o poeta trabalha com elementos comparativos constituindo um cenário surrealista através da linguagem figurada.

Primeiramente, Herna é descrita como uma “onda verde” sobre os braços. Em seguida, surge a comparação metafórica com a “rosa do Sinai”, pois Herna é esguia e delicada como essa rosa; por fim, na última comparação, aparece a simbologia do Absoluto, do Eterno, do Sagrado, porque “pura”, seu nome, uma palavra pronunciada por Jeová.

Os tercetos, então, fornecem visões que se destacam por meio de uma dicção bíblica, fragmentada, romântica, cheia de desígnios elevados. Herna, uma lembrança, pensamento fugaz, que sempre se renova pela ascensão contemplativa. Herna representa para o poeta a busca de um conceito.

Seguindo o lastro de suas paixões, encontramos um poema dedicado a Irene, a mesma da elegia em *O Tempo da Solidão*.

#### IRENE

A ti, dediquei o melhor de mim,  
O canto, a solidão  
E esta angústia que me acompanha.

Chorei como Jeremias, sofri como Jó,  
Por isso não me reconhecerás, Irene.  
Hoje sou um meigo Ivanhoe,  
Em busca do Pai que tanto amamos.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 31)*

No seu reencontro com a amada constatamos a natureza transcendente do discurso poético. A primeira estrofe sintetiza a representação sentimental de um passado quando o poeta dedicou a Irene o que havia de melhor nele, como o canto, a solidão e a angústia. Toda a sua subjetividade exposta numa linguagem afetiva que por fim se revelará redentora.

A mulher como elemento constituinte de uma entrega emocional provocaria um dilaceramento espiritual na alma do poeta. Ele agora faz alusões aos dramas de personagens bíblicos com quem se identifica: Jeremias e Jó. Ambos passaram por transformações, por mudanças; ambos sentiram o poder divino, a graça jubilosa de Deus.

A experiência amorosa, de cunho platônico, funde-se com a experiência mística, cedendo espaço a um novo discurso. “Por isso, não me reconhecerás, Irene”. Diz o poeta, um ser transfigurado pela palavra, pelo sentimento, pela própria poesia. E, súbito, surpreende a amada: “Hoje sou um meigo Ivanhoe, / Em busca do Pai que tanto amamos”. A sua procura devoradora por Deus, esse Pai Eterno, que vive em meio à “inquietante Luz”.

O cavaleiro medieval Ivanhoe pertence ao imaginário anglo-saxão, personagem do romance homônimo de Walter Scott. Em *A Colina de Deus*, Walflan de Queiroz dedicou-lhe “A Canção de Ivanhoe”, um poema em que o eu lírico fala de castelos encantados, lendas, torneios, o cavaleiro Lancelot e o Rei Arthur. Leiamos:

#### **IVANHOE**

Por castelos encantados  
Eu andei. Conheço lendas,  
Fadas. Lutei em torneios,  
E me chamei Ivanhoe.  
Fiel ao meu querido Lancelot,  
Amo sempre,  
O grande Rei Arhur

(*A Colina de Deus*, p. 37)

Parece ser uma tendência tipicamente romântica migrar para o mundo medieval como forma de evasão no tempo. Em seu livro, o poeta Walflan retoma a figura do cavaleiro Ivanhoe, louvando a sua glória.

#### **IVANHOE**

Nas fontes da salvação,  
Ivanhoe  
O anjo.

Neste silêncio mudo,  
Ivanhoe,  
O deserdado.

Quem espera por ti, Ivanhoe?  
A erva  
A solidão  
Rebeca.

Quem te ama, Ivanhoe?  
A aventura  
A infância  
Deus.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 23)*

No diálogo com Ivanhoe, com a sua história, sobressai-se o uso de um vocabulário simples condensado em um arranjo sintático que explora as potencialidades semânticas dos signos poéticos. Ivanhoe é o anjo solitário e deserdado sob a ótica cristã da bem-aventurança.

O poeta expressa-se de forma condensada, sintética, que funciona como fragmentos, agindo em conjunto para intensificar o efeito total do poema. Há versos, praticamente, com uma única palavra, interligados sem a presença de conectivos. Surgem, então, núcleos de significados através dessas palavras, dessas expressões metafóricas: O anjo, a deserdado, a erva, a solidão, Rebeca, a aventura, a infância e, por último, Deus.

Depois da figura do nobre cavaleiro Ivanhoe, Walfan de Queiroz, do ponto de vista bíblico, vai lançar os seus versos sobre a sabedoria deixada por Jó, ou melhor, que ele aprendeu com Jó. A sabedoria daquele que conheceu Deus, e para tanto, teve de passar por provações dolorosas. Vejamos o poema:

### **JÓ**

Sábio, ante Deus,  
É quem sabe,  
Que é pó,  
Nada mais.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 15)*

O poema se assemelha a uma máxima, à maneira de um epigrama, em que o eu lírico reflete sobre a perenidade da existência, a natureza finita do homem diante do seu Criador. Assim como Jó, no último ato de seu drama:

Eu te conhecia só de ouvir,  
mas agora meus olhos te vêem:  
por isso, retrato-me  
e faço penitência no pó e na cinza.

*(Jó 42, 5-6)*

A figura de Jó inspira no poeta a consciência do Absoluto. Se chorou como Jeremias e sofreu como Jó, como disse no poema dedicado a Irene, é porque não se esqueceu de suas amadas.

A mulher, tema recorrente da poesia walflianiana, é a expressão da lembrança. Assim, a principal musa de suas poesias, Tânia, não poderia ficar de fora da construção do discurso amoroso. A presença da amada numa perspectiva mística destaca-se sob o signo da perenidade da vida. Ouçamos o poema:

### TÂNIA

Solitário, caminhei pela terra de Uz,  
Em direção à Sodoma e à Gomorra.  
E não encontrei no deserto,  
Um abrigo.

Em vão interroguei a Noite,  
Em vão interroguei os astros,  
Que me falaram de ti.

Ouvi apenas o Silêncio que disse:  
“No céu tudo está escrito”.

Não somos senão o pó que o vento leva.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 39)*

Este poema mostra a intensidade com que o discurso lírico, de feição amorosa, avançou para uma religiosidade. O poeta transfigurou-se diante de suas heroínas: Herna, Irene e, agora, Tânia.

Seu início traz referências a lugares bíblicos. Uz (Hus) é a cidade do patriarca Jó. “Havia na terra de Hus um homem chamado Jó. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal” (Jó 1, 1). A identificação com Jó é o crivo de sua experiência religiosa. O poeta apela a Jó, símbolo de revolta e redenção. Assim como Jó sofreu o

castigo perdendo tudo que tinha, por sua vez, as cidades de Sodoma e Gomorra, como está dito no *Gênesis*, foram punidas por Deus, por causa da decadência moral.

Na busca por Tânia, o poeta usa uma linguagem personificada. A Noite e os astros são interrogados pelo eu lírico. A Noite e os astros em vão falam de Tânia. Mas é o silêncio como linguagem que prevalece, transmitindo a grande sabedoria. “No céu tudo está escrito”. Uma expressão popularmente conhecida de que nada é por acaso. E, desta maneira, o fim do poema une a sabedoria à revelação bíblica. “Não somos senão o pó que o vento leva”. Essa consciência existencial eleva o sentido puramente religioso do livro *Nas Fontes da Salvação* em que o poético e o religioso se confundem.

Deus simboliza a metáfora cristã da Fonte Originária de todo ser, a Fonte oculta, a metáfora da Salvação, assim como o Cristo. “Nele me abrigo, meu rochedo, / meu escudo e minha força salvadora, / minha cidade forte” (Sl 18, 3). Eis, então, um dos poemas emblemáticos do livro:

#### **A FONTE**

Senhor, estava perdido,  
E me encontrei.

Estava morto  
E me ressuscitaste.

Tive sede,  
E me deste água da Fonte.

Senhor, desde o princípio do mundo,  
Que mandas emissários e profetas,  
E eles são crucificados.

(*Nas Fontes da Salvação*, p. 19)



Deus, que é o Ser essencial, a Fonte, como indica a metáfora, no título do poema, se faz presente na subjetividade do poeta. Uma subjetividade carregada de erudição cristã, de símbolos, de natureza religiosa e sapiencial.

O eu lírico (con)versa com Deus, tratado por Senhor. O Senhor tem poderes, concede graças. Age sobre os homens. A Sua presença é sentida em cada verso. Ele se manifesta como salvador, protetor, intermediário. Assim como os emissários e os profetas, os poetas também são os porta-vozes da palavra de Deus, são “crucificados” como o Cristo na Cruz. Cristo é tema na poesia religiosa de Walflan de Queiroz:

### **CRISTO**

Filho de Deus! O Verbo encarnado,  
Que nos redimiu, que nos resgatou  
Do pecado original, do infernal abismo.  
Mais belo que Adão, nosso pai.

Das planícies de Israel, falaste em parábolas  
Ao povo humilde e simples.  
E do alto da Cruz, contemplaste  
Jerusalém e o Templo de Salomão.  
Esperamos tua volta, cordeiro imaculado,  
No Juízo Final, como crianças órfãs.

*(Nas Fontes da Salvação, p. 41)*

Na primeira estrofe, vislumbramos a imagem tradicional de Cristo, o “Filho de Deus”, o “Verbo encarnado”. Os epítetos revelam a relação recíproca entre a 1ª e a 2ª pessoa da Santíssima Trindade: Deus Pai e Deus Filho. No evangelho de João, temos o relato da criação do mundo a partir de Deus por meio da palavra, do Verbo:

E o Verbo se fez carne,  
 e habitou entre nós;  
 e nós vimos a sua glória,  
 glória que ele tem junto ao Pai  
 como Filho único,  
 cheio de graça e de verdade.

(Jo 1, 14).

Pela leitura desses versículos do evangelista João, percebemos que Deus se fez homem em Cristo. “E o Verbo se fez carne, / e habitou ente nós”. É uma das mais relevantes mensagens de natureza cristã. Cristo, dentro dessa visão religiosa, assume o papel de Redentor, de Salvador, mas também de Fonte de misericórdia, nascido sob o signo do Messias, que viria resgatar os homens dos pecados.

A expressão o “Verbo encarnado”, que aparece no poema inspirado no Evangelho de João, faz alusão à divindade de Cristo. Nele está a salvação de todos os seres humanos, feridos mortalmente pela culpa do pecado original, de que fala o eu lírico: “Filho de Deus! O Verbo encarnado, / Que nos redimiu, que nos resgatou / Do pecado original, do infernal abismo”.

Na segunda estrofe, aparecem as imagens poéticas da pregação de Cristo assim como o tema da Paixão e da Ressurreição. Cristo é o “Cordeiro de Deus”, o “cordeiro imaculado”, numa inspiração apocalíptica, enquanto que os homens na terra são as “crianças órfãs” à espera da salvação, da rendição dos pecados.

*Nas Fontes da Salvação* apresenta uma religiosidade cristã inspirada nas fontes tradicionais da liturgia. No poema à Virgem Maria, percebe-se um misticismo superficial, limitado a expressões que definem a Santa. Leiamos o poema:

**AVE MARIA**

Mulher e Virgem,  
Rosa de Sharon.

Meiga e Pura,  
Lírio do Vale.

Casta e pulcra,  
Filha de Sião.

Nossa Senhora do Carmo,  
Nossa Senhora de Lourdes,  
Nossa Senhora Aparecida,  
Rogai por nós!

Maria Mãe de Deus,  
Estrela do Mar  
E Rainha dos Anjos.

Ave Maria,  
Gratia Plena,  
Sem pecado original!

*(Nas Fontes da Salvação, p. 25)*

Os dezesseis versos do poema são traçados a partir de epítetos ou de nomes destinados a glorificar Maria, a escolhida entre as mulheres pelo Espírito Santo para ser a Mãe do Filho de Deus e Salvador do mundo, conforme os Evangelhos.

A primeira estrofe traz a metáfora conciliadora da Mulher e Virgem ao mesmo tempo. Quer dizer: a conjunção de virgindade e de maternidade concebidas espiritualmente pelo poder divino. Nesse sentido, uma sucessão de nomes vai aparecendo para designar Maria, dentro da tradição cristã, à medida que avançamos na leitura do poema: “Rosa de Sharon”, “Meiga e Pura”, “Lírio do Vale”, “Casta e pulcra”, “Filha de Sião”.

Na quarta estrofe, o poeta recorda títulos que tornam a exaltar as suas qualidades, a sua vocação em relação à Igreja: “Nossa Senhora do Carmo, / Nossa Senhora de Lourdes, / Nossa Senhora Aparecida, / Rogai por nós!”.

De todas as expressões que o poeta alinhou em seus versos, a mais conhecida é a “Mãe de Deus”, comumente encontrada nas orações populares, onde epítetos como “Estrela do Mar” e “Rainha dos Anjos” também se destacam.

É grande a admiração do poeta por Maria, uma admiração constituída de raízes católicas, de fontes tradicionais, destacando-se o símbolo da Mulher predestinada, amorosa e despida de pecado. Maria, como uma figura adorada e venerada na tradição cristã, é um tema desde o aparecimento do primeiro livro, *O Tempo da Solidão*, onde há dois poemas dedicados a ela.

O azul é um símbolo do Sublime recorrente nos poemas de Walfan de Queiroz. Ao que parece, é a cor preferida do poeta, pois ele está quase sempre a falar do azul em seu lirismo, por exemplo, a “borboleta azul”, o “pássaro azul”, o “lago azul”. Em um verso para Irene, profere: “Deus fez primeiro a ti, depois o mar azul”. Na distante paisagem marinha: “Um porto magnífico de velas brancas e tardes azuis”.

Em *O Livro de Tânia*, diz: “Perdão para o que contemplou, de longe, o azul do céu”. Em *O Testamento de Jó*, transmite a sua “angústia do azul” para Herna através da metáfora do pássaro que não sobrevive sem outro pássaro. Naqueles versos bíblicos, celebrando o monte Sião: “Je te chante, Sion / Bleue comme le ciel”.

O tom sublime dos poemas no livro *Nas Fontes da salvação* sustenta-se pelo sentimento de adoração, de entrega ao divino, como nestes versos:

**EU TE AMO**

Eu te amo, como a Aurora que desperta os rios e as fontes,  
Ou como a luz que nasceu ao sopro da Tua Palavra.  
Eu te amo, como o primeiro raio de sol, como a Fonte,  
Onde bebem inspiração os poetas, os profetas e os sábios.  
Eu te amo, pelo mar azul, pela planície e pelo firmamento  
Cheio de estrelas, de constelações e astros brilhantes.  
Eu te amo, nas lendas dos deuses, na mensagem dos Iniciados e nos  
[clarões do Sinai.  
Eu te amo, pelo ardor da Graça, pela Beleza da Criação  
E pelo mistério que Te envolve, Senhor!

*(Nas Fontes da Salvação, p. 29)*

O eu lírico proclama o seu Amor diante da criação divina. O Universo e a Natureza são reverenciados. O seu Amor é contemplativo. O seu Amor se perde diante da beleza da Criação. Reconhece as obras de Deus, o Criador. Sente a presença d'Ele em tudo. “Eu te amo, nas lendas dos deuses, na mensagem dos Iniciados e nos clarões do Sinai”. O verso ilustra a diversidade religiosa do poeta Walflan de Queiroz, que se autodefiniu, teísta.

### Aos Teus, Pés, Senhor



Em *Aos Teus Pés, Senhor*, Walflan de Queiroz dá continuidade a sua poética de exaltação ao divino pela qual o diálogo com as tradições religiosas tornou-se um fluxo permanente. Publicado em 1972, sua capa reproduz o ícone da Santíssima Trindade, obra do monge russo, Andrei Rublev.

*Aos Teus Pés, Senhor* é dedicado a Brahman, como já se sabe, antiga divindade védica da Índia, um deus da tradição bramânica. O livro compõe-se de duas partes, “Poemas do Amor Ardente” e “A Viva Flama”. Nas primeiras páginas, a epígrafe extraída de um soneto de Shakespeare diz: “Mas penso em Ti, e logo a minha condição, / Qual cotovia na alva a terra abandonando, / Ergue às portas do céu hinos de gratidão”.

Os versos de Shakespeare guiam a inspiração do poeta, que canta aos céus, com louvores. É um sentimento de gratidão que envolve a sua alma resignada a Deus, um sentimento puro.

Nas orelhas do seu livro, o poeta Walflan de Queiroz expõe alguns pontos da sua visão mística e religiosa:

O autor vem de outros caminhos. Neste livro prostra-se humildemente aos pés do Senhor. Fascinado pelo seu poder, e arrependido pelos seus pecados, implora o perdão.

Seus caminhos hoje são trinitários. Ajoelha-se ante o Pai, ergue as mãos ao Filho e beija a terra pelo Espírito Santo. Certo que o dogma da Santíssima Trindade encerra a verdade absoluta e o cristianismo é a religião mais perfeita, faz pública confissão de fé.

Creio na existência das inteligências puras, incorpóreas, mais perfeitas do que o homem, cujo serviço consiste em louvar ao Senhor. Platão aceitava-as como intermediárias entre Deus e o homem.

No antigo Testamento, são muito comuns as aparições angélicas. O anjo chama-se Rafael, Miguel ou Gabriel. Na religião de Allah, chama-se Israfel.

O homem, sendo composto de carne e espírito, revela em si pela sua criação, a Santíssima Trindade. É intelecto, emoção e vontade.

No Novo Testamento, Nosso Senhor Jesus Cristo refere-se aos anjos como vendo continuamente a face do Pai.

A concepção trinitária não é exclusiva do cristianismo. Na religião de Brahman, temos Brahma, Vixnu e Shiva.

Sendo este atualmente os caminhos do autor, ou seja, a adoração da Santíssima Trindade, não tem o poder do Maligno, e como Cristo, vencerá afinal.

Tendo confiança no Pai e pedindo o auxílio do Espírito Santo, crê que os justos serão salvos e alcançarão a glória.

A Criação encanta pela perfeição do Arquiteto. Quando caminhamos por vales, rios e montanhas, sentimos a beleza mística que oculta o mistério perene. Faço minhas as palavras de Antoine Saint-Exupery: “C’est alors que je compris que celui-là qui reconnaît le sourire de la statue ou la beauté du paysage ou le silence du temple, c’est Dieu qu’il trouve”.

Não me sinto perdido na Criação. Sei como entoar um louvor a Deus, acompanho o canto dos pássaros, o despertar da aurora e o cair da tarde. Sei que Deus está presente em cada folha que cai ou em cada onda que se derrama.

Se não há poetas, não há intérpretes. Se não há Natureza, o homem perde a sua comunicação com Deus.

Sigo a vontade de Allah. E compreendo as suas palavras: “Não há outro refúgio para Deus, senão o próprio Deus”.

O poeta Walflan afirma que seus caminhos são trinitários no sentido mais universal que a expressão possa sugerir. Admite reconhecer e seguir os ensinamentos da Santíssima Trindade, doutrina professada pelos cristãos. Mas, ao mesmo tempo, aceita também a concepção trinitária da tradição bramânica e hindu (Brahma, Vishnu e Shiva), embora seja uma doutrina completamente diferente do cristianismo.

O poeta escreve com o inquietante desejo de salvação, de redenção neste mundo. Sua palavra poética confunde-se com fé e adoração à beira do extremismo. “Creio na existência das inteligências puras, incorpóreas, mais perfeitas do que o homem, cujo serviço consiste em louvar ao Senhor”.

Tudo que o poeta escreve sai da sua alma inconsolável, uma alma que enxerga a presença de Deus no Universo, na Criação, na Natureza. Uma alma que reverencia, que busca transcender, que busca a Luz no vale tenebroso da vida. Uma alma, sem dúvida, sublime e desgraçada, que nos fala com o sentimento do Absoluto. “Não me sinto perdido na Criação. Sei como entoar um louvor a Deus, acompanho o canto dos pássaros, o despertar da aurora e o cair da tarde. Sei que Deus está presente em cada folha que cai ou em cada onda que se derrama”.

Avisa-nos que segue também as palavras de Allah, deus do *Corão*. De fato, em *Aos Teus Pés, Senhor* há poemas que remetem à tradição islâmica. “Allah”, “Mensagem”, “A Estrela”, e “Ao Meu Senhor”, são alguns títulos. Uma devoção que não é exclusiva do seu livro, visto que, anteriormente, em *A Colina de Deus* e *Nas Fontes da Salvação*, Allah é louvado.

A sua adoração pela Santíssima Trindade está expressa também no prefácio transcrito abaixo:

#### PREFÁCIO

A doutrina da Trindade tem fundamentos bíblicos e encontra-se estruturada na Tradição. Encontramos profundos acentos reveladores no Antigo Testamento e foi aprofundada no Novo Testamento. A patrística e a escolástica a desenvolveram, e os teólogos modernos a sedimentaram, tais como Haring, Scheeben e outros.



Por esta doutrina, sabemos que o Pai é a Fonte, o Princípio sem princípio, e a Causa Criadora do Universo. O Filho é o Logos, procede do Pai e foi gerado antes da fundação dos tempos. O Espírito Santo é o Consolador, procede do Pai e do Filho, e é também o Espírito Santificador, Incruido e Inspirador dos profetas.

Podemos atribuir ao Pai, a Criação, ao Filho, a Redenção, e ao Espírito Santo, a Santificação. Deus Pai é a Inteligência Primeira, o Filho, o Verbo Redentor, e o Espírito Santo, o amor purificante.

A Santíssima Trindade constitui um Mistério para a razão. O mais profundo mistério do Cristianismo. Sendo indevassável, seduz intelectualmente pela Beleza do dogma e a Verdade do conteúdo.

Deus é, portanto, Uno e Trino em sua Essência. Assim pensaram Calvino e São Paulo. Três pessoas numa Só, como aprendemos na infância. Uma única Substância. A mesma identidade de Natureza, Mistério de Amor e de Verdade.

O poeta Walflan interpreta a realidade divina através do dogma da Santíssima Trindade, através das fontes tradicionais da história do cristianismo. Os relatos do Antigo e do Novo Testamento, da Patrística, da escolástica e da teologia moderna, servem-lhe de fundamento.

A Trindade significa, como se sabe, uma das doutrinas centrais da religião cristã. Na unidade divina, há três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Dessa forma, o mistério da Santíssima Trindade está consubstanciado na aceitação da fé e na consciência do pecado.

Acerca dessa simbologia, interpretou Merton (2007, p. 53): “A vida cristã é um retorno ao Pai, à Fonte, à Raiz de toda a existência, por meio do Filho, esplendor e imagem do Pai, no Espírito Santo, amor do Pai e do Filho”. O poeta Walflan, ciente disso, afirma no seu prefácio: “A Santíssima Trindade constitui um Mistério para a razão. O mais profundo mistério do Cristianismo. Sendo indevassável, seduz intelectualmente pela Beleza do dogma e a Verdade do conteúdo”.

“É um Mistério para a razão”, a Santíssima Trindade, como diz o poeta, porque como está na Bíblia, é uma verdade revelada, portanto, inquestionável, do ponto de vista religioso. Nesse sentido, Deus se revelou como Pai, Filho e Espírito Santo.

Vejamos o primeiro poema de *Aos Teus pés, Senhor*, extraído da seção, “Poemas do Amor Ardente”:

### JEOVÁ

Aos teus pés, Senhor, vejo-Te  
Sentado entre Querubins, com asas  
De Vento e de Fogo.

E o Teu Espírito Santo,  
Paira sobre a Face das águas.

Senhor, aos teus pés, eu vejo  
Uma grande Luz oculta,  
Uma grande Aurora cristã,  
Que faz a Poesia voltar,  
A sua pureza Original.

(*Aos Teus Pés, Senhor*, p. 13)

O eu lírico está prostrado num profundo gesto de redenção diante da imagem de Deus, uma imagem fortemente bíblica. Os querubins são anjos que aparecem na Bíblia, mais precisamente, no Antigo Testamento, para indicar o lugar em que se encontra Javé, uma terminologia para Deus.

No profeta Isaías, lemos: “Ó Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel, que te assentas sobre os querubins, tu és o único Deus de todos os reinos da terra; tu criaste os céus e a terra” (Is 37-16).

No poema, o eu lírico refere-se a uma “Grande Luz oculta”, uma “grande Aurora cristã” para exaltar a poesia, cuja função é trazer de volta a essência profunda com o Absoluto, ou seja, com o sentido de (re)ligação .

No livro *Nas Fontes da Salvação*, Deus é a metáfora da Vida, da Luz, da Fonte, onde os poetas e os profetas buscam o caminho da sabedoria e do perdão. Em *Aos Teus Pés, Senhor*, o poeta Walflan acrescenta outra importante metáfora cristã, a de que Deus é também Amor.

De seus poemas, destaca-se um discurso caloroso, que expressa o misticismo em metáforas extraídas dos Evangelhos, tematizando o Amor espiritual, o Amor a Deus, o Amor filial, que busca a União mística. Sendo assim, vejamos este poema:

#### **TEU AMOR FIEL**

Teu amor fiel me acompanha sempre,  
Em recordações, preces.  
Mais belo que um dia de verão,  
Teu amor me comove.

Teu amor fiel, mais puro que o orvalho,  
Me arrebatava e me seduz, qual o Cisne,  
Me induzindo ao Bem, repudiando o Mal.

Enquanto meu amor por Ti, cresce e aumenta,  
Creio e espero em Teu coração humilde,  
Como um anjo desejando o Infinito.

(*Aos Teus Pés Senhor*, p. 15)

O eu lírico fala sobre o “amor fiel” de Deus através de preces, de recordações. O Amor divino comove o seu coração pela pureza do sentimento. Tem a sedução arrebatadora de um cisne. Induz a pensar no Bem.

Como diz o evangelista João: “Deus é Luz e nele não há treva alguma” (1Jo 1, 5). E mais adiante afirma: “Deus é Amor” (1Jo 4, 8). “Luz” e “Amor” na primeira epístola de João como metáforas de Deus. “Deus há de ser amado”, disse São Bernardo de Claraval.

O Amor, o mais importante mandamento do Cristianismo, pode ser sentido de forma profunda no evangelho de Mateus, onde encontramos esta passagem de Jesus em resposta a um fariseu:

“Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Ele respondeu: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. (Mt. 22, 36-39)*

O amor de Deus é fiel, soberano. O poeta é um devoto do amor divino. Seu amor por Deus “cresce e aumenta”, como proclama, numa redundância que mostra a dimensão desesperadora de seu discurso religioso. Por isso, crê e espera pela compaixão, pela benevolência, porque deseja o Infinito como um Anjo.

O seu Amor encontra pleno transbordamento no diálogo com Deus. A leitura do poema a seguir retoma a necessidade de transmitir os sentimentos dessa adoração:

#### **MEU AMOR POR TI**

Meu amor por Ti,  
Feito de silêncio  
E de espuma branca do mar,  
Permanece.

Eu Te amo em cada Aurora,  
E em cada botão de Maio.

Meu amor por Ti,  
Feito de prece  
E do mistério do anjo,  
Permanece.

Eu Te amo em cada Nuvem,  
E ao cair da Neve.

Meu amor por Ti,  
Feito de estrelas  
E de solidão,  
Permaneço.

Seja em Benares,  
A cidade do Mestre,  
Seja em Jerusalém,  
A cidade do Grande Rei.

Em Toda a parte, Sempre Tu,  
O Inefável, o Santo,  
Rei do Dia do Julgamento.

*(Aos Teus Pés, Senhor, p. 17)*

Em conexão com o poema anterior, o poeta declara o seu Amor por Deus num tom de reverência, num perene louvor. Amor constituído de silêncio, de contemplação do mar, de meditação, de estrelas, de solidão. O silêncio e a solidão são tudo para os contemplativos e não poderia ser diferente para o poeta. Nesse sentido, diz o místico Merton (2003, p. 217): “O silêncio é o pai da palavra”. No silêncio, é possível conversar com Deus.

Amor que se manifesta no tempo, no espaço. “Eu Te amo em cada Aurora” / Em cada botão de Maio”, declara fascinado o eu lírico do poema. Depois, afirma: “Eu Te amo em cada Nuvem / E ao cair da Neve”. Um lirismo vibrante mediante a graça divina, um lirismo que acentua a presença de Deus em toda parte.

O poeta contempla a sublimidade da Essência Divina. Busca encontrar Deus dentro de si mesmo, no seu coração aflito, sensível. A sua contemplação contém o sentimento religioso que a poesia transmite por meios de expressões que traduzem o seu estado de admiração, de comunhão, de embriaguez, de exaltação, e, sobretudo de amor.

Na poesia religiosa de Walflan de Queiroz, um tema que vem sendo recorrente pela beleza de seu fundamento é Jesus abordado sob a perspectiva do “Mistério da Encarnação”, sendo ele (o Filho), a segunda pessoa da Santíssima Trindade.

O poeta se divide no culto a Virgem Maria e no culto a Jesus, o Salvador. Maria e Jesus, venerados como símbolo de misericórdia, são figuras temáticas que estimulam o poeta a seguir o seu caminho místico, fazendo da sua poesia um recurso à espiritualidade.

Sabemos que Jesus Cristo lançou as bases do Cristianismo, propagando uma mensagem de paz e de amor, de justiça e de esperança. O poeta louva o conteúdo dessa mensagem, dedicando uma prece ao sagrado coração de Jesus. Vejamos:

#### **ODE AO SAGRADO CORAÇÃO**

Sagrado Coração de Jesus, fonte de amor,  
Perdoai-me Senhor!

Sagrado Coração de Jesus, Beleza suprema,  
Olhai para mim, Senhor!

Sagrado Coração de Jesus, saturado de opróbrios,  
Tende piedade de mim, Senhor!  
Sagrado Coração de Jesus, Reflexo do Pai,  
Abençoai-me, Senhor!

Sagrado Coração de Jesus, fonte de ternura,  
Socorrei-me, Senhor!  
Sagrado Coração de Jesus, Bem amado ao Pai,  
Compadecei-vos de mim, Senhor!

Sagrado Coração de Jesus, cheio do Espírito Santo,  
Salvai-me, Senhor!

*(Aos Teus Pés, Senhor, p. 29)*

A linguagem bíblica de seus versos abriga a simbologia do sagrado coração, que expressa de acordo com a tradição cristã o Amor Infinito de Jesus Cristo para com a

humanidade. As expressões metafóricas, “fonte de amor”, “Beleza suprema”, “saturado de opróbrios”, “Reflexo do Pai”, “fonte de ternura”, “Bem amado do Pai”, “cheio do Espírito Santo” conectam-se para desencadear um conjunto de súplicas.

A devoção ao sagrado coração remonta ao drama do calvário, o golpe da lança do centurião romano sobre o peito de Jesus. “Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados trespassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água (Jo 19, 33-34).

Em seu *Dicionário de Símbolos*, Gerd Heinz-Mohr (1994) informa que imagens populares do fim do século XVI combinam o Coração de Jesus com a coroa de espinhos e os três pregos da crucificação.

Segundo Becker (1999), a arte cristã, na Idade Média, criou uma simbologia muito difundida do coração, tendo como base o simbolismo do amor de Cristo, de Maria e dos santos. Por isso, as gravuras antigas de corações flamejantes, corações trespassados pela flecha.

Por sua vez, para o místico Merton (2003), vida e morte, palavras e silêncio são dados ao ser humano por causa de Cristo, porque nele morre-se para a carne e vive-se para o espírito.

Noutro poema, Walflan de Queiroz, em sua veneração fortemente litúrgica de Jesus Cristo, explora mais aspectos de sua trajetória difundida nos evangelhos.

## **JESUS**

Mon Père! Je remets mon esprit entre tes mains.

A sinagoga e Roma,  
Judeus e Gentios,

Fariseus e Pagãos,  
Crucificaram Jesus.

Palavras de Pedro em Cesareia de Felipe:  
“Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!”

O Sinédrio entregou Jesus a César,  
E César cumpriu as determinações de Satã.

Últimos colóquios de Jesus:  
“Um mandamento novo vos dou:  
Amai-vos uns aos outros”.

Eles crucificaram o meu Senhor,  
E o feriram,  
Com uma lança,  
Em seu coração.

Jesus prometeu e mandou,  
O Ruah Iahvé.

Jesus testemunhou a sabedoria de Jeová.

*(Aos Teus pés, Senhor, p. 31)*

Embora o poeta não tenha colocado, por alguma razão desconhecida, a referência da epígrafe em francês remete a um versículo presente no Evangelho de Lucas ao narrar a morte de Jesus. Nesse sentido, na leitura da Bíblia de Jerusalém o equivalente da tradução seria: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46). Assim, teriam sido as últimas palavras de Jesus.

Após a sua morte, os discípulos teriam espalhado a notícia de sua ressurreição e, posteriormente, passaram a divulgar os seus ensinamentos. Além de Lucas, outras passagens extraídas dos evangelhos canônicos, como Mateus e João, são literalmente inseridas nos versos do poema.

A primeira estrofe trata do tema da crucificação de Jesus. Quem o teria crucificado e matado: judeus e gentios, fariseus e pagãos. Segundo os Evangelhos, Jesus foi levado diante do Sinédrio, - tribunal do Templo de Jerusalém -, na presença do Sumo Sacerdote



Caifás, que o acusou de ter blasfemado. Em seguida, conduzido à presença de Pilatos, governador romano. O Evangelho de Mateus conta-nos:

Jesus foi posto perante o governador e o governador interrogou-o: “És tu o rei dos judeus?” Jesus declarou: “Tu o dizes”. E ao ser acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos, nada respondeu. Então lhe disse Pilatos: “Não ouves de quanta coisa te acusam?” Mas ele não lhe respondeu sequer uma palavra, de tal sorte que o governador ficou muito impressionado. (Mt 27, 11-14)

Depois disso, o julgamento final e todo o processo de crucificação que faz de Jesus um mártir. O poeta Walflan professa o que Deus revelou através de seu Filho, o Cristo. Crê em Jesus Cristo e faz a sua confissão à maneira do apóstolo Pedro, o mesmo apóstolo que negou Cristo três vezes e depois se redimiou. Nesse sentido, a segunda estrofe do poema parafraseia o Evangelho de Mateus:

Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram. “Uns afirmam ser João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus. (Mt 16, 13-19).

Há uma referência a um dos ensinamentos de Jesus, ao se despedir dos discípulos, após a última ceia. Episódio relatado no evangelho de João e copiado pelo poeta: “Dou-vos um mandamento novo: / que vos amei uns aos outros”.

No poema a seguir, Walflan de Queiroz expõe os epítetos consagradores de Maria, a Virgem Santa, mãe de Jesus, o Messias, o Salvador, segundo a tradição judaico-cristã:

### **A VIRGEM MARIA**

Nossa Senhora, Rainha dos Profetas,  
Intercedei por mim junto ao Pai,  
E dai-me a graça de sentir,  
Como Jesus, a união transformante.

Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos,  
Orai por mim junto ao Pai,  
E concedei-me a viva flama,  
Dos dons do Espírito Santo.

Virgem Meiga e Serena,  
Torre de Marfim,  
Casa de Ouro,  
Estrela da Manhã.

Nossa Senhora, Mãe de Deus,  
Formai em mim os mesmos sentimentos,  
Do vosso filho Jesus!

*(Aos Teus Pés, Senhor, p. 25)*

Seus versos possuem o tom característico da súplica, sendo constituídos a partir de atributos, de títulos, de símbolos que nos remete a litania da Santíssima Virgem Maria. Na primeira estrofe, o eu lírico, em busca de auxílio espiritual, clama por Nossa Senhora, a “Rainha dos Profetas”, a Protetora dos angustiados, aquela que pode interceder junto ao Pai.

O poeta, como um discípulo de Jesus, tem consciência da sua devoção. Nesse sentido, na segunda estrofe, invoca outro epíteto, a “Rainha dos Apóstolos”, já que os apóstolos, como seguidores de Jesus, foram seus devotos. Pede à Nossa Senhora que lhe conceda a “viva flama” a fim de aspirar ardentemente às coisas eternas.

A terceira estrofe é preenchida por meio de uma lista de invocações. Destaque para “Torre de Marfim”, “Casa de Ouro”, “Estrela da Manhã”. O marfim possui a cor branca. No Cristianismo, Maria é comumente comparada ou evocada como Torre de Marfim, que simboliza também a Torre de Davi, para sinalizar que ela foi portadora do fruto da mesma linhagem do rei Davi. Por sua vez, o título “Casa de Ouro” faz analogia ao fato de Maria, como morada, a escolhida por Deus, entre as mulheres, para que o seu Verbo se fizesse carne e habitasse no meio dos homens. Maria representa a “Estrela da Manhã” porque anuncia os “novos tempos”.

Por outro lado, devemos observar que a “Torre de Marfim”, a “Casa de Ouro” e a “Estrela da Manhã” são também metáforas acolhedoras da fortaleza espiritual que a Virgem Maria representa dentro do universo simbólico do Cristianismo.

Segundo a tradição bíblica, Maria personifica a santidade da Igreja, como figura feminina central do Cristianismo depois de Eva. O evangelho de Lucas relata que o anjo Gabriel enviado por Deus deu a notícia de que ela estaria grávida do Espírito Santo. O anjo teria dito: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás a luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus” (Lc 1, 30-31).

Na última estrofe, o eu lírico suplica ao mais conhecido dos epítetos dirigidos à Virgem Maria, que é “Nossa Senhora, Mãe de Deus”. Evoca a sua maternidade divina, a Virgem Imaculada.

A religiosidade litúrgica do poeta Walflan encontra expressão na forma de orações, salmos e de preces.

### SALMO

A Diógenes da Cunha Lima

Eu louvarei ao Senhor,  
Subirei ao Templo,  
Tocarei a harpa  
E entoarei um hino.

Minha alma louva ao Senhor,  
Por todos os seus benefícios,  
Por todas as suas obras,  
Por todas as suas maravilhas.

Senhor, quão grande  
É a vossa Graça!  
Senhor, quão humilde  
É o vosso coração!

(*Aos Teus Pés, Senhor*, p. 63)

Trata-se de um salmo de devoção, de louvor, de glória a Deus, como ação de graças, com júbilos, pelas suas muitas dádivas. Na primeira estrofe, o eu lírico faz promessas, ou seja, declarações através de uma estrutura verbal toda no futuro (louvarei, subirei, tocarei, entoarei). Por outro lado, na segunda estrofe, manifesta o sentimento de gratidão pelos “benefícios”, pelas “obras”, pelas “maravilhas” de Deus.

O poema a seguir é uma prece à luz dos Evangelhos.

### PRECE

Senhor, fazei que os lírios voltem para os campos,  
E que a noite serena volte à minha alma.  
Senhor, fazei que viva em mim, o Espírito do Evangelho,

E que as tempestades se acalmem para sempre.  
 Senhor, fazei-me atingir a paz dos contemplativos,  
 E tende piedade dos vossos filhos, dos que não negaram,  
 Nem o Pai, nem o Filho, nem o Espírito Santo.  
 Senhor, fazei que vossos filhos vençam o mundo,  
 Olhando para Vós, em silêncio, rumo ao Infinito.

(*Aos Teus Pés, Senhor*, p. 77)

O eu lírico invoca Deus como Senhor, desejoso pelo Seu toque transformador. A linguagem de natureza bíblica atrelada pela reflexão divina lembra um pouco a oração à São Francisco. Além disso, a estrutura verbal no imperativo (“Senhor, fazei”) resgata o sentimento de familiaridade e veneração.

O sujeito poético faz pedidos, que são apelos, para suprir a carência espiritual. Quer de volta os lírios dos campos, a “noite serena” em sua alma angustiada, quer viver de acordo com o “Espírito do Evangelho”, quer atingir a paz dos místicos, clama pela piedade para aqueles que não negaram a Santíssima Trindade, clama pela vitória, pela eterna presença de Deus Pai e na figura de Cristo para atingir o Infinito, metáfora para a salvação, num mundo perdido por causa do pecado.

Em *Aos Teus Pés, Senhor*, a aspiração espiritual de Walflan de Queiroz contempla a sabedoria não apenas no Cristianismo, mas também na tradição oriental, no pensamento da Índia. Poemas para os deuses védicos, Krishna e Shiva, por exemplo, são oferecidos. Desde a publicação do livro *Nas Fontes da Salvação*, quando inicia a nova fase de sua poesia, - uma fase profundamente de natureza ecumênica - o poeta incorpora outras linguagens místicas para descrever o sagrado.

Nesse sentido, busca através da poesia uma forma de alcançar a Iluminação, alcançar o caminho para o Nirvana, como neste poema:

## OM

Om. Monges budistas  
De mãos cruzadas,  
Pronunciam vosso nome.

Eremitas cantam  
Sobre o Ganges,  
A vossa Humildade.

Fontes sagradas  
Guardam a flor de Lótus.  
Brahman transfigura-se em mil seres,  
E revela a sua forma a Krishna.

As rosas fecundantes. As rosas fecundantes.

(Aos Teus Pés, Senhor, p. 69)

Com uma linguagem puramente simbólica, o poeta pronuncia o Om. Evocá-lo exige desapego do mundo, reconhecer que a vida é sofrimento e esse sofrimento se origina do desejo. É preciso libertar-se do que causa o sofrimento nos seres e, assim, atingir a salvação.

Os monges budistas entoam o Om<sup>28</sup> na ânsia de entrar em contato com a divindade, assim como os fiéis hindus, e os eremitas que se banham no Ganges, o rio sagrado e venerado na Índia. Os hindus, conforme explica a tradição, acreditam que as águas do Ganges purificam os pecados.

Segundo Bowker (1997), os budistas partilham a mesma concepção geral do cosmo das outras religiões indianas. No Hinduísmo, especialmente, o Om pode representar muitas coisas, os Vedas ou até mesmo a trindade, Brahma-Vixnu-Shiva, por exemplo. De toda

---

<sup>28</sup> Comenta Chevalier (2009, p. 657): “O monossílabo *Om* é o símbolo mais carregado de sentido na tradição hindu. É o som primordial inaudível, o som criador a partir do qual se desenvolve a manifestação, a imagem do Verbo. É o *Imperecível*, o *Inesgotável* (akshara); é a própria essência dos **Veda** e, por conseguinte, da ciência tradicional”.

forma, afirma Bowker (1997, p. 18): “O OM, ou AUM, é o som mais sagrado para os hindus e é a semente de todos os mantras ou orações”.

No poema, temos a referência à flor de lótus cuja simbologia está associada à fertilidade, ao mito da criação do mundo. Segundo Becker (1999), Brahma é representado sobre uma folha de lótus, enquanto Buda sobre uma flor de lótus.



A sua canção para o poeta Hart Crane consegue ser um dos melhores poemas do seu livro, em termos estéticos, fugindo um pouco da poesia religiosa:

#### **POEMA DEDICADO AO POETA HART CRANE**

Hart, Hart, escreve-me do Rio, das Antilhas e do México.  
Manda-me Tua mensagem dos portos, das ilhas e dos continentes insubmissos.  
Escreve Tua ponte de novo para mim, inconclusa, heróica e humilde, para que eu  
[me comunique contigo]

E caminhe pelas florestas de Bryant e de Whitier.  
Hart lírico, Hart apolíneo,  
Que comeste o pão dos anjos.  
Hart meigo, Hart puro,  
Que tinhas em Ti o Fogo do Altíssimo.

Hart, Hart, Tua Musa eu conheço, era uma abelha do Paraíso.  
Hart, Hart, não te esqueci, poeta irmão, quando foste devorado pelos tubarões  
E Maria docemente contemplava os teus olhos.  
Hart, Hart, perdemos as imagens, mas tu as recriaste.  
Morrem os corações, mas Tu nos ofereceste o Teu.

*(Aos Teus Pés, Senhor, p. 45)*

O eu lírico invoca o nome: “Hart, Hart”. Clama em busca da sua mensagem de onde quer que venha, do Rio, das Antilhas ou do México. Sua mensagem Eterna. A mensagem da Poesia desde sempre transcendente.

Hart Crane, lírico e apolíneo, na visão do poeta Walflan, que aborda esse duplo aspecto sob a perspectiva mística. Hart Crane é sublimado. Hart Crane, o que comeu o pão dos anjos. Hart Crane, meigo e puro. Hart Crane, imerso no Fogo do Altíssimo.

O poeta Walflan retoma no seu livro o lirismo amoroso, embora em menor proporção:

#### **PARA O MEU ÚNICO AMOR**

Tu só vives em mim, Rosa das Antilhas,  
Único amor reencontrado entre as ilhas  
De coral e de basalto.

Auroras não vi. Ritmos não ouvi  
Senão o da Tua Voz.  
Alegria dos Anjos.

Nenhuma noite. Ao longe o aceno das ilhas  
E dentro de mim a maravilha da Tua graça  
Transformada em música.

*(Aos Teus Pés, Senhor, p. 49)*

O amor é descrito como um sentimento do passado vivido. O eu lírico, então, lembra-se da amada, “Rosa das Antilhas”, um apóstrofe para designar a sua beleza. A rosa típica dos trópicos de onde provém, como o nome indica, das Antilhas, do Caribe. A “Rosa das Antilhas” simboliza o “único amor” transfigurado pela voz dos anjos e pela música.

Noutro poema, refere-se a um amor antigo, uma figura feminina que se faz presente em *O Testamento de Jó*:



**NOTURNO PARA HERNANDA**

Gemidos vãos de crianças,  
 Ao relento.  
 Gritos trágicos,  
 Sobre a enseada do céu.  
 Solidão. Tua presença,  
 Quando caminho sobre os estilhaços,  
 Do Tempo.

Nem madressilvas nem gerânios,  
 Para a minha sepultura.  
 Solidão. Esta saudade de ti,  
 Que me faz retornar inquieto,  
 Ao seio da Noite.

(*Aos Teus Pés, Senhor*, p. 65)

O seu título já traz o sentimento do poeta em relação à noite, um ser noturno para a Amada. “Noturno para Tânia”, por exemplo. O gosto por esse lado sombrio é um elemento comum em sua poética.

No poema, nota-se uma combinação de imagens poéticas quase apocalípticas. O eu lírico fala-nos dos “estilhaços do Tempo”, do desgaste sofrido por causa do Amor, confessando a sua saudade. Com a sua morbidez romântica, proclama: “Nem madressilvas nem gerânios, / Para a minha sepultura”.

*Aos Teus Pés, Senhor* segue o rastro místico deixado pelo livro *Nas Fontes da Salvação*. O sentimento de redenção permanece norteador pelo pavor do pecado. O poeta Walflan de Queiroz por meio da sua linguagem poética inscreve-se dentro da diversidade espiritual que se propôs ao louvar o divino, deixando fluir a sua angústia religiosa.

## A Fonte de Zeus



Publicado em 1974, *A Fonte de Zeus* apresenta um discurso de intensa religiosidade mítica, abrangendo quase todas as formas de expressão religiosa para celebrar o sagrado. O poeta Walflan de Queiroz evoca o principal deus da mitologia grega, o “Rei do Olimpo”, epíteto que o distingue entre os outros deuses.

É também importante observar no subtítulo que o poeta deu ao livro: “Poemas Sacros”. A natureza sacra de sua poesia sugere uma aproximação com a perspectiva ecumênica enraizada nas tradições religiosas do Ocidente e do Oriente, conforme estudamos nos livros *Nas Fontes da Salvação* e *Aos Teus Pés, Senhor*.

A natureza sacra de que estamos comentando, n’*A Fonte de Zeus*, pode ser percebida pela forma como os poemas estão distribuídos em três seções assim intituladas: “A Luz de Orfeu”, “O Ramo Dourado” e “Salmos Jeovistas”.

Na primeira seção, destacam-se “A Fonte de Zeus”, “Deus”, “Invocação a Allah”, “Os Anjos”, “Hino a Allah”, “Deus da Luz”, “Jesus, Raio de Luz”, “Natureza”, “Elohim”, “Salmo do Natal”, “Faetonte”, assim como os poemas “Agni” e “Brahman”, referência às divindades do panteão védico. Em “O Ramo Dourado”, temos “O Messias”, “A Noite de

Allah”, “Os Nomes Divinos”, “Érato”, “Zeus”, além de poemas inspirados na mitologia babilônica, “Ea”, “Tzamara” e “Marduk”.

De um modo geral, pelos títulos de seus poemas, nas duas seções mencionadas, é evidente que o poeta Walflan inspirou-se na linguagem dos símbolos, na linguagem das Escrituras e das liturgias de várias fontes religiosas.

Nos “Salmos Jeovistas”, última parte do livro, nos deparamos com sete poemas numerados em algarismo romano. Nos salmos, o tema predominante é o pecado atrelado ao poder redentor do perdão sob a perspectiva judaico-cristã.

*A Fonte de Zeus* simboliza uma síntese religiosa que Walflan de Queiroz à maneira de um Hölderlin evoca e celebra, a começar pelo prefácio:

#### **PREFÁCIO**

Este livro é uma dádiva de Zeus. Depois de ouvir os profetas de Israel, estudei a doutrina dos Vedas, e iniciei-me nos caminhos órficos.

Yima ouviu a voz do Grande criador Ormuz, Jesus foi iniciado na Índia, e Orfeu recebeu a chama divina de Zeus.

Na Grécia imortal e divina, repousa uma luz diáfana e inefável. É a Luz de Orfeu. Ela explica o culto de Dionísio e o coração maravilhoso de Zeus.

Na ilha de Creta, nasceu Zeus Tonante. Que a Grécia imortal louva três vezes o Deus Onipotente, pela sua incomparável bondade.

E que os Iniciados órficos se unam a este louvor, seguindo em direção a Dodona e entoem também o sacro Evoé! Vibrem também as cordas da lira de Orfeu, e que os templos inspirados transmitam através dos seus poetas a sua mensagem.

Peço a Zeus, que, com estes poemas sacros, me una aos poetas que, como Hölderlin, Cleanto e Hesíodo, glorificaram Aquele que é UNO.

Inicialmente, confessa que o seu livro é uma dádiva divina. Apresenta o seu “novo” mundo que só nasceria após ter ouvido os sábios, os profetas, as escrituras, os tratados e as

doutrinas. A Bíblia, a Escolástica, o Corão, os Vedas, e, por fim, a tradição órfica, o orfismo. São elementos constituidores da sua poética que realiza uma fusão de cultos. De Jesus a luz de Orfeu e de Zeus a Dionísio. Tudo isso para celebrar a poesia, para celebrar Zeus, a Grécia Eterna.

O poeta retoma os conceitos básicos da mitologia e filosofia gregas atrelada a reflexões teológicas de natureza cristã. Faz uma súplica: “Peço a Zeus, que, com estes poemas sacros, me una aos poetas que, como Hölderlin, Cleanto e Hesíodo, glorificaram aquele que é UNO”. Leiamos então o primeiro poema do seu livro:

#### **A FONTE DE ZEUS**

Zeus. De onde vem a justiça  
Para os homens e que foi nascido  
Em Ida.

Zeus. De onde vem a Beleza  
Para os poetas e a quem pertence  
O raio.

Zeus. De onde vem a Verdade  
Para os sacerdotes e a quem sacrificamos  
Na Acrópole de Atenas.

Zeus. De onde vem o Poder  
Para os deuses e que como um Pai  
Desce do Trovão.

*(A Fonte de Zeus, p. 11)*

Zeus conforme a tradição mitológica tem o controle sobre o céu e os fenômenos atmosféricos. Justiça, Beleza, Verdade e Poder são características que esse deus possui, e que o eu lírico celebra através de uma poesia pagã.

Eliade (1970) comenta que Zeus, por ser soberano, muito mais do que os outros deuses celestes, conservou o seu caráter de “Pai”. Ele seria, então, Zeus, “pater”, uma espécie de arquétipo da família patriarcal.

No poema a seguir, Zeus aparece como a imagem da Ordem cósmica, da Sabedoria, da Justiça, da Verdade. Os dois poemas dialogam com os mesmos elementos míticos.

### ZEUS

Pai dos deuses e dos homens, Zeus Imortal  
 A quem tudo está submisso, no céu e na terra,  
 Zeus, o que foi, que é, e que será, Rei  
 Ao qual devemos tudo o que somos. A Vós  
 Senhor, sejam dadas a Honra e a Glória!  
 Filho de Crono! Falai pelo Oráculo de Dodona  
 Aos vossos sacerdotes, revelando verdades novas!  
 Zeus Imortal, Princípio de Justiça e de Verdade,  
 Fazei que Vossos filhos vivam com Esperança!

(A Fonte de Zeus, p. 59)

No poema evocativo, o poema destaca a soberania e do Poder da divindade suprema do Olimpo, “Pai dos deuses e dos homens”.

No *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, o escritor Joël Schmidt profere a respeito de Zeus:

Homero definiu-o como o primeiro dos deuses e o soberano supremo dos mortais em cuja atividade ele se intromete por vezes. Hesíodo, por seu lado, contribui para o acentuar da primazia de Zeus concedendo-lhe uma genealogia e mitos. Filho de Crono e de Réia, Zeus foi salvo da voracidade infanticida de seu pai pela mãe, que o confiou aos loribantes, aos Curetes e à cabra Amaltea. (SCHMIDT, 1997, p. 274)

O poeta Walflan de Queiroz incorpora os mitos gregos extraindo uma parte do seu conteúdo e aplicando-os a sua poética. O mundo clássico é um espaço de particular importância, pois ao escolher a figura de Zeus para falar do mistério divino da Grécia Antiga, o poeta opera com uma tradição secular que surge da relação entre poesia e mitologia.

A poesia expressa o universal no evento, o aspecto do evento que o poeta mostra através da integridade dos mitos com que trabalha, manuseia em seus versos. Em *O Código dos Códigos*, Northrop Frye (2004) comenta que como forma do pensamento imaginativo e criativo, na sociedade tecnológica ou pós-moderna, o mito não avança, mas também não é abolido dentro desta sociedade. Desse modo, explica Frye (2004, p. 73): “Um mito não é projetado para descrever uma situação específica, mas para contê-la de tal modo que não restrinja o seu significado àquela única situação. Sua verdade está dentro de sua estrutura; não fora dela”.

O crítico canadense sublinha a relevância de que a poesia é livre para se apropriar do mito clássico como melhor lhe aprouver. O poeta Walflan busca as formas de se dirigir ao sagrado:

#### **FAETONTE**

Zeus Olímpico recebeu Faetonte  
Como outrora o Olimpo a Hércules,  
Sob o perdão de Hera.  
Já os Imortais esperavam de muito,  
A palavra do onipotente Zeus.  
O Filho do Sol acordou então,  
Sob o cântico das estrelas,  
Quando Zeus ordenou o perfeito.

(*A Fonte de Zeus*, p. 31)

Seus versos concentram-se na lenda de Fateonte, filho do deus Hélios e de Climene. Segundo a lenda, Faetonte teria se apossado da “Carruagem do Sol” e em sua viagem pelo céu perde o controle dos cavalos, que por onde passam, expellem fogo, destruindo regiões inteiras. Zeus, do alto do Olimpo, temendo que a carruagem desgovernada atingisse a Terra, lançou um raio contra Faetonte, matando-o.

O poeta concebe uma linguagem poética que elimina fronteiras entre o sagrado (divino) e a poesia:

#### **DEUS**

No mais alto dos céus mora o Senhor da Luz.  
 A Ele somente as criaturas adoram e obedecem.  
 O Santo tem muitos nomes e muitas formas Sublimes,  
 E trazia no meu coração apenas a Vossa lembrança!  
 Porém com um único Nome o rogamos: Jeová.  
 Ele é o Criador do Sol assim como do Amor.  
 Porque Ele mesmo é como um Sol e como o Amor.  
 Seus anjos estão continuamente em sua Presença,  
 E dos seus lábios brotam louvores e cânticos.  
 Um único Rei possui o hino e a canção.  
 Um único Pai possui a Glória e a Beleza.

*(A Fonte de Zeus, p. 13)*

O eu lírico parece estabelecer um conceito para a essência de Deus, chamado de “Senhor da Luz”. É um Ser Supremo, como o Zeus mitológico, e vive em regiões inacessíveis aos mortais. Zeus, no Olimpo, enquanto o Deus do poema “no mais alto dos céus”.

A esse Deus todos os seres devem adoração e obediência. Possui muitos nomes, assumindo “muitas formas sublimes”. Jeová é o Deus-Todo-Poderoso de que nos fala o eu lírico. Jeová, o “Criador do Sol” e do “Amor”, cercado de Anjos. O eu lírico louva Jeová com resignação. Louva a sua Glória. Jeová, o Rei, o Pai.

A poesia religiosa Walflan de Queiroz busca a religação com o Todo, com Deus. Semeia a salvação. A sua mensagem poética de salvação e arrependimento encontra respaldo no Divino.

A sua poesia é o espaço para glorificar o Senhor, ou tudo aquilo que possa expressar o Sublime, o Inefável. Nesse sentido, Jeová, o deus Pai, é tão importante quanto Jesus, Zeus, ou mesmo Allah. Sendo assim, tocado pela humanidade de Jesus, o poeta escreve:

### **JESUS, RAIOS DE LUZ**

Quando Jeová disse:  
“Seja feita a Luz”  
Estavas presente.

E como um raio de Luz  
Iluminaste o mundo,  
Afastando as trevas.

Quando Jeová disse:  
“És meu filho amado”  
Toda a Criação exultou.  
Glória a Ti, Raio de Luz,  
Que reinas com o Pai.

*(A Fonte de Zeus, p. 23)*

O eu lírico clama pelo simbolismo de Jesus, como iluminação radiante. A luz de Jesus como metáfora para a salvação. Jesus representa o mistério da luz de Deus. Na Bíblia,



Deus diz: “Haja luz” (Gn 1, 3), e houve sim luz, a separação das trevas. Como outros símbolos, a luz é metáfora do sinal que revela algo de Deus.

O eu lírico persegue essa luz que triunfa sobre o pecado, sobre a escuridão. São palavras de Jesus no Evangelho de João: “Eu sou a luz do mundo. / Quem me segue não andará nas trevas, / mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12).

As tradições religiosas convivem na poesia walflaniana. De um lado Jesus, do outro, uma divindade védica, como Agni. Nesse sentido, as imagens poéticas dos deuses do Hinduísmo percorrem imaginário religioso de Walflan de Queiroz:

#### AGNI

Como o sacerdote ao amanhecer,  
Dirijo-me ao valente Agni.  
Para que Agni me seja propício.  
A aurora levanta-se em seu carro  
De Fogo, enquanto Agni acorda,  
Para receber a minha oferenda.  
Ó Valente Agni, protege o meu lar  
E atende ao humilde sacrifício.

(*A Fonte de Zeus*, p. 33)

O eu lírico, como um sacerdote, oferece as oferendas ao “valente Agni”. Seus versos descritivos falam de um ritual a esse deus. “Para que Agni me seja propício”, proclama.

Ele é o intermediário entre os homens e os deuses nos sacrifícios, como nos informa o *Dicionário Histórico de Religiões* de Amaral Azevedo (2002). Agni é o deus védico do fogo e segundo a tradição hinduísta é representado com duas cabeças de faces avermelhadas.

Agni é descrito pelo historiador Amaral Azevedo (2002, p. 417): “Cor vermelha, barba longa, vestes flamejantes, tridente e botija”. Eis a sua tradicional iconografia religiosa.

A aspiração espiritual por Deus leva o poeta Walflan a evocar mais uma vez a tradição bramânica, evidenciando a multiplicidade do discurso religioso de sua poesia. Sua palavra poética recobra a voz das divindades. Por isso, elas são muitas em suas poesias.

A seção “A Luz de Orfeu” é encerrada com o poema dedicado ao maior dos deuses hindus:

#### **BRAHMAN**

Tudo que existe, seja pássaro  
Ou lótus, tem em Brahman  
O seu Princípio.

Tudo o que se move, seja o sol  
Ou estrelas, tem em Brahman  
A sua Origem.

Quando Brahman nasceu de um ovo de ouro,  
Foram criados o firmamento e a terra.

(*A Fonte de Zeus*, p. 35)

Dois símbolos da iconografia de Brahman<sup>29</sup> são mencionados pelo eu lírico: pássaro e lótus. Há divergências em relação a esses símbolos que representam o deus Brahma. Sendo assim, afirma Amaral Azevedo (2002, p. 420): “Brahma, geralmente, é representado

---

<sup>29</sup> “No hinduísmo o deus Brahma é considerado como criador do mundo, mas esta honra é reclamada também por Shiva ou Vishnu. Há muitos relatos diferentes da criação; de acordo com eles, no princípio era ou o caos, ou o ovo primordial, ou o autossacrifício do criador”. SCHERER, Burkhard. *As Grandes Religiões*, p. 50.

com quatro rostos e quatro braços, tendo nas mãos um rosário e os quatro livros dos Vedas. Sua cor é o vermelho”.

De *Brahman*, flui tudo o que existe, conforme a tradição bramânica. Como diz o eu lírico: “Tudo que existe, seja pássaro / Ou lótus, tem em Brahman / O seu Princípio”. Dele nasce a inteligência cósmica, a forma e a causa material de todos os seres criados e das coisas.

Sabemos que a cosmologia hindu afirma que Brahma surgiu de um ovo de ouro. O ovo, como metáfora, representa a gestação e o nascimento. No poema, o eu lírico expressa essa tradição. “Tudo que se move, seja o sol / Ou estrelas, tem em Brahman / A sua Origem”.

Na segunda parte de *A Fonte de Zeus*, “O Ramo Dourado”, lemos mais um poema dedicado a Jesus Cristo, uma figura simbólica, como já analisamos, muito admirada por Walflan de Queiroz. Se, anteriormente, o poeta invocou a metáfora da Luz para mostrar o caminho de redenção na figura de Jesus, desta vez invoca a sua Vida, a sua Morte e a sua Ressurreição.

### O MESSIAS

Ele tinha que vir e ser anunciado pelos profetas,  
 Ele tinha que nascer e ser saudado pelos anjos,  
 Ele tinha que ser traído e entregue aos fariseus,  
 Ele tinha que sofrer e morrer na Cruz.

Para isto Ele nasceu:  
 Para ser o pão dos pobres,  
 Luz para as nações,  
 Pastor das ovelhas do Rei.

O mundo tinha que odiá-lo,  
 A treva tinha que temê-lo,  
 O mal tinha que ser vencido.

Ele tinha que multiplicar o pão e o peixe,  
Ele tinha que transformar a água em vinho,  
Ele tinha que ressuscitar ao terceiro dia,  
Ele tinha que aparecer a Madalena e a João.

Para que fosse cumprida a Vontade do Pai.

*(A Fonte de Zeus, p. 41)*

De acordo com o simbolismo messiânico da tradição cristã, o eu lírico narra um conjunto de episódios a partir da imagem chave de Jesus, o Redentor, a encarnação do próprio Deus, previsto pelos profetas. Predomina a leitura básica dos Evangelhos, sem questionamentos. O Jesus, filho de Maria, batizado por João Batista, que pregou a palavra divina e fez milagres, e depois crucificado pelos soldados romanos. Morre e enterrado no mesmo dia.

O poeta Walflan faz uso de metáforas extraídas do universo religioso cristão para definir Jesus: “o pão dos pobres”, a “Luz para as nações” o “Pastor das ovelhas do Rei”. A última estrofe refere-se aos milagres, as curas, a aparição diante de Maria Madalena e o evangelista João.

O poeta Walflan de Queiroz mostra o seu ecletismo religioso ao evocar Zeus, Jesus, Agni, Brahman, tudo ao mesmo tempo. A sua linguagem poética é marcada por elementos da sacralidade de várias religiões.

Sendo assim, o poeta Walflan escreve um poema a Marduk, deus celebrado no antigo império babilônico:

**MARDUK**

A Marduk foi dado o Império  
Sobre a humanidade durante milênios  
E milênios.

A Marduk foi dado o planeta Júpiter  
Como o dom de realeza para que o Pai  
Fosse dignificado.

A Marduk  
Sol Primaveril  
Brumas no mar  
Foi dado o Império.

Deus ante o qual pedimos  
Que reconstrua o mundo  
Que morre ferido pelo pecado.

A Marduk foi dado o Império  
Sobre os seres quando destruiu  
O inimigo de Ea.

A Marduk foi dado também o amor  
Sobre as criaturas para que honrássemos  
Em humildade e sabedoria.

(A Fonte de Zeus, p. 49)

O eu lírico proclama seu nome, sua lenda. Cada estrofe um dado mítico sobre a sua figura. Marduk tem a sua epopeia narrada no longo poema “Enuma Elish”, escrito em caracteres cuneiformes, portanto, através de sinais, desenhos, que transmitiam um enredo gravado em blocos de barro. O *Dicionário das Religiões* reconstrói a sua epopeia:

A primeira das sete tabuinhas do poema revela as condições primordiais do universo, quando existiam apenas a água doce (Apsu, macho) e a água salgada (Tiamat, fêmea). As novas gerações de deuses perturbam as antigas com o seu barulho. Apsu declara-lhes guerra, mas é morto por Ea, que produz um filho, Marduk. Tiamat deseja vingar Apsu, e entre os jovens deuses apenas Marduk ousa desafiar o monstro feminino. Obtém o reinado dos ventos e leva consigo seus ventos e raios para o combate. Os ventos precipitam-se para dentro da boca aberta de Tiamat e ela é morta por uma flechada. Seus aliados são cercados e capturados e entre os troféus da vitória figuram as tábuas do destino roubadas por Kingu, esposo de Tiamat. Marduk cortou o corpo de Tiamat em duas metades simétricas e criou

assim o mundo. Do sangue de Kingu, fabricou os homens para servirem aos deuses. (ELIADE; COULIANO, 2003, p. 234)

No poema, o eu lírico evoca o seu Império, o seu poder de divindade, sempre em busca da libertação do pecado. O seu discurso é feito de celebrações. O eu lírico celebra o divino Marduk.

Na poesia walflaniana, Deus é adorado sob diversos nomes. Esses nomes evocados indicam a descentralização temática sobre as divindades, acentuando a sua postura ecumênica. O seu discurso poético insere-se na diversidade de elementos religiosos para se chegar ao divino.

Nesse sentido, o poema a seguir sintetiza a rica experiência religiosa do poeta Walflan de Queiroz:

#### **OS NOMES DIVINOS**

Belíssimos são os nomes do Senhor.  
O Nome do Senhor é Yahweh.  
Louvado seja a Sua Glória.

Lindíssimos são os nomes do Senhor.  
O Nome do Senhor é Adonai.  
Louvado seja a Sua Onisciência.

Formosíssimos são os nomes do Senhor.  
O Nome do Senhor é El Shadday.  
Louvado seja a Sua Santidade.

Perfeitíssimos são os nomes do Senhor.  
O Nome do Senhor é Allah.  
Louvado seja a Sua Misericórdia.

Sapientíssimos são os nomes do Senhor.  
O Nome do Senhor é Elohim.  
Louvado seja a Sua Verdade.

Humilíssimos são os nomes do Senhor.

O Nome do Senhor é Zeus.  
Louvado seja a Sua Beleza.

(*A Fonte de Zeus*, p. 55)

Em cada um de seus tercetos, percebe-se a introdução do adjetivo no grau superlativo absoluto sintético para intensificar o seu discurso idolátrico. Nesse sentido, os nomes que designam Deus são na visão do poeta, “belíssimos”, “formosíssimos”, “perfeitíssimos”, “sapientíssimos”, “humilíssimos”.

*A Fonte de Zeus* mistura tradição mitológica, cristã, bramânica, babilônica. É um livro de convergência entre deuses e divindades. No entanto, é fundamental observar que o poeta Walflan de Queiroz em seu livro não evoca mais a tradição literária. Não evoca Verlaine nem Rimbaud. Não faz alusão ao cânone estrangeiro de que ele se considera um predecessor.

Suas musas não estão mais presentes em seus poemas. Onde está Tânia, Tereza, Herna, Irene? N’*A Fonte de Zeus*, elas desapareceram do seu lirismo romântico. Elas não existem mais para o poeta, que imergiu numa espécie de radicalidade místico-religiosa.

## A Noite de Allah



*A Noite de Allah*, publicado em 1977, representa o *gran finale* da sua poesia. A princípio, o título seria *A Grande Submissão*, o seu livro de influência muçulmana, conforme revelou ao jornalista Gumercindo Saraiva, numa reportagem publicada no *Tribuna do Norte*.

Aos 47 anos de idade - o poeta - já aposentado por invalidez, devido à esquizofrenia, tem o seu perfil poético traçado por Gumercindo:

[...] Quem o vê, na movimentação social do “Grande Ponto”, geralmente fumando e soltando fumaças para atingirem as nuvens mais baixas, não tem a noção de que ali, encontra-se uma expressão de cultura, vagando na ociosidade, como se fora um simples forasteiro de outras plagas. Amigo íntimo de Othoniel Menezes, Walflan de Queiroz, o considera um dos maiores poetas de seu tempo e com ele conviveu dias, meses e anos, lendo seus trabalhos e ouvindo o mestre da poesia potiguar.

Quando escreveu os poemas de *A Noite de Allah*, Walflan de Queiroz, já encontrava-se de fato tomado pela loucura. Por causa de seus surtos psicóticos, era uma espécie de atração do Grande Ponto. Ali, ao longo da Avenida Rio Branco e nos arredores do Café São Luiz, tal qual um profeta inebriado de misticismo gritava os nomes de Deus e



de todos os santos de forma pejorativa, provocando normalmente espanto e repúdio nas pessoas, que, por uma ocasião ou outra, deparavam-se com aquele homem.

Até mesmo a Virgem Maria e Jesus Cristo, tanto venerados em poemas de natureza cristã, foram alvo de expressões as mais terríveis. O poeta, que jamais blasfemou em sua poesia religiosa, escrita e publicada em livros, haveria, por sua vez, de blasfemar em vida, em ação, em gestos de instintos desordenados, devido a esquizofrenia do qual era portador.

*A Noite de Allah*, mesmo constituindo-se como um delírio religioso, conserva em alguns momentos a beleza e a força imagética da poesia de Walflan de Queiroz. “Par l'étoile lorsqu'elle disparaît!”<sup>30</sup> diz a epígrafe do seu livro extraída do *Corão (Le Coran)*.

O poeta Walflan anuncia a simplicidade e a grandeza silenciosa do Abismo onde a luz se esvai como uma estrela. Assim como n’*O Tempo da Solidão* ele disse que indagou o seu “tempo interior”, seguindo “uma estrela”, agora, em seu último livro, torna a olhar para o céu e a se apegar a imagem reveladora e fugaz da estrela. Lembramos da sua prece: “Senhor! Quero esta estrela que me lha com olhos fitos e constantes”.

O poeta, que havia abraçado várias religiões do mundo, dos dogmas da tradição judaico-cristã ao panteão védico da Índia, da mitologia grega aos mistérios órficos, resolveu abraçar, de uma vez por todas, a fé islâmica, nesse momento final de sua lírica fortemente marcada pelo discurso religioso de natureza fanática.

O escritor Sanderson Negreiros escreveu a respeito do livro, chamando a atenção para a sua riqueza metafórica e a sua importância mística como coroamento dentro do conjunto de sua obra poética. Leiamos:

---

<sup>30</sup> Apresentamos esta tradução: “Pela estrela quando ela desaparece”.

Walflan de Queiroz encontrou n' *A Noite de Allah* seu caminho místico, a auto-definição de toda sua vida, que foi sempre marcada por uma profunda metafísica, da destinação do homem e sua alma.

O poeta, irmão de Rimbaud e Verlaine, sentiu na própria vida o pouso de "Bateau Ivre", o barco que transcende o rumo do mar, tema apaixonante para os que procuram o Absoluto através de todas as imagens e símbolos.

Muçulmano convicto, novamente faz da Poesia a realização interior maior de sua vida – a noite maior, a aurora incessante, que vai do deslumbramento de Juan de la Cruz até o passe mágico de um Hart Crane.

Diz o poeta que segura em suas mãos a "infinita nostalgia do Oculto". E revela-o na sua maioridade e singular exceção, com a vocação que tem para explicar o mistério de Allah. O mistério do homem que atravessa o deserto em procura da cidade Santa de Meca.

O "caminho místico", a "auto-definição de toda a sua vida" de que nos fala Sanderson Negreiros só foi possível por que o poeta Walflan sondou os mistérios da religião e da espiritualidade, perscrutou o livro sagrado, o *Corão*, e ouviu o seu porta-voz, o profeta Maomé.

O poeta, como lembrou Sanderson, "irmão de Rimbaud e Verlaine", sentiu "o pouso do Bateau Ivre" e procurou o Absoluto, como muitos o fizeram, "através de todas as imagens e símbolos". O "muçulmano convicto", desde sempre nutriu-se da poesia.

A sua poesia traz a metáfora da "noite maior, a aurora incessante", comparada por Sanderson ao "deslumbramento" de San Juan de la Cruz e ao "passe mágico" do poeta Hart Crane.

No prefácio, o poeta Walflan de Queiroz descreve a matéria religiosa e simbólica do caminho de sua retidão, que nada mais é do que a angustiante busca de sua redenção através da poesia. Vejamos:

## PREFÁCIO

Esta pequena plaquete, lembra-me a Noite mais feliz de minha vida. Foi a Noite em que Allah tocou o meu coração.

Escrevia-a pensando no único, naquele que não tem rival, Allah.

Como muçulmano, sei que meu povo é o árabe, e que não tenho sentimentos estranhos ao país do meu sonho.

Meca, vive em mim, com o mais forte sentimento religioso.

Penso nos seus jardins, nos seus desertos e na Santa Caaba. Sinto uma infinita nostalgia dom Oculto.

Leio no Santo Corão: “C’est lui qui vous a donné la vie, puis, il vous fera mourir, et ensuite, il vous fera revivre”.

O poeta Walflan nos fala da visão de uma noite, a “mais feliz” de sua vida. A Noite sugere um momento de provação, de misticismo religioso. A Noite não significa Morte ou ausência de Deus, pois, ao contrário, a Noite é a expressão cósmica carregada de simbolismo espiritual. A Noite transcendental em que o poeta entregou a própria vida às mãos de Allah. A Noite em que Allah tocou-lhe o seu coração, fazendo com que a sua relação com o divino sofresse uma reviravolta, sofresse uma grave mudança de perspectiva religiosa. Eis a sua Noite magnânima, tornada real, límpida, terna. A Noite espiritual como um manto que lhe envolveu. Allah inspirou-lhe todos os poemas do seu livro. Solfejou-lhe todos os versos, todas as frases, cada palavra. Por isso, não há outro Deus além de Allah, que é Único, “não tem rival”.

Entregue a sua “noite escura” com suprema desventura redentora, o poeta afirma ser muçulmano. Seu povo é o árabe. Ajoelha-se diante dos desígnios de Allah, o “Clemente”, o “Misericordioso”, epítetos que lemos nas suratas do *Corão*. Sente saudades de sua cidade santa: “Meca, vive em mim, com o mais forte sentimento religioso”. Imagina as oliveiras nos jardins das mesquitas e como um verdadeiro seguidor do Islã faz todas as orações do dia. Seu olhar se estende até o calor do deserto, onde contempla tristes estrelas no céu.

O poeta Walflan encontrou bálsamo na leitura do *Corão*. E, assim, encerra a sua confissão de fé, recitando, em francês, versos de uma surata: “C’est lui qui vous a donné la vie, puis, il vous fera mourir, et ensuite, il vous fera revivre”<sup>31</sup>.

Segundo o historiador Huston Smith (2007), das religiões não-ocidentais, o Islamismo é a que mais se aproxima do Ocidente, tanto em termos geográficos como também em termos religiosos, uma vez que pertence à linhagem das religiões abraâmicas.

Para os muçulmanos, Deus é um só, Allah, que não tem filho nenhum. Desta noção, depreende-se o primeiro dos Cinco Pilares do Islã: “Deus é um só e Maomé é seu Profeta”<sup>32</sup>.

Os historiadores Eliade & Couliano (2003) comentam que o vocábulo *islã* deriva da forma verbal da raiz *slm*, “aslama”, “submeter-se”, ou seja, “submissão a Deus”, enquanto *muslim*, muçulmano, indica o particípio presente, “aquele que se submete a Deus”.

*A Noite de Allah* contém apenas dez poemas que percorrem o imaginário do *Corão*: “Allah”, “Maomé”, “Israfil”, “O Anjo de Allah”, “Hégira”, “O Mahdi”, “Bedr”, “O Altíssimo”, “Aladim” e, por último, “Hud”. Comumente marcado por um subjetivismo, esses poemas não conseguem manter nenhum vigor estético, oscilando muito em termos de qualidade.

---

<sup>31</sup> Em nossa tradução livre: “É Ele que vos deu a vida, pois, Ele vos fará morrer e, em seguida, Ele vos fará reviver”. Com efeito, esse Ele é Allah, que dá a vida, retira-a e a dá de novo. Allah tem esse poder, tem esse dom.

<sup>32</sup> Escreve Smith (2007, p. 286): “O primeiro dos Cinco Pilares é o credo islâmico, a confissão de fé conhecida como *Shahadah*. Toda religião contém profissões de fé que orientam a vida de seus fiéis. O islamismo não desperdiça palavras. Sua profissão de fé é breve, simples e explícita, uma única sentença: “Deus é um só e Maomé é seu Profeta”. A primeira metade da proclamação anuncia um princípio cardinal do monoteísmo: “Deus é um só”, não há outro deus além de Alá, não há outro deus a não ser o Deus. Ainda mais diretamente, não há outro Deus senão *Deus*, porque a palavra não é um nome comum que abarca uma classe de objetos; é um nome próprio que designa um ser único e apenas ele. A segunda afirmação – que “Maomé é seu Profeta” – registra a fé dos muçulmanos na autenticidade de Maomé e na vitalidade do Livro por ele transmitido”.



O primeiro poema de sua “pequena plaquete” focaliza a natureza corânica de Deus, o seu poder de inspiração, numa perspectiva teológica:

**ALLAH**

Senhor do Universo!  
Se abandonaste Jonas uma vez,  
Não me abandones nunca.

Senhor Onipotente!  
Se atendestes sempre a Maomé,  
Atendei a mim também, Senhor!

Senhor dos Mundos!  
Vós sabeis, Senhor, que sou Submisso,  
E que vos temo eternamente.

*(A Noite de Allah, p. 3)*

O poema se caracteriza essencialmente como uma prece, uma invocação. Sabemos que Allah é a palavra árabe para Deus, assim como Yahveh é a palavra em hebreu para Deus no Antigo Testamento.

O eu lírico proclama alguns epítetos de Allah: “Senhor do Universo”, “Senhor Onipotente” e “Senhor dos Mundos”. São expressões de louvor e de reverência da tradição islâmica que indicam os atributos do ser Supremo. Essas expressões se juntam a um total de 99 nomes de Allah, conforme indicam os estudos sobre o *Corão*.

A relação do poeta Walflan com o Islã já havia sido esboçada em poemas anteriores, dedicados a Allah, conforme estudamos ao longo desta Tese. As ambivalências e contradições, que marcam a sua poesia desde *O Testamento de Jó*, parecem ter sido “resolvidas”, em termos religiosos, pois agora o poeta só se dirige a um único Deus e também a uma única religião, deixando para trás a sua linguagem mística voltada para Yahvé, para Cristo, para Maria, para Zeus, para Brahma.

Em *A Noite de Allah*, não há mais espaço para o discurso poético com a tradição literária do ocidente. Walflan de Queiroz não dialoga mais com os poetas que ele tanto amou e se espelhou para compor os seus poemas. Não escreve poemas a Rimbaud. Não pronuncia mais apaixonadamente o nome da musa, Annabel Lee, do poema de Edgar Allan Poe. Não chora mais por Eurídice, a amada de Orfeu. Como fizera em *A Fonte de Zeus*, não recorda Tereza, nem Tânia ou Herna. Não evoca Keats ou Shelley. Não mais se lembra da poesia de Hart Crane. Não fala mais de sua ponte e de seu suicídio no mar.

Para o poeta Walflan, tudo agora, em sua vida, pertence a Allah, o deus maior, venerado em seu coração. Tudo agora vem de Allah, vem de seus desejos, vem de sua vontade.

O poema a seguir tematiza o profeta Maomé e o que essa figura representa dentro do imaginário islâmico.

#### MAOMÉ

*Pertencemos a Deus e para Deus voltaremos*

O Deus falou-te ainda criancinha,  
E mandou o Arcanjo São Gabriel,  
Tirar-te do peito todo Mal.

O Deus conduziu-te homem feito,  
Como num sonho, de Meca a Jerusalém,  
Atingindo em Verdade o Sétimo Céu.

O Deus revelou-te, em toda a verdade,

“A Mãe do Livro”, o Sacro Al-Corão,  
Como mensagem de Deus aos mundos.

(*A Noite de Allah*, p. 5)

A frase que antecede as estrofes do poema tem a função de epígrafe, - “Pertencemos a Deus e para Deus voltaremos”, corresponde a um dos preceitos do Islã de que todas as coisas pertencem a Deus. Seus versos livres e brancos voltam-se para o mistério divino do texto corânico. Assim como o poema anterior, estruturado em tercetos, não apresenta boas soluções em termos de envergadura estética.

De acordo com a tradição islâmica, Maomé (*Muhammad*) nasceu numa família de mercadores de Meca. De guardador de rebanhos a profeta, precedido por Abraão, Isaac, Ismael, Jacó e Moisés.

A mesma tradição dá conta de que o profeta recebeu as revelações das primeiras suras solfejadas pelo Anjo Gabriel. Teria dito o Anjo a Maomé, mostrando-lhe um livro: “Lê! Proclama!”. Maomé a princípio não teria conseguido ler a mensagem, mas o anjo insistiu e conseguiu que ele recitasse aquelas palavras.

Comenta os historiadores Eliade & Couliano (2003, p. 192): “Deus revelou-lhe, como os profetas de Israel, a incomparável grandeza divina e a pequenez dos mortais em geral e dos habitantes de Meca em particular”. A partir de então, Maomé passou a pregar as mensagens que tinha ouvido do anjo ao povo de Meca. Passou a falar de sua missão profética.

A segunda estrofe do poema faz referência a um dos acontecimentos marcantes da vida de Maomé: a sua jornada noturna aos céus. A respeito do tema, escreve Smith (2007,

p. 237): “Certa noite, no mês de Ramadã, ele foi carregado nas asas de um miraculoso corcel branco até Jerusalém e dali subiu pelos sete céus até a presença de Deus”.

A terceira estrofe vai ao encontro da revelação do *Corão* ao profeta, que é um livro sagrado em todos os seus aspectos, conforme a tradição. É um livro de origem divina, não criado, a “‘Mãe do Livro’, o Sacro Al-Corão”, como diz o eu lírico no poema.

No ensaio “Al-Qur’an: O Corão, o livro divino dos muçulmanos”, o escritor Jamil Ibrahim Iskandar explica-nos:

O Corão é o Livro sagrado dos muçulmanos, que o consideram “a Palavra in-criada de Deus”. O “Senhor dos mundos” revelou-o ao profeta de sua escolha, a fim de que ele comunicasse a seu povo. Nada mais ofensivo a um muçulmano do que dizer que Muhammad é o autor do Corão, pois o Profeta é apenas o agente de transmissão, que nada acrescentou ou suprimiu da palavra divina que sobre ele “desceu”. O Corão é a mensagem de Deus revelada. Tudo nele é sagrado. Não apenas o conteúdo, mas também a forma. Não é apenas a mensagem nele contida que é sagrada, mas tudo o que a ele se refere tem um caráter sagrado: a caligrafia das palavras escritas, os sons da recitação do texto, a própria presença física do Livro. (ISKANDAR, 2007, p. 105-106)

O *Corão*, *Qur’an*, quer dizer “leitura”, “recitação”, expressando as palavras de Deus, que devem ser cantadas em voz alta. No *Corão* encontramos a complexa teofania do Islã.

O filósofo suíço Frithjof Schuon afirma que Maomé representa a personificação do Islã e a respeito da linguagem do *Corão* acrescenta:

Para a ortodoxia muçulmana, o Corão se apresenta, não somente como a palavra incriada de Deus – exprimindo-se, contudo, mediante elementos



criados, como as palavras, os sons, as letras –, mas também como o modelo por excelência da perfeição da linguagem. (SCHUON, 2006, p. 62)

Segundo Schuon (2006), como toda escritura sagrada, o *Corão* é um livro “fechado”, mesmo sendo “aberto”, sob um outro aspecto, o da salvação. Para o cristão, a salvação está em Cristo, pois ele é o modelo salvífico, enquanto para os muçulmanos a salvação está no próprio *Corão*.

Noutro poema, o poeta invoca o anjo sob a perspectiva do *Corão*:

#### **O ANJO DE ALLAH**

Anjo da Noite,  
Que moras entre idólatras  
E que pensas sempre no Islã.

Tu não existes senão para Allah,  
Que te iniciou no Infinito  
E no Insondável.

Não vives no Paraíso de Allah,  
E sim combatendo os descrentes.

(*A Noite de Allah*, p. 9)

O “Anjo de Allah” é uma expressão do sagrado, conferindo a eternidade nas coisas perecíveis. Sua magia divina, sua força misteriosa tem um sentido miraculoso, visto que está a serviço de Allah. O eu lírico fala-nos em o “Anjo da Noite”, outra expressão para o ambiente sacro que envolve o misticismo das revelações do *Corão*. Esse anjo “mora entre

idólatras”, tendo sido Allah o seu redentor, Aquele que o iniciou no “Infinito”, no “insondável”. O anjo de Allah que está junto ao profeta combatendo os descrentes.

Com a revelação do *Corão*, Maomé passou a pregar a palavra divina, ou seja, passou a pregar o monoteísmo, combatendo toda forma de politeísmo na Arábia. O monoteísmo condena a idolatria e, por isso, Maomé e seus partidários foram perseguidos. O profeta refugiou-se em Yatreb (Medina). Seu refúgio tornou-se mais conhecida por “emigração”, a Hégira.

No poema a seguir, Walflan de Queiroz evoca esse acontecimento:

#### HÉGIRA

Assim como o profeta, fugi  
Para Medinat el Nabi,  
Sob os eflúvios místicos,  
Das silentes constelações.

Assim como o profeta, achei  
Orientada pelos ventos,  
Uma orquídea branquíssima.

Assim como o profeta, submeti-me  
Ao senhor dos mundos,  
Sob o olhar flagrante dos companheiros.

(*A Noite de Allah*, p. 11)

No poema, o eu lírico, à semelhança do profeta, assume a voz advinda do exílio, a voz da pregação. “Assim como o profeta, fugi / Para Medinat el Nabi / Sob os eflúvios místicos, / Das silentes constelações”. Por esses versos, percebe-se que o eu lírico se sente tomado pela energia cósmica, pela mensagem celeste.

O eu lírico busca a (re)ligação com o Universo que resume o esplendor do seu sentimento religioso. Senso assim, os “eflúvios místicos” e as “silentes constelações” formam a paisagem de elementos da natureza sacramental.

O poeta Walflan, de ternura inquietante, sente a necessidade espiritual de pronunciar um dos epítetos de Allah , que dá título ao poema:

### **O ALTÍSSIMO**

De um sonho de menino,  
Recordo-me de um cavaleiro  
Vermelho.

De um despertar adolescente,  
Recordo-me de um clamor  
Juvenil.

Hoje, não me lembro senão  
Da Onipotência de Allah.

*(A Noite de Allah, p. 17)*

Seu poema recorda a infância, “sonho de menino”. Recorda um “despertar adolescente”, a juventude. Porém, tudo isso representa o tempo passado, pois os últimos versos se voltam para a Onipotência de Allah, o deus a quem deve obediência e veneração.

*A Noite de Allah* representa a metáfora de uma experiência iluminativa e paradoxal. O desfecho poético surpreendente de Walflan de Queiroz, um homem agonizando na sua loucura.

## **Considerações Finais**

**“Enquanto abismo e silêncio me chamam”**



O poeta Walflan de Queiroz demonstra consciência do seu mal estar no mundo por meio da elevação do espírito, da postura sentimentalista e decaída dos românticos. É uma das vozes líricas mais importantes do Rio Grande do Norte, chegamos a esta conclusão sem receio.

O poeta se expressa com o sangue angustiado diante do efêmero da vida e do fluir implacável do tempo. Sua inquietação existencial absorve qualquer tristeza do mundo, tendo encontrado a sua única razão de ser na Poesia.

Lembramos, então, de suas palavras n’*O Tempo da Solidão*: “A poesia, como expressão da imaginação, como linguagem pura, silêncio e aventura espiritual, não morre. Verlaine, Rimbaud, Keats – são eternos”.

Tudo em Walflan de Queiroz é poético, até mesmo as suas extravagâncias de juventude como a lastimosa serenata no Cemitério do Alecrim. A sua existência como um todo tem a força da poesia: a aventura marítima, a vida nos mosteiros, os amores, o Divino.

Por isso, ele não passou despercebido entre os seus contemporâneos. Como vimos através de vários depoimentos nesta Tese, a maioria lembra-se dele, seja pela sua figura poética, seja pela dolorosa imagem da loucura. Ele é recordado como poeta, ele é recordado

como louco. Nele o absurdo e o trágico convivem numa linha tênue, lacrimajante. Nunca a felicidade abrigou o seu coração. “O que há, é uma grande angústia, / O que há, é uma grande dor”, proclamou no poema “Tereza, o deserto e o mar”.

O poeta Walfan escreve os seus poemas à luz da nostalgia e do mistério do sofrimento como alguém em busca de distantes horizontes. Em *O Tempo da Solidão*, vislumbramos a presença do mar. A fascinação pela viagem, pelo desejo desesperado de transcender a realidade quase sempre sob o signo do “Bateau ivre”. Vislumbramos as paixões que perturbam o seu espírito docemente romântico. “Irene, Tereza, nomes que definem / Minha inocência perdida”, profere com saudade.

*O Tempo da Solidão* celebra Keats e Poe, Rimbaud e Hart Crane, mostrando as suas influências estéticas. Sua dicção poética está calcada na tradição literária do ocidente, trazendo também alguns momentos de espiritualidade religiosa, conforme tivemos a oportunidade de apreciar através de preces e do poema para Maria, a Virgem Santíssima.

*O Livro de Tânia* à semelhança d’*O Tempo da Solidão* retoma o discurso anterior, reforçando os mesmos temas, mas com uma singela diferença: a musa cantada é única. A dor de amar é infundável como o Abismo. A aproximação com os temas, como a morte, a noite, estreitou-se. A figura feminina é o foco do seu lirismo nesta fase de sua poesia.

A imagem de Tânia, para o poeta, é motivo de comparações. Recorda Annabel Lee, Ofélia, Eurídice, como o fez n’*O Tempo da Solidão*, para dar vazão ao seu sentimento.

Os procedimentos metafóricos utilizados na composição da figura feminina recorrem a imagens da natureza, a imagens de um devaneio por lugares exóticos e remotos, conforme se percebe nos versos deste poema:

**NO EGITO, AFINAL**

Mulher dos meus sonhos,  
Olhos cinzentos da noite,  
Como as águas correntes do rio.

Não te encontrei entre as pirâmides,  
Mas o teu rosto de sombras e de luz,  
Se inclina nos ombros de uma verde.

Mulher dos meus sonhos,  
Olhos cinzentos da noite,  
Como as flores e palmeiras do Nilo.

Não te encontrei entre as tendas,  
Mas o teu corpo de coral e de sargaços,  
Se desfaz numa nuvem branca de mármore.

Mulher dos meus sonhos,  
Olhos cinzentos da noite,  
Como a eterna solidão dos templos.

Não te encontrei entre as caravanas  
Mas o teu rosto de anêmona e de ameixa,  
Repousa no silêncio das estrelas e dos túmulos.

(*O Livro de Tânia*, p. 85-87)

O eu lírico clama à mulher que vive em seus sonhos como a representação da Impossibilidade. A intensidade da sua paixão une o concreto e o abstrato. Os olhos são cinzentos como a noite. Uma descrição cercada de exuberância que lembra as flores e as palmeiras do rio Nilo. Seu corpo é associado ao coral e aos sargaços do mar.

De Tânia para Herna, a figura feminina presente em *O Testamento de Jó*, que é o prelúdio de um novo momento da poesia de Walflan de Queiroz, ensaiando um caminho a ser seguido. O caminho é Yahvé, a quem o livro é dedicado.

A triste figura de Jó é a fonte viva de sua inspiração poética: “Fui criado como Jó, antiquíssimo antepassado bíblico, / E vivo entre a minha solidão e a sabedoria de Deus”,

diz no poema “Solidão de Jó”. O poeta Walflan evocou, em seu livro, tradições religiosas, líricas, além, é claro, do lirismo amoroso.

O imaginário religioso na última fase da produção poética de Walflan de Queiroz, entre 1967 e 1977, detém um imenso discurso sobre Deus, permitindo a emergência de uma espiritualidade que tudo engloba e faz convergir para o Divino. A sua poesia, como apresentamos na segunda parte de nossa Tese, é extremamente sacra, tanto no aspecto formal quanto no estilístico.

Segundo o teólogo Leonardo Boff (2004), muitos são os caminhos de acesso a Deus. “Mas basicamente há dois considerados exemplares: o caminho da comunhão pessoal com Deus que inclui o todo; e o caminho da comunhão com o todo que inclui Deus”, comenta Boff (2004, p.108). Como nos explica o teólogo, o primeiro, ocidental, portanto, dos profetas, pregadores da palavra divina, enquanto que o segundo, oriental, pertence aos místicos, homens do silêncio e das visões de totalidade.

No seu livro *Mística e Espiritualidade*, Leonardo Boff lembra também que a Deus pode-se chegar por todos os caminhos. Numa visão sem preconceitos religiosos, escreve Boff (2008, p. 121): “Deus está em cada encruzilhada. Topamos com ele em cada caminho. É arrogância pretender ter o monopólio da verdade e achar que só o nosso caminho atinge Deus e que os demais atingem ídolos. Não é verdade”.

A poesia de Walflan de Queiroz parece encontrar eco nos dois caminhos exemplares de que nos fala Leonardo Boff. Mais ainda: encontra respostas para se aproximar de Deus por todos os caminhos até culminar no delírio religioso do seu último livro.

Nesse sentido, a nossa leitura levou-nos a inferir que boa parte de sua obra situa-se no limiar de uma experiência lírico-religiosa. Com efeito, o poeta Walflan abraça o Oriente



e o Ocidente num sentido de convergência total. Sua poesia envereda por emoções profundamente verdadeiras a exemplo de suas paixões, de suas devoções religiosas.

Se *A Colina de Deus* predomina o canto a Sião, a Yahvé, a Javé, e também as suas musas, por sua vez, já no livro *Nas Fontes da Salvação*, o poeta Walflan justifica a sua atitude, retomando os mesmos temas, mas afirmando que a sua religião é o Teísmo, o que lhe possibilita transitar particularmente por diversas religiões.

Em Walflan de Queiroz não existe uma barreira intransponível entre a religiosidade e a poesia. O poema seria então a forma onde se concretiza a experiência religiosa. A sua liberdade religiosa engendra a pluralidade, a multiplicidade mística.

Nesse sentido, constatamos que o lirismo de Walflan de Queiroz revisitou o sistema teológico de diferentes tradições religiosas. Deus emerge em sua linguagem através de vários nomes (Yahweh, Jeová, Allah, Zeus, Brahman, Elohim, Marduk, etc.). Ao relacionar todos esses signos aproximou a sua poesia da teologia, da mitologia e das religiões.

O vínculo entre poesia e religião tem em certa proporção o seu respaldo na tradição poética religiosa do modernismo brasileiro, destacando-se figuras representativas, como Jorge de Lima, Murilo Mendes e Augusto Frederico Schmidt.

Sendo assim, o discurso poético de Walflan de Queiro está impregnado de religiosidades. Poeta de expressão mística, que passou a ser desde *O Testamento de Jó*, tendo domínio dos temas e dos símbolos das grandes tradições religiosas do mundo, condensa a sua inspiração ao louvor das coisas sagradas.

O poeta Walflan louva Deus e deuses. Louva indistintamente, com sentimento de resignação. Louva talvez como meio de reconforto diante da angústia existencial que desde sempre moldou a condição humana.

Uma procissão de vozes aflige o seu espírito que se entrega à evocação. “Aos deuses me consagrei” declara no poema “Infância”, no livro *Aos Teus pés, Senhor*. O título já revela a profunda resignação religiosa. Revela o roteiro poético-teológico. Agonia do Absoluto. Sagração para urdir o Silêncio do Mistério. Angústia e Paz.

Sua poesia se alça a tensões metafísicas. Sua poesia é busca, diálogo, incessante procura pelo divino. Jorra do murmúrio de todas as escrituras sagradas, como neste poema:

### O POETA

Por caminhos órficos eu andei, por terras  
Estranhas, por templos de sol e de neve.

Antigas formas eu contemplei, colunas gregas  
Erguidas ao culto do Deus Sublime.

Por desertos imensos eu andei, por sonhos  
Azuis que guiavam meus passos de solidão.

Tive sede e não bebi água. Tive fome  
E não comi pão.

Mas o Senhor me ensinou o bem, a canção  
Que desperta as manhãs e os lagos.

Hoje, como chamar-Te? Que nome Te darei?  
Creio que és a Musa e o Mestre.

(*Aos Teus Pés, Senhor*, p. 27)

O eu lírico se projeta na reflexão da figura do poeta em sua jornada por mundos e tradições antigas. Foram percorridos “caminhos órficos”, “terras estranhas”, “templos de sol e de neve”; foram veneradas “antigas formas”, “colunas gregas”; atravessados “desertos imensos”.

Em *A Fonte de Zeus*, a poesia teísta walflaniana comunga de uma experiência transcendente, do lirismo da Grécia pagã, pelas raízes do cristianismo, do bramanismo, e até mesmo da legendária Babilônia. Sua poesia centrada nas características do sagrado através de várias analogias, para designar a infinidade no seio do eterno, em face do mistério divino.

Nesse livro, O poeta Walflan dá adeus às suas amadas. Ele não mais canta à mulher, que representou um tema intenso em sua poética. Seu coração só tem espaço para o Absoluto, para Deus, para o Senhor, seus nomes divinos sejam de que tradição religiosa vier.

Em vez de suas amadas, como Tânia ou Irene, o poeta Walflan prefere evocar a musa da poesia lírica:

#### ÉRATO

Zeus tonante me fará  
Ouvir sua voz em Dodona,  
E me dirá em que Templo  
Devo entregar minha oferenda.

Pelo Oráculo Ele me dirá  
Através de Melpômene e Polímnia,  
Em que vale devo conhecer-te  
E que sejamos agradáveis às Parcas.

(*A Fonte de Zeus*, p. 57)

No poema, o eu lírico considera-se digno de receber o seu Amor, pois deseja oferecer a sua oferenda. Evoca também as musas Melpômene e Polímnia, respectivamente, a da tragédia e a do canto solene.

Após *A Fonte de Zeus*, Walflan de Queiroz, encontrou o seu caminho no que concerne a sua lírica religiosa, visto que *A Noite de Allah* é um livro em que o poeta envereda definitivamente pela complexa tradição islâmica.

O seu lirismo religioso atinge a plenitude com *A Noite de Allah*, pois o poeta Walflan silencia os outros deuses para amar apenas Allah, que é único, na sua visão corânica. O poeta silencia suas musas, silencia seus poetas. Ouve o silêncio contemplativo, o silêncio divino. No poema “Aladim”, ele proclama: “De Allah, quero somente não perder / Nunca a Lâmpada Maravilhosa”.

O poeta Walflan de Queiroz, na angústia do seu espírito, desde sempre, tocado pela Musa, pela lira partida de Orfeu, impelido a beber o vinho dos deuses, ansioso para ouvir a voz do Absoluto, do Infinito, deixou a sua poesia para a posteridade, reverberando a “nostalgia do oculto”.

## Referências

### 1 Bibliografia de Walflan de Queiroz

#### 1.1 Livros publicados

QUEIROZ, Walflan de. *O Tempo da Solidão*. Natal: Cactus, 1960.

\_\_\_\_\_. *O Livro de Tânia*. Natal: Sar-Tipografia, 1963.

\_\_\_\_\_. *O Testamento de Jó*. Natal: Departamento Estadual de Imprensas, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Colina de Deus*. Natal: Imprensa Universitária, 1967.

\_\_\_\_\_. *Nas Fontes da Salvação*. Natal: Gráfica Manimbu, 1970.

\_\_\_\_\_. *Aos Teus Pés, Senhor*. Natal: Nordeste Gráfica, 1972.

\_\_\_\_\_. *A Fonte de Zeus*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.

\_\_\_\_\_. *A Noite de Allah*. Natal: Ed. do Autor, 1977.

#### 1.2 Colaboração na imprensa através de poemas, artigos e crônicas

\_\_\_\_\_. Elegia para Tereza. *A República*, Natal, 17 jul. 1956.

\_\_\_\_\_. Dois poemas para Tereza. *A República*, Natal, 21 jul. 1956.

\_\_\_\_\_. Poema. *A República*, Natal, 31 jul. 1956.

\_\_\_\_\_. Um poema que não é excelente. *A República*, 4 ago. 1956.

\_\_\_\_\_. Poema. *A República*, 8 ago. 1956.

\_\_\_\_\_. Em torno de Keats. *A República*, Natal, 21 dez. 1958.

\_\_\_\_\_. Poema para Cristo no Natal. *A República*, 24 dez. 1958.

\_\_\_\_\_. Canto triste para Annabel Lee. *Tribuna do Norte*, Natal, 2 jan. 1959.

\_\_\_\_\_. O banquete de Levi. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 jan. 1959.

\_\_\_\_\_. No Name. *Tribuna do Norte*, Natal, 15 jan. 1959.

- \_\_\_\_\_. Nietzsche. *Tribuna do Norte*, Natal, 17 jan. 1959.
- \_\_\_\_\_. Uma carta que não foi remetida. *Tribuna do Norte*, Natal, 21 jan. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rimbaud e o Bateau Ivre. *A República*, Natal, 23 jan. 1959.
- \_\_\_\_\_. Chamado do mar. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jan. 1959.
- \_\_\_\_\_. Canto do mar e da solidão. *Tribuna do Norte*, Natal, 5 fev. 1959.
- \_\_\_\_\_. Fácil. *Tribuna do Norte*, Natal, 14 fev. 1959.
- \_\_\_\_\_. Ode a Keats. *Tribuna do Norte*, Natal, 1 mar. 1959.
- \_\_\_\_\_. Epitáfio que alguém escreveu para si mesmo quando sentiu-se exilado. *Tribuna do Norte*, Natal, 5 mar. 1959.
- \_\_\_\_\_. Poema. *Tribuna do Norte*, Natal, 19 mar. 1959.
- \_\_\_\_\_. Antonio Nobre. *Tribuna do Norte*, Natal, 24 mar. 1959.
- \_\_\_\_\_. Euclides da Cunha, poeta. *Tribuna do Norte*, Natal, 18 ago. 1959.
- \_\_\_\_\_. A Charles Baudelaire, no dia da partida do navio “Penélope”. *Tribuna do Norte*, Natal, 10 set. 1959.
- \_\_\_\_\_. Luís da Câmara Cascudo e Walt Whitman. *Tribuna do Norte*, Natal, 24 set. 1959.
- \_\_\_\_\_. Hart Crane - Mar e Morte. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 out. 1959.
- \_\_\_\_\_. Sóis, Chamas e Espirais. *Tribuna do Norte*, Natal, 7 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. Adalgisa, quase esquecida. *Tribuna do Norte*, Natal, 11 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. All is well. *Tribuna do Norte*, Natal, 15 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. No bicentenário de Schiller. *Tribuna do Norte*, Natal, 19 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. Blake e a Indecisão. *Tribuna do Norte*, Natal, 21 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. Bliss. *Tribuna do Norte*, Natal, 29 nov. 1959.
- \_\_\_\_\_. Euclides da Cunha, poeta. *Bando*, Natal, v. 5, n. 9/10, p. 97-101, dez. 1959.
- \_\_\_\_\_. Bilhete ao poeta Sanderson Negreiros. *Tribuna do Norte*, Natal, 15 dez. 1959.

- \_\_\_\_\_. Natal. *Tribuna do Norte*, Natal, 25 dez. 1959.
- \_\_\_\_\_. Redinha. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 dez. 1959.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da sociologia norte-americana. *Jornal Brasileiro de Sociologia*, Recife, p. 105-119, 1960.
- \_\_\_\_\_. Maria, poço de Silêncio. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Chamai-me Ismael. *Tribuna do Norte*, Natal, 8 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Keats. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Annabel Lee. *Tribuna do Norte*, Natal, 16 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Um pássaro me há de dar. *Tribuna do Norte*, Natal, 23 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Noite. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Necessidade de Edna. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jan. 1960.
- \_\_\_\_\_. Prêmio Cidade do Natal. *Tribuna do Norte*, Natal, 10 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. Apelo de um Pierrot. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. Viagem. *Tribuna do Norte*, Natal, 18 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. Sempre Rilke. *Tribuna do Norte*, Natal, 21 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. O Tempo dos Assassinos. *Tribuna do Norte*, Natal, 24 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. Carnaval. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. O olhar perdido. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 mar. 1960.
- \_\_\_\_\_. Seu era o crepúsculo, a aurora, e as cores da Terra. *Tribuna do Norte*, Natal, 6 mar. 1960.
- \_\_\_\_\_. Salinas. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 mar. 1960.
- \_\_\_\_\_. Edifícios Brancos. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 mar. 1960.
- \_\_\_\_\_. Nietzsche e eu. *Tribuna do Norte*, Natal, 17 mar. 1960.
- \_\_\_\_\_. Chuva. *Tribuna do Norte*, Natal, 20 mar. 1960.

\_\_\_\_\_. Uma obra clássica da ciência sociológica: questões fundamentais do marxismo de Plekhanov. *Diário de Natal*, Natal, 24 dez. 1960.

\_\_\_\_\_. O materialismo histórico. *Revista da Faculdade de Direito*, Caruaru, n. 2, p. 133-135, 1961.

\_\_\_\_\_. [poema]. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 fev. 1962.

\_\_\_\_\_. [Poema]. *Tribuna do Norte*, Natal, 20 fev. 1962.

\_\_\_\_\_. Poema. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 mar. 1962.

\_\_\_\_\_. Ama-me que sou um pássaro. *Tribuna do Norte*, 3 jun. 1962.

\_\_\_\_\_. Redenção. *Tribuna do Norte*, 7 out. 1962.

\_\_\_\_\_. O Ideal da Madona e o Mal de Sodoma. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Guiai-me, suave Luz. *Tribuna do Norte*, Natal, 16 out. 1962.

\_\_\_\_\_. A inquietação de Pascal. *Tribuna do Norte*, Natal, 18 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Mar Morto. *Tribuna do Norte*, Natal, 19 out. 1962.

\_\_\_\_\_. A eterna ternura. *Tribuna do Norte*, Natal, 23 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Um pobre sonho. *Tribuna do Norte*, Natal, 25 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Tânia. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Keats. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 out. 1962.

\_\_\_\_\_. A uma abelha do Paraíso. *Tribuna do Norte*, Natal, 4 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. Tânia e o rio. *Tribuna do Norte*, Natal, 7 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. Redenção. *Tribuna do Norte*, Natal, 7 out. 1962.

\_\_\_\_\_. Tânia e o clown. *Tribuna do Norte*, Natal, 8 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. Decepção. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. Orfeu. *Tribuna do Norte*, Natal, 10 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. Hölderlin de sempre. *Tribuna do Norte*, Natal, 11 nov. 1962.

\_\_\_\_\_. O bom samaritano. *Tribuna do Norte*, Natal, 13 nov. 1962.



- \_\_\_\_\_. Havia, na terra de Hus. *Tribuna do Norte*, Natal, 14 nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Merton, trapista. *Tribuna do Norte*, Natal, 15 nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Il poverello. *Tribuna do Norte*, Natal, 17 de nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Onde termina o arco-íris. *Tribuna do Norte*, Natal, 24 jan. 1963.
- \_\_\_\_\_. Ama-me que sou um pássaro. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 jan. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rosa do crepúsculo. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 jan. 1963.
- \_\_\_\_\_. Poesia e tendência. *Tribuna do Norte*, Natal, 31 jan. 1963.
- \_\_\_\_\_. Dylan Thomas e o Mar. *Tribuna do Norte*, Natal, 1 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. O Deserto e o Número. *Tribuna do Norte*, Natal, 2 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. Situação de Rilke. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. Retrato de uma Senhora. *Tribuna do Norte*, Natal, 6 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. Canções da Inocência. *Tribuna do Norte*, Natal, 8 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. Confissões de um “Werther”. *Tribuna do Norte*, Natal, 9 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. Nei, poeta irmão. *Tribuna do Norte*, Natal, 14 fev. 1963.
- \_\_\_\_\_. [Poema]. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 mar. 1965.
- \_\_\_\_\_. Mysterium Magnus. *Tribuna do Norte*, Natal, 5 dez. 1965.
- \_\_\_\_\_. Ou passent les anges. *Tribuna do Norte*. Natal, 12 dez. 1965.
- \_\_\_\_\_. Yahvé. *Tribuna do Norte*. Natal, 3 maio, 1977.
- \_\_\_\_\_. Deus. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 maio, 1977.
- \_\_\_\_\_. Canção. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 maio, 1977.
- \_\_\_\_\_. O Jeovismo. *Tribuna do Norte*, Natal, 5 jul. 1977.
- \_\_\_\_\_. O Deus da Natureza e da História. *Tribuna do Norte*, Natal, 19 jul. 1977.

## **2 Bibliografia sobre Walflan de Queiroz**

BEZERRA NETO, João Antônio. O Livro da Solidão de Tânia. *Tribuna do Norte*, Natal, 11 dez. 2002. Caderno Viver.

\_\_\_\_\_. Vida e obra do poeta Walflan de Queiroz. Aula-conferência que integrou as atividades da disciplina Literatura portuguesa IV. Setor de aulas II, Natal / UFRN, 2003.

\_\_\_\_\_; DANTAS, Márcio de Lima. Walflan de Queiroz e a solidão de Jó. *Diário de Natal*, Natal, 26 abr. 2003. Caderno DaVinci.

\_\_\_\_\_. O tempo como um espaço para a solidão. *Revista Preá*, Natal, n. 7, p. 38-39, jul. 2004.

\_\_\_\_\_. Abandono na imensidade de Deus. *Mensageiro Potiguar*. Natal, p. 2, jan. 2004.

\_\_\_\_\_. Walflan de Queiroz: A fonte de Zeus. Painel apresentado na XII Semana de Humanidades, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

\_\_\_\_\_. Poesia e religiosidade na obra de Walflan de Queiroz. Painel apresentado na XIII Semana de Humanidades, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

\_\_\_\_\_. Poemas de Walflan de Queiroz. Painel apresentado na XIV Semana de Humanidades, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

\_\_\_\_\_. Abismo e Luz de Walflan de Queiroz. Ensaio de crítica literária agraciado com o Prêmio Câmara Cascudo (prosa). Natal, 2007.

\_\_\_\_\_. Permanência de Walflan de Queiroz: uma leitura da obra *O Testamento de Jó*. 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos a Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

\_\_\_\_\_. Permanência de Walflan de Queiroz: uma leitura da obra *O Testamento de Jó*. Brasília: Senado Federal, 2008.

\_\_\_\_\_. A Presença da Mulher na Poesia de Walflan de Queiroz. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 13.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 4., 2009, Natal. Anais... Natal: UNP, 2009. p. 1046-1053.

\_\_\_\_\_. Walflan de Queiroz: Poeta do Mar e da Solidão. XVIII Semana de Humanidades, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

\_\_\_\_\_. A Presença do Mar na Poesia de Walflan de Queiroz. 62ª Reunião Anual da SBPC, Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

- \_\_\_\_\_; SIMÕES, Márcio. *Mar, Silêncio e Poesia: leituras de poemas de Walflan de Queiroz*. Natal: Sol Negro Edições, 2011.
- CALDAS, Dorian Gray. *Cantar de Amigos: lembranças e esperanças*. Natal: 1995.
- \_\_\_\_\_. *Os Dias Lentos*. Natal: Dept. Estadual de Imprensa, 1999.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Voz Geral*. Natal: Rumos, 1963.
- \_\_\_\_\_. Walflan e Claude, dois poetas da aventura. *Tribuna do Norte – TN Literária*, Natal, n. 24, p. 5, 27 mar. 1965.
- CELSO, Eli. E tombei sobre a rosa. *Mensagem Potiguar*, Natal, p. 2, 2004.
- DANTAS, Márcio de Lima. A poesia religiosa de Walflan de Queiroz. *Revista Papangu*, Mossoró, n. 23, p. 16-17, 2005.
- DUMARESQ, Paulo Jorge. As malditas catedrais poéticas de Walflan de Queiroz. *Suplemento Cultural Nós do RN*. Diário Oficial do Rio Grande do Norte. Departamento Estadual de Imprensa, Natal, n. 52, p. 3-5, ago. 2009.
- FRANCERLE, Francisco. À sombra de Walflan de Queiroz. *O Poti*. Edição dominical do *Diário de Natal*. Natal, 20 jul. 2008. Muito, p. 1.
- GOSSON, Eduardo. Poema para Walflan de Queiroz. In: \_\_\_\_\_. *Poemas das Impossibilidades*. Natal: A. S. Editores, 2007.
- GURGEL, Carlos. Milton, Cirilo e Walflan - a poesia dos três. *Revista Preá*, Natal, n. 5, p. 38-39, 2004.
- JORGE, Franklin. Walflan de Queiroz. *Tribuna do Norte*. Natal, [s/d].
- MADRUGA, Woden. *Tribuna do Norte*, Natal, 15 ago. 1995. *Jornal de W.M.*, p. 2.
- \_\_\_\_\_. O muezim de Capim Macio. *Tribuna do Norte*, Natal, 27 mar. 2005. *Jornal de W.M.*, p. 2.
- LIMA, Diógenes da Cunha. Um poeta do Brasil. *O Jornal de Hoje*, Natal, 23 ago. 2009.
- MELO, Protásio. Morreu Walflan de Queiroz. *Tribuna do Norte*, Natal, 3 set. 1995.
- NEGREIROS, Sanderson. Poema para Walflan de Queiroz. *Tribuna do Norte*, Natal, 4 set. 1959.
- \_\_\_\_\_. Walflan de Queirós, poeta da metafísica. *Diário de Natal*, Natal, 16 out. 1972.

\_\_\_\_\_. O poeta Walflan diante da Poesia. In:\_\_\_\_\_. *A Hora da Lua da Tarde: crônicas*. Natal: Liv. Independência: Fundação José Augusto: Chegança, 1998.

\_\_\_\_\_. O caminho do Poeta. *Tribuna do Norte*, Natal, 14 jan. 2007.

\_\_\_\_\_. Ao lembrar Walflan. *Tribuna do Norte*, Natal, 16 set. 2007.

\_\_\_\_\_. O que lembro de Walflan. *Diário de Natal*, 23 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Walflan de Queiroz. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 ago. 2009.

SARAIVA, Gumerindo. Walflan de Queiroz – o poeta sob o olhar de Deus. *Tribuna do Norte*, Natal, p. 15, 3 maio 1977.

SOARES JR., José. Um dia para ler Walflan. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 ago. 2000. Viver, p. 1.

SOUZA, Alex de. Walflan de Queiroz: poeta, louco e místico. *Jornal Na Semana*. Natal, n. 15, p. 4, 11 jul. 2008.

### **3 Bibliografia do Rio Grande do Norte**

ARAÚJO, Iaperi. *Januário Cicco: um homem além do seu tempo*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1985.

BARBOSA, Edgar. *Imagens do Tempo*. Natal: Imprensa Universitária, 1966.

BRASIL, Assis (Org.). *A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX: (antologia)*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. (Coleção Poesia Brasileira).

CABRAL, Ierecê Duarte. *O Repouso Póstumo do Natalense no Cemitério do Alecrim*. Natal: Imagem Gráfica, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 3ª ed. Prefácio de Enélio Lima Petrovich. Natal: RN Econômico: IHGRN, 1999.

CIRNE, Moacy. *A Poesia e o Poema do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1979.

COSTA, Zenaide Almeida. *A Vida em Clave de Dó*. 2ª ed. rev. ampl. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

DUARTE, Ticiano. *Anotações do meu Caderno*. Natal: Z Comunicação: Sebo Vermelho, 2000.

GALVÃO, Cláudio (Org.). *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da Literatura Potiguar*. Natal: Argos, 2001.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte: (Antologia)*. 2ª ed. rev. aum. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto: Secretaria de Estado da Tributação, 2001.

ONOFRE JR., Manoel. *Literatura e Província*. Natal: EDUFRN, 1997.

PEREGRINO, Humberto. *Crônica de uma Cidade Chamada Natal*. Natal: Clima, 1989.

PINTO, Lenine. *Natal, USA*. Natal: Ed. do autor, 1995.

WANDERLEY, Rômulo (Org.). *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense: (Antologia)*. Rio de Janeiro: Edições do Val., 1965.

*400 NOMES de Natal*. Coordenação: Rejane Cardoso. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 2000.

#### **4 Dicionários e Enciclopédias**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª ed. brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AMARAL AZEVEDO, Antonio Carlos do. *Dicionário Histórico de Religiões*. Co-autoria Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BEKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.

BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. 26ª ed. São Paulo: Vida, 1978.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução Carlos Sussekind et al. Prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)* / Jean Chevalier, Alain Gherrbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ELIADE, Mircea; COULIANO Ioan P. *Dicionário das Religiões*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha... et al. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

ROSA, Marília Cecília Amaral de. *Dicionário de Símbolos: o alfabeto da linguagem interior*. São Paulo: Escala, 2009.

SCHMIDT, Joël. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Tradução João Domingos. Lisboa: Edições 70, 1997. (Coleção Lexis)

SPALDING, Tassilo Orfeu. *Dicionário das Mitologias Européias e Orientais*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1973.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

## 5 Bibliografia Geral

AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De Magistro*. Tradução de Angelo Ricci et al. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

ALCORÃO, O. Tradução Monsour Challita. Rio de Janeiro: Associação Internacional Cultural Gibram, [s/d].

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Org.). *Guia Literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

AQUINO, Tomás de. *Compêndio de Teologia*. Tradução Luiz João Baraúna. Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

ARISTÓTELES. *Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos; Metafísica* (Livro I e Livro II); *Ética a Nicômaco; Poética*. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. 2ª ed. São Paulo: Ars poetica, 1993.

ATHAYDE, Tristão de. *Meio Século de Presença Literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros, 143).

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *A Poética do Devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BANSAL, Sunita Pant. *Deuses e Deusas Hindus*. Tradução Ângela Machado. Nova Era, 2008.

BARTHES, Roland. *Sadi, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERNARDO, São. *De diligendo Deo: "Deus há de ser amado"*. Tradução de Matteo Raschiatti. Petrópolis: Vozes, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Tradução e apresentação Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. *Presságios do Milênio: anjos, sonhos e imortalidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. 3ª ed. Campinas: Verus, 2002.

- \_\_\_\_\_. *A Voz do Arco-Íris*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sentido antropológico-existencial de mistério e mística. In: BETO, Frei; BOFF Leonardo. *Mística e Espiritualidade*. 6ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Senhor é meu Pastor: consolo divino para o desamparo humano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 42ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOWKER, John. *Para Entender as Religiões*. Tradução Cássio de Antes Leite. São Paulo: Ática, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. Vol. I
- \_\_\_\_\_. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. Vol. II.
- \_\_\_\_\_. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. Vol. III.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- CARPEUX, Otto Maria. *Ensaios e Fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Sobre a Filosofia; Sobre o Amor*. Tradução Martha Gouveia da Cruz. Campinas, SP: Verus, 2005.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Natalia Nunes e Fernando Tomaz. Lisboa: Cosmos, 1970.
- GUIMARÃES, Ariadne; PRÔA, Ana Lúcia. *O Livro dos Santos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução do texto por Marise M. Curioni. Tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- HATTSTEIN, Markus. *Religiões do Mundo*. Tradução Paula da Silva. Germany: Könnemann, 2000. (Edição portuguesa)
- HERÁCLITO. Heráclito de Éfeso – fragmentos / doxografia. In: BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1989.



ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Al-Qur'an: O Corão, o livro divino dos muçulmanos. In: PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (Org.). *O Islã Clássico: itinerário de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os Escritores e as Escrituras: retratos teológico-literários*. Tradução de Paulo Astor Soethe et al. São Paulo: Loyola, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1966.

\_\_\_\_\_. *Companheiros de Viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

MERTON, Thomas. *Homem algum é uma Ilha*. Tradução Dom Timóteo Amoroso Anastácio. Campinas: Verus, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Experiência Interior: notas sobre a contemplação*. Organização e introdução de William H. Shannon. Tradução Luiz Gonzaga de Carvalho Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARQUES, Leonardo Arantes. *História das Religiões e a Dialética do Sagrado*. São Paulo: Madras, 2005.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savari. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *A Outra Voz*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PAPINI, Giovanni. *Vigia do Mundo: fragmentos de poesia e de experiência*. Tradução de José Terra. 2ª ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1955. (Coleção Dois Mundos)

PLATÃO. *O Banquete – Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª ed. Belém: EDUFPA, 2001.

POE, Edgar Allan. *Poetry and Tales*. New York: The Library of America, 1984.

RIMBAUD, Arthur. *Poesia Completa*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

\_\_\_\_\_. *Prosa Poética*. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

ROGERSON, J. W. *O Livro de Ouro da Bíblia*. Tradução Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SAMIR, El Hayek. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. 11ª ed. São Paulo: Marsa M. Editora Jornalística, 2004.

SCHERER, Burkhard (Org.). *As Grandes Religiões: temas centrais comparados*. 3ª ed. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHUON, Frithjof. *Para Compreender o Islã*. Tradução e apresentação de Mateus Soares de Azevedo. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

SELEÇÃO de textos / Sto. Tomás de Aquino, Dante Alighieri; tradução Luiz João Baraúna ...[et al.]. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

SHELLEY, P. B. Uma Defesa da Poesia. In: SHELLEY, P.B.; SIDNEY, Sir Philip. *Defesas da Poesia*. Tradução Enid Abreu Dobranszky. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SMITH, Huston. *As Religiões do Mundo: nossas grandes tradições de sabedoria*. Tradução Merle Scoss. São Paulo, Cultrix, 2007.

TRÍAS, Eugênio. Pensar a religião: o símbolo e o sagrado. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Org.). *A Religião: o seminário de Capri*. Participação de Aldo Gargani, Hans-George Gadamer... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

**Anexos**

## TEATRO

### Dr. Walflan de Queiroz

O Teatro de Amadores de Natal aprovou por unanimidade de votos, em sua sessão ordinária de sábado passado, a proposta para sócio efetivo, do Dr. Walflan de Queiroz.

É o terceiro Bacharel em Direito a ingressar nos quadros da entidade que nos orgulhamos de presidir. Antes, já o T.A.N. contava com os Drs. Nilo Siqueira Costa e Moacir Duarte, este, atualmente dirigindo o seu Departamento Cultural.

O Dr. Walflan de Queiroz é um dos expoentes da cultura moça do Estado. Poeta, jornalista, professor, o seu nome está sempre figurando na linha de frente dos movimentos que ultimamente vem animando a vida literária da metrópole.

O seu ingresso no T.A.N. foi recebido com confusão de entusiasmo. Precisamos da mocidade para nos ajudar nesta nobilitante tarefa de recuperação da arte cênica.

Sendo o teatro um dos ramos de literatura dos mais importantes na vida dos povos civilizados, não poderá deixar de interessar aos que se dedicam apaixonadamente, como é o caso do Dr. Walflan, às letras e às artes, que se irmanam para os grandes empreendimentos espirituais.

Renovam-se, assim, os quadros efetivos do T.A.N. com a inclusão de elementos categorizados do nosso mundo intelectual que poderão muito produzir em benefício do nosso amadorismo.

**NOSSOS INTELLECTUAIS E O CINEMA – II**  
**Berilo Wanderley**

Poeta Walflan de Queiroz: “Mais diversão que arte, o mal do cinema americano” – “Uma boa história salva qualquer filme” – Seus diretores: Welles, Cocteau e Huston.

O intelectual que depõe sobre Cinema, hoje, é o poeta Walflan de Queiroz, nesta série de entrevistas que esta seção iniciou sábado último, quando trouxe para aqui as opiniões do folclorista Veríssimo de Melo.

Walflan é por demais conhecido pelos leitores desta coluna, pois é aqui mesmo que ele tem aparecido muitas vezes com seus poemas. Tem um livro de poesia a ser lançado possivelmente ainda este ano. Já está no prelo, e terá um título diferente de *Canto do Mar e da Solidão*, que foi como ele o chamou até agora. Interessado por tudo que diz respeito à cultura, W. de Q. não pode ficar alheio ao Cinema. Assim, é importante conhecermos o que ele tem a dizer sobre a arte de Chaplin.

**P:** - Encara o Cinema como arte ou diversão?

**R:** - As duas coisas. Embora prefira o filme que revele realmente valor artístico. Se o cinema fosse somente diversão, perderia o valor. O mal do cinema americano é este: mais diversão do que arte. Os russos estão mais próximos da arte, mesmo dirigindo o cinema para fins estranhos à arte, como a política ou a revolução. A arte tem uma função social, uma origem social, mas não devemos dirigi-la completamente para outros fins. A

arquitetura, a música, a poesia, valem como arte pura. A beleza da arte grega repousa num feito mais simples: não era dirigida.

**P:** - É prejudicial ou não à literatura a transposição para a tela de obras mestras?

**R:** - Ao contrário, acho que a literatura muito ganha. Ver Dostoievski no cinema, Tolstoi na tela, constitui um espetáculo realmente agradável para quem ama a literatura. Ver Ivan Karamazov na nossa frente e expor as suas idéias materialistas, negando Deus, Gruschenka com a tentação de sua carne, e mesmo Aliocha com sua pureza e seu idealismo, em nada prejudica ao romance ou ao autor.

**P:** - Qual o aspecto mais importante de um filme?

**R:** - O enredo. Depois a música e a paisagem. Esta última tanto pode ser um beco sujo ou um mar azul, contanto que mostre realidade e beleza. Uma boa história salva qualquer filme.

**P:** - Diretores preferidos?

**R:** - Orson Welles, Jean Cocteau, John Huston. Cocteau pelo sentido mágico dos seus filmes. Não quero esquecer o nome de Laurence Olivier. “Ricardo III” vale como demonstração de genialidade e força.

**P:** - Está em crise o cinema-arte?

**R:** - Sim. Tornado o cinema uma indústria, a arte perdeu muito e acredito mesmo que contribuiu para a desmoralização do cinema. Faz-se cinema como se faz uma lata de conserva. O que importa é que ainda há diretores, homens como Welles ou Laurence Olivier que conservam-se fiéis ao ideal artístico.

**P:** - Gênio, só Chaplin? Ou nem este?

**R:** - Chaplin nunca monopolizou a genialidade cinematográfica. Seu ar de Pierrot e de saltimbanco não foi a última palavra em matéria de genialidade. Os judeus exploraram muito o talento imenso de Chaplin. Cocteau tem mais graça e mágica.

\*

Para concluir a entrevista, perguntamos ao poeta Walflan se tinha preferência por algum artista. Imediatamente, ele nos respondeu que acha Michelle Morgan “divina” e que “não morro de amores por Anita Ekberg, e me tornaria um Simbad, o marujo, para me encontrar com Rita Hayworth”.

*Tribuna do Norte*. “Revista da Cidade” – 28 de novembro de 1959.

Poesia e prosa dispersas



**ELEGIA PARA TEREZA**<sup>33</sup>

Forlorn! The very word is like a bell,  
To toll me back from thee to my sole self!

“Ode to a Nightingale”. John Keats.

Tereza. Para mim, o eterno manuscrito da caça espiritual.  
Pressentimento de morte e de angústia,  
Que acompanha sempre pela vida afora,  
Todos os que sentem próximo o intangível.

Tereza. Meu coração a chorar indefinidamente.  
Lembrança de palavras que foram esquecidas.  
Mas, doce Tereza, não é nada.  
Em volta de nós circula o suave perfume,  
Daquelas violetas, que, por serem ternas e melancólicas,  
Pertenceram ao meu irmão John Keats.

**DOIS POEMAS PARA TEREZA****I**

Tereza  
Tristeza

Mais do que antes,  
Penso em ti agora,  
Aqui, bem perto do mar,  
Do mar de inquietas ondas,  
E de estranhos ruídos.

---

<sup>33</sup> Publicado n’*O Tempo da Solidão* com modificação em relação à epígrafe extraída do verso de Keats que passou a ser: “**More happy Love! More happy, happy love!**”

Até o outono,  
Doce estação do amor,  
Achou de voltar também.

Tereza  
Pureza  
Por que não me dizes onde estás?

## II

Os pássaros não cantam mais,  
No entanto, apesar disso,  
Sei, Tereza minha,  
Que estás ao meu lado.

As estrelas, ofuscantes como são,  
Não brilham mais lá no céu,  
E mesmo assim,  
Te sinto comigo.

Só o mar não desapareceu entre nós dois.  
Restou fiel à sua sinceridade primitiva.

## POEMA

Quando Orfeu, que é tão bom,  
Me devolveu minha lira,  
Eu confesso a todos que me ouvem,  
Já não acreditava mais,  
No meu amor por Annabel Lee.

Annabel Lee, Annabel Lee,  
Que anjos malignos,  
Que demônios cruéis,  
Te arrebataram de mim?

Em barcos selvagens viajei,  
Em portos desertos eu estive.

Annabel Lee, Annabel Lee,  
O mar sabe o que faz,  
A vida é somente um instante,  
Por que não voltas para mim?

Não vês que as ondas se abraçam e se beijam?

## UM POEMA QUE NÃO É EXCELENTE

Hinos à noite, eu nunca os fiz,  
Odes, confiei-as a Keats.

Só tenho esta infância remota,  
Infância que é barco e que é aurora,  
Mas que também é caminho e é tristeza.

Baladas, eu as amei todas,  
Tanto as modernas como as medievais,  
E por esta razão,  
Estou também no lado frio da montanha.

Por tua causa eu me reencontro,  
E me liberto,  
Pobre libertação de um coração amargurado.

## POEMA

No meu caminho  
Onde não há arbustos nem pássaros,

Tu passaste  
 E minha alma ficou triste,  
 E meu coração ficou morto.

Na minha solidão que é de clown,  
 Canto o amor que é eterno  
 E a dor que não me abandona jamais.

Para sempre separado de ti,  
 O mundo será para mim  
 Um grande motivo de revolta.

## **POEMA PARA CRISTO NO NATAL**

Anjos anunciam-te a Maria.  
 O mundo espera,  
 Deus arquiteta novo plano.  
 Só para os meigos haverá redenção.  
 Os pobres de espírito serão consolados pelo grande espetáculo da visão do Paraíso.  
 A mentira de Satã será esmagada pelo braço do chefe da milícia celeste,  
 E nós cantaremos uma espécie de novo Magnificat.

Mais tarde aparecerá o Cristo meigo.  
 Não o Cristo vingativo e cruel dos que não o acompanham,  
 E sim o Cristo meigo das águas fortes de Rubens e de Rafael.  
 Minha grande satisfação será ver Santa Verônica enxugar o rosto dos homens que [choram.  
 Minha grande alegria será contemplar a face deste Cristo meigo que tem cabelos caídos [no  
 ombro,  
 E que não se parece com Satã em nada.

Não pedirei senão que me dê daquele pão e daquele vinho das adegas do céu,  
Pois sempre tive fome e sede de justiça.

### **PRECE**<sup>34</sup>

Ó Maria, nome tão doce,  
Que até parece,  
Uma tarde azul de verão.

Peço a Nossa Senhora da Consolação,  
Que me olha com seus olhos meigos e santos,  
Que me dê uma boa morte.

Quero somente no meu túmulo,  
Um violeta de Keats,  
Um rosa e uma Cruz.

Confiarei então aos crepúsculos minhas dores,  
E rogarei à Virgem Mãe de Deus,  
Que me mostre seu filho Jesus!

---

<sup>34</sup> Publicado n' *O Tempo da Solidão* com dedicatória a Denise e modificação na apóstrofe: “**Maria, nome tão doce**”.

### POEMA DEDICADO A OTHONIEL MENEZES<sup>35</sup>

O mundo não será mais extinto pela água.  
 Não haverá mais dilúvios.  
 Um grande hotel foi construído no cimo do monte em que parou a Arca de Noé.  
 O mundo agora pode ser extinto pela falta de amor entre os homens.  
 Acredito que desta vez ele não se salvará.  
 A não ser que os seus poetas o salvem.  
 Só uma coisa causa medo: o desaparecimento da poesia.  
 Ó Deus! Para onde vão os poetas depois da morte?  
 Todo poema é comunicação entre os homens.  
 O poeta quando fala oferece aos outros como dádivas os seus sentimentos mais puros.  
 Nenhum poema pode ser reflexo de um coração de pedra.  
 Ó Deus! Livrai-nos dos homens vazios!  
 E dai-nos esta pureza que nos torna semelhantes aos vossos anjos e causa raiva ao  
 [imperador dos antros infernais!

### CANTO TRISTE PARA ANNABEL LEE<sup>36</sup>

Annabel Lee morreu e foi enterrada  
 Bem perto do mar da minha imaginação.  
 Ela foi levada para muito longe, muito longe!  
 Para bem perto dos anjos de Deus, dos anjos de Deus.  
 Annabel Lee docemente me faz lembrar tais palavras:

---

<sup>35</sup> Publicado n' *O Tempo da Solidão*.

<sup>36</sup> Publicado em *O Tempo da Solidão* com modificações a começar pelo título reduzido apenas para **Annabel Lee**. Outras diferenças no livro estão no verso 7: “Também na hora do crepúsculo vou até ao seu túmulo. No último verso: “Mas o corvo de **Edgar Poe me diz: “Never more!”**”

Beleza, Paraíso, Eternidade.  
 Também na hora do crepúsculo vou para o seu túmulo.  
 E sinto sua terna presença me falar do nosso amor  
 E da saudade imensa que me enche a vida.  
 Mas o corvo de Poe me diz: Nunca mais, ó nunca mais!

### O BANQUETE DE LEVI<sup>37</sup>

Tenho direito também ao banquete de Levi.  
 Embora tenha sido atado ao rochedo  
 E tenha sido devorado por vermes numa *vala*<sup>38</sup> comum  
 O horizonte negou-me a ventura.  
 Preciso de uma coroa mística de poeta.  
 Desta vez convido outros oprimidos para participarem comigo deste banquete.  
 O filho de Alfeu não tem preconceitos.  
 E o Cristo estará conosco mais uma vez.

---

<sup>37</sup> No jornal, este poema traz uma epígrafe em francês, praticamente ilegível, atribuída ao poeta alemão Rainer Maria Rilke. Em nosso esforço de decifração, estabelecemos a epígrafe de forma literal, conforme se encontra no velho jornal: **Ó! Terre! Pour toi la sainte inspiration c'est la mort familière.**

<sup>38</sup> No jornal lê-se: “E tenha sido devorado por vermes numa **fasse** comum”. Em vez do termo **fasse** que está em desacordo quanto ao sentido do verso, optamos, então, pelo vocábulo **vala**, buscando restabelecer o sentido.

**NO NAME**<sup>39</sup>

Ah! Minha alma triste te implora perdão.  
Nunca quis de ti senão preces, ternura.  
Teus olhos que se encontravam com os meus,  
Eram como um farol me guiando no mar cheio de abrolhos de minha vida.  
E como duas almas irmãs, seguimos pela estrada dolorosa.  
Não juntos, e sim apartados pelo destino.  
Entretanto, sei que há um lugar para os que sofrem.  
Um porto magnífico de velas brancas e tardes azuis.

---

<sup>39</sup> Publicado em *O Tempo da Solidão* com algumas diferenças singelas. A primeira é que no livro o poema aparece dividido em duas estrofes. As outras modificações estão no verso 2: “Nunca **desejei** de ti senão preces, ternura”; no verso 3: “Eram como um farol me guiando no mar cheio de **tormentas** de minha vida”; no verso 5: “E como duas almas irmãs seguimos **pelo mesmo caminho**”.



## UMA CARTA QUE NÃO FOI REMETIDA

Em homenagem às crianças que brincam de Robson Crusóé  
 Vou-me embora para uma ilha do Pacífico.  
 Em homenagem a Rimbaud vou morrer com a minha perna direita cortada.  
 Quero ser simples na intenção, humilde nos meus desejos.  
 Permitam somente que no meu último instante eu diga com meus lábios úmidos:  
 Oh! La charité infinite du Christ!

## CHAMADO DO MAR<sup>40</sup>

Barco, barco que me chamas  
 Por que não atendo ao teu apelo?

Barco, barco que vens de longe  
 Por que não vou até onde estás?  
 Barco, barco cruel e maldito

---

<sup>40</sup> Publicado n' *O Tempo da Solidão*. Na versão do livro, não há estrofes, e as alterações feitas pelo poeta encontram-se nos momentos finais. Vejamos: “**Desces de um rio cautelosamente, / E lutas** contra os peles vermelhas enfiados. / **O arco-íris** te abriga a sua sombra. / Não posso ir ao teu encontro, / **Não posso atender ao teu chamado,** / Sem levar comigo, **os olhos de Irene**”.

Manchado de lama e de lodo  
Que equipagem é esta que conduzes?  
Que carga é esta  
Que bandeira é esta  
Que nome tu tens?

Tu desces de um rio silenciosamente  
Tu lutas contra peles vermelhas enfurecidos  
E o arco-íris te abriga a sua sombra.

Não posso ir ao teu encontro  
Sem levar comigo os olhos castanhos de minha amada.

### **CANTO DO MAR E DA SOLIDÃO**

Oh! Meu mar sempre desejado e nunca encontrado!  
Há uma fonte que me espera para nela eu cantar um hino à solidão.  
Há uma mulher que me espera para juntos provarmos a inocência de Deus.  
Meu mar é feito de angústias, de esperanças sem lembranças.  
Oh! Meu silêncio!

**FÁCIL**

Batuques negros de tambores africanos  
Acompanham meus passos pelas avenidas de uma grande cidade.  
Digo aos que me encontram que o beijo que mais temo  
É o beijo dado por amor somente e nada mais.  
Rebocadores indolentes como serpentes verdes  
Me conduzem para uma enseada distante.  
Digo sempre aos que me conhecem que o maior sofrimento  
É o sofrimento do homem que vive sem seu amor.  
Gaivotas belíssimas e brancas como as espumas  
E que muito antes já haviam levado as cartas de um poeta  
Estão interessadas na nossa história que é nobre e trágica.  
Ainda bem que elas concordam comigo quando mando dizer ao meu amor  
Que a porta mais fácil para mim teria sido a da morte.

**ODE A KEATS**

When in disgrace with Fortune and men's eyes.  
Shakespeare

Onde está a tua angústia?  
 A ternura, a melancolia dos teus versos?  
 Nos corações que sofrem,  
 E que sentem do mundo a clamorosa opressão?  
 Teu nome foi escrito n'água.  
 Oh! N'água. Pode haver algo mais divino?  
 Quando ouço o Rouxinol, quando passeio ao crepúsculo,  
 Compreendo o teu ideal de beleza encarnado em Fanny Browne.  
 Ó Leda! Por que não me devolves o outono que me fugiu?  
 Guardo a tua música nas minhas horas de solidão,  
 E sinto que, às vezes, Fanny Browne, toca as minhas mãos.

**EPITÁFIO QUE ALGUÉM ESCREVEU PARA SI  
MESMO QUANDO SENTIU-SE EXILADO<sup>41</sup>**

Minha fonte, circundada de árvores,  
 Mas nenhum pássaro canta.  
 Meu campo, coberto de doces margaridas,  
 Não tem orvalho nem dalias de inverno.  
 Pertença ao outono e o outono me pertence.  
 Meu paraíso, uma fonte e uma musa.

---

<sup>41</sup> Publicado n' *O Tempo da Solidão* com modificação apenas no título, que passou a se chamar, simplesmente, **Poema**.

**POEMA**<sup>42</sup>

A hora que mais tarda,  
Virá necessariamente,  
Pelo silêncio estranho.  
Esta hora,  
Me restituirá,  
Ao esquecimento desejado.  
Do metal de minha dor,  
Farei tudo belo em redor de ti.  
E não precisarei mais te dizer adeus,  
Porque desta viagem definitiva,  
Ninguém volta ao ponto de partida.  
Enquanto debruço-me  
Sobre meu desespero  
E sem ter onde repousar a cabeça,  
Abandono-me a ti.

---

<sup>42</sup> Publicado em *O Testamento de Jó* com um título diferente do jornal: **A Irene Porcell**. No livro, o verso 7 começa assim: “**Da fonte** de minha dor”. O verso 8 também foi modificado: “Farei tudo belo **em torno** de ti”. Há também o acréscimo de um verso no final do poema. Vejamos com atenção: “Enquanto debruço-me, / Sobre o meu desespero, / **Olho o mar de tua infância**. / E sem ter onde repousar a cabeça, / Abandono-me a ti”.

**A CHARLES BAUDELAIRE, NO DIA DA PARTIDA DO NAVIO “PENÉLOPE”**

Para Sanderson Negreiros

Aquele poema, que não é mais do que um convite à viagem,  
Prende-me ao teu destino de dandy e de poeta.  
Quero sentir outra vez, pois fugaz é o tempo,  
O teu “O Homem e o Mar”.  
E pensar novamente em campos cobertos de papoulas vermelhas, no albatroz  
E como Rimbaud, ir vender armas para um rei na Abissínia,  
Distante do mundo onde Satã impera.

\*\*\*

Apagou-se um instante a estrela do meu mar  
E perdido farol fiquei sem caminho  
Sem orientação, boiando por entre as vagas do meu próprio desespero.  
Foi quando senti descer sobre o meu corpo a noite profundamente escura

Com o seu terrível manto.  
 E sem paz sem esperanças,  
 Fiquei como um condenado  
 A marchar-me por um momento em busca dos teus cinzentos olhos como duas [papoulas.

\*\*\*<sup>43</sup>

Como angustiado anjo em exílio percorro os caminhos do mar  
 Para te esperar nas manhãs de orvalho, quando transformo  
 Meu lânguido desejo em tormento.  
 Afastado de ti, sofro por não  
 Ver no céu sem nuvens a ambicionada estrela que me levaria a ti.  
 Cansado de meu demorado exílio, sonho com a terra prometida  
 Que nada seria sem mim e contemplo mais uma vez este céu negro de formas de farol.  
 E te reconheço caminhando entre as algas do mar e no astro  
 Brilhante que me mostra a doce e tranqüila luz eterna de Deus.  
 Mas, minha doce amiga, os ventos das manhãs nem sempre soprarão

---

<sup>43</sup> Em *O Livro de Tânia* (1963), o poema foi publicado com o seguinte título: **Anjo em exílio**. No livro, há alterações no que concerne ao corte do verso no momento em que sucede o próximo. Outras modificações, a saber: “Cansado de meu demorado exílio, sonho com **a terra da promessa**. / Que nada seria **sem ti** e contemplo mais uma vez este céu negro de formas de farol / E te reconheço caminhando entre as algas do mar e no **feliz** astro / Brilhante que me mostra **a suave** e tranqüila luz eterna de Deus. / **Mas, os ventos das manhãs nem sempre soprarão** / A longa ausência em meus olhos, quando te espero **no mar de onde vim**, / E te vejo com os cabelos **soltos e molhados, jogados como âncoras** / **E** me salvando de um naufrágio preenchido de inocência e de amor”.

A longa ausência em meus olhos, quando te espero do mar donde vim  
E te vejo com os cabelos soltos molhados e jogados com âncoras.  
Me salvando de um naufrágio preenchido de inocência e de amor.

## POEMA

Nunca indagues ao profundo mar  
Nem perguntes a nenhuma estrela  
Por que te amo, pois como terei explicação  
Para a angústia de saber não poder tocar jamais  
Com minhas mãos a clara luz do silêncio?  
Nunca interrogues a escura treva  
Por que não te amo, pois como saberei  
Que terei alguma vez a noite em teus braços?  
E que ouvirei de tua boca a palavra  
Me restituindo o que perdi, infância  
Sem tempestades, feita de um inquieto olhar  
Sobre a vida, a chuva, o meu lar?



## AMA-ME QUE SOU UM PÁSSARO<sup>44</sup>

Eu sou uma folha, um grito na noite  
 E minha sombra caminha pelas areias do meu deserto.  
 Tu és uma certa terra, minha sombra passa por ela.  
 Tu és como estas estrelas que são fixas  
 E que acendem o fogo de minha noite.  
 Eu sou o mar.  
 Tu és como uma linda canção.  
 Eu sou uma tocha, como tocha morrerei.  
 Eu sou apenas um pássaro boiando entre as espumas do teu mar.

## REDENÇÃO

Sou da raça de Abraão. Banhei-me no rio Nilo.  
 Fui sepultado a princípio na pirâmide de Gisé.  
 E quebrei a espada de fogo do anjo que guardava  
 O paraíso quando Adão foi expulso.  
 Vi o sofrimento de Jó e não me deixei enganar  
 Pela tentação de Satã.  
 Não enxuguei o suor da face

---

<sup>44</sup> Há um poema de mesmo título em *O Livro de Tânia* (1963). Ouçamos: “Ama-me como um pássaro, como o crepúsculo / Ou como um inquieto rio, como uma tocha, / E assim então morrerei. / Ama-me como um pássaro, como um estranho mar, / Ou como um intranquilo silêncio, como uma torre. / E assim então esquecerei. / Ama-me como um pássaro, como a aurora, / Ou como uma profunda noite, como uma onda, / E assim então para sempre”.

Quando fugi com Lot da maldição de Sodoma.  
Muito depois, conheci com o Messias um homem simples  
E bem que, junto ao poço que pertenceu ao patriarca  
Jacob me deu de beber duma água viva e nunca mais  
Tive sede. Senhor, meus olhos estão lassos de sofrer, quero a luz  
Da contemplação, quero a salvação em vossa lei.

\*\*\*

Reconstituir-te no azul  
Impossível.  
Tua face morta  
Cobre minhas mãos de alento.  
Cal e pedra eu sou  
De um sonho triste.  
Eurídice loura  
Foi presa de bacantes.  
Verde foi o mar  
Verde foi o pranto  
Na escampa do meu tédio.  
A morte íngreme  
Veio em cavalgada  
Espantando os homens do acaso.  
Reconstituir-te no azul  
Impossível.

**MYSTERIUM MAGNUS<sup>45</sup>**

Senhor, com a solidão das estrelas  
Me acordaste.  
Com o Fogo da Noite  
Me queimaste.  
Senhor, nenhum abismo  
Me solicita,  
E nenhuma altura  
Clama por mim.

**OÙ PASSENT LES ANGES<sup>46</sup>**

---

<sup>45</sup> Poema publicado no livro *A Colina de Deus* (1967) com o título de **Mysterium magnum**. No livro, detalhe para a singela alteração no primeiro verso: “Senhor, com **uma** solidão **de** estrelas [...]”.

Les anges pleurent,  
Dans la Mer.  
Les anges passent,  
Dans la Nuit.

Quand je pleure  
Quelqu'un me cherche,  
Dans la Mer.

Quand je passe,  
Quelqu'un m'aime,  
Dans la Nuit.

### **A FONTE DE ZEUS**

Zeus. De onde vem a justiça  
Para os homens e que foi nascido  
Em dia.

Zeus. De onde vem a Beleza  
Para os poetas e a quem pertence  
O raio.

Zeus. De onde vem a Verdade  
Para os sacerdotes e a quem sacrificamos  
Na acrópole de Atenas.

Zeus. De onde vem o Poder  
Para os deuses e que como um Pai

---

<sup>46</sup> Publicado n'A *Colina de Deus*.

Desce do Trovão.

## **DEUS**

Uno  
Como o Universo,  
Em que vivemos.  
Deus  
O Alfa  
E o Ômega.  
Uno  
Como o mar,  
Que contemplamos.

## CANÇÃO

Do anjo,  
Para Marduk,  
Uma canção.  
Torne límpida,  
A Noite.  
Do anjo,  
Para Marduk,  
Um elegia.  
Que o Deus,  
Lamente,  
A morte do anjo.  
Que a Noite  
Seja o túmulo  
Do anjo.

## O ETERNO<sup>47</sup>

Ao Santo Espírito

Preces, luas de gelo, pensamentos taciturnos,  
Tudo pertence ao Eterno.

---

<sup>47</sup> O poema foi primeiramente reproduzido no blog de Laélio Ferreira de Melo, que nos explica como o encontrou perdido “entre as folhas de um dos livros do grande poeta”.

Meu coração triste, minhas mãos vazias e santas,  
Tudo pertence ao Eterno.

Minha vida, minha Caldéia desaparecida e pura,  
Tudo pertence ao Eterno.  
Minha Meca longínqua, as caravanas que partem,  
Tudo pertence ao Eterno.  
Que os Filhos do Sol e os da Lua, teçam louvores,  
Ao Eterno.

### **Em torno de Keats**

Gostaríamos que estivéssemos em novembro. Dezembro me traz lembranças amargas. Para Keats, estamos num doce e calmo outono, onde sentiríamos a beleza das folhas renovadas pelos caminhos encobertos de árvores antigas.

No momento, nenhuma angústia. Só me lembro de Keats. Estou espiritualmente junto ao seu túmulo em Roma. Deposito violetas pálidas no seu túmulo e sinto a fragrância úmida da erva pouco crescida.

De quando nos vem esta intimidade não sei bem dizer. Tenho um pendor natural para aceitar os românticos como tipo de mentalidade e filosofia da vida. O Romantismo alemão me interessou no princípio. Gostei de Novalis e de Hölderlin, de Goethe e de Tieck. Mais tarde leio Keats. Tinha encontrado a imaginação e a verdade. Era um grego vivendo em nosso mundo. Vivendo e sofrendo a gigantesca agonia de nosso mundo.

Para mim foi uma descoberta encontrar um poeta como Keats. Nele o santo e o amante da beleza estão casados. Seu caráter, impecável. Sua conduta, digna de todos os aplausos.

Falam que Byron não se dava bem com ele. Certamente incompreensão e falta de afinidade entre ambos. Se Byron não fosse tão rico, provavelmente teria gostado da pobreza santa de Keats. Francisco de Assis teria achado em Keats um irmão. Se Keats visse Francisco de Assis teria entrada no grupo dos seus primeiros companheiros.

O orgulho separa os homens mais do que as diferenças de classe e de raça. Keats preceitua que o homem orgulhoso não tem vaidade nem sabedoria. É um idólatra de si mesmo.

Pobre Keats! Fanny Browne morreu. E com ela todo o teu amor, todo o teu desespero. Roma está longe e com ela o teu coração de poeta morto ao alvorecer da vida. Uma sombra agora tem mais sentido do que o dia aberto ao calor do sol de dezembro.

Que posso eu fazer, senão que me aluguem enfim um pedaço de terra perto do teu, muito longe sob a terra, e dizer como Rimbaud: que tenha linhas de cimento em relevo?

Morte! Como o teu nome é trágico! Por que arrebatas os bons e deixas os maus? Ó Morte! Velho capitão! É tempo agora? Onde está o paraíso prometido aos que não participaram da rebelião dos anjos? O anjo Keats... A angústia, esta terrível angústia.



### Nietzsche

Tive em mãos uma relíquia histórica de Marcelo Gama. Era uma edição das poesias de Nietzsche. Pertencia ao Murilo Aranha que tinha ofertado ao escritor Câmara Cascudo. De Câmara Cascudo veio para mim.

Certo dia, H. Castriciano (alma nobre e pura) me falou de Nietzsche, procurando me persuadir a procurar outros autores. Pascal, no caso. Acho que H. Castriciano antipatiza profundamente Nietzsche.

Como homem sincero do seu tempo, vendo muito acima dos seus contemporâneos, Nietzsche era um modelo.

Odiava a hipocrisia, tomasse ela as formas que tomasse. Sua posição em relação a Cristo decorre realmente de um ateísmo exagerado que o levou a consequências dolorosas para si e para os amigos, entretanto. David Strauss, autor de uma célebre vida de Jesus não escapou de uma crítica honesta e pessoal.

Nietzsche achava que o Evangelho já era uma deturpação do Cristo. A piedade, a igualdade, a misericórdia, são criações tardias. Daí ele dizer que Cristo teria modificado sua doutrina se tivesse vivido mais tempo.

No plano da sociologia, as concepções de Nietzsche são falhas. Impossível a existência de um organismo social sem hierarquia. Muitos dos valores sobre os quais são fundados a sociedade humana são atacados violentamente.

Não podemos julgá-lo um criminoso moral. Era um poeta imenso. Vivia como uma águia, nos montes mais altos.

Tendo poucos amigos, acostumou-se desde os tempos de colégio, aos enlevos de uma solidão dolorosa.

Sendo grande conhecedor da filosofia grega pré-socrática, tomou dela a idéia do eterno retorno. A vida, o universo inteiro, obedecem ambos a esta lei. Tudo volta. As coisas todas não fogem ao ciclo duma evolução e duma repetição contínua.

Heráclito não pensaria melhor. Nietzsche. Um sinal de contradição. O simbolismo unido ao gênese da tragédia.

**Rimbaud e o Bateau Ivre**

La tempête a bènì mes èvelis maritimes.

**Bateau Ivre**

Rimbaud. Sonho e ação. Gênio e aventura juntos, como numa fusão feliz, de qualidades raras. Uma personalidade amante da vida e entregue ela mesma aos sobressaltos do drama e da tragédia. Na infância de Rimbaud há um rio inesquecível. Dele nos vem o Bateau Ivre. Pequeno barco perdido e lançado aos ciclones, tonto de visões e terras exóticas.

Espero o Bateau Ivre há muitos anos. Nele [vou] fazer minha derradeira viagem para a terra do amor e da felicidade. Imagino-o um barco pequeno e de vela branquíssima, sem piloto e com uma bandeira no mastro de três cores, branca, azul e vermelha, singrando as doces águas de um oceano de ficção, rumo ao país da quimera!

Direi no momento do embarque, não deverá ser muito solene: sonhei com a noite verde e as neves deslumbradas.

Ah! Ter a aventura de viajar no Bateau Ivre! Não. Não aceitarei tal convite. Me sinto muito fraco para tal. Acho que não resistiria a emoção. Meus pais não são escandinavos. Tenho medo dos arquipélagos siderais e dos naufrágios de pavor sob golfos castanhos.

Sobretudo quando a minha vida é já um poema amargo de desventuras e de tédios. Trêmulo não acredito que terei forças para o embarque.

Rimbaud. Tu és alegórico. O Cristo está em ti como sentido e como realidade. Se tal não fosse, como explicar tua conversão final? Se tal não fosse, como explicar a semelhança que há entre o teu Bateau Ivre e o drama do Calvário?

Sinto muito, mas o teu destino num hospital, entre dores e interrogações as mais terríveis. O Bateau Ivre termina sua viagem apocalíptica num tanque de águas mansas, escuras e frias. Humildade.

O orgulho da embarcação cai por terra. Agora, não é mais do que um frágil barquinho de papel, que uma criança, cheia de tristeza, e melancolia, lança naquelas águas.

Continuarei o resto da vida, atendendo ao chamamento do Bateau Ivre. Acho que não tenho outra solução. Talvez até me torne um sujeito mais perto da esperança. Trarei nos lábios o princípio da grande composição poética: Comme je descendais des fleuves impassibles...

Não odiarei os que me antipatizam, nem invejarei os amores aparentes. Só terei uma paixão: a do Bem. Só terei uma ambição: a de não ser inferior aos que me desprezam. Levantemos a âncora, ó Rimbaud!

### **Antonio Nobre**

A beleza é peculiar às crianças,  
Certamente feita à imagem de Deus.  
Possui a paz e o silêncio  
Tão invejável também nos anjos.

Hölderlin – “A beleza”

Quando era aluno da Faculdade de Direito do Recife, procurei o *Só* de Antonio Nobre. Em Recife, portanto, conheci o elogiado e abandonado autor do “livro mais triste de Portugal”. Alguns dos primeiros versos do hamletiano poeta definem o seu lirismo:

Nasci num reino d’Oiro e amores,  
À beira-mar.

Quem nasceu num reino tão belo tem muito que nos contar, muito que nos consolar. Como todo grande poeta, Antonio Nobre viajou e teve mestres insuperáveis. Esteve na Inglaterra, França, Holanda. Foi também aos Estados Unidos, e conheceu Baltimore, a cidade de Edgar Poe. Desgostoso de Coimbra, formou-se em Paris. Tomou contato com os decadentes e simbolistas, entre outros, Baudelaire. Mas a influência predominante na sua poesia é de Shakespeare. Num poema chamado o “Enterro de Ofélia”, temos uma prova da afinidade metafísica existente entre o criador de Hamlet e o autor do *Só*. Quem diz assim:

Toda de branco vai, nesse habito de opala  
Para um convento: não o que Hamlet indicou,  
Mas para um outro, olhai! Que tem por nome “Vala”,  
Donde jamais saiu quem lá uma vez entrou!

Tem certamente uma vivência existencial shakesperiana. A única elegia semelhante que eu conheço, é a Rimbaud, em suas *Poesias*. Antonio Nobre amava uma moça chamada

Margarida de Lucena. Era a Ofélia de Hamlet. No poema “Na estrada da Beira” sentimos que a amada é lembrada:

Mais vejo Aquela cujo olhar são pirilampos,  
Que tem o nome da mais linda flor dos campos.

Os modernos homens de letras de Portugal, entre outros, João Gaspar Simões, situam Nobre precursor da poesia moderna. Podemos ver bem que Antonio Bastos, Miguel Torga, Fernando Pessoa, muito devem ao autor de *Só* e de *Despedidas*.

*Só* é um livro biográfico, é uma espécie de busca do tempo perdido. O condensamento das experiências emotivo-psicológicas do poeta genial. Difícil seria um paralelo entre Antero de Quental e Antonio Nobre. O primeiro, revolucionário, inquieto, livre pensador. Nobre, religioso, calmo e simples como um anjo de dor. A cultura de Antero de Quental era maior, não há dúvida, germânica, amena, vasta. Antonio Nobre culto também, mas sem vocação para interpretar a história e fazer síntese de culturas. Um suicida. O outro incapaz de perpetuar semelhante ato. Poderia ter se afogado, como fez Ofélia:

Vim a subir pela ladeira  
E numa certa terça-feira  
Estive já pra me matar.

No entanto, quando a morte apareceu ao poeta e lhe fechou os olhos, normalmente, numa tarde de crepúsculo escarlate, estava o poeta meditando uma página da *Imitação de Cristo*. E escreve:

Pedi-te a fé, Senhor! Pedi-te a graça.  
Tudo acaba no mundo... tudo passa.  
Mas só meu mal se foi e torna a vir.

**Euclides da Cunha, Poeta**<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Este ensaio foi publicado também na Revista *Bando*.



Euclides da Cunha, poeta. Sim. Ele sempre foi poeta. É verdade que a maioria de suas poesias remontam ao tempo de criança, a adolescência forte dos seus dezoito anos. Mas, isto serve apenas para profetizar o homem do futuro. A infância é uma idade poética, mágica. Os grandes poetas são todos crianças.

Nossa literatura de cunho social começou com Euclides da Cunha. Antes de Euclides da Cunha conhecíamos o sertão, não os sertões. Seu tempo foi o do Naturalismo e do Positivismo. Do Naturalismo de Machado de Assis, do Impressionismo de Raul Pompéia. Na poesia eram bons parnasianos, - Vicente de Carvalho, Raimundo Correia, Olavo Bilac, - eram os mestres incontestáveis da forma e dos sentimentos parnasianos. Na França, Paul Verlaine tinha dado ao mundo a sua mensagem de crepúsculo e de melancolia.

Euclides da Cunha, parnasiano. Poucos estudiosos de sua obra, referem-se a Euclides da Cunha como poeta. Certamente pelo fato de que sua imensa obra de sociólogo, de geógrafo, de pensador, ofusca qualquer outra faceta do seu gênio. Só conhecemos quase o homem que escreveu com estilo de cipó, como o havia apontado Joaquim Nabuco.

Escrevendo a um amigo americano, disse Euclides da Cunha: “o poeta é soberano no pequenino reino onde o entroniza a sua fantasia”.

Sim. Soberanos foram Dante, Horácio, Virgílio. Shelley, falando sobre a morte prematura de Keats, pranteia a morte do poeta, para pouco a pouco, mudando de tom, cantar a sua nova vida eterna dentro da natureza: “Ele alçou o seu voo além das trevas da nossa noite”. Isto é, das trevas que nos envolvem.

O mesmo aconteceu com Euclides da Cunha. Não morreu. Vive dentro dos corações que o admiram e estudam com fervor, na sua vida e na sua obra imensa de cientista, que tanto diz respeito ao sertanejo, como ao jagunço ou ao Amazonas. Esta

imortalidade conquistada pelo talento, pela força do ideal e pela convicção científica, cabe aos que, como Euclides da Cunha, contribuíram para o progresso da cultura no Brasil. Mas, o nosso grande Euclides da Cunha, era um torturado interior, um amargurado na vida. Vivia uma tragédia indecifrável, misteriosa. Ouçamo-lo nestes versos:

É nessa hora a deslizar, cansado,  
 preso nas sombras de um presente escuro  
 e sem sequer um riso em lábio amado –  
 que eu choro, triste, os ridos do passado,  
 que eu adivinho os prantos do futuro!

O Romantismo ficou como uma característica essencial de nossa mentalidade.

Somos românticos, quer queiramos ou não.

Euclides da Cunha que certamente tinha lido Byron e o velho Carlyle, compôs uns versos com uns acentos nitidamente românticos:

Mal tenho vinte e um anos  
 e sou um velho poeta: a dor e os desenganos  
 sagraram-me mui cedo a minha juventude  
 é como uma manhã de Londres, fria e rude.

Ainda mais. Profundamente revoltado contra os clássicos, contra a pedantice dos gramaticóides que vivem queimando as pestanas nos sebentos Castilhos e nos empoeirados Boileaus, afirma em tom poético: “Por isso amo a Musset e jamais li Boileau!”

No caso, Euclides da Cunha poderia ter sido um precursor do Modernismo no Brasil, como sua revolta contra a métrica e a versificação vazias que tanto impedem o espírito nos seus largos voos.

Vivendo numa época do triunfo do Positivismo, do culto à ciência, ao progresso, Euclides da Cunha teve pouca disposição para a religião. Sua religião foi a Musa, depois a ciência. Denota-se em sua alma um fundo místico, uma inclinação para a solução do problema metafísico da permanência do ser depois da morte. Seu ateísmo é mais coisa de poeta, perdoável a Deus que criou o homem poeta, como rei da criação.

Num poema chamado “Lirismo a disparada”, seu ateísmo dispara numa verdadeira provocação à Divindade. Incompatibilizado com Deus, por razões profundas, o poeta confessa que:

Há muito tempo  
que eu, o Voltaire e o Comte nem o intento  
podemos ter de passear à noite  
na grande praça azul do firmamento.

E termina com um gesto de amor terreno, liricamente belo:

Trancam-me os céus: eu tenho o teu olhar...  
Nem me faz falta Deus – pois tu existes!

Em discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, o Sr. Afrânio Peixoto, sucedendo a Euclides da Cunha, afirmou que *Os sertões*, não são obra de geografia ou

história, e sim efeito do sertão sobre a alma de Euclides da Cunha. Euclides realmente foi um impressionista. Seu estilo não tem a marca da civilização, e sim a nota do bárbaro, do selvagem da terra brasileira. Sua prosa revela o poeta. Vejamos: “Desce a noite, sem crepúsculo, de chofre – um salto de treva, por cima de uma franja vermelha do poente”. Ou esta: “O sol poente deitava, longa, a sua sombra pelo chão”. Ou mesmo quando diz: “A noite sobrevém em fogo, a terra irradia como um sol obscuro”. Bastam alguns trechos da descrição da luta de Canudos, para nos convenceremos do homem dantesco, do poeta dramático que foi o enorme Euclides da Cunha.

Numa magnífica plaquete, o escritor Luís da Câmara Cascudo traduz um grande poeta americano, Whitman. Poeta da Democracia em marcha, do povo que construiria a mais esplêndida civilização da história com seus grandes rios, montanhas, cordilheiras e trabalhadores.

Luís da Câmara Cascudo, escritor dos mais fecundos de nossa terra, homem que não se cansa de trabalhar e produzir, enriquece sua tradução (Imprensa Oficial – Recife, mil novecentos e cinquenta e sete) com comentários sobre a posição de Whitman na literatura americana.

Whitman fez a poesia americana respirar o ar dos campos. Retirou a Musa do mundo de sombras e mistérios de Poe, da tranquilidade doméstica de Longfellow, para a vida comum, para as fazendas, usinas, portos e alegria do homem comum. Após Walt Whitman, somente um outro poeta integrou-se na atual civilização americana: Hart Crane. Um precede, anuncia o outro. Universais ambos, cheios de seiva e de calor. *A Ponte*, sucede à *Folhas de Relva*. A guerra civil provou Walt Whitman. A guerra de 14-18, Hart Crane.

Walt Whitman testemunhou a mudança social da guerra de sucessão. Hart Crane viu cadáveres, bebeu uísque e jogou-se ao mar. *A Ponte* é um elo, uma ligação entre o passado e o presente. Entre o Classicismo de Melville e o Modernismo.

Dos três poemas traduzidos pelo escritor Luís da Câmara Cascudo, destacamos o “A base de toda metafísica”. Walt Whitman condensa toda a sua experiência intelectual neste poema. Walt Whitman caminhou por várias religiões, credos, filosofias, e a que conclusão chegou?

Ainda abaixo de Sócrates vejo claramente e abaixo do divino Cristo vejo  
O devotamento do Homem pelo seu companheiro, a atração do amigo pelo amigo.  
Do fiel marido pela esposa, dos filhos pelos pais  
Da cidade pela cidade, da terra pela terra!

Estamos muito distantes de Edgar Allan Poe, herói místico de “Annabel Lee” e “The Bells”. A América não silenciou com Whitman. Edna. St. Vincent Millay, Carl Sandburg, Conrad Aiken, aí estão, cantando as praias sem costas do silêncio. Walt Whitman não tinha preconceitos de cor ou de classe. Uma prostituta, um soldado ou um marinheiro serviam de temática poética para o seu espírito de rapsodo da nova democracia. Um novo Adão.

Walt Whitman foi e ainda é lido pelos comunistas do mundo inteiro e da América, como uma Bíblia. Para os idealistas da sociedade sem classes, Walt Whitman, antepõe o amor ao ódio, o egoísmo à repartição dos bens.

Como Tolstoi, Whitman lavrou o seu campo, andou pelas praias e flutuou com as ondas do mar de Long Island. Um novo farol a orientar os navegantes perdidos na tempestade da vida. Luís da Câmara Cascudo, traduzindo Walt Whitman, prestou um bom serviço às letras do nosso Estado, e com o seu coração pode dizer: “Eu sou generoso e pletórico como a Natureza”.

### Hart Crane – Mar e Morte

Contam pessoas íntimas de Hart Crane que, quando o grande poeta ia a uma festa e se embriagava, e uma pessoa vinha aperta-lhe a mão, ele dizia quase sem sentidos: “Eu sou Christopher Marlowe, o Cristo Baudelaire”<sup>49</sup>. Agora podemos dizer Hart Crane foi tudo isto de uma vez. Marlowe, pelo muito de doutor Fausto que ele tinha, Cristo pela tragédia de sua vida e Baudelaire pela viagem e morte.

No dia 22 de abril de 1932, embarcando num navio que ia dos Estados Unidos para Cuba, após uma noite de dissipação, lança-se no mar. Uma corola de espumas, como em um círculo flutuante, envolveu seu corpo submerso.

Aquelas palavras tão impressionantes “And yets great wink of eternity”, tomam para nós um sentido complexo, agora que sabemos morto o poeta de tão enigmática personalidade.

Hart Crane quis com *A Ponte* escrever uma resposta a T. S. Eliot. *Terra Vazia* foi muito pessimista. *A Ponte* será otimista. Uma epopéia da consciência moderna.

Tal como T. S. Eliot dividiu seu grande poema em capítulos, assim o fez Hart Crane. “Brooklin Bridge”, “Cape Hatteras”, “Atlantis”, “The Tunnel” e outros capítulos.

Quando a noite descia por sobre Nova York e as estrelas iluminavam suas avenidas e pontes, Hart Crane olhando o Brooklin escrevia:

---

<sup>49</sup> No jornal, aparece esta passagem da seguinte forma: [...] **ele dizia quase sem sentido Eu sou Cristovão Marlowe, o Cristo Baudelaire**. Na digitação do texto optou-se por fazer, sem prejudicar o entendimento, esta construção sintática: [...] **ele dizia quase sem sentido: “Eu sou Christopher Marlowe, o Cristo Baudelaire”**.

O Harp and altar, of the fury fused,  
 How could mere toil align thy choiring stringes!  
 Terrific threshold of the prophet's pledge,  
 Prayer of pariah, and the lover's cry.

Aquele gigantesco monumento de aço, que anos antes tinha causado a admiração de outro poeta, Maiakovski, teve em Hart Crane o seu intérprete. A *Ponte* de Hart Crane ligava-o também a Melville e a Walt Whitman.

Fala-se muito da intoxicação de Hart Crane. Seus ritmos são como o do jazz. Se há intoxicação, é do mar. Hart Crane leu muito Moby Dick. Quando canta o rio, é do mar que ele nos fala.

Como Rimbaud, Hart Crane, perdeu sua vida por delicadeza. Vivendo em conflito consigo mesmo e com os outros, dependendo muitas vezes de amigos distantes, filho de pais divorciados, Hart Crane optou afinal pelo suicídio. Desta vez a morte não caminhou ao seu encontro. Ele foi quem a procurou. E com palavras de outro seu irmão, um soldado inglês que tão bem falou da morte, acreditamos que ele deixou:

a white  
 Unbroken glory, a gathered radiance,  
 A width, a chining peace, under the night<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Alguns versos do poema "The dead", escrito pelo poeta inglês Rupert Brooke [1887-1915], morto na Primeira Guerra Mundial.



### Sóis, chamas e espirais

Estas palavras lembram Vicent. E Newton Navarro sabe que o pobre Vicent pintou mais de que chamas, do que sóis e espirais. Newton Navarro pintou mais de que marinheiros, mais do que peixes azuis e naturezas mortas, pois pintou como o pobre Vicent, aquele mundo que não vemos, mas que o artista traz consigo e nos revela como um vidente a nós simples admiradores da beleza plástica e pictórica.

Achei seus marinheiros humildes como o Ismael de Herman Melville, e seus peixes puros como os “peixes cantadores” do poema de Rimbaud. Soube que Newton Navarro andou por Recife, pela Bahia e obteve um grande sucesso em sua exposição. Agora me encontro novamente com ele, aqui, em Natal, e ele me fala de Hart Crane e me faz lembrar um amigo morto que “tinha uma face meiga e setentrional, e que em expatriado semblante reunia os olhos perenes de Pierrot e de Gargantua, o riso farto”.

Sim Newton. São assim os amigos mortos. Eu, por exemplo, já morri para você. Não sei se meus pensamentos foram para você, - “heranças, cavaleiros frágeis da tormenta”.

Não lembremos o que jaz em sua urna. Louvemos somente esta urna, como o fez Hart Crane. Você pertence ao azul, ao amarelo e ao branco. Eu sou negro. Pertencço a uma raça de malditos e expatriados. Dispersemos estas palavras que enchem os subúrbios, - não são -, afirmo, meu caro Newton Navarro, troféus do sol.

O pobre Vicent, condenado pelo sol, carrega seus quadros pelos caminhos de Arles. E você, meu caro Newton Navarro, pinta seus quadros, vive com seus pássaros, ama suas

flores. Ontem lhe vi, caído pelas ruas de Natal. São assim os artistas que perseguem por ruas e becos seu ideal, e que como muitos outros lutam contra o destino como o capitão Acab lutava contra a baleia branca.

Deixe eu lançar o primeiro arpão, meu caro Newton Navarro, imploro!

### Adalgisa, quase esquecida

Mulher presente num mar tropical. Sensual, livre. Eva, talvez, saindo das mãos mágicas de Deus. O vento clama por ti, as ondas, os pássaros, cantam imitando a tua voz. Em ti, não há senão ânsia e insatisfação. Ânasia de uma posse nunca conquistada, insatisfação que exprime um desejo de continuação de ser.

Quero-te como uma ponte para o meu abismo. Um canto para a minha solidão. Mar absoluto. Ainda que errante, não te esquecerá nunca. Do coral, da espuma e do lodo, faço-te uma imitação. Teu panteísmo e tua sensualidade, tornam-te igual aos que procuram explicar, através de símbolos e alegorias, os mistérios da criação.

Em ti, há ilhas de sexo, ventres de poesia. Tua nudez só é comparável a tua falta de maldade. Tu inocência me integra na consciência do cosmos, e passo a ver tudo com os olhos de quem acabou de ser curado pelo próprio Cristo.

Talvez nunca mais encontre o mar que perdi. Mas, te encontro, aqui, nesta hora tranquila, mulher presente.

És como uma daquelas coisas silenciosas que uma poetisa americana falou tão bem; a hora antes do amanhecer, a neve que cai e a boca do que acaba de morrer. És a hora antes do amanhecer. E escrevo no céu, não o nome de um rei ou de um anjo, mas o teu:

ADALGISA.

All is well

Sim, Katie, tudo está bem. “Não tenho desejo de ganhar a vida, mas sim de vivê-la”. Com estas palavras, querida Mademoiselle Beauchamp, tão tímida e tão meiga, definiste tua vontade de ser, de atingir a plenitude de uma vida que não viveste.

Tudo que está como desejávamos que estivesse. Viajamos, somos bem hospedados, conhecemos pessoas interessantes, pensamos em alguém.

Os jornais que lemos nos falam das últimas conquistas científicas dos russos, das torturas de Chessman, dos últimos acontecimentos políticos. Mas, a felicidade, esta foge. Damos uma boa festa, enquanto morre um pobre operário. Procuramos ser bons amigos, leais companheiros, somos traídos pelas limitações dos outros.

Sim, Katie, tudo está bem. Não perdemos um irmão em campo de batalha. Não temos uma inimiga tão poderosa, como a tuberculose, nem somos obrigados a perambular de hotel em hotel, em busca de um ambiente que lembre um lar ideal, com música, crianças, lilases, e lareira.

Muitas vezes não temos um vintém. Mas, que é o dinheiro, ante uma vida passada na contemplação da beleza? Que vale este frio metal, ante o ouro da eternidade?

Para a solidão, poesia. Para a amargura, Tchecov. Sendo assim, minha querida Katie, não vejo razão para que tudo não esteja bem. All is well.

### **No bicentenário de Schiller**

Você tem razão Berilo. Não pode passar despercebido o bicentenário do grande poeta alemão. Quem amou tanto a liberdade, quem fez tanto pela cultura humana e que juntamente com Goethe, revolucionou a poesia alemã e limpou com o vendaval do Sturm und Drang, a Europa de um classicismo exagerado, não pode ser esquecido aqui entre nós na província.

Não falemos do seu Guilherme Tell. Falemos de um drama de uma rainha que foi condenada pela inveja de uma prima, pelo ódio e a intolerância do seu tempo. Refiro-me a Maria Stuart.

O seu processo constitui uma das peças mais tristes da história humana. Schiller imortalizou-se não somente pelas suas baladas, seus estudos de educação estética, seus dramas, não. Sobretudo porque escreveu “Maria Stuart”. Esta rainha foi condenada por dois crimes, segundo narra a história: o de ter mandado assassinar o seu marido, e o de ter conspirado contra o trono da Inglaterra.

Vi uma rainha (esta do teatro brasileiro), Cacilda Becker, representar Maria Stuart no seu julgamento, feito por tribunal brasileiro, de acordo com as nossas leis processuais atuais. Com que altivez Maria Stuart enfrentou os seus algozes!

Pode a história corrigir um erro judicial? Não. Pode tão somente imprimir na consciência humana, um novo conceito sobre a vítima, visto que tudo é analisado sob novos sentimentos, novo entendimento humano, sem aqueles ódios e aquelas paixões que motivaram a condenação.

Quem muito amou, de acordo com a Escritura, será perdoado. Maria Stuart cometeu o crime de amar um homem mais do que pode a natureza humana. Por ele sacrificou-se, humilhou-se, perdeu honra e trono. Estranho, não ter Shakespeare escrito sobre Maria Stuart. Talvez Macbeth tenha sido sugerida pela tragédia de Maria Stuart. Sendo que esta rainha da Escócia, não foi nenhuma lady Macbeth.

Cacilda Becker viveu o drama de Schiller. E nada melhor de que agora, no bicentenário do poeta Schiller, lembrar este julgamento e esta Rainha que tanto amou. Não há amor feliz.

### **Blake e a Indecisão**

São duras as palavras do Cristo. No sermão da montanha, por exemplo ele nos manda entrar pela porta estreita. A maioria das pessoas entra pela porta larga, a porta da perdição, do pecado, do demônio.

Hesito, fico indeciso ante as palavras do Cristo. Por que temos que entrar pela porta estreita? Sempre achei duro. Fico indeciso. Como resolver o dilema? Admiro os que se salvam, os que seguem a trilha do bem e da verdadeira vida.

O comum nos decepciona, entretanto. Vemos matar, roubar, enganar o próximo, e a hipocrisia assume o comando das relações humanas. Todos preferem entrar pela porta larga, pois é a mais fácil.

Dizem alguns que no inferno é melhor. A teologia chega até a afirmar que há mais gente. Não, não gosto da porta larga. Não irei para o Inferno. No Inferno não há girassóis. E como viver sem girassóis? Não suportaria um dia entre as chamas.

De tanta incerteza e indecisão, quem me pode salvar é o poeta místico e iluminado Blake com aqueles seus versos:

Bring me my bow of burning gold!  
Bring me my arrows of desire!  
Bring me my spear! O clouds, unfold!  
Bring me my chariot of fire!

### **BLISS**

Acho que nunca poderia ser completamente feliz. Enquanto contemplar o espetáculo diário de incompreensão e de desigualdade humana, de dor e tristeza da condição humana, não terei felicidade.

Ela é um sonho, uma doce ilusão que atenua nossa frustração diária. Um amor impossível, uma viagem que nunca faremos, um prêmio que nunca tiraremos.

Interessante como os romancistas encaram de maneira diversa esta concepção de felicidade. Dostoiévski não acredita na felicidade do homem que não acredita em Deus. Tchekhov sendo pessimista acha que não temos nem a quem confiar uma dor, uma angústia.

Esta bela, sublime, querida Katherine Mansfield, diz no seu diário que a felicidade consiste em amar três coisas: a natureza, os seres, os mistérios.

Estou com ela. A Natureza pode ser amada como Deus. Os seres, como reflexos e imagens Dele e os Mistérios, como sedução e encanto para a imaginação criadora.



Para mim, a felicidade consiste em não fazer ninguém sofrer por minha causa, em sentir poesia dentro de meu coração e em amar uma pessoa profundamente, ainda sabendo que ela me despreza e não me compreende. Mesmo sabendo como sei, que nasci sob o signo de São Bento José Labre e que a poesia é a pobreza absoluta, e o poeta, mendigo de Deus.

### **Bilhete ao Poeta Sanderson Negreiros**

Agora que aqui chego, prezado Sanderson Negreiros, poeta por graça de Deus, meu irmão em Baudelaire, releio os teus versos escritos quando esperavas uma aurora:

Senhor, abandonar nunca se pode  
Uma dama e a ternura que nela dorme.

O abandono significa sempre uma atitude trágica. O crime de Rimbaud foi o de ter abandonado a poesia pela solidão africana. Por que abandonar o céu nítido, a ternura, o fruto verde?

Mas as auroras chegam com suas rosas e seus orvalhos. Então, partiremos para Betsaida, a piscina das cinco galerias, que era um “lugar de tédio”.

Nela fez o Cristo a sua primeira ação grave. Esperaremos o Anjo que agita a água. E ele, que cura paralíticos e mutilados, Ele que faz a delícia das estações, nos espera.

Como abandoná-lo? Por acaso odiamos a ternura? Não, prezado Sanderson Negreiros, abandonar nunca se pode, “uma dama e a ternura que nela dorme”. Ternura, delicadeza de Rimbaud, incompreendida pela sociedade do seu tempo e pelos “donos do mundo”.

Por ela, pela ternura, perderemos nossas vidas. Até que o tempo onde os “corações se juntem” tenha vindo.

### **Natal**

O Cristo foi anunciado em Nazaré que em hebraico quer dizer flor. Ele é o fruto desta flor. Uma estrela guiou os Magos ao lugar do seu nascimento – uma gruta que servia de estábulo para animais da região. Uma Virgem envolveu a criança em pobres palhas, não em tecidos finos. O Rei nasceu com abrigo sem conforto. Um gesto de delicadeza. Um ato da pura caridade, como a criação do mundo.

Bom que agora pensemos nesta gruta, nesta estrela, nesses Magos, e se não for demais, nesta Virgem.

Não basta somente que pensemos no Natal. Pensemos também na sua paixão e na sua morte, na sua ressurreição. Para vivermos com o Cristo temos que morrer com ele, sofrer as suas dores, beber do seu fel. Suas amarguras foram infinitas, porém infinita foi a sua glória. A redenção inclui o beijo de Judas, a covardia de Pedro e o amor de João. Sua ressurreição garantiu a nossa, vencemos a morte. Sendo que a nossa não será como a de

Lázaro ou do filho da viúva de Naim. Iremos para uma outra vida, livres do pecado, corpos espirituais. Contemplaremos então a Beleza.

Sua mãe foi escolhida por ser humilde, não por ser virgem somente. O mundo sempre esteve cheio de virgens, nunca porém uma tão humilde, tão pura e tão inteligente. Comparo o seu filho a duas figuras da Bíblia: Jonas e Jó. O primeiro esteve no ventre de uma baleia e o segundo não revoltou-se com sua triste condição. Cristo foi Jonas e Jó. Desceu ao inferno e sofreu com paciência o martírio da cruz.

### **Redinha**

Quando sentirmos necessidade de silêncio, de equilíbrio interior, procuremos a praia da Redinha. Em nenhuma parte do mundo, existe uma praia como a Redinha. Ela nos oferece duas coisas ao mesmo tempo: rio e mar. Ela não é só um lugar de veraneio, é uma imagem, uma idéia. E o seu mar precisa ser entendido pelos nossos instrumentos do sonho.

Nada supera o prazer de um domingo nesta praia, para qual somos conduzidos por barcos que singram águas tranquilas, mansas, iluminadas por um sol forte, ou por estrelas mornas e cintilantes.

A Redinha não é somente o seu mar de sargaços, de algas marinhas, de peixes dourados. Ela é principalmente suas girls, deidades morenas, praias tradicionais.

A visão do porto, da barra distante com navios entrando de todas as partes do mundo, a fortaleza ao longe, tal cenário nos reabilita do barulho, da pressa e da lufa-lufa diária.

Mas, uma praia tem que ser música e poesia. Música, um bom rádio resolve o problema. Poesia, aconselho aos que amam o mar, Mallarmé, Valéry ou o que foi essencialmente poeta do mar, Hart Crane.

Mallarmé nos oferece canções dos marinheiros, pássaros bêbados entre as espumas e os céus desconhecidos. Valéry, um cemitério marinho: “Le vent se lève! Il faut tenter vivre!”

Hart Crane, todo este mar, os sinos de São Salvador, este pestanejar de eternidade, e quando tudo terminado, uma viagem em suas mãos, amada.

### **Maria, Poço de Silêncio**

O que mais impressiona na Virgem Mãe de Deus é o seu silêncio. Se tomarmos o Evangelho, verificaremos que ela falou apenas sete vezes, e que, disse apenas palavras de humildade e sabedoria. Sua ação não precisa de barulho, sua pureza não necessita de espalhafato. Unindo o silêncio de sua condição de mulher privilegiada, ao pudor de sua jovem carne, Maria, foi eleita mãe de todos os homens na pessoa do seu filho o Cristo.

Por que ela tem sido uma fonte, não sabemos bem. Pintores, poetas, artistas de todos os tempos nos falam dela, nos pintam seu semblante meigo e iluminado pela graça.

Os santos, que em matéria de devoção e amor, nos espantam e nos alarmam com seus excessos talvez compreendam melhor Maria, por estarem mais perto dela, mergulhados como estão, como filhos nos braços da mãe.

Seu silêncio é como o de Deus. Não exige muita coisa para ser compreendido. Basta que nos aproximemos dela como o filho ao pai, contritos e seguros de que na sua mão, há um lugar para nós.

A graça que ele nos der nos será transmitida por Maria. Como num canal puro, correrá até esta água nítida que nos reconfortará o espírito tantas vezes tornado pó e cinza, dividido em si mesmo pelos contínuos atritos com o mundo em pecado.

Ela é a regente do mar, da vida e da morte. E me recordo de um poeta do século XVI, chamado Jean Bertaut que assim nos falou dela:

Estoille de la mer, nostre seul reconfort,  
Sauve-nous des rochers, du vent et du naufrage.  
Ayde-nous de tes vœux pour nous conduire au port,  
Et nous monstre ton Fils sur le bord du rivage.

E poderíamos acrescentar outros, tais como Verlaine, Péguy e Germain Nouveau, que procuraram o silêncio em Deus, em Maria.

### **Chamai-me Ismael**

O grupo da Revista Cactus começou bem o ano novo. Uma festa com rum, aguardente, vinho numa praia tão deliciosa como a Redinha, entre boas conversas, risos e um ambiente tão agradável como a residência do professor e anfitrião Moacir de Góis, torna-se inesquecível para cada um de nós. Os de Cactus começaram bem o ano novo. Estes intelectuais, embora não tenham consciência de geração tão perfeita como os de Orfeu, de

Joaquim ou de Quixote, representam o que temos de melhor em matéria de literatura e arte. O que não somos, é o que de nós disse Paulo Hecker Filho quando dizia em carta ao poeta Sanderson Negreiros, que éramos uns subliteratos sem remissão.

Perdoamos o senhor Paulo Hecker Filho, pois sabemos que ele pertence a uma fauna quase extinta, revoltados permanentes contra a decência e o pudor. O nome desta revista lembra algo assim como deserto, a planície, o sertão seco. O nome apenas. Na realidade, a água corre abundante de suas páginas, as flores novas brotam em profusão dos seus capítulos.

Que nos trouxe esta festa na casa de Moacir de Góis? Uma oportunidade reunião? Um conagraçamento alegre entre os integrantes do grupo?

Para mim trouxe mais do que isto. Trouxe-me confiança. Confiança de que temos realmente um papel cumprido, uma missão importante feita. E que no futuro, saberemos desempenhar com melhor boa vontade e consciência esta missão de divulgação cultural.

Fui a esta reunião na praia sob a influência de Melville e do seu Moby Dick. Surpresa minha não foi encontrar o pintor Di Navarro. Logo, como era natural, falou-se do mar e de girassóis, de Fra Angelico e de Rembrant. Não gostei de Zila Mamede, porque ela achou de unir numa canção duas coisas perigosas: o mar e a ternura.

Afonso Laurentino, cujo nome lembra um santo, mas que na realidade ele nada tem de santo, esteve como sempre entregue aos seus problemas econômicos e sociológicos, tipo Josué de Castro ou Antonio Candido, e tudo foi bem por que Zila Mamede considerou tudo literatice.

Tudo ótimo. Mas onde o meu monstro marinho, onde a minha baleia branca, cor de neve, perseguida por corajosos marujos? Onde o capitão com sua perna de marfim, Ismael com sua sabedoria e o seu amigo, antigo príncipe de uma tribo dos Mares do Sul?

Nada disto vi. Somente Cactus. Somente uma planta, um arbusto que não surge das águas do mar, como um mastro num naufrágio, mas da terra seca e árida em que vivemos.

### Keats

Para os que dão importância aos grandes nomes que honraram com suas obras e seus feitos heróicos, os quadros da literatura e da história, sabem a significação dos Hölderlins, dos Goethes e dos Keats. Este último, caso único depois do de Chatterton, de precocidade e de genialidade, deixou-nos uma obra romântica que não foi mais do que uma explosão de uma extrema juventude, tocada pela solidão, pelo amor e pela injustiça da crítica.

Blake, Shelley, podiam ter mais cultura, nunca tanta inspiração nem tanta espontaneidade criadora. Nenhum fez do amor ao belo, ao culto da Beleza um princípio



essencialmente poético. Sua vocação foi a mais legítima de que temos notícia. Foi leal com os companheiros, honesto com os amigos, sincero para consigo mesmo, incapaz de uma incorreção em relação a quem quer que seja.

Tudo o que hoje ainda amamos como verdades eternas, princípios permanentes de nossa admiração, Keats amou e venerou. Deus, a natureza e a vida tal como saiu de suas mãos.

Seu nome, doce demais embora para os brutos e para os materialistas, tem algo de feminino. Mas ele não foi na sua vida nem nos seus gestos, nas suas emoções e nas suas atitudes. Seus colegas de escola, afirmam seu temperamento viril, seu entusiasmo pelos esportes, especialmente pelo *team de baseball*.

Não o admiramos somente pelo seu amor frustrado, sua precocidade. Nossa admiração vai além do culto que prestamos aos seus sonetos e as suas odes. Ela atinge o seu túmulo, em Roma. Se seu nome foi escrito n'água, é por que a água reflete a pureza de Deus. E nossas lágrimas regam sua tumba, tornam sempre verde a relva que a rodeia.

### Annabel Lee<sup>51</sup>

Edgar Allan Poe sempre perturba o meu espírito, sempre inquieta minha alma desfalecida. Não sei se é porque amamos a mesma mulher, ou se sofremos a mesma dor. Tudo que amo, amo como ele amou, sozinho. E não é assim que devemos amar? Que vale o amor prostituído, tornado coisa para todos?

---

<sup>51</sup> Presente também n' *O Testamento de Jó*.

Não vivo sem Annabel Lee. Eu a amo, eu imploro a Deus que jogue no inferno da mais absoluta falta de amor, os que a separaram de mim. Não sei onde ela está, ignoro em que quadrante do céu ou da terra, ela se encontra.

Vivo como numa praia desolada, praia sem costas e sem silêncio. Nenhuma imagem, salvo a do mar, nenhuma idéia, com exceção de Annabel Lee.

As espumas, me parece uma mortalha branca para o meu esquife. Sou um homem fatal, sem esperanças.

Não vivo sem Annabel Lee. Seus cabelos são como uma floresta para mim. Suas mãos, quando as sinto tocando as minhas, são como as mãos de que nos fala Hart Crane, são feitos, acontecimentos heróicos.

Annabel Lee, minha fonte e minha relíquia. Por tua causa, não tenho mais alegria. A primavera que todos amam, não existe para mim. Por isso não perdoarei aos que te arrebataram de mim. Como irão os anjos te chamar no céu? Serás Eulália, Irene, Lenora?

### **Um pássaro me hás de dar**

De Zila Mamede tenho em mãos, com um oferecimento raro (fala na minha angelical Annabel Lee) o seu último livro de poemas, *O Arado*. Antes de ler o livro, tinha me seduzido o título devido o seu sentido campestre de algo que prepara o fruto da terra, a flor e a colheita. Para uma pessoa como a minha, que viveu no campo durante um longo período de sua existência, que cultivou a terra como um simples camponês, que agradeceu a

Deus os frutos da terra, molhou-se com o orvalho e a chuva das pradarias verdes e olhou para as montanhas de Deus com os olhos de um Bernardo de Claraval, esta poesia pura, clara, viva, não poderia deixar de causar uma impressão profunda.

Não sou como (Zila Mamede muito bem sabe) nenhum guardador de rebanhos como o foi nosso querido amigo Alberto Caeiro ou mesmo um pagão, mas sim uma pessoa que chora sem saber por que ou um simples admirador seu que traz agora da fonte dos seus olhos, uma mansidão de silêncio apenas para pousá-la neste rio profundo como a sua alma.

*O Arado* lavra a terra mãe, traça vincos, sulcos no solo, revolve o chão do nosso pensamento, deixando a terra pronta para a semente que nos dá o trigo, o milho e a papoula.

Gosto do seu rio e da sua ponte, do seu açude e do seu banho bucólico, como lendo o seu “Cavalo branco”, tenho saudades do meu, que, por fantástica falta de coincidência, não era branco e sim preto, preto como a noite sem luz e sem estrelas.

### Noite

Vem, afaga-me em teu seio, alimenta-me dos teus encantos. O dia não tem mais beleza para mim, estou cansado e aflito como um caminhante e procuro um abrigo em tuas sombras.

Vem, destrói em mim todos os pensamentos dolorosos, todas as minhas inquietações e dá-me como conforto o sono, o sonho e o carinho maternal de tuas estrelas e dos teus cantos.

Dormindo sou um anjo, acordado sou capaz de ódio e de rancor contra os que me cercam. Noite, tempo feliz, ausência da luz, sombra da morte benfeitora, libertação e consolação para os aflitos, para os que não mais sonham acordados nem são como seus irmãos os outros seres humanos!

Amo-te hölderlinianamente. Sei que tu és bálsamo, alívio e orvalho. Existes, como reconforto, remédio para os que são descontentes e insatisfeitos com tudo. Amo-te ainda como Novalis, como Nietzsche e outros que compuseram hinos a ti, noite quieta, calma e murmurante.

Perto de ti não sinto a solidão dos deserdados e dos desprotegidos, não me sinto como mudo e sim com uma voz, como fonte e como saga. Vem, portanto, dá-me sono, repouso para a minha face lívida, acalanto para meu ser, abismo e silêncio que me chamam<sup>52</sup>.

### Necessidade de Edna

Se estou no cinema, penso nela, ou se vou a praia. Nunca a vi, mas recordo. Sinto-me parte do seu mundo, do seu amor, do seu mar. Para onde vou, levo-a comigo, sinto-a ao meu lado.

---

<sup>52</sup> O parágrafo final é um pouco diferente da versão que apareceu no livro *A Colina de Deus* (1967). No livro, a diferença principal, comparando as duas versões, é a seguinte: “**Vem portanto, e dá-me o sono reconfortador, repouso para a minha alma lívida, acalanto para o meu ser, enquanto abismo e silêncio me chamam**”.

Edna constitui o meu tormento, a minha aflição. Nunca a vi, mas recordo. Sua face, meiga e setentrional, como a face de que falou o poeta Hart Crane louvando uma urna.

Não sou amante de figuras gregas, porém, Edna, tem algo da arte grega, de harmonia, serenidade, ternura.

Um dia a encontrei. Talvez numa repartição, num clube, num cinema mesmo. Ela esta em toda parte, sobrevive ao efêmero e ao medíocre. A única recordação sua que tenho é um poema. Chama-se “Meu amor foi embora, sinto-me abandonada, não sei o que fazer”. Não, Edna, teu amor não foi embora. Vive te procurando todos os dias, todas as noites, com saudades de ti, esperando que um dia, volte um segundo abril para ti. Saberei, então, que mais preciosa que todas as rosas do mundo, é a luz dos teus olhos, e que ninguém aprova a separação dos corações amantes, a destruição do amor, da beleza, do ideal e da ternura. Edna, a que nunca vi, mas recordo.

**Prêmio cidade do Natal**

Denuncio ao público o descaso do senhor prefeito de Natal e a falta de iniciativa cultural do responsável pela Documentação e Cultura. Concorri a um prêmio<sup>53</sup> junto com mais quatro candidatos e até hoje não vi nenhum resultado efetivo. Não basta noticiar na imprensa que determinados candidatos foram vitoriosos. Não. Cumpre dar-lhes o que eles têm direito. Sabemos que o prêmio era para ser entregue no período do Natal e estamos em fevereiro e nada. De vez em quando sai uma notinha acanhada no órgão oficial declarando que ainda não foi marcada a data, as entregas dos prêmios, alegando o autor das notinhas que nem todas as medalhas foram feitas.

Francamente! Nunca vi tanta demora na confecção de umas simples medalhas! A não ser que elas sejam milagrosas, que tenham ido paro o Vaticano para serem benzidas pelo Papa, aí está certo. Mas, do contrário, este argumento não convence nem aos mais ingênuos, pois estamos vendo que trata-se de uma excessiva má vontade e desconsideração com os vitoriosos. Outra coisa. Os trabalhos mais importantes apresentados (de acordo com o que me disse o próprio dirigente atual da Documentação e Cultura) foram dois: um sobre Proust e outro sobre Rimbaud.

Lemos na República de domingo último que os trabalhos “seriam publicados parceladamente” sendo o primeiro, um ensaio sobre geologia. Sinceramente. Tenham mais pudor, vergonha. Onde foi que já se ouviu dizer que estudo sobre pedras, resíduos minerais ou fósseis, fosse mais importante do que Proust ou Rimbaud!

Me respondam. Onde, como e quando receberemos o prêmio de que temos o direito líquido e certo? Onde está a responsabilidade do atual prefeito? Ou este prêmio faz parte de

---

<sup>53</sup> O “Prêmio Cidade do Natal” foi um concurso literário promovido pela prefeitura no final do ano de 1959. O poeta Walflan de Queiroz concorreu na categoria “ensaio” com o trabalho *Considerações sobre Rimbaud*, conquistando o primeiro lugar.

um plano de demagogia política? Senão, me devolvam os originais, e ficarei sabendo que o “Prêmio Cidade do Natal” não passa de um embuste.

Se tiver de concorrer de agora por diante a um prêmio, não será mais a um destes, que nem satisfação sabem dar aos concorrentes.

Não tem importância. Aposto com quem quer que seja que o atual prefeito nunca leu Proust nem Rimbaud. Ou seja, nunca aproximou-se da arte pura nem da poesia pura.

Vocês que estão organizando um baile de Pierrot, que vão dançar e beber como bons foliões, eu peço, não esqueçam de mim. Sou um pobre Pierrot. Possuo seus olhos, sua tristeza e seu riso. Garanto que vocês vão me deixar entrar, mesmo sem fantasia. Não resisto ao samba nem a frevo.

Não brinquem sem mim. Não bebam sem mim. Minha Colombina existe na minha imaginação. Sou um pobre Pierrot que tem a infelicidade de procurar o mar quando se sente triste e de olhar para os astros errantes de Deus quando sente saudades de Colombina.

Imagino o marinheiro Di Navarro num baile de Pierrot. Ele que também vive em terra, longe do horizonte e do mar de sua infância, pintando figuras tristes de pássaros e de peixes. Ou mesmo Berilo, recitando Murilo Mendes ou Deolindo Tavares. Ou Nei, guardando este silêncio e esta fidelidade ao princípio da Beleza.

E o rimbaldiano Sanderson Negreiros? Que Pierrot ele será, poeta da aurora e do anjo em exílio?

Garanto que estarei com vocês. Afogarei minha dor na alegria comum de Pierrot e de Colombina. Não brinquem sem mim. Tenho todas as razões para beber e para dançar. Sou um coração solitário, um Pierrot triste que não precisa de nenhuma máscara sobre sua pobre máscara habitual.



Se sempre fizéssemos o que queríamos, o mundo não seria este lugar insípido de tantas chateações. Sinto por exemplo, no momento, uma invencível vontade de viajar e não posso. Não saio de minha prisão diária. Prisão semelhante aquela de Van Gogh. Tenho vontade de ser útil, de me sacrificar pelo próximo e não posso. Algo de terrivelmente fatal, desce sobre mim o seu véu pesado e medonho.

Gostaria de ver os vales perdidos de Homero, as águas tranquilas das ilhas gregas. Gostaria de olhar Londres fria e soturna do alto da Torre de Londres onde perderam a vida tantos príncipes e tantas princesas. Indo a Paris ver a casa de Proust na rua Malherbe, ou em Charleville, a de Rimbaud, na praça Luís, o Grande.

Se pudesse, tomaria um navio rumo ao mar do Norte. A beleza da paisagem e a suavidade do clima me prenderiam para sempre. Fosse em Oslo, em Copenhague ou em Helsink.

Sonho de quem está realmente em uma prisão. Como naquele soneto de Shakespeare. Surge a imagem da amada. Tudo se transforma. Não quero mais ir para nenhuma parte. Como um rouxinol, levanto voo ao amanhecer e quebro as grades da minha prisão, atormentando o paraíso com os meus cantos. Tudo não passa de uma consolação. Em Shakespeare, tudo é consolo e profundidade, gênio e poesia eterna.

### Sempre Rilke

Rilke identifica-se com Picasso na quinta elegia de Duíno. O quadro de Picasso, “Os saltimbancos”, era de propriedade da senhora Hertha Koenig e com sua autorização, morou Rilke em seu castelo na Áustria para melhor sentir o efeito da criação do pintor espanhol.

Nesta sua quinta elegia, Rilke nos mostra o vazio, o nada da existência humana. O inferno não pode ser outra coisa. Terrível lugar de vazio e de indagação. Nele procuramos saber onde fica o bem e a felicidade.

Somos todos uns saltimbancos de Picasso. Uns mais gordos, uns mais magros, uns velhos, outros jovens e mesmo crianças, mas todos saltimbancos. Estamos juntos, vivemos no mesmo planeta, olhamos um para o outro e não nos interessa o drama dos outros. Cada qual contempla o seu próprio vazio.

De nossa tristeza, que restará? Um sorriso de palhaços. Tão belo sorriso que poderia ser guardado num vaso para efeito purificador. Feita a pirâmide humana ante um palco sem público, sorrimos gentilmente. Rilke que compreendeu o sentido metafísico de nossa angústia bem sabe que nesta ordem terrena estamos sem socorro e indaga. Quem são estes errantes, um pouco mais fugitivos que nós mesmos?

### O Tempo dos Assassinos

Este tempo em que vivemos tem muito de um tempo de assassinos. Tempo de guerras imperialistas, da divisão do mundo em dois campos, da ascensão de uma classe nova ao poder e do destino político de outra.

Rebeliões, fome e aumento da miséria em que todas as nações onde seus destinos ditados pela política interior e exterior não estão em suas mãos. Os Estados Unidos, nação que dirige o destino de meio mundo, tem umas coisas que não admito. Não gosto de discriminação racial. Não aceito a morte de Chessman<sup>54</sup>.

Sou de opinião que, quando os americanos mataram o casal Rosenberg<sup>55</sup>, eles tinham boa razão para isto. Tratava-se de um crime de alta traição. E mesmo quando eliminaram Vanzetti<sup>56</sup>, tinham suas razões políticas para tal punição. Mas, o caso Chessman, este não. Nossos sentimentos são convulsionados. Nosso coração rebela-se ante tal assassinato. Um homem declara-se inocente, prova sua não culpabilidade, convence a opinião pública mundial de sua recuperação moral. Para que matá-lo?

Acontece que esta cadeira elétrica não pode ser desmoralizada. Ela serve de índice para uma civilização.

Pensava que os Estados Unidos fossem os seus Poe e os seus vagabundos, como Hart Crane. Não. Os Estados Unidos são também cadeira elétrica. E o assassinato de Chessman marcado para um dia que não tem mais significação para quem sofreu tanto na prisão.

---

<sup>54</sup> Caryl Whittier Chessman foi um americano condenado à morte sob a acusação de crimes de estupro que supostamente ele teria cometido. A sua condenação foi muito questionada

<sup>55</sup> O casal Rosenberg (Julius e Ethel Rosenberg)

<sup>56</sup> Bartolomero Vanzetti e Nicola Sacco ficaram conhecidos mundialmente como Sacco e Vanzetti, imigrantes italianos condenados à morte por assassinato na década de 20.

## Carnaval

Carnaval sempre foi coisa de jovens e de pessoas que gostam de beber e brincar. Os que estão afastados da alegria e os que vivem apáticos e indiferentes, não sabem o que o carnaval proporciona.

Somos latinos e como bons latinos temos esta tradição no sangue de nossas veias, como seiva. Bem fizeram os que estão sendo acoimados de invertidos sexuais, quando organizaram um baile de Pierrot. Deram uma prova de amor aos velhos tempos românticos, das festas populares, onde a alegria toda espontânea e natural, brotava como água uma fonte. Fui um Pierrot naquela noite e continuarei sendo para o resto da vida, embora me chamem de tarado ou invertido.

Desconfio dos que se dizem muito homens e não sabem encontrar o sentido estético e humano de um Pierrot. Ele chora por Colombina. Sente a solidão do abandono e da procura. Ela, Colombina, sabe que ninguém a ama mais do que Pierrot e que os outros tentam impedir que se efetue uma aliança entre ambos.

Este amor negado, amor de pássaro e de criança, de Pierrot por Colombina, não desaparecerá nunca enquanto existirem poetas no mundo, enquanto na terra houver vinho, música e alegria.

Não, meus amigos. Vocês estão enganados. Pierrot tem pureza. Colombina tem beleza. E o Carnaval não acaba. Simplesmente por que a vida não para. E não somos invertidos, tarados, bêbados, imoralistas gidianos. Os que, como eu, sabem da tristeza de

Colombina e dos olhos eternos de Pierrot, não se importam com pedradas nem escurros dos demônios mascarados das esquinas e dos cafés da cidade.

### **O olhar perdido**

Senhor, tenho vontade de entoar para ti, o meu Miserere. Não o farei. Senhor, porque mais piedade do que eu, merece a grande Babilônia que jaz entregue ao seu pecado e ao seu crime.

Grande foi a sua orgia, grande foi o seu pecado, Senhor. Todos correram ao chamado do Grande Inquisidor e todos te negaram, voltando os seus olhares para a sua luz.

A cidade hoje, Senhor, não é mais do que um montão de cinzas e não temos sequer água para nela beber, porque suas fontes secaram e seus rios estancaram.

E eu, Senhor, que te pedi? Pedi o meu próprio esquecimento, a minha completa renúncia ao mal e ao crime. E o que vi foi a opressão em lugar da liberdade, a truculência mascarada de amiga, impedindo a alegria, o amor e prazer de Pierrot.

De tudo o que passou que resta? A saudade de Colombina e do baile em que estivemos juntos, quase uma eternidade. Indo embora Colombina eu pensei no mar e no campo. No mar dos seus olhos, no campo do seu amor feito de açucenas e cordeiros brancos como Cristo.

Mas, tudo tarde, Senhor. Colombina foi embora. O carnaval acabou. A grande Babilônia ainda perdura na sua luta contra o Cordeiro. E Pierrot continua meu amigo, me auxiliando a achar aquele olhar perdido de Colombina.

### Seu era o crepúsculo, a aurora, e as cores da terra

Entre os que realmente foram grandes, encontramos Rupert Brooke. Foi um soldado britânico e como um bravo soldado morreu em campo de batalha durante a primeira grande guerra. Não tinha mais do que a idade de Keats e menos de que a de Shelley.

Não morreu senão de amor como Keats. Seu naufrágio, apenas diferiu um pouco do de Shelley.

Seu era o crepúsculo, a aurora, e as cores da terra. Amou os pássaros, as fontes e os córregos murmurantes. Soube como poucos, ser grato aos amigos e devolveu de muito longe, “o riso”, aprendido dos amigos, a bondade, nos corações em paz, sob um céu inglês.

Poucos deixaram tanta saudade como este soldado, enterrado em solo estrangeiro. No *Diário* de Katherine Mansfield, encontro esta passagem: “Sonhei hoje com Rupert Brooke. Vi-o à porta da rua com um saco de alpinista às costas e a sombra do chapéu projetada no rosto”. Este foi um sonho, tornado para sempre nosso. Sonho com os mortos livres e silenciosos.

Eu imagino-o nos Mares do Sul. Numa ilha como Samoa ou Fiji, nos belos braços de chocolate de uma beleza taitiana, olhando o mar e vendo os peixes saltarem das águas translúcidas como cristal. O bravo ama a luta, por isso morre em campo de honra. O bravo sempre uma radiante paz nos corações que ficam.

### **Edifícios Brancos**

Nosso século produziu fenômenos como nenhum outro. Duas grandes guerras e uma revolução que modificou completamente a estrutura das relações econômicas internacionais.

No campo da arte e da literatura vários movimentos procuraram explicar e situar o homem no plano da realidade objetiva. Surrealismo, Dadaísmo e Modernismo, Imagismo nos Estados Unidos e Expressionismo na Alemanha. A Idade da Máquina trouxe ao homem conforto, não paz e segurança no seu próprio destino. Criou contradições imensas entre possuidores e não possuidores, proletários e capitalistas.

Tinha que aparecer alguém que procurasse explicar esta angústia do homem contemporâneo, não filiado ao dogma do marxismo e sim pela arte livre e espontânea, pela voz de sua própria natureza de poeta e de místico da Idade Mecânica.

Este poeta foi Hart Crane. Construiu um símbolo. Uma fé. Acreditou no Mito que mais tarde o levaria ao suicídio: O Mito da Ponte. Hart Crane quis ligar a realidade visível ao invisível e o passado ao presente.

Bem sucedido ou não na sua tentativa, o fato é que não podendo mais suportar uma existência de exilado no México, optou pelo suicídio no Orizaba.

Não foi suficiente para Hart Crane cantar os arranha céus de Nova York, estes monumentos dirigidos contra o infinito, edifícios brancos que escondem a grandeza do

orgulho e da soberba humana. Grandes alojamentos onde pode ser decidida a sorte do mundo, sedes como são de bancos e de empresas colossais.

Hart Crane foi mais além. Impregnou-se daquele “império selvagem de vagões e de estradas de ferro”. A atmosfera tropical do golfo do México e a claridade pura dos luares no Mar das Caraíbas, extinguem qualquer pensamento de derrota ou niilismo que possa haver na sua poesia.

Era preciso ter confiança no futuro do homem. E Hart Crane, continuando a tradição de Walt Whitman nos Estados Unidos, seguindo as pegadas de um Melville ou Rimbaud, cumpriu sua missão humana e deu sua mensagem ao mundo.

Forte sem dúvida foi o furacão que ele presenciou no Mar das Caraíbas, derrubando casas e chão. Porém muito mais forte foi sua confiança no homem e no destino da poesia.

Se o seu exílio não teve ressonâncias mais profundas, a culpa não foi do seu grande purgatório interior e sim da surdez dos seus concidadãos que, presos em seus grandes edifícios brancos, esqueceram a sua voz e o seu canto de profeta.

Não o devolvam a nenhum prazo. Esperemos que as espumas conduzam-no ao Paraíso.



### Nietzsche e eu

Nietzsche foi como uma aurora para mim. Jamais poderia considerá-lo um crepúsculo. Devo-lhe à libertação de muitos prejuízos religiosos advindos de uma tradição que em lugar de elevar o espírito, prefere embolá-lo com falsas noções sobre fé, imortalidade da alma, Deus e outras coisas belas, mas que muitas vezes servem de obstáculos ao pensamento. Admirei nele sempre o homem sincero, o homem possuidor deste afã da verdade que é uma característica dos espíritos nobres e independentes.

Infelizmente não foi compreendido no seu tempo. As vozes que o aclamavam vinham de outros países. De Taine, na França, de Strindberg, na Suécia, de Brandes, na Dinamarca.

Somente hoje, o compreendemos melhor. O existencialismo como filosofia de do nosso tempo, como problemática do ser, tendo figuras como Heidegger e Sartre, Jaspers e Marcel, colocam-no entre os seus precursores ao lado de Kierkegaard.

Pensadores católicos como Max Scheler e Unamuno, confessam-se devedores de sua contribuição e de seu pensamento, como um pensador que descobriu a origem dos nossos sentimentos morais, um analista da cultura humana no seu sentido global.

George Stmenal disse: “a realidade da natureza de Nietzsche, é ao mesmo tempo o cume do seu ser pessoal, do qual ele alçou voo até o reino dos desejos para a humanidade”.

Nietzsche continua sendo um problema pessoal do leitor. Sua negação do absoluto, seu ateísmo feroz, como também a angústia e o desespero que desolaram sua existência de asceta e solitário, fazem-no um dos homens mais enigmáticos do século passado, do século que deu o irracionalismo e o positivismo, o marxismo e o naturalismo sociológico.

Nietzsche descobriu em Dostoiévski o único psicólogo a sua altura. Não podia haver maior descoberta, quando sabemos que um completa e acaba o outro nesta dolorosa busca de Deus e da verdade. Um negando-o violentamente, o outro afirmando-o pela boca dos seus tipos angustiados e patéticos.

Nunca quis dançar sobre o abismo, porém se me descem oportunidade de andar por sobre os mais altos cumes, faria o que Nietzsche fez, dançaria sobre o abismo e seria um Alfa e um Ômega.

## Chuva

A chuva desce do céu como uma graça, molhando a terra seca e quente do nosso interior, derramando-se preguiçosamente por sobre os vales e os montes. O que antes parecia árido, torna-se suave, e o que era morno como fogo apagado há tempo, frio e úmido.

No momento em que acordamos e vemos a terra molhada, as plantas verdes e as flores jovens prenhes de orvalho e de gotas de chuva, sentimos como que a inocência dos nossos primeiros contatos com a natureza, sempre pródiga e fértil em suas doações.

A chuva precisa molhar tudo. A terra, a casa em que vivemos, a rua por onde passamos e mesmo a gente. Senão não é a chuva. A melhor chuva é que a molha o interior da casa, os papéis, os livros, os móveis.

Não podemos achar entediante, ou mesmo dizer qualquer palavra feia, por causa da chuva. Ela não tem culpa de nada. Cai espontaneamente do céu e vai embora como veio. Sem ninguém mandar nem chamar. Não gosto de raios e confesso que tenho medo de trovões como qualquer criança de oito anos. Mas, não tenho maior alegria que aquela vinda branda pela chuva branda e quieta, chuva de caju muitas vezes, que deixa uma saudade e um vazio na gente quando acaba.

No campo mais do que na cidade, sabemos o valor da chuva. As nuvens densas acompanhadas de vento forte, a distância do horizonte interrompida pela cerração, o bulfício

das aves em agitação, tudo anuncia a benção que cai do céu, provocando mais tarde a colheita e a satisfação do homem do campo. Tenho horror à sede. A água representa para mim o espírito de Deus, a magia da criação. Sem água, não tínhamos o mar, e sem o mar, os peixes, e sem os peixes, não tínhamos nenhum símbolo. Bendito seja a chuva.

**Uma obra clássica da ciência sociológica:**

***Questões fundamentais do marxismo de Plekhanov***

Quando o movimento operário estava nos seus anos de formação revolucionária, apareceu a obra de Plekhanov, intitulada *Questões fundamentais do marxismo*<sup>57</sup>. Vive-se entre a década de 1905 e o período agitado de 1917, época, portanto, decisiva para os destinos revolucionários da velha Rússia, pois, marcou a eclosão da maior revolução que a história conheceu, a revolução dirigida por Lênin e que destruiu o poder da burguesia como classe, instaurando o governo das grandes massas humanas, até então vivendo na mais absoluta miséria física e moral.

Plekhanov chegou mesmo a ser professor de Lenin, influenciando-o nos primeiros anos de educação marxista, dando-lhe uma visão materialista sólida daqueles problemas que, por serem humanos, são universais.

Não se pode negar a contribuição de Plekhanov à sociologia marxista, sob pena de se fazer injustiça a um dos maiores nomes entre os ideológicos da classe que olha para o futuro. Possuindo imensa formação filosófica, conhecendo de perto a contribuição da filosofia alemã no pensamento humano e estando a par de toda ciência burguesa do seu tempo, Plekhanov sempre foi considerado perigoso às classes parasitárias, sendo o seu pensamento uma arma bem ornamentada de exemplos concretos e objetivos.

Sua noção da unidade do sujeito e do objeto, bem assim como sua refutação dialética do kantismo como filosofia dualista e idealista, firmando-se nas bases materialista de Feuerbach, confirmam as conquistas posteriores do desenvolvimento do marxismo. Plekhanov elucidou, sem temores, a velha questão entre o ser e o pensamento, antepondo a matéria ao espírito hegeliano, provando com argumentos irrefutáveis as inconsistências

---

<sup>57</sup> Gueorgui Plekhanov [1856-1918] foi um marxista russo, autor desta mencionada obra *As questões fundamentais do marxismo*. Walflan de Queiroz escreve o artigo, como um sociólogo, de formação marxista.

doutrinárias do idealismo. A matéria para Plekhanov, assim como para Lenin, é a realidade objetiva, existindo independentemente do sujeito que a percebe. Lenin chegou mesmo a indagar se ela, a matéria, não poderia pensar continuando assim a interrogação nominalista de Duns Scott, que, sem querer foi materialista.

Plekhanov possuía, como poucos marxistas, o dom da exposição clara. Muitos pontos da exposição sociológica marxista permaneciam obscuros para os leitores operários, tendo Plekhanov explicado com extrema facilidade os aspectos densos desta sociologia, que sem se unilateral, afirma o sentido pluralista da evolução histórica.

Sua exposição, por exemplo, da “ação recíproca”, em sociologia, tem um valor permanente para os estudiosos da causalidade social. Não existe um fator que “dá o sinal de partida” diziam os cientistas burgueses. Não. Afirma Plekhanov. O fator principal da história é o econômico, sendo os outros fatores capazes de atuação sobre o econômico, dando como resultado o acontecimento histórico, que equivale a paralelogramo de forças. Mas, em última instância, o econômico é quem fala sempre.

Notamos em Plekhanov uma enorme vocação para a polêmica. Sabe refutar, com notável maestria, os falsos argumentos dos ideólogos burgueses do seu tempo e que sem dúvida, continua sendo os mesmos, de hoje em dia. Quanto à verdade da interpretação materialista da história, mostra Plekhanov que mesmo os pensadores das classes dominantes, (no caso um norte-americano chamado Seligman) acabariam reconhecendo-a realmente, pois teriam que por em ordem suas concepções históricas.

A compreensão do fator político como motor do desenvolvimento histórico é perfeita em Plekhanov. É indubitável, diz ele, que “as relações políticas influenciam no movimento econômico, mas é também inegável que, antes de influenciar sobre este movimento, são criadas por eles”.

São estas pequenas elucidações sobre a influência do ideológico na economia que fazem a grandeza de Plekhanov que, sem hesitações soube refutar as argumentações desonestas, os adversários de Marx e de Engels.

Plekhanov insistia sempre na importância do meio geográfico. O estágio das forças produtivas dependiam sempre das condições do meio físico. Este meio servia de base para ávida material dos homens, auferindo suas conclusões dos estudos da antropologia cultural e da geografia humana de Ratzel e de Jean Brunhes.

A determinação do modo de existência sobre o pensamento, que não é mais do que a confirmação da tese de que o homem é produto de suas relações sociais, e que a existência condiciona a consciência, é exemplificada com um trabalho de Von Stein a propósito dos índios do Brasil Central. Von Stein afirmou no seu livro *Entre os índios do Brasil Central* (Berlim, 1894) que “a fonte principal de sua experiência era o contato com os animais, e é sobretudo desta experiência que eles se valem... para explicar a natureza, para formar uma concepção do mundo”.

Incontestavelmente muito deve a teoria marxista do conhecimento a Plekhanov, sábio de formação revolucionária que, atuando nos meios clandestinos da Rússia feudal e czarista, dirigiu seus olhos para o campo dos oprimidos e dos sofredores, não compartilhando com as alegrias criminosas de uma classe apodrecida.

Como crítico de arte, importante foi também sua contribuição, deixando as melhores páginas sobre Berlisnki e Tchernichevski. Plekhanov via na pintura francesa do século XVIII um reflexo das lutas de classes que se processavam no interior da sociedade. O Romantismo, reação contra a revolução, tinha caráter intimista e idealista, deformando a realidade nova que aparecia no horizonte.

Acredito que o inolvidável autor do romance *Que fazer*, o socialista Tchernichevski, tinha razão quando disse: “Aconteça o que acontecer, será de qualquer modo o nosso campo que festejará a vitória”. Aplicando estas palavras a Plekhanov, estou certo que a história lhe fez justiça, confirmando muito de suas previsões sobre o movimento operário, dando o poder aos soviets na velha Rússia de Dostoievski e de Tolstoi, um mujique, o outro um cristão utópico, que não compreendeu os verdadeiros interesses dos camponeses, por ser um terratenente.



Judas traiu por inveja, por avareza, traiu o Cristo por que era ladrão e um assassino. Queria o reino das pedras transformadas em pão, queria o milagre de lançar-se do alto do Templo. Por isso sua culpa não tem perdão, porque mesmo a recusa de uma aproximação com aquele que poderia pelo amor lhe redimir, ele recusou. A maior culpa é a recusa do amor.

Era o filho da perdição, para ele não teve nosso doce Salvador, quando dependurado na cruz, um olhar sequer. Judas, símbolo de trinta moedas ridículas, que não serviram sinal para comprar um campo de sangue. Judas, o hediondo, o Mar de Sodoma.

Se o Cristo é a causa adequada de nossa redenção, se o Cristo não somente vive ainda como tem todo o poder, claro que não teremos todo o Mal de Sodoma, que é o espírito do ateísmo, da deslealdade e da morte. Cristo, ressurreição e glória, amor infinito.

O mistério de Maria ainda não foi desvendado pelos que se dedicam ao seu estudo, que, nos fornece, devido a sua retumbante beleza, tamanhos encantos e nos enche de tantas graças. Para muitos, como para mim, Maria, não cessou de entoar o seu canto de submissão e de alegria. Para outros, ela continua ao lado do filho, participando de sua crucificação no monte do Gólgata.

Seja como for, entoemos o Magnificat ou recitemos o Sabatt, ela permanece a mesma, sempre a mulher intacta, não restaurada, pura, não contaminada, livre do pecado original, inocente em sua submissão e poderosa como mãe de todos os homens. A nova Eva. A segunda primeira mulher.

Eu a amo de longa data. Ela vive em mim junto as flores e os cardos. Qual um orvalho descido do céu, qual uma rosa cujo cálice abre-se para o infinito onde mora Deus, qual uma margarida dolorosa.

Senhora do silêncio, agora que o sentido de Deus e do pecado tendem a desaparecer do mundo, agora que o Mal de Sodoma apodera-se das consciências amparai-me, Senhora.

Vivemos num mundo onde os valores são os do Adversário. Judas impõe o seu cetro. Este é o momento, Senhora, em que precisamos cair como uma criança em vossos braços maternos. Sim. Por que somente para os pequeninos haverá lugar no Reino.

Envolvei-me em vosso manto de águas marinhas. Faze com que, vindo o momento do crepúsculo, adormeça docemente em vossas mãos. Fonte de cristal e rosa da memória, quem sonda o meu abismo íntimo, quem perscruta meu olhar para o infinito?

Virgem, a quem dedico minha afeição filial, que como Pascal, como Verlaine, como Bloy, não me faltem a ternura nem a graça quando em peregrinação espiritual, atingir o fim de minha jornada, e vos contemple com esta criança nos braços, a verdade, o paraíso da antiga ternura reencontrado. Espelho de Justiça, sou daqueles que como Dostoievski, não ficam indecisos ante a apresentação da verdade e do Cristo. Como ele, fico sempre com o que representa o melhor, o Cristo.

**Guiar-me, suave luz**

Sonho que não vives realmente. Que o anjo da morte afagou-te, conduzindo-te para bem longe de mim. Ias, serena como uma fada, para uma terra onde corre o leite e mel.

Eu ficava entregue a minha própria solidão. Ouvia apenas o ruído ensurdecedor de um vento lúgubre, torturando-me como se eu fosse um adúltero, um terrível vento igual ao que ouvia o infeliz Paulo abraçado com Francesca de Rímini no inferno do florentino.

Foi melhor assim. Eu sou o leproso, o que esconde a sua face para não ser visto, o que traz no rosto a ignomínia da desgraça e que, em humilde e esperança, anseia pela ressurreição em Cristo.

De nada quase me lembrei. Era uma região de trevas e de luz. De trevas para mim, de luz para ti. Recordei apenas que te ofereci em outras circunstâncias, um livro de poemas. Neste livro havia toque de perdão, de silêncio e de ternura trazido do mar de minha imaginação. Antes tivéssemos sido como dois pássaros a boiar por sobre as espumas brancas deste mar!

O tempo passa. Tudo ficou como um túmulo romântico erguido numa paisagem onde havia uma ponte e um pequeno rio com cores amarelas, e desse rio saía uma sombra que parecia a sombra de Deus.

Sei que nasceste para felicidade indizível, para a morada dos espíritos amantes da pureza, bem aventurados, para o pão e para o vinho. Eu, de maneira diferente, nasci para amar e ser desamado, para viver e ser condenado, para habitar terras medievais, com esperança de libertação.

Nasci para ser testemunha das tábuas da lei. Nasceste para a contemplação do Eterno, para estares num altar, ali naquela capelinha de um apóstolo humilde do Senhor, São Judas Tadeu.

Eras como uma certa terra para mim, minha sombra passava por ela. Não, não morreste como anunciavam os anjos maus, como me comunicavam as estrelas, quando olhava as constelações.

Havia em ti um acento de eternidade que indica a solicitação de Deus para os que são chamados e escolhidos para viverem perto do seu coração, coração onde habita a justiça, a equidade e a misericórdia.

Vieste de longe para longe. Choro copiosamente ao saber que não moras mais naquela rua. Entanto, quando chove e vem o orvalho do céu, abrem-se as primeiras rosas de dezembro erguendo suas pétalas, abertas para a dor, batidas pelo vento e pela noite.

Guiai-me, suave luz. De onde estiveres. Não me esqueças. Para onde eu for, para onde eu olhar, te verei e te esperarei sempre. Que a noite desapareça e a manhã venha e aquelas faces de anjo, sorriam para mim.

### **A Inquietação de Pascal**

Não falo de Pascal que, com doze anos apenas, aprendeu geometria e que com dezesseis escreveu um tratado sobre as secções cônicas provocando a admiração de todos.

Não falo deste Pascal que deu contribuição aos números e que foi eminente na ciência de Fermat e de Decartes. Falo deste Pascal inquieto. Deste Pascal que renunciou ao mundo por Deus e que enclausurando-se na Abadia de Porl Reval, escreveu contra os jesuítas e defendem a tradição e o texto da escritura. Pascal que, em vez de ter sido arruinado pelo Cristianismo, como queria o alemão e o ateu Nietzsche, foi enaltecido, elevado, dignificado por ser um grande cristão.

Pascal tem muito de uma chama. Queima-nos quando o lemos. Como um astro luminoso, seu pensamento afluí delicadamente e qual um dissecador mordaz, analisa a nossa fragilidade, mostra nossa miséria e nosso vício. Pascal inquieto que era o Cristo mais do que a si próprio e mais do que as suas paixões. Que não compreendo nada ver este Cristo. Porém, seu Cristo vive na agonia do Horto. Seu Cristo verteu uma gota de sangue por ele. Logo, ele não o abandona.

“Consola-te, tu não me procuras, se não me tivesses encontrado”. São palavras proferidas por Jesus, quando dialogava com ele em sua solidão de homem que se conhecia a si mesmo. Impossível sermos cristãos sinceros sem sofrermos com Pascal. Um drama de uma consciência. Um drama de profundo amor a Deus como nunca houve na história do pensamento e da literatura mundial.

Falo deste Pascal que fundamentou a sua crença num vasto e imenso conhecimento da Escritura Sagrada. Deste pensador que procedendo como um bom geômetra, fez a demonstração do Cristo. Do que viu a coerência entre o Antigo e o Novo Testamento. Pascal viu a figura, mostrou o espírito da profecia, acreditou no milagre.

Falo deste Pascal, para o qual Cristo foi maior do que Moisés. Do cristão que, vivendo em luta contra a carne e a natureza, esteve em agonia, gemeu inquieto, pediu a Deus, o perdão. Do cristão trágico em seu anelo de imortalidade e de amor.

O Cristo deste Pascal para o qual tudo que não procedia da caridade, não tinha valor. Do Pascal que via em José, o Cristo inocente e traído. A França que nos deu Joana D'Arc e São Bernardo, este sábio e filósofo que amava e adorava ao mesmo Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob.

“Eu pensei em ti na minha agonia. Eu verti tais gotas de sangue por ti”. Assim lhe falou o Divino Mestre, aquele doce rabi da Galiléia que caminhava pelos campos, barba solta ao sol, pregando o reino de Deus, prometendo a eternidade como lugar, como experiência do coração.

Suas águas são estagnadas, negras, profundas como o abismo, densas como uma noite. Neste mar, tudo inspira compaixão. Suas margens, apenas divisam ligeiras brancuras de espuma que mal se deitam na praia. Parece que a epopéia de Israel termina e começa neste mar.

Este mar se parece conosco. Podemos ver também dentro da gente um mar igual a este da Palestina.

Meu mar, por exemplo, embora não seja tão negro, não é menos profundo.

Vou contar-lhes a história deste mar. Tudo fiz para convencer aquela mulher que se veste de róseo que eu a amava. Tornei-me um pobre clown pelas ruas de Natal, ela não me quis. Sentia apenas, por mim, um olhar compadecente, humilde e cheio de piedade. Fiz uma lenda sobre Deus e dediquei a ela, vi a aurora descer lentamente sobre mim, habitei numa montanha santa, chamada Sião. Mas ela continuou afastada de mim, e nunca procurou com seu aspecto tão doce, abrandar a minha dor.

Resolvi afinal, amá-la mesmo que ela não me quisesse, desejá-la mesmo que ela sentisse repugnância por mim, adorá-la mesmo que ela me evitasse, querer-lhe bem, embora os seus pesarosos com tanto infortúnio caído sobre aquela criança quase morta a bem, me atirassem pedras.

Sei que os anjos não são feitos para a dor. Os anjos são criaturas da inocência, refletem a pureza de Deus. E onde encontrar a inocência? Este foi o meu dilema. A minha contradição. Queria ofertar-lhe a inocência. Indaguei o abismo, ele me respondeu, que não a conhecia. Interroguei o céu azul, ele me disse, eu a possuo. Em vão, minhas mãos não alcançaram o céu e permaneci magoado, pensando comigo mesmo, “um dia encontrei a inocência”. Fui em busca da ternura, para presenteá-la. E observei que, senão Madalena,

tem ternura, porque ela untou os pés do Senhor em Betania. Mesmo assim, achei que ela não poderia compreender aquela santa, pois tratava-se de uma pecadora. E como ela, dentro do mistério da beleza universal, se me parecia isenta de toda mácula, de todo o pecado, pois Deus já lhe havia perdoado tudo em sua bondade, comecei a lamentar ela não ser Madalena para mim. Eu seria Jesus para ela. Mas não. Seu destino, assemelha-se ao das fadas dos contos de infância. Quero que ela mude as cores do meu crepúsculo. Torne o meu amor, vivo e não morto. Quero que ela vença a distância, atravesse o tempo e venha comigo para uma boda onde a pedido de uma mão sublime, Ele transforma a água em vinho do amor. E saia de sua falsa felicidade, por que seus olhos, falam de doçura e de meiguice, e as estrelas sentem necessidade de sua carícia.

Nada possuo, anjo azul, a não ser a minha pobreza. Sou o destituído de tudo. Sou pobre e só neste mundo, como diz o profeta. Tenho este mar morto. Mar interior. Mar de algas pesadas e de sal. Quem sabe se o sal não serve para aproximar as pessoas?



Não, não caminhas com tua beleza pela noite. Caminhas pelas tardes,<sup>58</sup> roubadas as manhãs doces e serenas. E minha dor foi tão grande quanto o mar. Mesmo o silêncio, que eu acreditava ter vindo de um conto de Tolstoi ou de uma sinfonia de Bach, mergulhou pela realidade, trazendo para a minha vida, um vento que tem o hálito de vida humana.

Minha solidão, como um sentimento que dilacera o ser, corroendo-lhe as entranhas, impulsionando minha alma para a piedade e o amor, aumentou dentro de mim, a saudade de não ver-te perto de mim, para que eu em silêncio, derramasse uma lágrima, matando minha angústia.

E o mar, velho solteirão que resmunga contra todos, permaneceu calado quando o vi pela última vez. Talvez porque estivesse mudado. Não era mais o mar de minha infância. Era o mar de minha amada que eu sentia distante, embora não houvesse nenhuma ilha e nenhuma gaivota pairava sobre suas águas azuladas.

Acreditei, durante certo tempo que poderias ser para mim, como uma estrela desgarrada, um astro que brilhasse sobre o lago onde não refletisse a lua, este anjo de asas tão pouco amigáveis.

Achei em seguida que, sendo tu uma criatura como eu sou e não um pássaro de deserto ou da estepe, poderias com teu olhar tão brando, amenizar meu sofrimento.

E eu te daria, amada, a eterna ternura de uma noite de verão, e te escreveria pudesse falar de Blake e de um poema inocente em que Hart Crane, sem o constrangimento de uma união impossível.

---

<sup>58</sup> No jornal há uma falha, ao que tudo indica, de tipografia. Originalmente está publicado assim: “[...] **Caminhas pelas tardes, pelos te toras roubadas as manhãs doces e serenas**”. Neste caso, em especial, fez-se necessário na digitação uma intervenção para que o texto walflariano não perdesse a beleza estética.

Mas, os sinos de San Salvador, não badalaram ainda e o Natal que foi tão triste, volta a ser como um conto oriental, tendo Maria ao lado de uma criança e sobre ela a veneração dos magos e dos pastores como que anunciando a todo o mundo o advento de um reino de paz, de amor e de felicidade para todos.

Não preciso lutar contra o anjo como o fez Jacob. Prefiro antes encontrar-te junto ao poço de Samaria. E sei que não me negarias da água que mataria a minha sede.

Tenho sentimentos bíblicos para ti. Caminhas, não pela noite, em tua beleza de anjo, mas sim, pelo Antigo Testamento, adormecendo comigo naquela paisagem de cordeiros de sol, tranquilo como uma promessa de Deus feita aos que o temem e o amam.

Vejo-te ao meu lado quando leio o livro de Tobias e te pressinto quando ouço a harpa de Davi ou escuto um cântico de Salomão.

Perdi um manuscrito raro. Este manuscrito tem nome. Com ele, abro a porta que me leva ao mundo da poesia e do amor. Tu tens este manuscrito. Ele te pertence como o aroma à flor, como o ouro ao crisol. Este manuscrito, esta caça espiritual, és tu.

Não tenho, amada, grosseria no meu coração. Sou como Rimbaud, este anjo que possuiu a graça de Deus, e que voltou, estando à noite já escura, para a casa do Pai. Realmente ele estava muito longe de casa.

### **Um pobre sonho**

Era uma vez um pobre poeta. Tinha um sonho. Não falemos em sonho com um poeta. O poeta vive sonhando. Gostava imensamente de mar. Lia os poetas ingleses, entre outros o grande Dylan Thomas. Mas sua sensibilidade o inclinava para Shelley e Coleridge. Mas, o poeta de sua predileção, era um norte-americano chamado Hart Crane. Talvez depois de Edgar Allan Poe, o único grande e autêntico poeta norte-americano. Pois naquela terra de abutres, não nascem poetas com facilidade.

Muito bem. Então o poeta conheceu uma ninfa de mar. Uma princesa, como aquela infanta do conto de Oscar Wilde. Eu era o anãozinho. Morreu do coração, quebrando-se sua vida como um fruto. Como lembrança, guardou uma rosa branca.

De onde vinha aquele silêncio que se curvava sobre a sua face? Vinha do mistério que circundava os olhos da Princesa. Da sua doçura. Do não sei de que amável e humano que mora em seus olhos silenciosos, dum silêncio martirizante de mundos e de anjos. Ela, a Princesa, era como a letra final do famoso poema de Rimbaud. O das vogais. Seu nome tinha um “T”<sup>59</sup> bem grande como de uma cruz antiga.

Qual o sonho do poeta? Seria o mesmo que perguntar ao próprio Rainer Maria Rilke, onde estão os dias de Tobias? E Rilke não responderia. Ele, o poeta que tinha um pobre sonho, a tornaria, esta Princesa, no seu anjo da guarda. Aquela que diria ao seu ouvido: eu sou a vida, não a morte. Ele a faria a sua amiga, a sua musa e a imortalizaria com poemas, música, canto, ritmo e alegria. Recordar-se-ia de onde a conheceu. Do mar. Por isso era grande a sua solidão, porque vinha do mar.

Tu, que eras como uma ninfa para ele trazida pelas ondas da tarde naquela praia, não o contamines com tua inocência. Provocas nele uma insônia, uma inquietação

---

<sup>59</sup> O fonema /T/, de Tânia. Filha do advogado Djalma Marinho. Esta paixão platônica, tema marcante na poesia de Walflan de Queiroz, resultará em um belo livro de poemas, *O livro de Tânia* (1963).

permanente. Mas, mesmo assim ele te amaria sempre. Tornei-me tão amigo de Rilke que invoco-o novamente. Ele “fala da mensagem nunca interrompida que nasce do silêncio”. Como tu, quando vem a noite, quando me lembro de tuas faces de anjo, quando sinto aquele mesmo amor de antigamente. O amor que levou São Francisco de Assis a falar com os pássaros e fez com que Orfeu descesse ao inferno para retirar de lá Eurídice que estava prisioneira. Do amor que move o sol. Que fez Cristo sofrer. E me faz te possuir, num espaço de um sorriso.

**Tânia**

O esquecimento é como uma canção. Ou uma árvore derrubada. De Tânia, eu nunca pude me esquecer. Guardo dela uma lembrança eterna em meu coração. Como a conheci, vindo de um mundo de poesia e de verdade, viajando no barco encantado de Shelley, como a vi em sua condição quase angelical, como senti a ternura de suas mãos delicadas e como sofri quando imaginei que algum mal poderia lhe acontecer neste mundo de aparências vãs e de contingências tão efêmeras.

Por sua causa, tive uma noite profunda, infinita. Tornei-me só como uma estrela. Desci ao abismo da mais negra desgraça. Fiquei entregue ao meu destino de pária e de poeta que mendigou sempre a Deus, um pouco de sua luz divina e do seu afeto.

Mas, não posso encontrá-la no abismo. Tânia não pertence ao mundo. Pertence ao céu. E é no céu de Cristo que quero encontrá-la.

Pudessem as lanternas brilhar. Então, contemplaríamos juntos aquele Cristo. Um Cristo sofredor, cujas barbas foram sopradas brandamente pelo vento do Egito.

O esquecimento é como uma criança. De Tânia, eu me lembro sempre. Ela vive em mim como a solidão que sobe ao céu. Jamais poderia admitir que Tânia pudesse morrer. Eu morreria com ela. Ressuscitaríamos juntos, com a força do nosso amor. Naquela confiança imortal que faz com que saibamos que o amor somente permite entrar no céu, os que se amam. E agora, que sei que ela vive, que tudo apenas foi uma ilusão e uma quimera, que nem a morte, nem a angústia tem sentido, posso me lembrar de Tânia, como quem recorda o arco-íris erguido sobre as planícies do mar.

Acreditei que não conheço Tânia de hoje. Vivemos juntos em outros mundos e em outros séculos. Não consigo descrevê-la como quero. Mas, acho que a conheci em outra

vida, uma vida passada. Apenas, não posso provar, nem a mim, nem a ela. Tenho certeza que a amei outrora, como a amo agora.

### Keats

Inglaterra. Terra de sonhadores e de poetas. De místicos e de aventureiros. Pela sua situação de ilha, favorece, ajuda a imaginação criadora. Ninguém vive sem uma ilha.

Mesmo que seja por poucas horas. E como são belos os campos ingleses!

Terra que nos deu Shakespeare e Blake, Shelley e Keats. No quadro do Romantismo inglês, num período de transformações básicas para a sociedade humana, época ideal de platonice e de melancolia, de amor aos humildes e de rebeliões contra a autoridade e a tirania, encontramos ao lado de Shelley e Byron, Keats.

Como era terna a sua alma! Como ao menor contato com o mundo exterior, sua sensibilidade vibrava! Um passeio numa praia ou um pequeno crepúsculo, e eram suficiente para que a sua imaginação criasse a beleza essencial. Nenhum poeta foi tão infeliz no amor, nenhum foi tão precoce e nenhum foi morto e arrebatado tão cedo.

Nem mesmo Shelley, este doce Shelley que escreveu sobre a cotovia e amou uma nuvem tão bem quanto se ama uma mulher. Shelley cuja musicalidade e doçura continuam sendo um destes milagres, um destes pródigos da natureza em um homem genial pela sua vida e pelo seu espírito, nem mesmo o próprio Shelley conseguiu abordar tão de perto e de apaixonante mistério que envolve a beleza.

Keats foi mais jovem e mais infeliz. Por isso eu o amo mais. Era belo como São Sebastião. Órfão cedo, não encontrou um berço rico. Teve que lutar e derrotar este monstro que chamamos pobreza. Keats foi sincero e puro. Morrendo, ele confundiu-se com a natureza.

“Penso que quando morrer, estarei entre os poetas ingleses”, assim disse Keats. Não somente entre os poetas ingleses, como entre os poetas do mundo. Enquanto existir a verdade, enquanto daquele fogo sagrado, enquanto os homens não renunciarem ao ideal e ao amor de Deus, em Keats vai permanecer intacta a chama de uma estrela brilhante, tranquila e inatingível.

Qual um eremita da natureza, era para ele essa estrela. E ele, hoje acende a sua luz, dando ao homem a certeza de que seu coração, embora muito fraco para o mundo, toca ainda as cordas de sua inspiração imortal.

Ao saber da morte de Keats, Shelley quase morre de dor. Escreveu a mais bela elegia que conhecemos depois da de Milton e a de Tennyson. Chama-se “Adonai”. Shelley diz que “Ele alçou o seu voo além das trevas de nossa noite”.

E que sua voz seria ouvida sempre. Realmente Keats não morreu. Na Inglaterra de Byron e de Yeats, de Dylan Thomas e de Wordsworth, ele vive como um farol. E mora onde mora o Eterno.

**A uma abelha do paraíso**



Que o anjo nunca encontre o outro anjo. Que ele viva só e volte só ao lugar de onde veio. Que ele faça de sua solidão um canto, uma prece meiga para Deus, e que nunca regresse ao seu lar, não sinta o vento, e nem siga ninguém ao meio da tempestade, ficando sempre em sua posição, posição de quem perdoa e de quem ama.

Que anjo caminhe pelo deserto, que ande pelos jardins do mar, mas, nunca encontre a lua embaçada em sua frieza, nunca encontre a rosa que o feriu, e que viva sempre exilado em si mesmo, inclinado em sua dor curvado ao peso do seu silêncio.

Que ele não desça às profundidades do mar, não conheça os poços do abismo, não olhe jamais para o céu de estrelas, pois este anjo não tem tempo, não tem noite, não tem mar e nem tem aurora. Somente tem a lembrança do outro anjo.

Este anjo possui a nostalgia do outro anjo. Este outro anjo vivia com ele antes de sua queda, eram felizes, e apenas o separavam, o amor de Deus, que era maior do que imaginavam.

Vive este anjo entregue ao abismo de sua tristeza e de sua angústia, e que, não escape de seus lábios a palavra que magoa, a incerteza que oprime, e que mostre sempre ao outro anjo, sua fronte sem maldade, porém nunca lhe revele o mistério de sua encarnação, de sua queda, e de sua redenção. Que ele nunca ofereça ao outro anjo, a sua angústia. Mas pelo contrário, lhe dê sempre de sua ternura, de seu silêncio e de sua doçura. Que ele nunca sofra a inquietação do infinito, que nunca sinta a suave delícia dum regato, não repouse as suas asas no rio que corre para o mar de sua solidão. Viva sempre nostálgico. Preso ao cárcere do seu destino. Quebrada a sua vida como um fruto que se deteriora ao sol, tendo como único consolo a esperança de sua redenção. Assim são os anjos. Chame-se o anjo Rilke, ou Hölderlin, ou Rimbaud. Não importa. O importante é que ele nunca encontre o outro anjo. Pois um anjo decaído não pode ver o anjo feliz. Um anjo que banha a face de

sua amada de brancura, não consegue viver um instante sem sentir dentro de si, o apelo dos rios, dos mares e dos pássaros que cantam, presos em sua dor.

**Tânia e o rio**

Tenho conhecido rios. Porém, como diz o poeta negro: “My soul has grown deep like the rivers”<sup>60</sup>.

Tenho compaixão e profundo amor pela tristeza que vejo pousada naquele rosto. Mona Lisa, com o seu sorriso enigmático, com sua beleza indecifrável, com o seu semblante triste, não se compara a ela. Ela comove o meu coração, ao ponto de não poder sequer andar pela rua.

Gostaria que o meu olhar transformasse a sua face, enchendo-a de brancura e placidez. Gostaria que ela soubesse que eu tenho outro rio para ela. Um rio como o Eufrates. Como o Nilo. Não aquele pequeno rio que nascia onde havia ternura e morria onde começava o mar. Um rio diferente. Porque “My soul has grown deep like the rivers”.

Um rio de cristal onde ouviríamos a cotovia de Shelley. Ela, a correnteza deste rio, não mais sentiria tristeza.

Tânia sempre foi como o mar para mim. Eu, poeta do mar, embora nunca tenha tecido lendas sobre o mar, sei entretanto que o seu fundamento é cruel. Difícil separar a concepção que tenho da poesia, da idéia do mar. A intuição que tenho do outro mundo, que é o único que possui uma verdadeira realidade, não se separa em mim, da idéia do mar.

E os rios correm para o mar. Tenho sede em minha garganta. Meu peito transformou-se numa tempestade de areia.

Penso no meu rio que correu, certa vez para o mar. Tânia, o lírio imóvel, não quero vê-la triste. Quero sentir o frio vento da primavera que ela contém em si.

Ela com sua inocência de pássaro e de anjo, tem muito de aurora e de canto que anuncia o morrer da noite.

---

<sup>60</sup> Verso do poeta americano Langston Hughes [1902-1967], o poeta negro, como ficou conhecido.

Não, não quero vê-la triste. Quero que ela ouça o meu rio, não como ouvimos o mar, mas como quem olha uma estrela. Em humildade e amor. Meu maior desejo seria repartir o pão do Natal com Tânia. O pão bendito que alimenta e que entenece.

Oh! Perdoa e esquece! No meu paraíso, morro de solidão. Falta-me a criatura do meu sonho, a rainha do meu coração.

Um farol guia, livra da tempestade, conduz o viajante para o abrigo seguro. És este farol, orvalho, camélia, crisântemo. Eu sou o viajante.

Meu rio não tem mel. Tem pedras, tem peixe e um pouco de lama como todo rio. Rio pra sonhar, para viver, como um ninho de caniços, como um beijo de mulher.

O mel te pertence. A doçura vem de ti. E lembre-se. Nele, neste rio que cresceu em meu espírito como o rio de que fala o poeta negro, canta a cotovia de Shelley.

### **Tânia e o Clown**

Mulher distante, sutil em seu encanto, longínqua como um barco e bíblica como Sara. Mulher que não muda, permanece, que não seduz, dá-se pelo culto ao amor.

Tu, que muito tens de Eurídice e de Penélope, não procuras saber o que se passa na alma de um palhaço! Se soubesses que, sendo tão trágico o seu destino, não pretende mais alegrar os outros, com sua estranha vocação de saltimbanco e de Pierrot!

Se soubesses como ele vive sem Colombina, sem condados e sem castelos de Espanha, entregue ao seu único sonho, o de poder um dia apalpar aquela estrela azul que cai do meteoro, dependurado pelo orvalho, pela rosa e pelo lírio.

Ah! Se Tu soubesses como ele se parece com o mar, este palhaço de mãos esmagadas e de pernas como a de Carlitos, como ele sofre por não te ver, por te esperar no cinema ou numa taberna, julgando que vendo-te exclusivamente, poderia dormir feliz e ouviria no dia seguinte o canto do galo e o desaparecimento da aurora!

Não, não procures nunca este Pierrot. Não penses nunca em sua angústia de anjo. Ele não tem picadeiro, não tem circo, não tem platéia. Nunca teve um carnaval ao seu gosto. Tem somente em sua alma triste, um Natal prometido. Um Natal com uma árvore e uma estrela, com Magos e com uma Virgem Mãe.

Este Natal, ele espera desde que, adolescente ainda, olhava a vida com olhos quietos.

E sua vida tornou-se uma folha ao vento. Um pequeno intervalo. Belo, porém doloroso, foi o canto que eclodiu. O cisne morre em busca de outro cisne.

Tu, que podes com tua bondade, salvar-lhe da dor e do riso do próximo. Então, quando tudo enfim, fizer silêncio, o barulho das vagas e o murmúrio das ondas, assim como o voo da gaivota e o seu grito, te agradecerei. Este Clown deseja as roupas do céu. Ele quer o azul profundo, o negro e o amarelo do seu sonho. Este Clown pensa em Tânia por que ela

o ensinou a sofrer, a amar, a esperar aquele judeu carpinteiro que falava aramaico, e que com um gesto ressuscitava o morto, com uma palavra fazia andar o parálítico.

**Decepção**

Desprezo fundamentalmente a hipocrisia. Este foi o mal que o Cristo combateu entre os fariseus. Este pecado, verdadeira pústula cancerosa, Ele, nunca perdoou.

Nada melhor do que a sinceridade. Ser sincero significa ser justo e humano. Significa ser bom para com o próximo, compreendendo que este amigo que nos estima, é nosso irmão pela condição de filhos do mesmo Criador, e que merece de nossa parte, a consideração e a atenção que ele tem conosco.

Acabou-se o tempo da justiça vingativa. Do coração de pedra. Estamos com um evangelho nas mãos.

Quando o Salvador, com sua sabedoria e sua ciência chamou o fariseu de hipócrita, quis com isso, dizer: Sepulcro branqueado.

Há pessoas que não venceram em si, esta chaga pustulenta. Sentem-se melhor com este pecado do que com a virtude. Talvez a virtude os fizesse um grande mal.

A vida tem lições eternas. Andar com uma prece de São Francisco de Assim no bolso, não significa com isso, que sejamos santos aos olhos de Deus, e que, no julgamento Final, Ele, nos perdoe.

Ela, a vida, nos ensina mais do que os livros e os tratados. Revela ao homem como ele é. Em sua conduta para com o próximo e em sua arquitetura moral.

Amar o próximo não significa dizer que vivamos abraçados com próximo. Significa não trair o próximo. Não fazer ao próximo aquilo que não gostaríamos que nos fizessem.

Se eu minto ao próximo, se eu não cumpro aquilo o que prometi, se são falsos os meus ensinamentos em relação a este próximo, estou em trevas e não na luz do Senhor.

Dizem os santos, que o pecado do mundo, é a avareza. Eu por minha parte acho que é a mentira. O medo da verdade. Ora, a verdade, liberta, torna o homem mais próximo do Criador.

Mentimos porque não temos mais amor ao que é eterno. Por que não mais amamos os valores que enobrecem e purificam o homem. Desprezamos a beleza e o mistério.

O mundo tornou-se sórdido por isso. Por que fazemos da mentira, uma arma contra os fracos e os necessitados. Para que nossa posição de fortes, não seja abalada.

Sou contra os mitos. Acredito em Cristo porque ele é a verdade. O verbo do Pai. Mesmo Orfeu, do qual me considero amigo, eu não confio nele. Por quê? Porque Orfeu não passa de um sonho, de uma lenda, de um símbolo. E Eurídice não passa de uma busca, de uma vontade de ser, de uma mulher ausente.

Queira Deus, que o homem torne-se melhor. Que ele não destrua-se pela perpetuação da mentira e do engodo. Espero pelo Juízo Final. E compareça com humildade ante Aquele, do qual tudo vem, dizendo: “Senhor, eu não mereço o vosso perdão, porque sou pecador, e não fui correto com os vossos mandamentos”.

Então, assim, neste reconhecimento de nossa baixaza, poderíamos olhar para a face de Deus, face brilhante como um sol, e não termos medo de aceitar a sua decisão.

Por que Deus salva os humildes e os sinceros, e condena os soberbos e os hipócritas.

**Orfeu**



Penso em Orfeu quando me deito na praia e espero que o mar venha docemente ao meu encontro. Somos velhos amigos. Muitas vezes, quando imerso em sonhos, procurava-o como lenitivo para os meus dissabores. Ou procurava-o por causa do horizonte. Ou dos navios que passavam ao longe e me chamavam do Bateau Ivre.

Ele, antigo confidente de mil histórias, algumas verdadeiras, outras inverossímeis, porém, sempre belas histórias que me faziam voar a imaginação pelo reino cujo soberano, continua sendo ainda Orfeu. Durmo. Sonho com Orfeu. Eurídice surge entre as névoas de um vale escondido entre montanhas e ciprestes.

Tenho uma barca e percorro o país do sonho. Sigo um rio em cujas águas corre o rumor de um vento que pronuncia o nome de Eurídice.

Choro como uma criança por não conseguir alcançá-la. Eurídice! E ela continua sempre fugindo em direção ao inferno.

Neste país existe a mulher ausente. E o demônio não tem força contra o viajante deste país encantado.

Vem em minha alma o desejo de salvar Eurídice. Sei que sou seu amante eterno. Ela, entretanto, perdida entre as dobras de nuvem, desaparece para sempre.

E gritei dentro do inferno por seu nome. Falei aos deuses contra sua injustiça. Prometi a mim mesmo, procurá-la sempre, certo que um dia salvaria minha amada do ódio que a sacerdotisa Aglaonice lhe depositava.

Demoro-me a voltar deste país sombrio. O mar continua a sua eterna queixa contra mim. O sol queima-me a pele. Estendo-me mais na areia da praia.

Acordo-me duma vez. Resta-me a recordação de um sonho. Teria sido verdade o que sonhei? Sim. Verdade que por tão dura e certa prendia-se a realidade de minha existência. Também na minha vida real eu tinha uma Eurídice.

Uma Eurídice não tão terna como aquela de Orfeu. Porém que pela sua beleza e o seu equilíbrio, pela sua inocência e o seu olhar que se dirige para Deus, permanece em mim como a mesma.

### **Hölderlin de sempre**

Entre a revolta de Goethe e a humanidade de Hölderlin, fico eternamente com Hölderlin. Nunca gostei de Goethe. Parece mesmo uma mentira eu confessar que, quando adolescente ainda, me deram Goethe para eu ler, e achei-o um chato, arrogante e orgulhoso.

Mais tarde, estudava eu Direito no Recife, dei a um marinheiro um livro de Goethe em edição rara, como lembrança de sua atenção para comigo. Este marinheiro tinha vindo num iate da França e ia para a África do Sul, fundar um Museu de Arte Moderna. Passeamos juntos pelo Recife, batemos fotografias da cidade. O seu iate chamava-se “Penélope”. Tenho dele uma fotografia. Nunca mais o vi. Um velho capitão do mar. Bom e simples. De coração amigo. Eu, rimbaudiano, lhe dediquei uma afeição cristã. Sem pressuposições malévolas.

Desfiz-me do Goethe. Fiz muito bem. Hölderlin, ao contrário, sempre que li, achei-o meu irmão. Senti-me com ele, um exilado. Choramos juntos a nossa tristeza.

Fiquemos uma manhã de domingo, deitado numa cama, sem pensarmos no mar e deixemos que a luz do sol entre pela vidraça e debruce-se em nossa mesa onde os livros jazem desarrumados e empoeirados, luz que lembra a outra, aquela que não foi criada, porque eterna.

E com a paisagem do pequeno jardim a fazer decoro, olhemos o azul profundo e verde de eternidade que sai da folha de uma árvore. Encontramos Hölderlin. O que mais me impressiona no verdadeiro poeta (no caso Hölderlin) é a sua humildade. Hölderlin sabe que não transmite uma mensagem por si mesmo. Não me interessa olhar para a sua vida, tão

dramática em sua composição. E nem no seu amor por Susette Gontard, da qual ele aprendeu a dor, como a nuvem aprende da lua, a sua beleza.

Como o chamarei, a Ele, este Hölderlin de sempre? Um mágico, dobrando o seu bastão por sobre as colinas e os rios impossíveis? Um rei de um país encantado, cujo sacerdote, Orfeu, não supera nele o amor do Único, o Cristo?

Chama-o o guardião do fogo sagrado. Sem este fogo nenhum poeta pode declarar que vive, que ouviu verdadeiramente a sua mensagem.

Hölderlin de minhas horas graves. Hölderlin que leio com o mesmo amor com o qual leio a *Imitação*<sup>61</sup>. Porque devemos amar a Deus, não somente religiosamente. Porém, poeticamente e existencialmente. Hölderlin, um caminho para o Cristo. O pão e o vinho. A terra e o céu. O pão do trigo que nasce pelas tardes místicas dos campos e dos prados. O vinho que simboliza o amor, o sacrifício, a cruz e o sangue que redime.

---

<sup>61</sup> Referência a obra cristã *Imitação de Cristo*, atribuída ao monge alemão Tomaz de Kempis.

### O bom samaritano

Eu estava exausto de minha longa viagem, enquanto atravessava um desfiladeiro profundo, vendo em baixo, um abismo cheio de trevas, semelhante ao abismo em que foi jogado Satã, e em cima, no firmamento inquieta dor, umas poucas estrelas, que não puderam acalmar o seu brilho, o meu cansaço de peregrino.

Eu tinha deixado atrás de mim a cidade do grande Rei Jerusalém. Minha intenção era atingir Jericó. Como não tomei as minhas precauções necessárias para a minha jornada, nem me preocupei com os perigos que decorrem de semelhante empreitada, pensei que, confiando em minha humildade e no meu único amigo e guia, o Eterno e Onipresente Deus de Israel, conseguisse atingir o fim de minha viagem.

Era noite e eu não tinha mais força para conter o meu drama íntimo. Este drama me colocava numa situação horrível, desoladora, angustiante. Tinha na alma um grão de verdade, mas no coração? Ah! No coração um grande e infeliz amor. Meu único conforto era saber que, os que acreditam e esperam verdadeiramente no Senhor, não morrem completamente.

Subitamente, ao meio daquela escuridão, daquele desfiladeiro cheio de trevas noturnas, ouvi o grito do chacal, fui atacado violentamente por um ladrão do deserto. Me saqueou. Me roubou. Me humilhou.

Fiquei como um cadáver naquele caminho obscuro que não refletia nem a luz nem a bondade. Me considerava um despojado de tudo quanto tinha. E eu não era de maneira nenhum um homem rico.

Meu lamento provoca um eco entre as montanhas e o meu gemido atingiu a caverna onde habita a noite.

Naquela situação, agonizando quase, passou um levita. Permaneceu indiferente. Continuou o seu caminho. Não viu ninguém. Para ele não existia o próximo.

Veio então um sacerdote. Fez que o via. Muito pior. Pois o levita, era realmente consciente de não amar o próximo. Mas, o sacerdote, foi vil. Simulou olhar para o pobre caminhante. Neste olhar se encontra a sua podridão e a sua baixaza.

Mas continuou também seu caminho. Horas depois surge um samaritano. De bastão na mão. Com um olhar que não temia a ninguém. Revelava candura e inteligência fora do comum. Deu-lhe a mão. Untou a sua ferida com óleo. Deu-lhe vinho.

Prometeu voltar. E deu ao hospedeiro algum dinheiro para o seu sustento. E o viajante continua procurando este samaritano pela vida afora. Aquele que o confortou e o amou. Aquele que foi o seu próximo. Mas em sua alma ficou o nojo do olhar do sacerdote. Uma repulsa que somente depois o bom samaritano poderia explicar.

### **Havia, na terra de Hus**

Quando toquei pela primeira vez na Bíblia, senti-me confortado e aumentei a minha esperança em Deus. Dela, para mim, tudo decorria. Tudo o que ouvia dos sábios e dos santos, dos doutrinadores ou dos apologistas cristãos, saía deste regato, de suas águas frescas e puras. Com o tempo, criei um infinito amor ao meu exemplar, orientado em comentários pelo imenso, bom e humilde Abade Sertillanges. Tem as folhas amarelecidas com um bom cheiro de livro velho.

Em minha ignorância de rapaz mais decepcionado do que satisfeito com a vida, mal pude compreender desde logo, o que ela encerrava. Mal sabia que todo um povo, toda uma nação, com sua energia e sua fé, sua incrível confiança em Deus, tinha corroborado na criação deste monumento de verdade e de poesia.

E que éramos, pelo Cristo, herdeiros desta tradição e desta história sagrada. Que éramos também israelitas pela nossa esperança. Que tanto Isaac como Davi, estavam perto da gente.

Fui atraído pelo mais interessante livro, *O livro de Jó*. O sofrimento daquele profeta e patriarca hebreu, a sua convicção de que era inocente perante Deus, o terrível flagelo que caiu sobre ele e a sua família, a sua infundável queixa contra o mal, tudo me impressionou. Ainda mais, nele, neste livro, eu encontrava explicação para o Bem e o Mal.

Jó tinha consciência de um problema entre ele e Deus. Discute com vários amigos, e termina cedendo aos argumentos do Eterno que intervém na discussão para aplacar o desespero de Jó.

Belo livro. O mais belo de conteúdo. Não se conhece o tempo em que foi escrito. Seguramente, depois do Genesis. O livro deixa dúvidas sobre a sua existência. Sabemos que a sua terra era Hus, e que ele era “íntegro, reto, que temia a Deus e fugia do Mal”.

Não se faz referência ao Dilúvio. Porém a certeza de um Messias existe na alma de Jó. Diz ele: “Sei que o meu Redentor vive”.

História exemplar, a de Jó. Quem não leu Jó, quem não conhece a sua história não sabe o que seja a esperança.



## II Poverello

Encontrei-me com São Francisco de Assis em Curitiba. Eu atravessava um período de crise religiosa profunda. Tinha que escolher entre Deus e Mamon. Entre um amor de uma menina espanhola, para qual escrevi um livro de versos muito depois, aqui mesmo em Natal, e a solicitação para o paraíso do meu Senhor, o Cristo. Conheci então, uma das figuras mais extraordinárias de minha vida, um frade franciscano chamado Irmão Fidelis. Alemão de origem, grande orador sacro, pobre como o seu pai São Francisco. Frei Fidelis tinha lido num jornal de Curitiba, o “Diário do Paraná”, um artigo meu sobre Paul Verlaine. Gostou e falou comigo na hora da confissão. Quis entrar no convento. Nada tinha, senão minha fé. Vivia num sótão, cuja única vantagem, era poder contemplar madrugadas frias e nevoentas, como são as de Curitiba.

Deu-me a vida de São Francisco para eu ler, a de Chesterton. Eu estava lendo uma obra de François Coppée, *La Bonne Souffrance*. Parei imediatamente e comecei a ler Chesterton.

A imagem que eu guardava de São Francisco de Assis em meu espírito, era a de uma fotografia que tinha visto num livro de história da civilização, quando era aluno do Ateneu. São Francisco falando aos pássaros. Chesterton me mostrou o trovador de Deus. O poeta medieval. Capaz de todo sacrifício pelo amor de Cristo.

E eu fiquei contemplando naquele convento de Curitiba, onde Frei Fidelis era Guardião, a cruz de Cristo com São Francisco ao lado, junto com Madalena e Maria, sua Mãe.

Frei Fidelis me conseguiu uma cela. Dela, eu olhava uma estátua da Virgem de Lourdes no jardim do convento.

Foi uma semana de balanço espiritual com Deus. Era no Natal. Compreendi pela primeira vez a beleza de um presépio. Mergulhei em Deus como num rio. Transmudei minha alma. Atendi ao apelo da graça. Olhei para a estrela do mar. Pelas tardes, ouvia musica de Bach. E orava a Deus, pela salvação de minha alma perdida entre os arrecifes e os pântanos da vida. Pensava na prisão de Verlaine, na sua conversão e na fuga de Rimbaud. Sim. Porque Rimbaud, sempre fugiu. Menos, do Cristo.

Humanos, aqueles franciscanos. Alguns, tão humildes, que mal sabem que existe o pecado. Esperam somente pela recompensa.

Num daqueles corredores internos daquele convento, havia uma gravura de Durer. Nunca vi uma Virgem tão bela. Parece inspirada por Blake. Ela, o pássaro do paraíso, tem em si uma fonte. E nela, encontra Sião, o seu fundamento.

Tempo destruído, este do meu encontro com Il Poverello. E agora, que assisto um filme americano sobre ele, mal feito no que diz respeito ao seu drama íntimo e falho no que refere-se aos dados históricos, me lembro desta lendária figura, da qual falou Dante, e em cuja Ordem apareceu Duns Scot. Os americanos não tiveram Idade Média, eis por que eles não compreendem São Francisco de Assis.

### **Onde termina o arco-íris**

Tânia morreu com um pássaro. Foi para bem longe, desapareceu numa tarde silenciosa, bordada com um crepúsculo de chamas, prenunciando a febre de um amor que não teve.

Eu morri também. Mas de outra maneira. De forma mais real. Pois minha morte continua. Ela nunca foi definitiva como a sua. Se sua teve ressurreição, a minha nunca.

Chorei como uma criança sem pai. Desejei as águas do Jordão. Sonhei com Deus e com seus anjos.

Vi a sua presença. Suas vestes, cor de púrpura, brilhantes como o sol e rubro era o seu coração.

Eu não sabia senão, recitar de coração, o de profundis, de Davi. Jamais confessei a alguém o meu sonho. Fiquei dominado pelo seu amor. Era uma visão do infinito, um limite do universo, uma divisão de mundos. Eu procurava ao meio de tanto sofrimento, provar a minha humildade, tudo em vão. A morte de Tânia me tornava também morto. A convicção de que viveria num deserto, de que nem no inferno poderíamos nos amar, tudo contribuía, para que eu temesse, com a minha imperfeição, aquela presença. Fosse eu um anjo, ou mesmo um profeta, tudo estaria bem, pois teria merecido aquela visão ou aquele sonho.

Não o vi, como Elias, nem como Ezequiel, em seu carro de fogo, com animais e cabeças de águias e de leões.

O vi num equilíbrio diferente. Sentado em seu trono. E como disse antes, rubro, bem rubro era o seu coração. Eu ardia num calor que não exprimo. Amor de contemplação.

E o coração de Pai fala. Eu permanecia morto. Tânia morta, não existe vida. Como sem pólen, não existe rosa.

Devolvi em pensamento, Tânia para Deus. Ele a recebia. Entregava a pureza o meu amor. Somente a pureza poderia guardar o meu amor.

Chorei. E ficou em mim aquela lembrança, lembrança do mistério da graça, da perfeição de Deus, daquela visão do amor de Tânia.

### **Ama-me que sou um pássaro**

O pássaro morre quando não encontra outro pássaro. Eis porque morro muitas vezes ao dia. Me transmuta e me consumo em muitos seres e em muitas formas. Ando por todos os caminhos. Frequento todos os horizontes. Amo a noite, porque ela também pode ser um pássaro. Amo o sol, como o amou São Francisco de Assis, embora o tenha ferido em meu caminho. Entro no mar, para nele encontrar a poesia.

Não tenho limites nem fronteiras em meu espírito. Não sou um barco. Posso ser um piloto. Sou um peregrino do absoluto. Minha tortura tem sido a de muitos. De muitos que viveram antes de mim. Que vindos da luz, para ela caminharam, deixando sulcos na neve e na areia dos desertos.

O pássaro morre quando não encontra outro pássaro. Nunca estamos maduros para a ressurreição. Nem preparados para o infortúnio. Sou um ser de todas as contradições. Sou capaz de morar no inferno e não me corromper. Espero morar com Deus, para a minha libertação. Sou feito de angústias, de risos e prantos. Posso ser um Clown. Poderei ser um santo.

Se ando pela noite, se procuro por ruas lamacentas o anel da pureza que não tenho, se recordo o meu rosto, não foi por ternura. Foi por desespero. Desespero de me sentir o

último dos seres ainda ter um instante toda a poesia do mundo. Não ouço mais a estrela e não interrogo mais os astros. Confio no pássaro somente.

E como poderei ser um pássaro?

Voam os pássaros pelos abismos? Procuram eles as trevas? Não. Os pássaros morrem pelas tardes de crepúsculos vermelhos. Voam, como os anjos, pelo infinito de Deus. Tortura de não ser um pássaro! E como não poderei ser o vento, a tempestade, o cântico, a música em teus ouvidos?

Sim. Os pássaros morrem pelas tardes de crepúsculos vermelhos. Morreste porque não viste o anjo em sua pureza, não contempleste o amor em sua prece, não olhaste o anjo inclinado sobre a sombra do silêncio.

Preferiste a angústia da estrela. Eu caminhei em vão pelas alamedas de mar, pisei algas de desespero, pinteí estrelas no firmamento. E em minha fronte ficou estampada uma estrela. A marca da minha ressurreição. E nas minhas sobrancelhas, ficou gravada também uma estrela. E vi os mortos saírem de seus túmulos.

Estavas entre os mortos. Procurei flores, e não encontrei. Me transformei numa rosa vermelha. Plantei-me em tuas mãos.

### **Rosa do crepúsculo**

Naquele jardim, fechado ao acesso de muitos, havia uma rosa. A estrela da tarde costumava, quando surgia bela como um anjo, molhar de orvalho as suas pétalas vermelhas como um crepúsculo.

Esta rosa era proibida. Havia um mistério em torno do seu encanto. Uns dizem que ela tinha sido tocada por um condão mágico, e que, quem a olhasse, morreria.

Eu não acredito muito em lendas. Mas a história nos narra tantas e tão bonitas, que, não posso deixar de acreditar. Assim, por exemplo, nunca duvidei da história do Santo Graal, da Távola Redonda, de Joana D'arc, nem de Fausto. Ele existiu. E mesmo que ele tenha vendido a sua alma ao príncipe deste mundo, tudo indica que ele foi um formidável alquimista. Conseguiu transformar metais como cobre, em ouro, em diamante e outras pedras raras. Bem. "Fausto" continua sendo um problema para Goethe. E Goethe nunca foi meu poeta. O próprio Heine afirmou que era um burguês bem acomodado. E não perdoa sua injustiça com Hölderlin.

Mas voltemos à rosa vermelha. Naquele jardim morava esta rosa. Ela não vivia esmagada pela solidão. Tinha uma fonte perto. Todos os dias, ela tinha direito a banhar-se

na fonte. E como narciso, ela via-a propriamente na água e se apaixonava pela sua própria beleza. Esta rosa amava-se a si própria. Os pássaros que voavam em torno do Jardim, vinham repousar em suas asas, junto dela. Ninguém tinha maior poder de sedução. E os pássaros cantavam como nunca. Uns queriam mesmo morrer por ela. Os mais humildes aceitavam mesmo o exílio eterno pelos espaços, contanto que pudessem um dia, contemplar aquela rosa.

Mas, que tristeza! Nem a fonte, nem as outras flores, nem os pássaros, sabiam, como aquela rosa era infeliz. Não sabiam, que mesmo uma rosa, pode, muitas vezes, ser um símbolo de ingratidão e de egoísmo. Havia um pássaro que a amava. E que ela, de tanto ser admirada e beijada pelo sol da manhã, não dava a este pássaro a atenção que se pode dar a um mendigo que esconde as suas mãos. Já tristes também, de tanto pedir e de tanto implorar o seu amor!

São assim as rosas. Quando brancas, são ternas. Quando vermelhas, tornam-se impassíveis como os deuses. E que maldição! A única coisa que interiormente ela amava era o crepúsculo. E o pássaro passou a amar religiosamente o crepúsculo. Por causa dela sabemos como são os rouxinóis. São parecidos com a nossa dor.

Ninguém explica a paixão deste rouxinol por esta rosa. Uns dizem que ele era um príncipe encantado. Outros afirmam que ele se inspirava naquela rosa. E que voava pelo crepúsculo, depois de chegar a estrela da tarde. Porque, a estrela da tarde, sendo como um anjo exercia influência no seu voo e no canto.

Nunca ninguém soube o destino daquela rosa. Nem mesmo o rouxinol existe. A lenda ficou incompleta. E o jardim cobriu-se de nuvens, de cores escuras, de crepúsculos amargos. A ausência da rosa, a morte do pássaro e a estagnação da fonte, tornaram aquele



lugar, um montão de ruínas verdes românticas. Fala-se que o rio do esquecimento corre naquela região.

### **Poesia e tendência**<sup>62</sup>

Quando digo que, em poesia, assumo uma posição angelista, sou correto comigo mesmo. Sou correto com minha posição emocional, sentimental e espiritual.

Não separo a poesia da metafísica. Não acredito em poetas do imediato. Um poeta não pode ser um materialista. Rompe o compromisso com o Ser. Peca perante o Ser, no qual tem que afogar as suas raízes. O homem perdeu o paraíso. A poesia o faz voltar.

Lamartine tinha esta intuição. Dizia que vivíamos recordando o lugar de origem. E que éramos seres caídos. Caídos por orgulho. Comemos o fruto proibido.

Quem conhece a poesia de Poe, sabe muito bem a posição que tem o anjo em sua inspiração. Poe utilizava o anjo, como auxiliar de sua linguagem. De sua expressão.

Baudelaire também. Ele nada faz sem o anjo. Baudelaire, ele mesmo anjo decaído, participou da luta entre os bons, e os maus anjos. Baudelaire ganhou, pela poesia, a

---

<sup>62</sup> Este ensaio foi publicado com outro título, “Proêmio”, em *O Testamento de Jó* (1965). O conteúdo do texto, em sua essência, foi mantido pelo poeta.

redenção do seu espírito, e seu anjo nunca dormiu ao seu lado profundamente. Permaneceu sempre acordado.

Rimbaud. Este situou o poeta entre os roubadores de fogo. Rimbaud foi o mais dramático de todos os anjos. Vivia preocupado pela redenção. Fugia do mal e do pecado, como quem foge do inferno. Rimbaud conseguiu o que nenhum antes dele tinha conseguido. Fazer da poesia o seu próprio sangue. Abraçar a realidade penosa com doçura. Rimbaud. Metáfora de Deus. Anjo em exílio. Um santo e um mago.

Não implica num pecado grave contra a ordem do Ser, esta tomada de posição? Não somos de penas, nem temos asas. Somos carnais, humanos, terrenos e limitados. Não somos senão materialidade. Provocar o anjo no homem significa uma insatisfação contra a ordem do ser. Significa querer tomar o paraíso de assalto. Não, os anjos são de ternura, e somos de coração de pedra. Embrutecidos pela realidade cruel da vida e pela insegurança de um mundo demasiadamente material, feito de cálculo e de organização mecânica. Um mundo que tem muito de um inferno porque levou o homem a acreditar somente em suas próprias forças, em se considerar dono da natureza que domina pela ciência e pela técnica. Tudo se estuda, tudo se interpreta com a maravilhosa inteligência do homem. Ele, um novo Prometeu, quebrou as correntes que o prendiam ao rochedo.

Rilke, poeta do Invisível. Amigo de minhas horas graves e a quem devo a minha concepção angelista em poesia, foi o mais puro dos anjos. Tornou a solidão uma benção de Deus, e não um tormento. Foi bom, abençoado e puro um como um filho de Orfeu.

Compreendeu que para se ser poeta, não basta escrever poemas. Precisamos de experiência. Precisamos viajar pela noite. Ouvir o moribundo. Temos o orgulho e a beleza que vem da água, do rio, do mar e da própria solidão.

### **Dylan Thomas e o mar**

Eu não devia ter aceito o convite para ir aquela praia. Estava tão perto de Dylan Thomas que, aquele convite poderia modificar minhas emoções, modificar meus sentimentos.

Sobretudo porque a companhia humana era sublime demais para mim. Resolvi contudo aceitar. Porém, com uma condição. Levando meu Dylan Thomas. E copiei com minha letra quase ilegível um dos seus melhores poemas. Este poema seria como que o testamento da beleza.

E nunca me esqueci deste poema. Gravei-o em meu coração, em minha alma, no meu mais recôndito ser. Recito-o hoje em qualquer ambiente muitas vezes com lágrimas. Outras vezes com angústia. Mas sempre com amor.

Ela, tão inteligente quanto bela. Na realidade não precisava muito de poesia. tinha uma graça, um toque como fala Poe “estranho”.

E nunca mais me separei de Dylan Thomas. Ficou em mim, a baía verde, a colina e o sol da praia, ela porém nunca mais falou comigo. Nunca mais achou lindo aquele poema.

Estranho destino. Encontro-me com Dylan Thomas no mar. Um lugar pouco aconselhável para quem escreveu para os mais “secretos corações”. Dylan Thomas não gosta muito das cadeias do mar. Porque o mar também tem cadeias. Ele foi mais um poeta da luz cantante. Um poeta da noite gentil. Daquela noite que não devemos penetrar submisso.

Para quem procura acompanhar a evolução da poesia universal, especialmente aquela poesia que tem vindo de Rilke e de Rimbaud, passando por Eliot, por outros tais como Auden e Yeats, Dylan Thomas representa um complemento. Com ele a carne e o espírito adquiriram um sentido novo, entrelaçando as sombras do pensamento numa sintaxe nova.

Não importa que os seus mortos ressuscitem. Não importa que os seus loucos recuperem a razão. A verdade do seu ser, permanece. A imagem de sua beleza, nunca morre.

Gosto de Dylan Thomas, porque nele as torres têm ouvidos. Os marinheiros abrem as portas do seu retiro, e não trazem veneno e sim maçãs. Talvez seja o mesmo.

Digo. Não devia ter ido aquela praia. Para que fui? Não ficou a minha noite tão insubmissa? Antes minha noite era hölderliniana. Noite que me acolhia, que me confortava, me segurava em seus braços como um filho. E como eu olhava uma estrela! Hoje, passando o tempo, fiquei com medo da noite. Sinto um frio de morte quando ela chega.

E o mais grave. Ela, aquela companhia humana tão sublime, criança, bela e gentil, teme a noite, com uma diferença. Ela teme a minha noite. E somos quase duas noites. Qual tem mais estrelas? Qual a que não tem lua?

Se fôssemos uma noite apenas.

### **O deserto e o número**

O deserto tem segredos que ninguém sabe. Guarda a esfinge. Que ninguém a acorde do seu sono profundo. E não ousemos desvendar-lhe o sentido e espírito de sua forma.

O deserto guarda uma noite profunda. Uma profunda eternidade. Uma noite de abismo e de ausência. Uma noite do não ser.

Não posso deixar de amar a esfinge. Não posso deixar de amar a noite e o número. A beleza e o mistério.

Seu silêncio me perturba. Me inquieta. Me destrói. O silêncio entre o homem e a mulher. O silêncio entre o mar e anjo.

O tempo deu-lhe a beleza. O espaço deu-lhe a força e ritmo. Não entende o seu mistério pela arte. Prefiro vê-la com olhos de poeta e de uma águia.

Mergulho na Renascença. Passeio com Piero della Francesca. Visito a catedral. Percorro a nave. Inútil. Volto aquela esfinge. Sou quase um pássaro ferido. Morro com a nostalgia de sua voz. Morro com o silêncio do seu amor.

Não quebro-me contra o mar. Não me precipito com as ondas que vem docemente ao meu encontro. Mas, insisto em lutar contra aquela esfinge. Jogo o meu silêncio contra o seu.

Por que não nasci entre os seus braços? Por que não vivo entre as suas sombras?

Acredito naquilo que amo. Sou como Jacob. Naquela luta, embora ferido, sentiu-se vitorioso. Rimbaud também procurou “a vida ausente”.

Uma coisa, entretanto não farei nunca. Ferir o pássaro. Provocar a pureza do anjo. Não. Isto nunca jamais insultarei a pureza do anjo. E a esfinge permanece. Entre o deserto e o numero. Entre a beleza e o mistério. Implacável em seu encanto. Terrível em sua grandeza. Desafiando o tempo, a distância, o amor, e a poesia. Enterrada na areia. Mergulhada sua raiz na Eternidade.

Se jamais eu pude ser uma sombra para ela. E se jamais eu pude ser um som de uma profunda música para o seu ouvido. Não tenho culpa. Foi a noite a culpada. Não fui eu.

Se jamais eu pude ser um rio longínquo e perdido para o seu descanso. A culpa não foi minha. Foi da noite. Ela a única culpada.

Se jamais eu pude ser um pássaro para dormir entre o seu seio. A culpa não foi minha. Foi da noite.

Rasgue-se o véu do tempo. Rompa-se com impossível. Alcancemos o desconhecido. Exprimamos a graça pela poesia que não morre.

Deixemos que a beleza, a simplicidade, a gravidade do nosso ideal e da nossa mensagem, fortaleça em nosso espírito, a nossa ânsia de imortalidade, de paixão.

Sejamos como a esfinge. Embora, um símbolo. Tenho a força do ídolo, ela não perde o seu mistério. Sempre entre o deserto e o número. O infinito e o tempo.

### **Retrato de uma senhora**

A arte tem ecos de eternidade. A pintura perpetua a emoção. A razão guia a mão do artista que trabalha para recriar a natureza. Um baixo-relevo egípcio ou uma coluna grega, servem como exemplo de como podemos vencer o tempo, gravando na pedra ou esculpindo no mármore a beleza que não encontra a morte.

Tenho que voltar ao silêncio egípcio para encontrar o mistério que reside naquela senhora, com a qual sempre me encontro, seja no mar, seja na rua, seja no meu sono.

A pintura inglesa não me satisfaz. Olho este quadro de Turner, ou este outro de Gainsborough. Revelam maneiras extremamente artístico-críticas, naturais a uma sociedade

rica e parasitaria como foi a sociedade inglesa do fim do século XVIII, que, enquanto França e na Alemanha, dominavam uma pintura revolucionária, eles, os ingleses, permaneceram paisagistas tranquilos, retratistas calmos e acomodados, embora com gênio. A Inglaterra nunca foi rebelde na pintura. Na poesia sim. Blake, anjo rebelde. Shelley, anjo rebelde.

A terra inglesa, cheia de brumas, com ciprestes e pinheiros, com tardes tristes, estradas cinzentas, com seus moinhos e seu campo de trigo azul, nunca pode fazer o sol brilhar com seu fogo, nem conseguiu fazer o leopardo resplandecer.

Mas esta pintura não me satisfaz. O quadro que mais me revela o mistério daquela senhora que falei, não consigo encontrar. Nem mesmo Hogarth. Ou Laurence.

Tomo esta estátua egípcia. Vejo este corpo, contemplo estes olhos para sempre perdidos no espaço de estrelas matutinas que cantam uníssonas e aquelas mãos pousadas sobre as coxas, em atitude firme, como quem nada teme e nada lamenta. Elegância e dignidade.

Beleza estranha de uma civilização, berço de lendas e de mitos, que, e coando pela areias quentes do deserto vão dar sentido ao homem e realidade ao eterno.

Sim, esta senhora, parece aquela beleza egípcia. Lembra o Templo de Karnak, a lenda de Ísis, a palmeira do vale que se molha pelas águas de silencioso e empolgante rio.

Esta mulher me faz ir as fontes, ao Gênesis como Miguel Angelo. Anjo ou demônio, não sei, Blake fala da inocência. Mas, também do inferno. O bem aproxima o mal muitas vezes. Prefiro que ela seja esta estátua egípcia. Eternização de alguma princesa que amou algum guerreiro ou algum artista. E que morreu como um pássaro, mal o sol despontava para encher com seus raios, as margens bordadas de rebanhos e de tendas do Nilo.



### **Canções da inocência**

Blake, profeta, artista e poeta. O maior gênio da literatura inglesa. E alguns dizem, que de todo a humanidade. Uns o comparam a Leonardo da Vinci, outros a Albrecht Dürer. Sinto a sua inocência a cada momento. Desço tanto ao seu inferno, povoado de demônios, de sombras, de vales e de fossos, como subo ao seu céu, habitado pelos arcanjos, pelos santos e por Deus.

Tenho conhecido outros poetas mais puros do que Blake. Nenhum, entretanto, tão meigo e tão simples.

Shelley, por exemplo. “Tinha a música líquida das palavras”, dizem os críticos. Blake penetrou mais em minha alma. Deixou um sulco mais profundo. Uma marca mais

indelével. Outros me levaram por sombrias regiões de Silêncio, por ruínas verdes, onde castelos, existem ao meio da solidão da floresta e do sonho.

Blake fez mais. Deu-me a intuição do sobrenatural. Seu mundo arqueja, canta a inocência. Mas, também, não esquece a experiência. Seus girassóis, tão diferentes dos de Van Gogh, seguem o caminho do sol.

E por fim, desfalecem, sem uma ilusão. Suas crianças, embora descalças, sabem ver Deus, a distância quando o nosso olhar se perde com uma montanha. Seus anjos, que andam em cima das nuvens, enquanto ele passeia pelo campo, tocando a sua flauta, aconselham-no a escrever o que ditam. E Blake arranca um arbusto, um caniço, e com ele, escreve estas canções, que todas as crianças do mundo podem ler.

Existe, sem dúvida, uma influência, em Blake, dos místicos medievais. Sobretudo de Jacob Boheme e Eckhart. A doutrina da Bíblia, como também a leitura de obras cabalísticas, influenciaram a criação de seu grande livro de revelação e inspiração, chamado: *As noivas do Céu e do Inferno*.

Blake ilustrou tanto o *Paraíso Perdido*, de Milton, quanto a *Divina Comédia*, de Dante.

As gravuras foram feitas em madeira, com um processo exclusivamente, seu. Nunca houve maior gravador do que Blake. Com exceção de Albrecht Dürer, este gravador imenso de “A melancolia”, quadro que resume toda a desilusão de artista. Ainda hoje podemos admirar as gravuras de Blake. E como disse, são os dois maiores, para mim, Blake e Dürer. O campo de relvas. A procissão do calvário.

Blake nos diz que nunca devemos confessar o nosso amor. Blake foi confessar o seu amor. Consequência: perdeu.

### **Confissões de um “Werther”**

Nasci romântico. Não sei o que houve, mas, quando despertei para o estudo da literatura, fiquei atraído imediatamente pelos escritores românticos.

O mesmo se deu em relação à arte. Os pintores que mais me seduziram não foram, entre os modernos, os expressionistas ou impressionistas, porém, os românticos, tais como Delacroix, Gros e Daumier.

Depois em relação à pintura, fiz uma remodelação de opinião. Fiquei com os impressionistas, e entre os expressionistas, o inesquecível Van Gogh.

Que havia no romantismo para me atrair tanto a atenção? Primeiramente a revolta. Depois a melancolia.

O Romantismo foi o mais completo movimento artístico e cultural que a humanidade conheceu. Podemos imaginar o que deveu Baudelaire aos românticos? E se não fossem um Hölderlin, um Novalis, um Heine e um espírito superior como Goethe, que teríamos de profundo, de dramático e de humano?

Confesso a minha impossibilidade e relação à Goethe. Só tolero dele o “Werther”, e alguns poemas, que por sinal, são belíssimos, incomparáveis, tais como aqueles traduzidos por Stephen Spender, “At midnight” e “Song”.

Nietzsche considerou o Romantismo, falso e enganoso. No entanto, foi ele mesmo um grande romântico. Quem foi Beethoven, senão um romântico? E o próprio Wagner?

Tenho a doença que se chama “a paixão”. Nada mais romântico me foi transmitido pela vida. Nunca a aceitei senão com a força e o ímpeto da revolta.

Escrevo apenas para dar oportunidade ao amor. Amo somente porque considero o amor, a seiva do universo. Reputo o ódio, um sentimento tão baixo, que o ser, o ente humano, entregue a tal sentimento, degrada-se tanto quanto um animal.

Não acredito na felicidade. O Bem, objetivo da existência, resume em Deus. Devemos procurá-lo sempre. Ao lado, do Bem, o Justo. Não sou capaz de me suicidar como “Werther”. Mas, posso morrer escrevendo poemas para a mulher amada.

O que deixa de ser uma forma de morte mais lenta. O fim do amor representa o começo da poesia.

Baudelaire disse bem “o amor é uma admiração recíproca”. E ele, invocava o seu anjo, cantando a sua amada, a sua Musa e a sua Madona.

### **Nei, poeta irmão**

Nei, como Davi, poeta e pastor. Poeta que procura o absoluto. Pastor que respira o ar da montanha. Tenho em mãos o seu livro. Nei, me faz sempre lembrar Deolindo Tavares, este príncipe encantado da poesia. O único que verdadeiramente me traz uma recordação do Recife.

O país de Nei. País, de “lágrimas”, como ele mesmo nos diz. Vindo deste país, trouxe mãos vazias, cheias de adeus. Este país, poucos o descobrem. Poucos sabem que ele

existe. Nei, sabe mais do que ninguém que este país, é o país de Saint-Exupéry, com seus climas, seus desertos de silêncio, suas fontes, suas águas adormecidas.

Nei nos diz que “nele não havia azul nem pássaro”. Não tanto, poeta. Não tens o azul para pintar tardes, manhãs? Não tens o silêncio que faz cantar o pássaro?

Que importa os outros? Subiram eles pela montanha? Suportaram o sol do meio dia? Não, Nei. A maioria não tem nada que oferecer. A não ser a sua penúria interior, o seu horrível tédio. Tu, poeta, não. Tu tens o que oferecer. E olhe “só existe aquilo que oferecemos”.

Eu também conheço este país. Sei o que são as lágrimas. Vivo também no silêncio. Caminho por desertos, e faço minha adesão heróica durante a noite.

Nem as minhas, nem as tuas mãos, estão vazias, poeta. Tens pássaros. Eu tenho algumas rosas brancas. Não é o amor um êxodo para outrem? E os egressos deste país, não são aqueles que despertam na grande noite patriarca?

Tenho a impressão que a tua mensagem foi ouvida. Que a tua linguagem, uma tentativa para dar expressão aquele “estado de graça” de que nos fala tão bem Daniel Rops, atinge o silêncio necessário ao belo e ao puro.

Falas que, no exílio de Antoine de Saint-Exupéry, nasceram por sobre os seus ombros, dois lírios mutilados, e isto o tornou puro. Por sobre os teus, meu caro poeta, nasceram pássaros. E enquanto não morrem nossos deuses. Enquanto não morrem as nossas esperanças, façamos como o príncipe do deserto: “Esperemos a noite, se ainda vivermos, para irmos passear um pouco sobre a estrada principal, que corta a nossa aldeia, envolvido na nossa bem amada solidão, para vermos se descobrimos por que devemos morrer”.

## **YAHVÉ**

Só há um Deus, que é Yahvé. Todos os outros deuses são como nada. Yahvé criou a luz. Fez o céu. Ordenou e a Terra foi feita. Yahvé é o amor. Criou o mundo para a sua glória e o homem, do sagrado barro, para adorá-lo e servi-lo.

Yahvé criou a Lei. Não só para regular o comportamento humano, como também para estabelecer alicerces sólidos para a sociedade humana. O amor é a essência da Lei,

conforme vemos no Pentateuco. Yahvé é a sabedoria e a infinitude. Pela sua sabedoria julga o mundo. Pela infinitude, impõe-nos o respeito ao seu Ser, eternamente louvável. Yahvé criou os anjos. Os anjos ao potências celestes, inteligências puras. Sobretudo os Querubins e os Serafins.

Quem ameaça Yahvé, ameaça o Universo inteiro. Como também a humanidade. Yahvé é bom. Nos deu Jesus para resgatar o pecado do primeiro homem, Adão. Yahvé não quer que nenhum justo pereça.

Yahvé criou Eretz Israel. Está escrito no Talmude: “– Santo Único, bendito seja, Abraão o aprendeu por si mesmo; ninguém lhe inculcou a consciência Dele”. Yahvé é adorado sob diversos nomes. Na Grécia, como Zeus. Na Arábia, como Alá. E em Israel como Adonai.

### **O Jeovismo**

O Jeovismo é a religião santa do amor de Deus. Suas origens são remotíssimas. Adão era jeovista. O Santo Nome, entretanto, não foi revelado a Abraão. E sim, a Moisés.

Jeová é o Único Deus de Israel. No Êxodo, lemos: “Tu não tens outros deuses diante de minha Face”. Jeová somente merece culto, amor, gloria e veneração do homem.



Jeová é o Deus dos Profetas. De Ezequiel e Daniel. Durante o Exílio da Babilônia, Israel amadureceu para o estudo da Torá. Cyro, o persa, foi grande jeovista. Foi ele que decretou o retorno dos exilados para a Terra Santa. Jeová nunca abandonou o seu povo. Mesmo no desterro, Israel tinha a fé inabalada no seu Deus.

A idéia de que o Templo deveria ser construído, que o Senhor voltaria a Sião, foi o leitmotiv de Israel no exílio. Zorobabel, que também foi grande jeovista, reconstruiu o Templo.

O Jeovismo, na atualidade, está vivo. Oncken, Cohen, Demann, Rav Kook, são jeovistas. Para eles, conforme diz o Salmo 96: “Ele domina toda a Natureza”. Ele é Onipresente Onisciente.

Jeová é o Senhor absoluto da Criação, Rei do Universo e Deus dos Patriarcas, de Abraão, de Isaac e Jacob. Como documentos jeovistas, temos a Bíblia e o Talmude, e a tradição de Israel.

Jeová é um Deus Santo. Irrita-se contra a iniquidade, encoleriza-se contra o pecado. Jeová é um Deus que quer a Salvação do Homem. Adolfo Lodds, que é também, um dos grandes jeovistas do nosso tempo, afirma antes de tudo a santidade do Pai, no seu estudo sobre “Israel”.

Termino esta minha crônica seguindo o mandamento de Jeová: “Adorar um só Deus”.

### **O Deus da Natureza e da História**

O Deus que criou a Natureza, Iahvé, condicionou a ciência humana. Graças ao poder de observação, a teologia astral nasceu na Babilônia.

Na antiga Grécia, os sábios puderam sistematizar os seus conhecimentos matemáticos. Platão possuía uma cosmologia bem orientada, proporcionando ao seu sistema verdade e harmonia.

Aristóteles cria, por assim dizer, a ciência natural, estudando os animais, a baleia e os peixes.

O Deus que criou a Natureza, Iahvé, deu ao homem capacidade de invenção e de criação.

No século XVIII, foi descoberta por Helmholtz, na Alemanha, a Lei da Conservação da Energia. Esta Força, ou Energia, é o mesmo Deus. Em 1687, Newton expõe as suas leis do Movimento. Huygens estuda a teoria ondulatória da Luz.

No século XX, Max Plank, formula a teoria ‘quântica’ da Matéria e Einstein cria a Teoria da Relatividade.

Iahvé, o Deus que criou a Natureza, é o mesmo deus da História. Filósofos da História, tais como Vico, Herder, Kant e Hegel, acentuam os efeitos da Divina Providência.

A História é concebida, como um plano, um delineamento de fatores e causas entrelaçando-se, e dirigidas pela Divina Providência.

O grande feito da História é o aparecimento do Indivíduo Cósmico, ou seja, o Homem representativo. Moisés, Alexandre, César, Napoleão e Maomé, são marcos na evolução humana tendente à Yahvé.

Yahvé, o Deus da História, conduz a humanidade em direção ao Ômega, Julgamento Final.